



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

SILVANA ALVES CARDOSO

SISTEMATIZAÇÃO DOS ASPECTOS LINGUÍSTICO-ESTRUTURAIS DA LIBRAS
NA COMUNICAÇÃO ESCRITA EM PORTUGUÊS

RECIFE
2023

SILVANA ALVES CARDOSO

SISTEMATIZAÇÃO DOS ASPECTOS LINGUÍSTICO-ESTRUTURAIS DA LIBRAS
NA COMUNICAÇÃO ESCRITA EM PORTUGUÊS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Letras. Área de concentração: Linguística.

Orientador: Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza

RECIFE

2023

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

C268s Cardoso, Silvana Alves
Sistematização dos aspectos linguístico-estruturais da Libras na comunicação escrita em Português / Silvana Alves Cardoso – Recife, 2023. 216f.: il., fig.

Sob orientação de José Alberto Miranda Poza.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2023.

Inclui referências.

1. Aspectos linguístico-estruturais. 2. Libras. 3. Sistematização, 4. comunicação escrita. 5. Português. I. Miranda Poza, José Alberto (Orientação). II. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023- 158)

SILVANA ALVES CARDOSO

SISTEMATIZAÇÃO DOS ASPECTOS LINGUÍSTICO-ESTRUTURAIS DA LIBRAS
NA COMUNICAÇÃO ESCRITA EM PORTUGUÊS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do Título de Doutora em Letras. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 28/07/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^o Dr. José Alberto Miranda Poza (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^o Dr. Vicente Masip Viciano (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Cristina Bongestab (Examinador Externo)
Universidade Estadual da Paraíba

Prof.^o Dr. Carlos Antonio Fontenele Mourão (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^o Dr. Jurandir Ferreira Dias Júnior (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

A minha mãe *Eliane Rêgo* e ao meu pai *Josino Quaresma* (in memoriam),
pais de criação, sem os quais não teria chegado até aqui.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de estar viva para concretizar mais esta importante etapa na minha vida.

A minha mãe, *Eliane Rêgo*, que sempre me inspirou com os seus valiosos “dizeres”. Mãe, não se preocupe, pois, mais uma vez, não deixei “o cavalo passar selado”, e, diante da possibilidade de ser um “rio caudaloso”, não me contentei, novamente, em ser “apenas um riacho”!

Aos meus familiares, que, de alguma forma, me ajudaram a prosseguir nesta caminhada, em especial, a minha prima *Edilene Rêgo* e a minha tia *Marília Rêgo*, as quais não pouparam nas palavras de incentivo e de confiança dirigidas a mim.

A *Patrícia Dayana*, minha companheira de todas as horas, por me aturar as “vinte e quatro horas do dia” durante mais este período da minha formação.

Aos meus amores de quatro patas, *Chocolate*, *Caputino*, *Zariguim*, pelo carinho incondicional.

Aos (às) colegas *Danilo Araújo*, *Wesley Rodrigues*, *Carlos Barros*, *Fernandes*, *Tizziana Araújo*, *Andresa Chaves* e *Marta Lima* (e sua mãe *Dona Maria Lima*), *Maria José Penha* (e sua filha *Erica Penha*), *Itamara Campos*, *Rosário Santos*, *Juliana Assunção*, *Fernanda Teixeira*, *Rosângela Carvalho*, *Cleudemar Ribeiro*, entre outros (as), pelo apoio geral e por vibrarem a cada desafio superado.

A todos (as) os (as) professores (as), aqui representados (as) pela professora *Edna Carvalho* (História e Geografia/4ª série [hoje, 5º ano] do Ensino Fundamental/Unidade Escolar Padre Freitas) e pelo professor *Hermínio Damasceno* (Língua Portuguesa/3º Ano do Ensino Médio/Unidade Escolar José Narciso da Rocha Filho), que passaram por minha vida durante a Educação Básica. Foram os ensinamentos de vocês que me deram suporte para chegar até aqui.

A todos (as) os (as) professores (as) dos cursos: Especialização em Libras, Graduação em Letras Português, Graduação em Pedagogia, da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), campus Piri-piri – aqui representados pelos professores Dr. *Anderson Almeida*, Ma. *Joselita Izabel*, Dr. *Márcio Queiroz*, Dra. *Adriana Paula*, Me. *Raimundo Isídio*, e Esp. *Lourdes Cardoso* – por seus valiosos ensinamentos e por serem fontes de inspiração para mim.

Às professoras do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Dra. *Suzana Cortez*, Dra. *Julia Larré*,

e Dra. *Siane Góis*, a quem tive o privilégio de conhecer e de participar das suas aulas. E, de forma especial, ao professor Dr. *Marcelo Sibaldo*, pelos aprendizados oportunizados por meio dos agradáveis convites para participar das atividades do PET-Letras da UFPE (XI Jornada PET-Letras, Projeto Reflexões e Usos Linguísticos e Literários na Educação Básica (RULLE)). À vice-coordenadora do PPGL, Dra. *Fernanda Galli*, pelo apoio constante. A todos que compõem a equipe técnico-administrativa do PPGL da UFPE, pelo sempre e pronto atendimento. E aos (às) meus (minhas) colegas de turma, pelas trocas de experiências.

À revista *Investigações*, revista vinculada ao PPGL da UFPE, pelas inúmeras experiências adquiridas enquanto membro da equipe editorial desde 2018. E, de forma carinhosa, aos membros que marcaram a minha trajetória nessa revista: professoras Dra. *Suzana Cortez* e Dra. *Fernanda Galli*, atual Editora Responsável, Ma. *Laryssa Araújo*, Me. *Serquiz Elias Filho*, Dra. *Ana Carolina Barros*, Dr. *Valmir da Silva Júnior* e Me. *Thiago Costa*.

Ao Comitê Institucional de Autoavaliação da Pós-Graduação *Stricto Sensu* (CIAPGSS), do qual participei, no período de 2021-2023, como representante discente dos cursos de Doutorado da UFPE.

Aos professores Dra. *Charlotte Galves* e Dr. *Juanito Avelar*, da disciplina *Sintaxe I* do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Dr. *Guilherme Lourenço* e Dr. *Anderson Almeida*, da disciplina *Seminário de Tópico Variável em Linguística Teórica e Descritiva: Estudos linguísticos de línguas de sinais emergentes* do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), por aceitarem a minha participação, enquanto aluna especial, em suas disciplinas. E, de modo especial, à professora Dra. *Carina Cruz*, da disciplina *Leituras Dirigidas - Aquisição de língua de sinais por crianças surdas e ouvintes* do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por igualmente me aceitar como aluna especial em sua disciplina, a qual se deu em um contexto inusitado e inesquecível.

Ao meu primeiro e segundo orientador, Dr. *Vicente Masip* e Dr. *Alberto Poza*, respectivamente, por, gentilmente, terem acolhido, em colaboração, a minha proposta de pesquisa, e, com as suas vastas bagagens teóricas e experiências profissionais, terem me guiado pelos mais sábios caminhos acadêmicos.

Aos professores componentes das bancas de Qualificação de Projeto, Qualificação e Defesa de Tese, Dr. *Vicente Masip*, Dra. *Cristina Bongestab*, Dr. *Carlos Mourão* e Dr. *Jurandir Dias Júnior*, pelas considerações para a melhoria desta pesquisa.

Aos intérpretes de Libras-Português, *Thiago Aquino*, disponibilizado pelo Departamento de Letras da UFPE, e *Rosuíla Santos*, contratada por mim, mas que, por sua própria vontade, atuou voluntariamente, por tornarem a minha sessão de defesa acessível.

À agência de fomento à pesquisa, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por meio do processo nº 140843/2020-5, por viabilizar, financeiramente, este estudo.

Ao ex-técnico-administrativo da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD) da UFPE, *Philippe Aguiar*, por viabilizar o meu acesso à parte das provas escritas (candidatos surdos) submetidas à seleção do Letras Libras da UFPE, e à secretária do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UFPE, *Maria Inez Sabino*, que diante da necessidade de acréscimo de um novo campo de pesquisa (UFPI), guiou-me com paciência e cuidado.

A *Claudyvanne Silva*, ex-técnica do PPGL da UFPE e atual técnica da Secretaria de Programas de Educação Aberta e Digital (SPREAD) da UFPE, que, desde a minha aprovação nesse programa, ainda no Mestrado, vem me apoiando e me incentivando fielmente.

Ao Grupo de Estudos em Língua de Sinais do Piauí (GESLPI), do qual faço parte, pelas discussões e oportunidade de aprender coletivamente.

À professora Esp. *Kelly Lemos*, professora de Libras da UESPI, por fortalecer o meu contato com a Libras durante a minha participação enquanto voluntária aprendiz de intérprete de Libras-Português em suas aulas.

Aos colegas surdos que encontrei/convivi ao longo da vida, pela troca de experiências sinalizadas e por me permitirem adentrar à comunidade surda. De modo especial, ao casal *Adonilson Martins* e *Patrícia Alves*, grandes parceiros na comunidade surda piriapiense, por dividir comigo os anseios dessa comunidade.

Às professoras Dra. *Joselma Lavôr* e Ma. *Sandra Cunha*, professoras e membros do Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas (NAPNE) do Instituto Federal do Piauí (IFPI), campus Piripiri, pela oportunidade de atuar como professora colaboradora no curso de Libras I, juntamente com as

professoras e intérpretes *Rosuíla Santos* e *Natália Silva*, a quem também sou imensamente grata. E aos (às) meus (minhas) queridos (as) alunos (as) pela torcida constante... vocês foram o meu combustível nesta reta final!!!

Enfim, a todos, muito obrigada!!!

O que sinto mais dificuldade é com as preposições e com o verbo ser. O uso do de, da, do é muito difícil para mim [...]. Temos as frases para escrever e precisamos usar essas preposições [...]. É difícil! Não consigo arrumar as frases direito, às vezes coloco as palavras que quero colocar nas frases, mas não sei onde arrumar. Qual o local do de, do, da, das preposições [...]. (Bruno, 18 anos) (GOMES, 2015, p. 179).

RESUMO

Em linhas gerais, as manifestações linguísticas podem ocorrer, entre outros modos, por meio da forma falada ou forma sinalizada, no caso das línguas de sinais, e por meio da forma escrita. Diferentemente do Português, uma língua natural de modalidade oral-auditiva e possuidora de um sistema de escrita e de uma ortografia oficial já estabelecidos, a Libras (Língua Brasileira de Sinais), uma língua, também, natural, mas de modalidade visuoespacial, ainda não dispõe de uma forma de escrita consolidada, ainda que já existam várias propostas de sistematização escrita para o registro dos sinais. O fato é que, como a comunicação escrita dos estudantes surdos acontece, primordialmente, por meio do Português, é natural que as especificidades linguístico-estruturais da Libras apareçam, por vezes, refletidas nesses registros, os quais, nem sempre são vistos com bons olhos por parte da sociedade. Desse modo, com o presente estudo, levantamos a ideia de que também possa existir um *Modo Surdo de Escrever*, situado entre a estrutura da Libras e a do Português. Assim, fizemos uma sistematização teórico-metodológica para o registro escrito da Libras na modalidade escrita do Português a partir da organização linguístico-estrutural dessa língua de sinais. Para tanto, entre outros encaminhamentos, recorreremos, na literatura da área, às questões referentes, primeiramente, à comunicação escrita de um modo geral, a partir das considerações de Higounet (2003), Fischer (2009), Calvet (2011), Dehaene (2012), e outros, e, depois, aos *sistemas de notação* de sinais e *sistemas de escrita* de sinais pensados para o registro das línguas de sinais por pesquisadores e estudiosos surdos e ouvintes. A partir de textos escritos produzidos por candidatos surdos e submetidos ao vestibular para o ingresso ao curso de Letras Libras da UFPE (Universidade Federal de Pernambuco) e da UFPI (Universidade Federal do Piauí), identificamos, analisamos e descrevemos as especificidades linguístico-estruturais da Libras para a constituição de uma sistematização teórico do registro escrito da Libras na modalidade escrita do Português a partir da própria organização linguístico-estrutural da Libras e dos seus fenômenos linguísticos e para, como resultado, o delineamento das bases de uma proposta de registro para os textos escritos por estudantes surdos, como uma terceira possibilidade, uma *Escrita Alternativa*, a qual se distancia, em certa medida, da escrita padrão do Português, mas que talvez possa refletir o *Modo Surdo de Escrever*.

Palavras-chave: aspectos linguístico-estruturais; Libras; sistematização; comunicação escrita; Português.

ABSTRACT

In general terms, linguistic manifestations can occur, among other ways, through the spoken form or signed form, in the case of sign languages, and through the written form. Unlike Portuguese, a natural language of oral-auditory modality and possessing an already established writing system and official spelling, Libras (Brazilian Sign Language), a language that is also natural, but of visuospatial modality, still doesn't have a consolidated form of writing, although there are already several proposals of written systematization for the recording of signs. The fact is that, as the written communication of deaf students happens, primarily, through Portuguese, it is natural that the linguistic-structural specificities of Libras appear, sometimes, reflected in these records, which are not always seen with good eyes by society. Thus, with the present study, we raise the idea that there may also be a Deaf Way of Writing, situated between the structure of Libras and that of Portuguese. Thus, we carried out a theoretical-methodological systematization for the written record of Libras in the written form of Portuguese based on the linguistic-structural organization of this sign language. To this end, among other referrals, we resorted, in the literature of the area, to questions referring, firstly, to written communication in general, from the considerations of Higounet (2003), Fischer (2009), Calvet (2011), Dehaene (2012), and others, and, later, to sign notation systems and sign writing systems designed for the recording of sign languages by deaf and hearing researchers and scholars. Based on written texts produced by deaf candidates and submitted to the entrance exam for admission to the Language and Libras course at UFPE (Federal University of Pernambuco) and UFPI (Federal University of Piauí), we identify, analyze and describe the linguistic-structural specificities of Libras for the constitution of a theoretical systematization of the written register of Libras in the written modality of Portuguese from the very linguistic-structural organization of Libras and its linguistic phenomena and for, as a result, the outlining of the bases of a proposal of registration for the texts written by deaf students, as a third possibility, an Alternative Writing, which distances itself, to some extent, from the standard Portuguese writing, but that might reflect the Deaf Way of Writing.

Keywords: linguistic-structural aspects; Libras; systematization; written communication; Portuguese.

RESUMEN

En términos generales, las manifestaciones lingüísticas pueden ocurrir, entre otras formas, por la forma hablada o por señas, en el caso de las lenguas de señas, y por la forma escrita. A diferencia del portugués, lengua natural de modalidad oral-auditiva y que posee un sistema de escritura y una ortografía oficiales ya establecidos, el Libras (Lengua de Signos Brasileña), una lengua también natural, pero de modalidad visoespacial, aún no tiene una forma consolidada de escritura, aunque ya existen varias propuestas de sistematización escrita para el registro de signos. El caso es que, como la comunicación escrita de los alumnos sordos ocurre, principalmente, a través del portugués, es natural que las especificidades lingüístico-estructurales de Libras aparezcan, a veces, reflejadas en estos registros, que no siempre son vistos con buenos ojos por la sociedad. Así, con el presente estudio, planteamos la idea de que también puede haber una Forma Sorda de Escritura, ubicada entre la estructura de Libras y la del portugués. Así, realizamos una sistematización teórico-metodológica para el registro escrito de Libras en la forma escrita del portugués a partir de la organización lingüístico-estructural de esta lengua de signos. Para ello, entre otras referencias, recurrimos, en la literatura del área, a cuestiones referidas, en primer lugar, a la comunicación escrita en general, a partir de las consideraciones de Higounet (2003), Fischer (2009), Calvet (2011), Dehaene (2012), y otros, y, más tarde, a sistemas de notación de señas y sistemas de escritura de señas diseñados para el registro de lenguajes de señas por investigadores y académicos sordos y oyentes. A partir de textos escritos producidos por aspirantes sordos y sometidos al examen de ingreso al curso de Lengua y Libras de la UFPE (Universidad Federal de Pernambuco) y de la UFPI (Universidad Federal de Piauí), identificamos, analizamos y describimos las especificidades lingüístico-estructurales de Libras para la constitución de una sistematización teórica del registro escrito de Libras en la modalidad escrita del portugués a partir de la propia organización lingüístico-estructural de Libras y de sus fenómenos lingüísticos y para, en consecuencia, el esbozo de las bases de una propuesta de registro para los textos escritos por estudiantes sordos, como una tercera posibilidad, una Escritura Alternativa, que se aleja, en cierta medida, de la escritura portuguesa estándar, pero que quizás refleje la Escritura Sorda.

Palabras clave: aspectos lingüístico-estructurales; Libras; sistematización; comunicación escrita; Portugués.

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1</i> – Registro com nós	40
<i>Figura 2</i> – Entalhes	41
<i>Figura 3</i> – Pictografia	42
<i>Figura 4</i> – Escrita egípcia.....	47
<i>Figura 5</i> – Escrita proto-elamita.....	48
<i>Figura 6</i> – Escrita do vale do Rio Indo.....	49
<i>Figura 7</i> – Escrita chinesa	50
<i>Figura 8</i> – Alfabeto latino arcaico	61
<i>Figura 9</i> – Capa da obra Ensaio sobre os surdos-mudos e sobre a linguagem natural	66
<i>Figura 10</i> – Capa da obra Mimografia	59
<i>Figura 11</i> – Notação do sinal CONOCER	69
<i>Figura 12</i> – Sinal IDEIA em ASL	72
<i>Figura 13</i> – Notação do sinal UNIVERSIDADE DE HAMBURGO.....	76
<i>Figura 14</i> – Notação do sinal CAT.....	80
<i>Figura 15</i> – Notação do sinal CARRO.....	86
<i>Figura 16</i> – Pontos de Articulação.....	90
<i>Figura 17</i> – Espaço do Movimento.....	91
<i>Figura 18</i> – Escrita no sistema SignWriting.....	99
<i>Figura 19</i> – Sinal GIVE.....	101
<i>Figura 20</i> – Capa da obra Ecrits sur la Langue de Signes Française.....	102
<i>Figura 21</i> – Exemplo de escrita no D’Sing	103
<i>Figura 22</i> – Alguns símbolos do SMYLE.....	105
<i>Figura 23</i> – Exemplos de escrita no SMYLE	105
<i>Figura 24</i> – Exemplo de escrita no sistema ELiS	108
<i>Figura 25</i> – Exemplo de escrita no sistema Visagrafia.....	111
<i>Figura 26</i> – Escrita do sinal GIVE.....	113
<i>Figura 27</i> – Escrita do sinal ENTENDER	116
<i>Figura 28</i> – Sinal escrito no SingScript.....	118
<i>Figura 29</i> – Sinal escrito no ASLwrite.....	120
<i>Figura 30</i> – Exemplo de escrita no sistema VisoGrafia	123
<i>Figura 31</i> – Léxico da Libras	136

<i>Figura 32</i> – Alfabeto manual da Libras.....	137
<i>Figura 33</i> – Sinal LIBRAS.....	138
<i>Figura 34</i> – Datilologia do sinal LIBRAS.....	138
<i>Figura 35</i> – Soletração rítmica do sinal NUNCA	140
<i>Figura 36</i> – Soletração manual do sinal NUNCA	140
<i>Figura 37</i> – Redação 1	142
<i>Figura 38</i> – Redação 2.....	143
<i>Figura 39</i> – Sinal NAMORADO	145
<i>Figura 40</i> – Sinal NAMORADA.....	146
<i>Figura 41</i> – Sinal GENRO	146
<i>Figura 42</i> – Sinal NORA.....	146
<i>Figura 43</i> – Sinal ELE.....	147
<i>Figura 44</i> – Sinal ELA.....	147
<i>Figura 45</i> – Sinal PAI.....	148
<i>Figura 46</i> – Sinal MÃE.....	149
<i>Figura 47</i> – Flexão de número na Libras.....	150
<i>Figura 48</i> – Sinal RESPONDER (Dar resposta).....	153
<i>Figura 49</i> – Sinal RESPONDER (Receber resposta)	153
<i>Figura 50</i> – Sinal AJUDAR (Dar ajuda)	154
<i>Figura 51</i> – Sinal AJUDAR (Receber ajuda)	154
<i>Figura 52</i> – Sinais PRESENTE e COMER	157
<i>Figura 53</i> – Sinais PASSADO e COMER	158
<i>Figura 54</i> – Sinais FUTURO e COMER	158
<i>Figura 55</i> – Redação 3.....	161
<i>Figura 56</i> – Redação 4.....	162
<i>Figura 57</i> – EU BONIT@/BONIT@ EU	164
<i>Figura 58</i> – HOJE VOCÊ BONIT@/BONIT@ VOCÊ HOJE	165
<i>Figura 59</i> – Sinal É	168
<i>Figura 60</i> – Sinal ESTAR	168
<i>Figura 61</i> – Redação 5.....	168
<i>Figura 62</i> – Redação 6.....	169
<i>Figura 63</i> – Redação 7	169
<i>Figura 64</i> – Redação 8.....	172
<i>Figura 65</i> – Preposições da Libras.....	174

<i>Figura 66</i> – Conjunções da Libras	156
<i>Figura 67</i> – Sentença em Libras sem preposição	175
<i>Figura 68</i> – Sinal PREPOSIÇÃO PARA	176
<i>Figura 69</i> – Redação 9	177
<i>Figura 70</i> – Redação 10	177
<i>Figura 71</i> – Marcação de tópico	180
<i>Figura 72</i> – Redação 11	181
<i>Figura 73</i> – Redação 12	181
<i>Figura 74</i> – Redação 13	181
<i>Figura 75</i> – Redação 14	181
<i>Figura 76</i> – Sinais gráficos na Libras	182
<i>Figura 77</i> – Redação 15	183
<i>Figura 78</i> – Redação 16	184

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1</i> – Escrita cuneiforme.....	45
<i>Quadro 2</i> – Alfabeto egípcio.....	56
<i>Quadro 3</i> – Alfabeto fenício.....	57
<i>Quadro 4</i> – Alfabeto grego.....	59
<i>Quadro 5</i> – Caracteres do Movimento e Acento	67
<i>Quadro 6</i> – Caracteres da Mão, Lugar e Expressão Facial	68
<i>Quadro 7</i> – Caracteres da Notação de Stokoe	72
<i>Quadro 8</i> – Notação do sinal IDEIA	72
<i>Quadro 9</i> – Exemplos de caracteres do HamNoSys.....	75
<i>Quadro 10</i> – Convenções do Sistema de Notação em Palavras	77
<i>Quadro 11</i> – Símbolos do ASL-phabet	80
<i>Quadro 12</i> – Símbolos de Configuração de Mão da Notação de Ferreira-Brito- Langevin.....	82
<i>Quadro 13</i> – Símbolos de Ponto de Articulação da Notação de Ferreira-Brito- Langevin.....	83
<i>Quadro 14</i> – Símbolos do Movimento Interno da Notação de Ferreira-Brito- Langevin.....	84
<i>Quadro 15</i> – Símbolos de Expressão Não Manual da Notação de Ferreira-Brito- Langevin.....	85
<i>Quadro 16</i> – Exemplos de caracteres de configuração de mão.....	88
<i>Quadro 17</i> – Notação de Gestemas.....	88
<i>Quadro 18</i> – Caracteres do Ponto de Articulação.....	90
<i>Quadro 19</i> – Notação do sinal NORTH.....	92
<i>Quadro 20</i> – Caracteres do ASLSJ.....	93
<i>Quadro 21</i> – Notação do sinal TIME	93
<i>Quadro 22</i> – Síntese dos sistemas de notação de sinais	94
<i>Quadro 23</i> – Alguns símbolos do SignWriting.....	98
<i>Quadro 24</i> – Símbolos do SignFont.....	101
<i>Quadro 25</i> – Alguns caracteres do ASL Orthography.....	104
<i>Quadro 26</i> – Visografemas do ELiS.....	108
<i>Quadro 27</i> – Grafemas do Visagrafía	110
<i>Quadro 28</i> – Alguns símbolos do Si5s	112

<i>Quadro 29</i> – Caracteres do macrosseguimento Mão.....	114
<i>Quadro 30</i> – Caracteres dos macrosseguimentos Locação e Movimento e Diacríticos.....	115
<i>Quadro 31</i> – Exemplos de símbolos do SingScript.....	117
<i>Quadro 32</i> – Exemplos de caracteres do ASLwrite.....	119
<i>Quadro 33</i> – Alguns caracteres do Symbol Font for ASL.....	121
<i>Quadro 34</i> – Visografemas e diacríticos do VisoGrafia.....	122
<i>Quadro 35</i> – Síntese dos sistemas de escrita de sinais.....	124
<i>Quadro 36</i> – Estágios da Interlíngua.....	131
<i>Quadro 37</i> – Preposições: diferenças entre a Libras e o Português.....	176
<i>Quadro 38</i> – Ordens das sentenças na Libras.....	179

LISTA DE SIGLAS

ASCII	American Standard Code for Information Interchange
ASL	Língua de Sinais Americana
ASLSJ	American Sign Language Sign Jotting
CEB	Câmara de Educação Básica
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CIAPGSS	Comitê Institucional de Autoavaliação da Pós-Graduação Stricto Sensu
CM	Configuração de Mão
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CONADE	Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência
CPLP	Comunidade dos Países de Língua Portuguesa
DGS	Língua de Sinais Alemã
ELS	Escrita de Língua de Sinais
ENM	Expressão Não Manual
FACIN	Faculdade de Informática
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
FMS	Federação Mundial de Surdos
GESLPI	Estudos em Língua de Sinais do Piauí
GIES	Grupo de Pesquisa em Informática Aplicada à Educação de Surdos
GT	Gramática Tradicional
HAMNOSYS	Sistema de Notação da Língua de Sinais de Hamburgo
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IC	Implante Coclear
IDEAI	Instituto de Audiologia Integral
IFPI	Instituto Federal do Piauí
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
IPA	Alfabeto Fonético Internacional
LGP	Língua Gestual Portuguesa
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
LPE	Língua Portuguesa Escrita

LPEBR	Língua Portuguesa Escrita, variante Libras
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSC	Língua de Sinais Colombiana
LSCB	Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros
LSF	Língua de Sinais Francesa
LSKB	Língua de Sinais Kaapor Brasileira
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
M	Movimento
MDH	Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania
MMFDH	Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos
NAPNE	Núcleo de Atendimento às Pessoas com Necessidades Específicas
O	Orientação
PA	Ponto de Articulação
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Letras
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PUC	Pontifícia Universidade Católica
RULLE	Projeto Reflexões e Usos Linguísticos e Literários na Educação Básica
SLIPA	Alfabeto Fonético Internacional da Língua de Sinais
SPREAD	Secretaria de Programas de Educação Aberta e Digital
UESPI	Universidade Estadual do Piauí
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	24
2	A COMUNICAÇÃO ESCRITA.....	36
3	SISTEMAS DE NOTAÇÃO E DE ESCRITA DE SINAIS.....	63
3.1	SISTEMAS DE NOTAÇÃO DE SINAIS	64
3.1.1	Mimographie	65
3.1.2	Notação de Stokoe	70
3.1.3	HamNoSys.....	73
3.1.4	Notação em Palavras.....	76
3.1.5	ASL-phabet.....	78
3.1.6	Notação de Ferreira-Brito-Langevin.....	81
3.1.7	Notação de Gestemas	86
3.1.8	SLIPA.....	89
3.1.9	ASLSJ.....	92
3.2	SISTEMAS DE ESCRITA DE SINAIS.....	95
3.2.1	SignWriting	96
3.2.2	SignFont	99
3.2.3	D’Sign	101
3.2.4	ASL Orthography	103
3.2.5	SMYLE.....	104
3.2.6	ELiS	106
3.2.7	Visagrafía.....	109
3.2.8	Si5s.....	111
3.2.9	SEL.....	113
3.2.10	SignScript	116
3.2.11	ASLwrite	118
3.2.12	Symbol Font for ASL	120
3.2.13	VisoGrafia.....	121
4	REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA PRODUZIDA PELO ESTUDANTE	
	SURDO.....	126
4.1	ASPECTOS GERAIS.....	127
4.2	ASPECTOS LINGUÍSTICO-ESTRUTURAIS	134
4.2.1	Datilologia.....	135

4.2.2	Desinência de gênero e número.....	144
4.2.3	Desinência de tempo verbal	152
4.2.4	Cópula	162
4.2.5	Artigos.....	169
4.2.6	Conectivos	172
4.2.7	Ordem da sentença	177
4.2.8	Pontuação.....	181
5	ESCRITA ALTERNATIVA: ENTRE A LIBRAS E O PORTUGUÊS	186
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	202
	REFERÊNCIAS	206

1 INTRODUÇÃO

A comunicação sinalizada está, felizmente, cada vez mais presente em nossa sociedade, e, a cada dia, vem ganhando maior visibilidade nos mais diferentes contextos de atuação social, dando, assim, às pessoas surdas/visuais¹ que fazem uso de línguas de sinais a oportunidade de se comunicarem e de interagirem em sociedade, mesmo que essa ainda não se mostre plenamente inclusiva para acolher aquelas, pois algumas pessoas ainda desconhecem ou ignoram a existência das línguas de sinais. O fato é que hoje já não é mais novidade a presença de surdos interagindo em diversos espaços da comunidade, bem como, quando há, a figura do intérprete mediando a comunicação entre surdos e ouvintes, e, por isso, essa comunicação não deve passar despercebida.

Segundo a Federação Mundial de Surdos (FMS), com sede na Finlândia, existem aproximadamente 70 milhões de pessoas surdas em todo o mundo. E, de acordo com o censo demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente, já são 2.143.173 pessoas com deficiência auditiva severa², consideradas surdas³, no Brasil, além das 9.717.318 pessoas com deficiência auditiva⁴. No entanto, é visível o fato de nem todas essas pessoas empregarem a língua de sinais para viabilizar a comunicação. Acreditamos que isso aconteça, entre outros motivos, por conta de duas importantes questões, especialmente: a primeira diz respeito à carência na oferta de políticas públicas socioeducacionais para garantir, às pessoas surdas, o acesso à língua de sinais na mais tenra idade, e, assim, evitar que muitas dessas pessoas alcancem idades mais

¹ Termo idealizado pelo pesquisador Anderson Simão Duarte, da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), para se referir às pessoas que percebem os elementos linguísticos por meio do canal visual, em analogia ao termo *ouvinte*, que faz referência às pessoas que percebem os elementos da língua por meio do canal auditivo, com a finalidade de não evidenciar a ausência de audição marcada pelo uso do termo *surdo* (DUARTE; BENASSI; PADILHA, 2016). Nessa mesma direção, a linguista visual Ana Regina e Souza Campello emprega o termo *sinalizante visual* em sua obra *Língua Brasileira de Sinais* (2011).

² Para o IBGE, pessoas com deficiência auditiva severa foram assim classificadas quando tiveram “grande dificuldade” ou “não conseguiam de modo nenhum” como respostas para a pergunta “tem dificuldade permanente de ouvir?”

³ Em termos gerais, a surdez se classifica, pela área da saúde (vinculada à área educacional), a depender do nível da perda auditiva em decibéis, em *surdez leve*, *surdez moderada* – caracterizando as pessoas parcialmente surdas –, *surdez severa* e *surdez profunda*, caracterizando as pessoas surdas (BRASIL, 2006).

⁴ Para o IBGE, pessoas com deficiência auditiva foram assim classificadas quando tiveram “alguma dificuldade”, “grande dificuldade” ou “não conseguiam de modo nenhum” como respostas para a pergunta “tem dificuldade permanente de ouvir?”.

avançadas sem o contato com a língua de sinais, enquanto direito linguístico, e, conseqüentemente, sem a possibilidade de comunicação por meio dessa língua.

A segunda questão para esse não uso, de fato, da língua de sinais, e que não pode ser desconsiderada, refere-se ao caráter particular e identitário dos indivíduos, os quais podem escolher ou não fazer uso da língua de sinais. Alguns preferem não usar essa língua por não se identificarem enquanto sujeitos surdos, por exemplo. Nessa conjuntura há, também por influência das experiências sociais, uma diversidade nos modos de identificação surda, com maior ou menor proximidade com as línguas de sinais. Assim, há surdos oralizados, surdos que usam aparelhos auditivos, surdos que fazem uso de leitura labial, surdos implantados, surdos filhos de pais ouvintes, surdos filhos de pais surdos, entre outros (cf. SKLIAR, 2016; PERLIN, 1998; WRIGLEY, 1996). E todas essas singularidades precisam ser levadas em consideração para se pensar sobre o uso ou o não uso das línguas de sinais para viabilizar a comunicação da pessoa surda.

De todo modo, a língua de sinais é, sumariamente, e até por questões fisiológicas, a língua natural das pessoas que nasceram surdas, assim como a língua oral⁵ é, pelos mesmos motivos, a língua natural daquelas que nasceram ouvintes/não surdas⁶. Ambas surgiram por razões idênticas: a necessidade natural de comunicar ideias e de interagir com os semelhantes por meio de sistemas linguísticos. Por língua natural, entendemos, nos termos de Chomsky (1957), como sendo a capacidade biológica inerente à natureza humana para o desenvolvimento da linguagem, ou seja, o ser humano já nasce com essa faculdade para a linguagem. Assim, as pessoas surdas, igualmente, apresentam essa propensão inata à manifestação da linguagem, a qual, por sua vez – e diferentemente das manifestações linguísticas das pessoas ouvintes, que se dão por meio da língua oral –, é realizada a partir de uma língua sinalizada.

Embora consideradas línguas naturais, as línguas de sinais se diferenciam, antes de tudo, das línguas orais por conta da modalidade⁷ de produção e de percepção linguística na qual cada uma dessas línguas se organiza, o que as

⁵ Nas considerações de Quadros (2019, p. 25), as línguas de sinais também são consideradas “línguas orais”, por serem produzidas “oralmente” em oposição à forma escrita. Por isso a preferência da autora no uso do termo “língua falada” ao invés “língua oral” para se referir às línguas de quem utiliza o canal oral-auditivo.

⁶ Atualmente, tem-se optado pela expressão *não surdo* no lugar do termo *ouvinte*, o qual, em alguns discursos, diz respeito a pessoas que se opõem à causa surda, muito embora esses termos façam, igualmente, referência a pessoas que ouvem e falam uma língua.

⁷ Sobre *Efeitos de Modalidades*, consultar Quadros (2006).

categoriza como línguas visuoespaciais⁸ e línguas orais-auditivas, respectivamente. Nesse sentido, essas línguas fazem uso de diferentes elementos do corpo, ou até mesmo para além dele – como é o caso das línguas de sinais, as quais também empregam elementos de fora do corpo possibilitados pelo *Espaço Neutro*⁹, espaço situado, predominantemente, em frente ao corpo do sinalizador – para as suas realizações linguísticas. Assim, na comunicação em línguas de sinais, aqui, no contexto de surdos videntes e possuidores dos membros superiores (braços e mãos)¹⁰, são utilizados, sumariamente, os olhos e as mãos¹¹, e na comunicação em línguas orais, os ouvidos e o aparelho fonador. Em outras palavras, as primeiras são produzidas, em grande parte, pelas mãos, e também pelas expressões não manuais (faciais e corporais)¹², e compreendidas pela visão, enquanto que as seguintes, em suas manifestações majoritárias, são materializadas por meio da fala e assimiladas pelos mecanismos da audição.

Nessa direção, as línguas de sinais, enquanto línguas naturais, são consideradas a Primeira Língua (L1) das pessoas que nasceram surdas – com níveis mais profundos de surdez –, mas também podem ser aprendidas ou adquiridas, em contexto de *bilinguismo*¹³, como Segunda Língua (L2), por pessoas ouvintes ou por pessoas que, por alguma razão, ensurdeceram em algum momento da vida. Em perspectiva contrária, as línguas orais, por sua vez, também como línguas naturais, são consideradas a L1 das pessoas ouvintes, porém também podem ser aprendidas, igualmente em contexto de *bilinguismo*, como L2, em seu modo escrito, por pessoas que nasceram surdas, ou, em seu modo oral, por

⁸ As terminologias *gestual-visual* (ou *gesto-visual*) e *gestual-espacial* (ou *gestoespacial*) também são empregadas para se referirem às línguas de sinais. Neste estudo, optamos pelo termo *visuoespacial* (ou *visual-espacial*) por acreditar ser o mais apropriado às línguas de sinais.

⁹ Espaço Neutro ou, conforme Quadros e Karnopp (2004, p. 57), referenciado em Battison (1978), *Espaço de Enunciação dos Sinais* diz respeito ao lugar ideal para a sinalização, o qual envolve todos os pontos do raio de alcance das mãos em sinalização e se configura como um local em que os participantes interagem cara a cara, influenciando, consideravelmente, na significação dos sinais.

¹⁰ Nos casos especiais, há surdos não videntes que fazem uso de língua de sinais táteis, bem como há surdos com membros superiores amputados ou com mobilidade das mãos reduzida, os quais se utilizam de outras partes do corpo, como os pés, para se comunicarem.

¹¹ Primariamente, visto que as manifestações da face e do corpo também ajudam a configurar as línguas de sinais.

¹² Pêgo (2013, p. 40) conceitua as expressões não manuais, também conhecidas como Marcadores Não Manuais, como sendo “todos os elementos linguisticamente significativos que não são expressos pelas mãos”, igualmente a Quadros e Karnopp (2004, p. 60) ao dizer “manifestações linguísticas que não envolvem as mãos”.

¹³ Pelo viés tradicional, o indivíduo era considerado bilíngue ao possuir competência em duas línguas, no domínio das habilidades *falar, compreender, ler e escrever*, enquanto que, pelo viés contemporâneo, basta ter domínio de uma ou mais dessas habilidades em uma segunda língua para ser considerado bilíngue (FERNANDES, S., 2003).

peçoas, com níveis mais leves de surdez, que passaram pela reabilitação clínica dos seus resíduos auditivos e peçoas surdas usuárias de Implante Coclear (IC).

Aqui, para além de um cenário de *bilinguismo*, há, ainda, o fato de tais línguas se apresentarem em modalidades distintas, caracterizando, assim, um contexto de *bilinguismo bimodal* (STUMPF *et al.*, 2020; CRUZ; QUADROS, 2018, QUADROS, 2017; NEVES; QUADROS, 2016), em que há o desenvolvimento de duas línguas de modalidades diferentes, como: a língua de sinais, uma língua de modalidade visuoespacial, e a língua oral, uma língua de modalidade oral-auditiva. De acordo com Hoffmeister (2016), referenciado em Quadros (2017, p. 136), o termo *bimodal* também pode ser empregado quando se trata do aprendizado, por parte do surdo, da modalidade escrita de uma língua falada, visto que o modo escrito é também uma segunda modalidade da língua, caracterizando, assim, a educação bilingue desses surdos.

Em contexto brasileiro, envolveremos aqui, portanto, a Língua Brasileira de Sinais (Libras)¹⁴, ou Língua de Sinais Brasileira (LSB)¹⁵, que, pela Lei nº. 10.436 de 2002, é reconhecida como a forma de comunicação e expressão de comunidades de peçoas surdas do Brasil, e, quando necessário, o Português, idioma oficial da nação brasileira e dos demais países que formam a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP). Vale ressaltar, entretanto, que, além da Libras – categorizada, pela classificação¹⁶ de Woodward (1996), como *língua de sinais nacional* e, majoritariamente, empregada nos meios urbanos –, há outras línguas de sinais circulando no território brasileiro, totalizando um número de onze¹⁷ línguas de

¹⁴ Quadros (2019, p. 24), em seu glossário terminológico, define: “Libras é o nome dado à língua de sinais brasileira usada nos centros urbanos brasileiros e representa a língua nacional usada pelas comunidades surdas”.

¹⁵ Termo empregado em conformidade com as línguas de sinais do mundo – à exceção da língua de sinais de Portugal, reconhecida pela sigla LGP (Língua Gestual Portuguesa) –, em que se utiliza a expressão *Língua de Sinais* acrescida da nacionalidade de cada país. A língua de sinais brasileira também é denominada como Língua de Sinais dos Centros Urbanos Brasileiros (LSCB), embora seja amplamente conhecida como Libras, termo usado pelas organizações de surdos, como a Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS), e nas legislações que tratam do assunto.

¹⁶ Por essa classificação, as línguas de sinais são organizadas em duas categorias: *locais* (língua de sinais locais empregadas em locais específicos do território) e *nacionais* (línguas de sinais com abrangência nacional empregadas por várias comunidades surdas). A partir dessa classificação, Silva e Sousa (2018), propõem três categorias para as comunidades surdas, a saber, *urbanas* (que usam línguas nacionais), *desligadas* e *rurais* (que usam línguas locais).

¹⁷ 1. Libras (Brasil); 2. Língua de Sinais Urubu-Kaapor (Maranhão); 3. Língua de Sinais Sateré-Waré (Amazonas); 4. Língua de Sinais Caingangue (Santa Catarina); 5. Língua de Sinais Terena e Guarani (Mato Grosso do Sul); 6. Língua de Sinais Pataxó (Bahia); 7. Cena (Piauí); 8. Acenos (Acre); 9. Língua de Sinais da Fortalezinha (Pará); 10. Língua de Sinais de Porto de Galinhas (Pernambuco); 11. Língua de Sinais de Caiçara (Ceará).

sinais mapeadas (QUADROS, 2019; QUADROS; SILVA, 2017). Uma delas é a Língua de Sinais Kaapor Brasileira (LSKB), língua utilizada na região da Floresta Amazônica, na parte oeste do Maranhão, pelos índios surdos Urubus-Kaapor¹⁸ (cf. FERREIRA, 2010). Muitas dessas línguas são consideradas apenas para fins de levantamento numérico das possíveis línguas de sinais existentes no Brasil, uma vez que ainda há carência no detalhamento quanto à descrição e análise da estrutura de tais línguas.

Como sabemos, as manifestações linguísticas podem ser produzidas, entre outras formas, por meio da língua falada (oralidade) – ou, no presente contexto, da língua sinalizada – e por meio da língua escrita. Embora a Libras seja considerada uma língua visuoespacial, como dito antes, ela pode, igualmente o Português, uma língua oral-auditiva, se manifestar a partir de uma forma oral, no sentido de ser uma língua sinalizada produzida oralmente em oposição a uma forma escrita de se manifestar (QUADROS, 2019). Por sua vez, a língua escrita, mesmo sendo um modo de manifestação linguística, é, conforme Bagno (2015), uma construção artificial e monitorada que obedece a regras fixas e segue a gramática tradicional, diferentemente da forma falada, que é uma construção natural e espontânea que obedece à intuição do falante e segue a gramática da língua, muito embora exista um contínuo¹⁹ entre essas duas formas a depender do contexto de produção.

Assim, a escrita, por ser uma ferramenta que surgiu de maneira artificial, configura-se com um sistema secundário, uma tentativa de representação gráfica dos elementos que constituem a língua, idealizada por meio de acordos estabelecidos socialmente entre os membros de uma comunidade. Em certos casos, esse sistema é resultante de decretos e de atos institucionais das autoridades governamentais, como se deu, por exemplo, com os decretos que instituíram os acordos ortográficos do Português. Diferentemente do Português, o qual já possui um sistema de escrita consolidado, estabelecido e empregado oficialmente nos espaços sociais a partir de uma ortografia oficial, a Libras ainda não dispõe de um sistema de escrita amplamente difundido e empregado na sociedade. Muitas vezes, o registro dessa língua se dá a partir da captura em vídeos ou imagens, porém há,

¹⁸ A língua usada pelo povo Kaapor não surdo é a língua Kaapor, da família Tupi-Guarani.

¹⁹ Com esse contínuo, de acordo com a proposta do linguista galeno Henrique Monteagudo (2004), referenciada em Bagno (2013, p. 69), pode acontecer, por exemplo, um contexto em que a fala seja mais monitorada e a escrita, mais espontânea, ou seja, em algumas situações, a fala possui aspectos da escrita, e a escrita possui características da fala.

como veremos mais adiante, especificamente no capítulo três, propostas de sistematização para o registro de sinais, seja como *sistemas de escrita* de sinais ou como *sistemas de notação* de sinais.

A produção escrita dos estudantes surdos usuários da Libras nem sempre é vista com bons olhos por grande parte da sociedade, a qual, em sua maioria, não dispõe de um conhecimento mínimo sobre a organização estrutural das línguas de sinais com um todo. Isso porque, em certa dimensão, as características linguístico-estruturais da Libras são impressas nesse registro escrito, que, por sua vez, se faz, primordialmente, a partir da modalidade escrita do Português. E – como já afirmamos –, mesmo que existam sistemas de escrita com base em sinais e sistema de transcrição (usado, principalmente, na área da pesquisa) para o registro da Libras, até o presente momento, não há uma forma escrita difundida, e legalmente aceita, para o registro dessa língua. Nessa direção, a ausência de uma sistematização teórica para o registro escrito da Libras na modalidade escrita do Português a partir da organização linguístico-estrutural dessa língua de sinais contribui para o não reconhecimento e para a não valorização dessa forma de escrita, um tanto particular, nos espaços sociais, ocasionando, dessa forma, uma problemática no entorno desse modo de escrever.

Diante disso, colocamos em discussão, no presente estudo de doutoramento, a temática *comunicação escrita dos estudantes surdos*, dando aos interessados nesse tema a oportunidade de compreender as particularidades linguístico-estruturais da Libras, por vezes, refletidas na comunicação dos textos escritos, e, assim, de entender o porquê dessa escrita particular. Aqui, iremos nos debruçar sobre textos escritos (redações de vestibulares) produzidos por estudantes surdos com Ensino Médio completo e aspirantes à educação superior, cujas informações como níveis de contato com a Libras ou de oralização, uso de aparelho auditivo ou de implante coclear, ser filho de pais surdos ou de pais ouvintes, e realização ou não de leitura labial – as quais, de algum modo, interferem na comunicação escrita dos estudantes surdos – não foram possíveis de serem acessadas.

Nesse sentido, o trabalho aqui apresentado intenta, de forma geral, elaborar uma sistematização teórico-metodológica para o registro produzido por estudantes surdos na modalidade escrita do Português a partir da própria organização linguístico-estrutural da Libras, e, de forma específica: i) apresentar os diferentes sistemas de notação e de escrita de sinais existentes na literatura especializada; ii)

evidenciar as particularidades linguístico-estruturais (uso do recurso datilológico, não existência de desinências morfológicas para os gêneros feminino e masculino, e para o número plural, não existência de desinências morfológicas para indicar o tempo dos verbos, não existência dos verbos copulativos *ser* e *estar*, entre outras) da Libras impressas nos textos escritos produzidos por estudantes surdos; e iii) delinear as bases de uma proposta de escrita para o registro escrito produzido pelos estudantes surdos, direcionada tanto aos próprios estudantes surdos quanto a professores responsáveis por avaliar os textos escritos desses estudantes.

Tendo em vista que a Libras e o Português, enquanto línguas naturais, possuem modos de realização e compreensão linguística diferentes – a primeira sendo visuoespacial e a segunda, oral-auditiva, como vimos mais acima – e que as especificidades linguístico-estruturais da Libras, ora ocasionadas por essa diferença de modalidade, influenciam de maneira significativa no registro escrito produzido pelos estudantes surdos, este trabalho surgiu, principalmente, pela necessidade de elaboração de uma sistematização teórico-metodológica para o registro escrito da Libras, na modalidade escrita do Português, a partir da organização linguístico-estrutural que essa língua de sinais possui, para que, assim, as manifestações linguístico-estruturais da Libras, que possam aparecer espelhadas na comunicação escrita, não sejam consideradas desvios, e sim uma especificidade dessa língua de sinais.

Ainda, este estudo faz-se relevante: i) cientificamente, pelo realce da temática em si e por fortalecer e ampliar as reflexões sobre as ocorrências linguístico-estruturais das línguas sinalizadas, em especial, no que diz respeito à influência das estruturas espaço-visuais dessas línguas no registro escrito; e ii) socioculturalmente, por valorizar a língua da comunidade surda brasileira, permitindo, assim, o entendimento das especificidades linguísticas refletidas nas produções escritas, o que contribui, em certa dimensão, para o ensino da Libras, e auxilia professores, alunos e interessados na compreensão de tal língua.

Com base na Libras, enquanto uma língua que, predominantemente, organiza e traduz, de modo visuoespacial, o pensamento da comunidade surda urbana do Brasil, e na existência de um possível *Modo Surdo de Ser* – expressão baseada no conceito de *Ser Surdo*²⁰ apresentado por Perlin e Miranda (2003) –, o qual se

²⁰ Ser surdo é uma questão de vida. Não se trata de uma deficiência, mas de uma experiência visual. Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total a audição), como meio de

constitui a partir de experiências visuais próprias da natureza dos surdos, tendo em vista que as pessoas surdas, majoritariamente, compreendem e vivenciam o mundo a partir da perspectiva sensorial possibilitada pela visão, levantamos a ideia de que, também, possa existir um *Modo Surdo de Escrever*, como uma espécie de terceira possibilidade, uma *Escrita Alternativa*, que, no âmbito do *bilinguismo bimodal* e das questões de *interlíngua*²¹ (SELINKER, 1972), está situado entre o sistema linguístico-estrutural da Libras e o sistema de escrita do Português, e que se comporta como variante do registro escrito do Português, uma vez que toma como base a modalidade escrita do Português.

A presente produção compreende um estudo de perspectiva teórico-metodológica, ao propor uma sistematização teórico-metodológica para o registro escrito da Libras na modalidade escrita do Português a partir da própria organização linguístico-estrutural dessa língua de sinais, e está ancorada na abordagem qualitativa de investigação, com caráter descritivo-explicativo, uma vez que privilegia a qualidade das manifestações linguístico-estruturais da Libras no âmbito da modalidade escrita, descrevendo, analisando e interpretando a realidade linguístico-estrutural do registro escrito da Libras, tecendo considerações e apontando caminhos sobre esse modo de escrita dos estudantes surdos.

Para a efetivação deste estudo, foram tomados os seguintes encaminhamentos metodológicos, dispostos em dez etapas organizadas em cinco momentos, a saber, no primeiro momento, i) levantamento das principais referências bibliográficas e teóricas que tratam da comunicação escrita em um modo geral, especialmente no que diz respeito aos aspectos da história da escrita ligada às línguas orais, tais como o surgimento e a classificação da escrita, as diferentes técnicas de registro e de escritas existentes no curso da humanidade etc., aqui representadas pelas considerações de Higounet (2003), Fischer (2009), Calvet (2011), Dehaene (2012), dentre outros; e ii) levantamento, a partir de investigações concebidas em teses, dissertações, artigos e legislações, de estudos e discussões realizados em torno dos textos escritos produzidos por estudantes surdos, bem

comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura (PERLIN; MIRANDA, 2003).

²¹ De acordo com Selinker (1972), referenciado em Brasil (2004a, p. 103), *interlíngua* consiste em “gramáticas mentais provisórias que o aprendiz vai construindo no percurso de seu desenvolvimento até atingir a competência em L2”.

como dos *sistemas de notação* de sinais e *sistemas de escrita* de sinais idealizados para o registro gráfico das línguas de sinais.

No segundo momento, iii) leituras, fichamentos e organizações temáticas do quadro referencial e dos materiais levantados; iv) revisão da literatura, a partir dos estudos de Ferreira (2010), Gesser (2009), Felipe e Monteiro (2006), Felipe (1998, 1997), Quadros (2019, 2017) Quadros e Karnopp (2004), dentre outros, quanto aos aspectos linguístico-estruturais da Libras, os quais, de algum modo, aparecem impressos no registro escrito realizado por estudantes surdos. No terceiro momento, v) apresentação, descrição e análise dos *sistemas de notação* de sinais e dos *sistemas de escrita* de sinais encontrados na literatura especializada da área, com base nos seguintes aspectos: idealizador (surdo ou ouvinte), ano de criação, estrutura do sistema, regras gerais, base de escrita e de notação, e modo de registro.

No quarto momento, vi) composição do *corpus* com a coleta – após submissão do projeto de pesquisa, e posterior aprovação, aos Comitês de Ética da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI) – e seleção, mediante à presença das particularidades linguístico-estruturais (uso do recurso datilológico, não existência de desinências morfológicas para os gêneros feminino e masculino, e para o número plural, não existência de desinências morfológicas para indicar o tempo dos verbos, não existência dos verbos copulativos *ser* e *estar*, entre outras) impressas nos textos escritos produzidos por candidatos surdos e oriundos dos resultados das provas discursivas que compõem o processo seletivo de vestibular para o ingresso aos cursos de Letras Libras²² da UFPE e da UFPI, no período dos últimos cinco²³ anos de acontecimento dessas seleções nas duas universidades. A coleta ocorreu por meio do encaminhamento, via e-mail, pelos departamentos responsáveis à pesquisadora, dos referidos textos, nos quais, em atendimento à Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais, Lei nº. 13.709/2018, foram ocultados os dados pessoais dos candidatos, a fim de garantir a confidencialidade e sigilo dos envolvidos; vii) identificação, análise e

²² Os cursos de Licenciatura em Letras Libras da UFPE e da UFPI existem desde 2014, portanto são cursos recentes se considerado que os cursos de Letras Libras no Brasil iniciaram em 2006, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) (QUADROS, 2014).

²³ Na prática, a UFPE disponibilizou somente os textos das duas últimas seleções (2021 e 2022), e a UFPI disponibilizou apenas os textos das seleções de 2015, 2017 e 2018, e textos da seleção de 2016, os quais não foram aproveitados nesta pesquisa, pois não faziam parte da seleção para o ingresso ao curso de Letras Libras, mas ao curso de Licenciatura em Educação no Campo.

descrição das especificidades linguístico-estruturais da Libras presentes nas produções escritas dos estudantes surdos coletadas; e viii) realização de aproximações e distanciamentos entre a estrutura linguística da Libras e o sistema escrito do Português.

No quinto momento, ix) constituição de uma sistematização teórico do registro escrito da Libras na modalidade escrita do Português a partir da própria organização linguístico-estrutural dessa língua de sinais com os seus fenômenos linguísticos; e x) delineamento das bases de uma proposta de registro para a Libras, como uma terceira possibilidade, uma *Escrita Alternativa*, a qual reflete o *Modo Surdo de Escrever*, em que foi levado em conta o arranjo dos fenômenos linguístico-estruturais peculiar da Libras no que diz respeito aos níveis de organização gramatical dessa língua, especialmente quanto ao nível morfossintático, classes gramaticais (substantivo, adjetivo, verbo, artigo, preposição etc.), refletidos nos textos escritos em Português produzidos pelos estudantes surdos.

Por se tratar de uma discussão de caráter teórico-linguístico, todas as reflexões e as análises feitas aqui são também, primordialmente, teórico-linguísticas. Além das referências citadas acima, utilizamos as contribuições de Bagno (2015), Barros (2008), Chomsky (1957), Cruz, Quadros, Ortiz-Preuss e Finger (2018), S. Fernandes (2003), Lacerda (1989), Mendes (2020), Perlin e Miranda (2003), Quadros (2017, 2019), Skliar, (2016), Stumpf (2005), Sutton (2000), Wanderley (2012), Wilcox (2005), entre outros, os quais também discutem a temática em questão. Também nos apoiamos, de forma especial, nas obras lexicográficas *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*, de Capovilla, Raphael e Maurício (2015), e *Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos*, de Capovilla et al. (2019), por serem os mais completos na literatura especializada, para viabilizar a ilustração das questões linguístico-estruturais da Libras no processo de descrição e análise dos dados. Vale ressaltar que a representação dos sinais utilizada neste trabalho pode sofrer variações a depender a região brasileira na qual tais sinais são empregados.

Além deste primeiro capítulo, de *Introdução*, que, como o próprio nome indica, traz a contextualização da temática deste estudo e apresenta os pontos importantes para a condução desta pesquisa, tais como a problemática, a hipótese, os objetivos, os pontos metodológicos, entre outros, e do último capítulo, o sexto, o das

Considerações Finais, que mostra as impressões finais sobre a pesquisa aqui desenvolvida, há outros quatro capítulos – *A comunicação escrita* (segundo capítulo), *Sistemas de Notação e de Escrita de Sinais* (terceiro capítulo), *Reflexões sobre a escrita produzida pelo surdo* (quarto capítulo), e *Escrita Alternativa: entre a Libras e o Português* (quinto capítulo) –, os quais compõem a estrutura organizacional deste trabalho de doutoramento.

O segundo capítulo, intitulado *A comunicação escrita*, mostra, ainda que de forma sumária, alguns pontos relacionados ao registro escrito desenvolvido a partir das línguas orais, como o surgimento e a história da escrita, com as primeiras tentativas de registrar sistematicamente as línguas a partir de técnicas como o *registro com nós*, os *entalhes*, o *registro de contas* e a *pictografia*, e com as diversas escritas propriamente ditas existentes no decorrer da trajetória humana, como a *escrita cuneiforme*, a *escrita egípcia*, a *escrita proto-elamita*, a *escrita do vale do Rio Indo* e a *escrita chinesa*, além dos alfabetos criados pelas diferentes civilizações. Também serão evidenciadas as categorias fundamentais nas quais é possível classificar a escrita ao longo da sua evolução, a saber, *sintética*, *analítica* e *fonética*, e os diferentes materiais, instrumentos e suportes utilizados para viabilizar o registro das línguas e a comunicação das informações.

Já o terceiro capítulo, de nome *Sistemas de Notação e de Escrita de Sinais* e disposto em duas grandes seções, trata, como o próprio nome sugere, do registro escrito das línguas de sinais, ressaltando a distinção entre *sistemas de notação* de sinais e *sistemas de escrita* de sinais, cada categoria em uma seção, bem como as particularidades de cada sistema, com a composição de cada um e exemplos de notação de sinais e de escrita de sinais. Na primeira seção, serão apresentados, cronologicamente, os seguintes *sistemas de notação* de sinais: *Mimographie* (1817), *Notação de Stokoe* (1960), *HamNoSys* (1984), *Sistema de Notação em Palavras* (1988), *ASL-phabet* (1990), *Notação de Ferreira-Brito-Langevin* (1995), *Notação de Gestemas* (1996), *SLIPA* (2000), e *ASLSJ* (2009). E na segunda, serão mostrados, também de forma cronológica, os seguintes *sistemas de escrita* de sinais: *SignWriting* (1974), *SignFont* (1987), *D'Sign* (1990), *ASL Orthography* (1997), *SMYLE* (1997), *EliS* (1997), *Visagrafia* (2001), *Si5s* (2003), *SEL* (2009), *SignScript* (2010), *ASLwrite* (2011), *Symbol Font for ASL* (2013), e *VisoGrafia* (2016).

O quarto capítulo, chamado *Reflexões sobre a escrita produzida pelo estudante surdo*, igualmente organizado em duas seções, traz algumas discussões

referentes à produção escrita feita por estudantes surdos. A primeira seção, de nome *Aspectos Gerais*, evidencia o modo como são percebidos os textos produzidos por estudantes surdos, além das considerações de aparatos legais sobre a forma particular de escrita desses estudantes. E a segunda seção, intitulada *Aspectos Linguístico-Estruturais* ressalta as especificidades linguístico-estruturais da Libras refletidas no registro escrito feito por estudantes surdos. Dentre essas especificidades estão: o uso do recurso datilológico, a não existência de desinências morfológicas para os gêneros feminino e masculino, e para o número plural, bem como a não existência de desinências morfológicas para indicar o tempo dos verbos, a não existência dos verbos copulativos *ser* e *estar*, a não existência de artigos, conectivos (preposições e conjunções), entre outras.

E o quinto capítulo, por sua vez, nomeado *Escrita Alternativa: entre a Libras e o Português*, apresenta o delineamento das bases de uma proposta de escrita para o registro escrito dos estudantes surdos, situada entre o sistema linguístico-estrutural da Libras, com as particularidades dos fenômenos linguísticos dessa língua, e o sistema de escrita do Português. Trata-se, portanto, da proposta de comunicação escrita *Língua Portuguesa escrita, variante Libras (LPEBR)*, que, como o próprio nome informa, se comporta como variante do registro escrito do Português, uma vez que toma como base a modalidade escrita do Português, mas, por outro lado, reflete o *Modo Surdo de Escrever*, na qual foi levado em conta o arranjo linguístico-estruturais peculiar da Libras no que diz respeito aos níveis de organização gramatical dessa língua, especialmente quanto ao nível morfossintático, nas classes gramaticais (substantivo, adjetivo, verbo, pronomes, artigos etc.). Tal proposta está direcionada tanto aos próprios estudantes surdos quanto a professores responsáveis por avaliar os textos escritos desses estudantes.

2 A COMUNICAÇÃO ESCRITA

Para a sociedade de tradição escrita, não restam dúvidas de que a invenção da escrita foi, e ainda é, um grande marco na história da humanidade. Tal foi esse feito que, atualmente, é praticamente impossível pensar o mundo sem o registro escrito, como se esse recurso sempre estivesse presente e fizesse parte da natureza humana. Para muitos, o envolvimento com cultura escrita é tamanho que há dificuldades em compreender sociedades as quais, naturalmente, não fazem uso desse recurso em suas culturas, como é o caso, por exemplo, das sociedades de tradição oral.

De fato, hoje, o contato com a escrita é inevitável. Estamos, a todo momento, rodeados pelos caracteres que configuram o registro escrito, visto que eles estão presentes diariamente nos mais diversos contextos da sociedade. Estão nas repartições públicas e privadas, na televisão, nas redes sociais, nas placas e panfletos, entre outros. A escrita nos acompanha do nascimento, com a certidão de nascimento, à morte, com o atestado de óbito, por exemplo. Os documentos pessoais, como identidade, carteira de trabalho, cartão de vacinação, certidão de casamento etc., são constituídos, senão, por meio da escrita. A escrita também se faz presente nos acordos sociais de aluguel, compra e venda e em transações bancárias. A importância da sua função é, socialmente, inquestionável.

Como um “fato social” (CALVET, 2011, p. 123), a criação da escrita, enquanto também elemento cultural e identitário, possibilitou (e possibilita), entre outras finalidades, além do armazenamento e transmissão de informações, a expressão de ideias e de pensamentos e, por seu turno, a materialização da língua. Isso significa dizer que o registro escrito viabiliza, de forma material, a concretização das produções linguísticas advindas de pensamentos e ideias, eternizando, assim, os significados produzidos nesse processo de execução da língua, como bem constata Leite (2009):

A humanidade descobriu uma forma de fazer um registro da língua, isto é, de tornar a língua permanente. As marcas que hoje aparecem no computador e no papel, e que antigamente apareciam no papiro, no barro, nas pedras, fazem com que as palavras da língua não deixem de existir tão logo sejam enunciadas. A língua é capaz de durar, na escrita, infinitamente mais do que na fala (LEITE, 2009, p. 54).

Para além, essa prática de registrar de forma escrita as línguas também atende a necessidades comunitárias de se registrar os fatos do cotidiano ou de se preservar as línguas com risco de serem extintas com o passar do tempo. Muito embora, por outro lado, haja um grande número de línguas que independem da escrita: “até hoje, $\frac{3}{4}$ das línguas do mundo são ágrafas, isto é, não tem forma escrita (só no Brasil são mais de 180)” (BAGNO, 2015, p. 85), como são os exemplos de muitas línguas indígenas do Brasil que não fazem uso desse recurso gráfico para o seu registro linguístico. As línguas de sinais, até bem pouco tempo, década de 1970, conforme Gesser (2009), eram consideradas ágrafas ou sem escrita, uma vez não possuíam uma forma de registro próprio.

Há muitas línguas orais que não possuem uma escrita. Seus usuários talvez não sentiram necessidade dessa representação, ou não conseguiram um sistema que representasse adequadamente suas línguas. As comunidades surdas, não são comunidades isoladas, com uma cultura de língua ágrafa, mas participam da vida urbana e do mundo contemporâneo que é cada vez mais dependente da escrita. As comunidades surdas urbanas precisam de um nível adequado de leitura e escrita compatível com a sociedade em que vivem (STUMPF, 2005, p. 45).

Isso só reforça a ideia de que, embora a escrita seja, sem dúvidas, um valioso instrumento de representação gráfica da língua e o seu papel na sociedade seja inquestionável, há comunidades que, naturalmente, dispensam essa tecnologia de registro em forma de escrita, como já dito anteriormente. Mas, em contrapartida, é justamente essa visão de ausência da escrita que pode gerar sérios conflitos entre sociedades que possuem a escrita e sociedades que não a possuem, em uma suposta relação, nessa ordem, de superioridade e de inferioridade entre esses grupos sociais, pois, como aborda Calvet (2011, p. 131), “a posse da escrita é historicamente uma das formas de poder”. E, em nome desse poder, as sociedades sem escritas sucumbem e se tornam dependentes das sociedades com escrita.

De todo modo, os sistemas escritos de representação das línguas consagraram-se na história da humanidade e fazem parte da comunicação humana, despertando, sobretudo, o interesse de pesquisadores e estudiosos, que buscam compreender o que é, quando e como surgiram, e como se organizam esses sistemas de representações das línguas naturais. Diante de todos esses aspectos

envolvidos no universo da escrita e dos diferentes momentos pelos quais essa tecnologia passou, como veremos adiante, apresentar uma definição fechada para a escrita parece ser um tanto custoso, pois, como afirma Fischer (2009, p. 14), “a escrita tem sido, é e será inúmeras coisas distintas para inúmeros povos distintos em incontáveis épocas diferentes”. Além do mais, também não se pode perder de vista que “a escrita muda à medida que a sociedade se transforma” (FISCHER, 2009, p. 10).

Recorremos ao próprio Fischer (2009) para uma explicação da escrita, já resultante de muitas reflexões e aperfeiçoamentos: “pode-se dizer que se trata da sequência de símbolos padronizados (caracteres, sinais ou componentes de sinais) destinados a reproduzir a fala, o pensamento humano e outras coisas em parte ou integralmente” (p.14). Essa elaborada definição consegue, de certa forma, abarcar toda a completude e diversidade do universo da escrita. E, ao se utilizar da expressão “outras coisas”, a definição se amplia e nos leva a entender a possibilidade do registro e reprodução de elementos até então impensados e diferentes dos tradicionalmente registrados, como, por exemplo, o registro dos sinais das línguas sinalizadas, assunto do próximo capítulo.

Nesse mesmo viés conceitual, Higounet (2003, p. 11) fala de duas condições para que a escrita possa existir. Primeiro, “é preciso inicialmente um conjunto de sinais que possuam um sentido estabelecido de antemão por uma comunidade social e que seja por ela utilizado”. Depois, “é preciso que esses sinais permitam gravar e reproduzir uma frase falada”. A primeira condição logo nos remete à noção de língua apresentada por Saussure (2012, p. 41), o qual diz que a língua, além de “um produto social da faculdade da linguagem”, é “um conjunto de convenções necessárias, adotada pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade no indivíduo”.

Mas essa proximidade se desfaz se levarmos em consideração que a língua, enquanto elemento social, se desenvolve de forma orgânica, em oposição à escrita, que, como igualmente fator social, cultural e identitário, entre outros aspectos, se desenvolve de modo artificial, ou seja, é inventada. Nesse sentido, a escrita, como um artefato artificial pensando para ilustrar, por sua vez, um elemento natural e criado para fins específicos, como visto anteriormente, mostra-se somente como um sistema secundário, uma tentativa de representação, de forma gráfica, da língua. E, mesmo se tratando de mecanismos artificiais, sujeitos a limitações e a interferências

inerentes a criações dessa natureza, especialmente no que dizem respeito às especificidades da língua, os sistemas escritos se consolidaram no mundo.

O surgimento da escrita está intimamente ligado a sua definição. Assim como há um universo de possibilidades para o que vem a ser a escrita, em que ela pode significar muitas coisas para muitos povos, como vimos em Fischer (2009), há várias explicações para o surgimento desse recurso. A história da escrita, referenciada em Fischer (2009) e em Higounet (2003), nos apresenta uma diversidade de interpretações para esse acontecimento. As explicações para a origem da escrita são as mais diversas, indo desde a providência divina, em que se acreditava que a escrita era uma criação de Deus, explicação aceita, inclusive, até hoje por muitas comunidades religiosas, como as de países islâmicos, até a descoberta acidental, na qual se pensava que a escrita surgiu do nada, de uma hora para outra. O certo é que não há unanimidade quanto ao surgimento da escrita.

Em direção contrária a essas razões para o aparecimento da escrita, e independente de onde e de quando ela surgiu, a escrita, tal qual conhecemos hoje, é, sem dúvidas, resultado de um longo processo de mudanças, adaptações e melhorias. Fischer (2009, p. 14), afirma que ela é um “produto de uma longa evolução”, muito embora essa evolução tenha ocorrido igualmente por meios artificiais, assim como se deu com o próprio surgimento da escrita. “Os sistemas de escrita não mudam por si sós num processo natural; são elaborados deliberadamente ou mudados por agentes humanos [...] a fim de atingir uma série e objetivos específicos” (FISCHER, 2009, p. 15).

No percurso histórico de desenvolvimento da escrita, uma explicação comumente aceita para o surgimento dessa ferramenta diz respeito às investidas comunitárias atribuídas aos povos sumérios na criação da escrita por volta da metade do quarto milênio a.C. na região de Uruk. Mas, qualquer que seja a explicação para o aparecimento da escrita, esse surgimento apresenta uma motivação clara, segundo Calvet (2011, p. 122, grifos do autor): “a escrita foi “inventada” por necessidades práticas (fazer contas, redigir contratos, leis) e não por necessidades literárias: numerosas sociedades tiveram durante muito tempo somente uma escrita limitada a esses domínios e uma literatura oral”.

Anterior à consolidação da escrita como um sistema de fato, existiram diversas formas elementares de registro que viabilizaram as anotações escritas das necessidades sociais das comunidades primitivas, especialmente no que se referia a

contextos de comercialização entre os povos, em que se apoiavam nas estratégias mnemônicas para auxiliar o registro e a comunicação das transações mercantis nas questões de contabilidade. Consta em Fischer (2009) algumas dessas formas de registro, a saber, *registro com nós*, *entalhes*, *registro de contas*, *pictografia*, entre outros, os quais serão lembrados a partir de agora.

A técnica do *registro com nós* (Figura 1), usada pelos povos incas, tratava, como o próprio nome sugere, da prática de dar nós em cordas para, assim, registrar as negociações comerciais. A presença ou a ausência do nó, o tipo de nó (nós simples, nós coloridos), a posição e a quantidade de nós eram aspectos valiosos e determinantes para essa forma de registro. Com base em Fischer (2009), eis alguns esclarecimentos sobre essa técnica: os nós eram organizados de forma simples, em uma única corda, ou de forma complexa, com cordas que se vinculavam a outras cordas de categorias superiores; as diferentes mercadorias eram representadas pelos nós coloridos; os nós possuíam valores decimais específicos e a ausência de nós em locais específicos simbolizava a ideia de zero ou vazio.

Figura 1 – Registro com nós



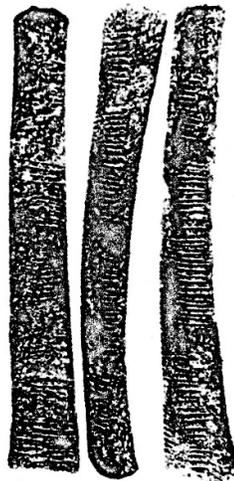
Fonte: Fischer, 2009, p. 16.

Nesse procedimento de *registro com nós*, a posição do nó era decisiva para a contabilização comercial, uma vez que o registro dos valores numéricos das mercadorias se dava, basicamente, pelas diferentes posições dos diversos nós na corda. Essa posição era, inclusive, determinante para a ideia de unidade, dezena e

centena do sistema de numeração decimal, como revela o exemplo dado por Fischer (2009, p. 17): “um nó chuleado sobre dois nós chuleados, sobre um grupo de sete nós, designava o número 127”. Segundo o autor, embora o objetivo dos nós seja a comunicação, “eles não são marcas gráficas artificiais transmitidas numa superfície durável e seu uso não tem relação convencional de articulação da fala” (p. 17), exatamente por se configurar como uma tentativa primitiva do registro escrito.

Outra tentativa de registro que também não se relacionava convencionalmente à fala articulada era a técnica de *entalhar* (Figura 2) que comumente era usada como lembretes, uma vez que possibilitava o armazenamento de informações – funcionando como recurso de auxílio à memória – e, conseqüentemente, a transmissão das ideias armazenadas. Esse recurso ia muito além da prática de realizar cortes na madeira. “Talhos em casca de árvore – assim como pedras colocadas numa tumba, galhos rearranjados sobre um caminho ou um sinal manual em argila sobre uma pedra”, tudo isso compreendia esse procedimento, que também incluía marcações em ossos, segundo Fischer (2009, p. 17). Esses artifícios viabilizavam, entre outras coisas, a anotação de fenômenos naturais, como, por exemplo, os ciclos lunares, permitindo, assim, o registro da percepção humana sobre o mundo a sua volta.

Figura 2 – Entalhes



Fonte: Fischer, 2009, p. 18.

Na mesma direção das duas formas de registros anteriores, o *registro de contas* também não estava convencionalmente ligada à fala articulada, porém, diferentemente do *registro com nós*, era realizado em superfícies duráveis, assim

como a técnica do *entalhe*, mostrando-se perene, como aponta Fischer (2009, p. 21): “embora seu objetivo seja a comunicação, e embora usem “sinais” artificiais sobre suportes duráveis, são apenas entalhes e furos padronizados significando unidades, e não fala articulada”. Esse recurso, como o próprio nome sugere, era empregado para anotar contas de modo abstrato por meio de entalhes com o uso de estilete, em que se aplicava um princípio geral: “quanto maior a soma do pagamento, mais madeira seria entalhada pelo estilete” (FISCHER, 2009, p. 21), um meio prático e de fácil usabilidade, segundo o autor.

A *pictografia* (Figura 3), por sua vez, era a forma de registro baseada em desenhos, que permitiu fazer anotações de modo mais detalhado e com maior riqueza de informações, como mostra o exemplo apresentado por Fischer (2009, p. 20), apoiado em Claiborne (1974): o desenho de “um homem numa canoa e um veado, um homem a pé apontando para um rabisco, e um homem com botas de neve puxando um trenó” significava “estou cruzando o lago para caçar um veado, desviando antes de caçar o próximo veado, e não estarei de volta antes da primavera”. Esse exemplo atesta que a imagem em si transmite uma série de características e particularidades, mas que, para ser compreendida, também é necessário que se conheça a simbologia e o significado dessa representação imagética.

Figura 3 – Pictografia



Fonte: Fischer, 2009, p. 19.

Segundo Fischer (2009), o objetivo do uso dessas imagens era igualmente comunicar, mas, indo além, a técnica de registro com desenhos transmitia “valores fonéticos representando objetos específicos e assim promovendo a identificação com a fala” (p. 20), diferentemente do *registro com nós* e das técnicas de *entalhes*,

os quais não estavam relacionados convencionalmente à fala articulada. Os pictogramas, desenhos da arte pictográfica, além de pintados em paredes, pedras, objetos etc., também podiam ser entalhados nessas superfícies duráveis, o que lhes garantia certa durabilidade no registro das informações guardadas e comunicadas, tal como os procedimentos de entalhes apresentados anteriormente.

Ainda que tratados como formas primitivas de registro, todos esses procedimentos e técnicas evidenciados aqui contribuíram, significativamente, para o registro das necessidades, especialmente as de cunho comercial, das sociedades antigas, e, de um modo mais amplo, para o registro da comunicação humana, com o armazenar e o transmitir de ideias, configurando-se, assim, como propulsores para o desenvolvimento dos sistemas de escritas mais elaborados. A esses sistemas, Fischer (2009) atribui o nome de *escrita completa*. Para ele, uma forma de registro somente seria tratada como um sistema de escrita propriamente dito se atendesse a três requisitos básicos, do contrário seria apenas um registro de forma limitada. São eles:

[...] ter como objetivo a comunicação; [...] consistir de marcações gráficas artificiais feitas numa superfície durável ou eletrônica; [...] usar marcas que se relacionem convencionalmente para articular a fala (o arranjo sistemático de sons vocais significativos) ou uma programação eletrônica, de uma maneira que a comunicação seja alcançada (FISCHER, 2009, p. 14).

Como percebido, as formas de registro mostradas acima não contemplavam todos os requisitos apresentados por Fischer, e, por isso, não eram tratadas como escrita de fato, mostravam-se apenas como modos primitivos da escrita e/ou como escritas incompletas. Mesmo a comunicação sendo o objetivo dessas tentativas de escrita, o que atendia ao primeiro critério, algumas não estavam convencionalmente ligadas à fala articulada, como é o caso das técnicas do *entalhe* e do *registro de contas*, e outras não se realizavam em superfícies duráveis, como acontecia com o procedimento do *registro com nós*.

Com o passar do tempo, as técnicas de registro escrito foram evoluindo, ampliando as suas funções e ficando cada vez mais elaboradas, passando a contemplar, assim, questões anteriormente desconsideradas, como, por exemplo, a relação dos elementos gráficos com a fala articulada, a fim de envolver as especificidades do universo da escrita. O fato é que as tentativas de registrar

sistematicamente as línguas sempre se fizeram presente no curso da humanidade. A prova disso são as mais variadas escritas, desde as mais simples às mais sofisticadas, que existiram, e ainda existem, ao longo da história humana (cf. FISCHER, 2009; HIGOUNET, 2003). Muitas dessas escritas surgiram a partir de empréstimos e/ou adequações de outras escritas já existentes. Conforme Fischer (2009), há muitas formas de se tomar emprestado uma escrita, entre elas podem ser emprestados:

só a ideia da escrita; a ideia da escrita e sua orientação (isto é, linear, da direita para a esquerda, em colunas verticais); o sistema de escrita (logográfico, silábico, alfabético); o sistema de escrita e a própria escrita; partes de um sistema de escrita para enriquecer outro sistema; partes dos caracteres (FISCHER, 2009, p. 60).

Grande parte das escritas que a humanidade tem conhecimento adotaram um ou mais desses elementos para constituírem as suas próprias escritas, como veremos adiante. Nesse movimento de tomada de empréstimo foram necessárias mudanças e adequações para que se atendessem as especificidades linguísticas da nova comunicação a ser registrada. Nessa direção, alguns povos reduziram o número de caractere para simplificar a escrita, outros adicionaram novos signos e eliminaram os considerados desnecessários para as suas línguas, gerando, inclusive, uma classificação específica de escrita: “*sistemas mistos*” (FISCHER, 2009, p. 34, grifos do autor), que é a categoria de escrita que surge da necessidade de adaptar ou converter sistemas de representação já existentes em novos sistemas de escritas. Aqui, destacaremos algumas das escritas existentes no curso da humanidade.

Desenvolvida pelos povos sumérios, na região da Mesopotâmia, a *escrita cuneiforme* (Quadro 1) é considerada a escrita mais antiga da história da humanidade, e, certamente, a forma de escrita mais importante das sociedades antigas. Com a ideia do termo *cuneiforme* – composto pelas palavras latinas *cuneus* e *forma*, que significam, respectivamente, *cunha* e *forma* –, o qual faz referência a uma escrita em forma de cunha, “a escrita cuneiforme era completa e capaz de transmitir “qualquer e todos os pensamentos” [...]” Fischer (2009, p. 49, grifos do autor). Assim, ela serviu, amplamente, de inspiração para a criação de outras escritas de diferentes sociedades, as quais fizeram mudanças ou adaptações, mediante as suas realidades e necessidades linguísticas, da *escrita cuneiforme*.

Quadro 1 – Escrita cuneiforme

	Cuneiforme primitivo	Cuneiforme clássico
<i>cabeça</i>		
<i>mulher</i>		
<i>astro céu deus</i>		
<i>sol dia</i>		
<i>peixe</i>		
<i>boi</i>		

Fonte: Higounet, 2003, p. 35, adaptação nossa.

Essa completude da *escrita cuneiforme* possibilitou que outros povos com línguas e culturas distintas assimilassem a ideia de escrita, como ocorreu com os povos egípcios, conforme veremos adiante, e também adotassem a prática de cunhagem para escrever, muito embora também criassem os seus próprios signos com formas e valores independentes da escrita dos sumérios, como fizeram os povos acadianos. Consta em Fischer (2009) que os povos acadianos fizeram mudanças significativas para escrever o seu idioma nos moldes cuneiformes, uma vez que divergia, tipologicamente, da língua dos sumérios: “o sumério era em grande parte monossílabo e o acádio, polissílabo; o sumério não flexionava o final das palavras e o acádio era muito flexionado” (p. 50), causando, assim, o que seria chamado de *polivalência*, que é quando há um signo com vários valores atribuídos por sociedades distintas.

Dentre outras alterações sofridas pela *escrita cuneiforme*, como consta em Fischer (2009), “os babilônios reduziram o número de signos para cerca de 570” (p. 51), e “os assírios reintroduziram muitos signos arcaicos e criaram maior complexidade, assim impedindo a simplificação” (p. 51). Igualmente, os povos hititas e persas também imprimiram as suas perspectivas a essa escrita. Estes “reduziram a relação de signos cuneiformes para 41” (p. 51) e aqueles “introduziram alguns novos signos silábicos” (p. 52). Os elamitas, com a *escrita proto-elamita*, como veremos mais adiante, também fizeram modificações à *escrita cuneiforme*. Ainda

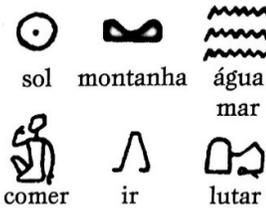
assim, a *escrita cuneiforme* dos sumérios resistia e continuava a ser um recurso que contemplava as necessidades sociais dos povos sumérios.

[...] mais de 75% das 150 mil inscrições cuneiformes reveladas na Mesopotâmia são de registros contábeis e administrativos, e os mais antigos, predominantemente listas de mercadorias, pessoas, pagamentos etc. [...]. Depois, surgiram documentos legais, assim como os textos religiosos e de astronomia, e mesmo tratado de medicina e receitas (FISCHER, 2009, p. 53).

Como visto, a *escrita cuneiforme* era amplamente aplicada em diferentes finalidades e empregada nos mais diversos setores da sociedade suméria. E, mesmo sendo tomada de empréstimos por outros povos e sofrendo várias adaptações, servindo a línguas de outras culturas, como ressaltado, ela conservava as suas especificidades. Conforme Fischer (2009, p. 50), “cada signo cuneiforme é uma construção, então, do simples para o complexo. Embora os signos simples com frequência sejam parte dos signos complexos, seu valor sonoro se perde no processo: o signo gráfico produzido adquire valor próprio”. Com a *escrita cuneiforme*, a direção no registro dos textos mudou, passando a ser horizontalmente, da esquerda para a direita, em vez de verticalmente, da direita para a esquerda.

A *escrita egípcia* (Figura 4), também conhecida como *escrita hieroglífica*, é, por sua vez, uma escrita resultante do empréstimo de outras escritas já consolidadas. Segundo Fischer (2009), a própria “ideia da escrita” foi tomada de empréstimo dos povos sumérios – considerado o berço da escrita, como visto anteriormente – pelos povos egípcios. Muito mais que um sistema de escrita, a *escrita egípcia* constituiu um elemento sagrado para os povos egípcios, os quais a consideravam presente dos deuses. Tal era a dádiva que o surgimento dessa escrita, possivelmente, se deu, conforme Fischer (2009), a partir do movimento social e histórico de unificação do Alto e do Baixo Egito, por volta de 3100 a.C., reforçando, assim o impacto desse sistema de escrita para os egípcios e para a humanidade como um todo.

Figura 4 – Escrita egípcia



Fonte: Higounet, 2003, p. 39.

“Os hieróglifos egípcios constituem talvez o sistema de escrita mais belo, pelo menos na percepção atual. A maior parte das escritas e sistemas de escrita é funcional, não bonita” (FISCHER, 2009, p. 40). Essa beleza fez com que, para além de um sistema de escrita, os hieróglifos egípcios fossem usados também como recursos decorativos na sociedade egípcia. Conforme Fischer (2009), essa escrita era constituída por cerca de 2.500 sinais, com somente 500 em uso regular. E a noção de direcionalidade dessa escrita, de modo linear e em sequência, foi, igualmente, inspirada na escrita dos sumérios. De modo particular, os hieróglifos egípcios poderiam ser lidos de duas formas: da direita para a esquerda, a direção padrão, ou da esquerda para a direita, em caso de haver razões especiais para a direção contrária, como para facilitar a leitura, em respeito ao rei, por questões de simetria artística, entre outros. Baseado em Davies (1987), Fischer (2009, p. 38) apresenta os estágios textuais da *escrita egípcia*:

Egípcio antigo, idioma do Velho Reino (c.2650-2135 a.C.), quando os primeiros textos contínuos surgiram; Egito médio, o estágio “clássico” egípcio (c.2135-1785 a.C.); Egito tardio, em particular os documentos seculares do período de Ramesside (c.1300-1080 a.C.); Demótico (c.700 a.C. a século V a.C), a escrita usada para a linguagem vernacular também chamada Demótica; e a escrita cóptica separada, na maior parte derivada do grego, o único estágio conhecido em que o Egito teve dois dialetos, o Sa'idic e o Bohairic.

Vinculado a esses momentos sócio-históricos dos povos egípcios, a *escrita egípcia*, ao longo da sua existência, viabilizou a aparição de outras quatro escritas: hieroglífica, hierática, demótica e cóptica, cada uma para uso distinto. Consoante Fischer (2009), baseado em Ritner (1987), essas escritas eram diferentes, mas se interligavam e atuavam de forma complementar. Assim, a escrita hieroglífica era empregada na produção de textos e de inscrições, e usadas em cerimoniais, rituais e propagandas, mas requeria muito tempo para ser realizada; a escrita hierática,

uma simplificação cursiva da escrita hieroglífica, era a escrita mais comum, empregada para fins administrativos e comerciais e nas correspondências; a escrita demótica, também chamada de escrita popular ou escrita do povo, igualmente se originou da escrita hieroglífica, e, na forma abreviada e cursiva, substituiu a escrita hierática; e a escrita cóptica, o último tipo de *escrita egípcia*, que substituiu a escrita demótica no uso dia a dia, a partir de influências da escrita alfabética grega.

Igualmente originada de escritas já existentes, da escrita dos sumérios, para ser mais precisa, a *escrita proto-elamita* (Figura 5), dos povos elamitas, do sudoeste do Irã, no Golfo Pérsico, datada de c.3000 a.C., também resultou de alterações na escrita cuneiforme para adequar às especificidades linguísticas desses povos: “reduziram para 113 sinais cuneiformes diferentes, lidos na maior parte com valores sumério-acadianos; alguns tinham um novo valor elamita” (FISCHER, 2009, p. 52). Mesmo assim, a *escrita proto-elamita* ainda é considerada uma escrita indecifrada, segundo Fischer (2009). Essa escrita era empregada, primordialmente, para fins de contabilidade da produção agrícola da civilização elamita, assim, era usada para registrar negociações comerciais, como as anotações de pagamentos de impostos por animais e da divisão de sementes de milho. Pouco se tem conhecimento sobre a sistematização dessa escrita no registro de textos, os quais eram escritos horizontalmente, da direita para a esquerda, e lidos de cima para baixo: “parece que cada texto começa introduzindo um objetivo, depois apontando a pessoa efetiva ou instituição. [...]. O texto conclui com uma anotação numérica no estilo sumério (FISCHER, 2009, p. 55). Há notícias que a *escrita proto-elamita* tenha inspirado a escrita elamita linear, mas pouco se sabe dessa relação, na verdade, pouco se tem conhecimento da *escrita proto-elamita* como um todo.

Figura 5 – Escrita proto-elamita



Fonte: Fischer, 2009, p. 55.

Tal como a *escrita proto-elamita*, a *escrita do vale do Rio Indo* (Figura 6) também ainda é considerada uma escrita indecifrada, mas, de acordo com Fischer (2009), os sinais que compõe essa escrita possuem mais semelhanças com a *escrita proto-elamita*, certamente também influenciada pela mesma escrita que inspirou a *escrita do vale do Rio Indo*, do que com os hieróglifos da *escrita egípcia* ou com a *escrita cuneiforme* da Mesopotâmia, adotando, igualmente o direcionalidade da direita para a esquerda para guiar o registro escrito. “No entanto, algumas das inscrições mais longas eram bustrofédicas – “como a aração com junta de bois”, mudando de direção a cada linha” (FISCHER, 2009, p. 58, grifo do autor). Assim como as outras escritas mostradas, a *escrita do vale do Rio Indo* também era empregada, especialmente, para fins comerciais, no registro das mercadorias, além de ser usada nas anotações dos nomes próprios e das posições oficiais, e estava ligada à elite governante e religiosa e aos mercadores dos importantes centros do Vale do Indo, como costa em Fischer (2009).

Figura 6 – Escrita do vale do Rio Indo



Fonte: Fischer, 2009, p. 57.

A *escrita chinesa* (Figura 7), por seu turno, por vezes considerada, pela história da escrita, o lugar de nascimento da escrita: “para alguns, as mais antigas “escritas” foram encontradas na China, datando de cerca de 4000 a.C” (FISCHER, 2009, p. 24), é uma escrita conservadora e de longa tradição e empregada até os dias de hoje por um número significativo de povos, “um quinto da população do globo” (HIGOUNET, 2003, p. 48). A sua origem, assim como a própria origem da escrita, não é unânime. Com base em Higounet (2003), há quem acredite que a *escrita chinesa* advém de providência divina ou de ações de lendários imperadores e seus secretários; outros dizem que ela é resultado de influências da civilização sumero-acádica, ou simplesmente surgiu de modo autônomo. Independente da explicação para o seu surgimento, a *escrita chinesa* se manteve unificada entre o

seu povo, passando, inclusive, a ser empregada por outros povos, como os coreanos, os japoneses e os vietnamitas, os quais, conservando grande parte dessa escrita, fizeram pequenos acréscimos ou adaptações a fim de adequar às necessidades de suas línguas.

Figura 7 – Escrita chinesa



Fonte: Higounet, 2003, p. 49.

A *escrita chinesa* é uma escrita um tanto particular e cheia de regras. Nela, “todas as palavras chinesas são monossílabas; não estão sujeitas a nenhuma adjunção de prefixo ou de sufixo; podem ser empregadas tanto como substantivos e adjetivos quanto verbos” (HIGOUNET, 2003, p. 48). Nesse sentido, as palavras chinesas não podem ser decompostas, e, sem prefixos e sufixos, as novas palavras se dão a partir de *agregado lógico*, “combinação de dois ou três caracteres para exprimir uma nova ideia” (HIGOUNET, 2003, p. 51), como acontece com a justaposição de dois sinais de *mulher* para significar *discussão*, recurso igualmente utilizado pelos povos sumérios. A justaposição de palavras também é empregada na formação de frases, em que a função gramatical de cada palavra é definida pela posição ocupada. Essa rigorosidade se estendeu à disposição gráfica. De acordo com Higounet (2003, p. 50), os caracteres estão dispostos em colunas de alto a baixo, começando pela direita. Cada caractere deve se inscrever em um quadrado ideal, com o mesmo módulo, de uma ponta outra do texto, os traços devem ser muito exatamente bem desenhados neles, para evitar confusões.

Ao longo da história da escrita, entre as formas primitivas de escrita e as escritas propriamente dita, as civilizações fizeram uso de diferentes materiais, instrumentos e suportes duráveis e não duráveis para viabilizar o registro da língua e a comunicação das informações. “Do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte ou, como se diz, sobre um registro “material subjetivo”, com auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba [...]” (HIGOUNET, 2003, p. 15). A escolha desses suportes e instrumentos refletia, por sua vez, as condições físicas, sociais e intelectuais que os povos dispunham de acordo com os costumes de cada período da história da escrita.

Assim, algumas sociedades adotaram recursos e materiais menos elaborados, como, por exemplo, o nós em cordas, empregado na técnica do *registro com nós*, e os entalhes e os furos feitos com estiletes em casca de árvore e madeiras, utilizados na técnica de *entalhar*, ambas as técnicas evidenciadas anteriormente. Com o passar dos tempos, os materiais e recursos adotados passaram por mudanças, acompanhando, inclusive, a própria evolução da escrita, e os povos começaram a utilizar outros recursos, como a tinta e outros produtos para colorir e pinceis destinados a produção de desenho e pinturas em paredes, pedras, objetos etc. Após, surgiram técnicas de registro mais sofisticadas que exigiram instrumentos e suportes também mais elaborados a fim de tornar ágio o processo de escrever, como o pincel, o papiro, o pergaminho e, posteriormente, o papel, com o aparecimento da imprensa, os quais possibilitaram a inscrição de caracteres e de elementos tipográficos, como letras e números. Só depois, com as invenções tecnológicas, é que surgiram os suportes computadores e afins. O fato é que cada sociedade, diante do seu contexto histórico-social, adotou suportes, instrumentos e materiais variados no registro escrito de suas línguas.

A sistematização da escrita tal como conhecemos e empregamos, uma escrita de base fonético-alfabética, em que usamos caracteres específicos para representar os sons, nem sempre se mostrou do modo como se aparece nos dias de hoje, pelo contrário, essa sistematização passou por algumas etapas ao longo dos tempos, evoluindo até atingir a sua configuração atual. Anterior ao registro dos sons, registravam-se as palavras e, mais remotamente, as ideias. A história da escrita, narrada por Higounet (2003), apresenta a evolução da classificação da escrita em três grandes categorias fundamentais: *sintética*, *analítica* e *fonética*, as quais serão descritas em seguida. Tanto as tentativas primitivas de escrita como as escritas

propriamente dita existentes no curso da humanidade, ambas já ressaltadas anteriormente, podem ser identificadas como estando em algumas dessas três etapas da escrita. Isso significa que, a depender das condições materiais, sociais e intelectuais, as diferentes formas de registro das diversas civilizações situavam-se em um estágio específico da escrita, aquele que mais se adequava à realidade e necessidades do grupo social.

A *escrita sintética* ou, pelo termo alemão *Ideenschrift*, escrita de ideias, também tratada como *escrita ideográfica*, está ligada às primeiras tentativas de representação gráfica, imagética, ou, de outro modo, da língua e do pensamento humano. “[...] o estágio mais elementar da escrita é aquele em que um sinal ou um grupo de sinais serviu para sugerir uma frase inteira ou as ideias contidas numa frase” (HIGOUNET, 2003, p. 13). Nesse estágio da escrita, as sociedades primitivas faziam uso de sinais, com imagens, desenhos e objetos, para simbolizar as ideias a serem comunicadas e, assim, estabelecer interação entre os seus pares. “Algo que se assemelha a rudimentos de escrita; eles exprimem, se não uma ideia, pelo menos um desejo” (HIGOUNET, 2003, p. 12). As formas elementares de registro ressaltadas anteriormente, *registro com nós* e *registro de contas*, por exemplo, tinham essa finalidade de manifestar um desejo, uma ideia, ainda que de cunho mercantil. As pinturas rupestres dos sítios pré-históricos e os desenhos nas pedras e grutas também apresentavam pretensões semelhantes. Isso nos leva à máxima de Gelb (1963), referenciada em Fischer (2009, p. 24): “na base de toda escrita existe uma imagem”. A etapa sintética da escrita representou um momento em que as civilizações antigas dispunham de poucas condições físicas e intelectuais para desenvolver escritas mais sofisticadas.

Após a notação de ideias, com a categoria sintética da escrita, veio o estágio da notação de palavras, com o tipo de escrita analítico. Na *escrita analítica* ou, pelo termo alemão *Wortschrift*, escrita de palavras, “cada sinal passou a servir para notar uma palavra” (HIGOUNET, 2003, p. 14). Isso significa dizer que as frases, anteriormente registrada por somente um sinal, passam a ser decompostas em elementos menores, isto é, em palavras, em que cada palavra é registrada por um sinal. Para Higounet (2003, p. 14), “a passagem da escrita sintética para essa nova notação deve ter sido bastante complicada, pois é bastante difícil isolar a palavra falada da frase; mas foi exatamente nesse estágio que a escrita nasceu”. As palavras fora da frase poderiam, por exemplo, gerar dúvida quanto ao significado

pretendido, entretanto, esse foi o custo em prol do avanço em direção ao aperfeiçoamento da escrita. As escritas desenvolvidas pelos povos sumérios, egípcios e chineses, tratadas mais acima, são exemplos de escritas desse momento analítico da escrita. São civilizações com melhores condições para pensar em escritas mais aprimoradas em relação às formas primitivas de escrita.

Por fim, depois da notação de palavras, viabilizada pela etapa da *escrita analítica*, os sistemas de escritas evoluíram para, finalmente, possibilitar a notação dos sons das línguas humanas, com o estágio fonético da escrita, tal como utilizamos na atualidade. “As palavras deixam de ser desenhos completos ou sílabas *in-di-vi-du-ais*, mas seqüências gráficas de sinais sonoros transmitindo pontos de articulação separados” (FISCHER, 2009, p. 76). Na *escrita fonética*, “o homem enfim passou à notação dos sons” (HIGOUNET, 2003, p. 14). O registro das ideias por meio dos sinais na *escrita sintética* e o registro das palavras na *escrita analítica* exigiam uma notável capacidade de memorizar o grande número de sinais e de palavras desses sistemas de escrita.

Higounet (2003, p. 14) diz que, “se fizermos a notação apenas dos elementos fonéticos que constituem as palavras, obteremos um material gráfico infinitamente mais restrito”. Nessa perspectiva, a *escrita fonética*, seja na subcategoria *silábica*, com um único símbolo por sílaba, seja na subcategoria *alfabética*, com um símbolo distinto para cada vogal e consoante, se mostrou mais viável e econômica para o registro das línguas. Tal foi essa praticidade que a sistematização da *escrita fonética* foi amplamente adotada por diferentes povos, entre fenícios, gregos e latinos, os quais, por sua vez, influenciaram a forma de escrever de grande parte das línguas na contemporaneidade.

As escritas de tipo alfabético (tanto quanto as escritas silábicas) poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cujo intuito original – e primordial – é representar as diferenças entre os significantes. Ao contrário, as escritas de tipo ideográfico poderiam ser caracterizadas como sistemas de representação cuja intenção primeira – e primordial – é representar diferenças nos significados (FERREIRO, 2001, p.13).

Essa é uma associação interessante e estabelece uma relação direta entre duas categorias da escrita – *fonética* e *sintética* – e os componentes do *signo linguístico* saussuriano. Sumariamente, com base em Saussure (2012), *significante*

e significado formam o signo linguístico. O primeiro é a *imagem acústica*, que “não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (*empreinte*) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho dos nossos sentidos” (p. 106), e o segundo é o *conceito* do signo, ou seja, o próprio significado. Como vimos, no estágio da *escrita sintética* (ideográfica), o foco era o registro das ideias, isto é, do conceito, e, portanto, do *significado*, enquanto que no estágio da *escrita fonética* (*alfabética* e *silábica*) o foco era o registro do som (representação mental do som, em termos saussurianos), e, portanto, do *significante*.

Cada estágio do processo de evolução da escrita esteve ligado a contextos sociais distintos. E, independente da categoria de escrita adotada, as civilizações optaram pela sistematização que mais se adequasse as suas necessidades linguísticas em um momento histórico específico. Com os diferentes alfabetos criados por povos diversos para viabilizar o registro escrito de suas línguas não foi diferente. Assim como as várias escritas existentes, muitos alfabetos surgiram a partir de empréstimos e/ou adequações de outros alfabetos já existentes. E, nessa de tomada de empréstimo, foram necessárias mudanças e adaptações, entre eliminação ou adição de caracteres, para que, assim, se conseguisse atender às especificidades da língua a ser registrada, como nos diz Fischer (2009, p. 76): “o mesmo alfabeto pode ser compartilhado por muitas línguas, pois é facilmente adaptável, acrescentando um pequeno número de marcas, pontos e sinais extras às letras existentes”. Ele acrescenta:

Um alfabeto não é um “degrau mais alto” na “evolução” da escrita, mas meramente outro método de reproduzir a fala. O fato é que empregar um alfabeto é estaticamente mais eficiente para a maioria das línguas do que os hieróglifos egípcios, as sílabas cuneiformes mesopotâmicas ou os caracteres chineses (FISCHER, 2009, p. 76, grifos do autor).

De origem latina, a palavra *alfabeto* vem de *alphabetum*, que, por sua vez, é composta pelos termos *alpha* e *beta*, nomes das duas primeiras letras do alfabeto grego. “O alfabeto pode ser definido como um sistema de sinais que exprimem os sons elementares da linguagem” (HIGOUNET, 2003, p. 59). Nesse sistema, cada sinal faz a notação de apenas um elemento sonoro, seja ele um som consonantal ou um som vocálico. O alfabeto, tal como temos conhecimento e usamos, um alfabeto fonético composto por consoantes e vogais, os quais representam os sons da

língua, nem sempre se mostrou do modo como aparece nos dias de hoje, assim como a sistematização da escrita em si, pelo contrário, existiram diferentes tipos alfabetos ao longo da história da humanidade, como o *alfabeto egípcio*, o *alfabeto fenício*, o *alfabeto grego*, o *alfabeto latino*, entre outros.

A história da escrita atribui aos povos egípcios a responsabilidade pela elaboração do primeiro alfabeto, há mais de quatro mil anos. “Nem gregos nem fenícios “criaram” o alfabeto como então muitos afirmam. Os egípcios *destilaram* o alfabeto do seu sistema hieroglífico, que, até o terceiro a.C., usou “letras” consoantes para fazer sons revelarem palavras” (FISCHER, 2009, p. 78, grifos do autor). Esse primeiro alfabeto era unicamente consonantal, em que se valorizavam apenas as consoantes para serem escritas e se desconsideravam as vogais, por isso ficou conhecido como *antigo alfabeto consonantal egípcio* (Quadro 2). A explicação para isso envolve questões morfológicas específicas da língua egípcia, a qual priorizava as consoantes na formação das palavras. Conforme Fischer (2009), esse alfabeto, por muito tempo, somente era usado em combinações com os hieroglíficos, além de também existirem muitas redundâncias e polivalências, o que tornava o seu emprego extremamente complicado. Com o tempo, os escribas egípcios passaram a escrever usando somente o alfabeto consonantal egípcio, e nada mais.

Quadro 2 – Alfabeto egípcio

Sinais	Transcrição/Sentido	Som
	ʒ abutre	pausa glotal
	i junco florido	I
	y dois juncos floridos	Y
	y traços oblíquos	Y
	· braço e mão	'ayin semítico
	w codorna	W
	w cursiva de	W
	b pé	B
	p esteira	P
	f cobra venenosa	F
	m coruja	M
	n água	N
	r boca	R
	h abrigo de juncos	H
	h linho torcido	H (ligeiramente gutural)
	h peneira (?)	KH (como loch em escocês)
	h abdômen de animal	KH (suave)
	s tranca da porta	S
	s roupa dobrada	S
	š tanque	SH
	k colina	Q
	k cesta com alça	K
	g suporte de jarra (?)	G
	t pão	T
	t corda	CH (como em "tchau")
	d mão	D
	d cobra	J

Fonte: Fischer, 2009, p. 39.

Tal como o *alfabeto egípcio*, o *alfabeto fenício* (Quadro 3) também era considerado um alfabeto consonantal, o *alfabeto consonantal semita dos fenícios*. De acordo com Fischer (2009, p. 82), esse alfabeto é resultado da transformação feitas pelos fenícios do alfabeto pictográfico de seus ancestrais cananeus da Idade do Bronze em um alfabeto não-pictórico eficiente, tornando-se, portanto, um alfabeto usado por cerca de mil anos e que inspirou várias outras línguas semitas. Considerado um alfabeto consonantal simplificado, tendo em vista que a língua fenícia já havia abandonado vários fonemas consonantais, o alfabeto dos fenícios, tanto o *alfabeto fenício arcaico* quanto o *alfabeto fenício clássico*, possuía apenas vinte e duas letras e a ordem e os nomes do abecedário fenício foram, inclusive, conservados pelo alfabeto hebraico (HIGOUNET, 2003).

A opinião longamente admitida é que esses nomes derivam da forma dos objetos representados originalmente pelos sinais. Em alguns casos, por exemplo o do *alef*, que parece reproduzir uma cabeça de boi, ou o do *ain*, cuja a forma lembra a de um olho, o desenho corresponde ao nome da letra (HIGOUNET, 2003, p. 68, grifos do autor).

No *alfabeto fenício clássico*, as formas das letras gravadas eram apenas um pouco mais angulosas e mais delgadas que no *alfabeto fenício arcaico*. Havia uma forma cursiva, traçada a tinta em argila ou papiro, com caracteres mais flexíveis, mais alongados e traços continuamente (HIGOUNET, 2003). Segundo Fischer (2009), a escrita com o *alfabeto fenício*, inicialmente, apresentava uma direção instável, podendo ser da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, ou mudando de direção a cada linha. Só depois passou a ser exclusivamente da direita para a esquerda, em linhas horizontais, mas ainda sem a indicação de vogal. Com a evolução da língua fenícia para a língua púnica, usada pelos descendentes colonizadores fenícios, houve, com base no alfabeto latino dominante no mediterrâneo, a eliminação dos componentes laríngeos das letras consonantais *'alep*, *'ayin*, *hē* e *hēt*, usando o que restou, como vogais inseridas entre consoantes, dando, assim, uma nova dimensão à língua semita, que, tradicionalmente, reconhecia somente as consoantes (FISCHER, 2009).

Quadro 3 – Alfabeto fenício

Valor	Abiram	Mesa	Clássico
'(a)	𐤀	𐤁	𐤂
b	𐤃	𐤄	𐤅
g	𐤆	𐤇	𐤈
d	𐤉	𐤊	𐤋
h (é)	𐤌	𐤍	𐤎
w	𐤏	𐤐	𐤑
z	𐤒	𐤓	𐤔
h	𐤕	𐤖	𐤗
t	𐤘	𐤙	𐤚
y	𐤛	𐤜	𐤝
k	𐤞	𐤟	𐤠
l	𐤡	𐤢	𐤣
m	𐤤	𐤥	𐤦
n	𐤧	𐤨	𐤩
s	𐤫	𐤬	𐤭
'(o)	𐤮	𐤯	𐤰
p (f)	𐤱	𐤲	𐤳
s		𐤴	𐤵
k		𐤶	𐤷
r	𐤸	𐤹	𐤺
g	𐤻	𐤼	𐤽
t	𐤾	𐤿	𐥀

Fonte: Higounet, 2003, p. 67.

O *alfabeto fenício* também serviu de inspiração para os gregos desenvolverem seu alfabeto, o *alfabeto grego* (Quadro 4). “Embora a data exata de quando se deu o empréstimo dos gregos do alfabeto fenício seja desconhecida, há

um consenso entre classicistas de que teria ocorrido por volta do século X a.C., e no mais tardar por volta de 850 a.C.” (FISCHER, 2009, p. 110). Com esse empréstimo, foram incorporados ao *alfabeto grego* alguns elementos do *alfabeto fenício*, como o mesmo esquema e sinais dos fenícios, as formas primitivas de quase todas as letras, e a própria ordem e nomes das letras. A proximidade entre esses dois alfabetos foi tão grande que os próprios gregos antigos chamavam o *alfabeto grego* de “*Phoinikia Grámmata*” ou seja “letras fenícias” (HIGOUNET, 2003, p. 87) ou “escrita fenícia” (FISCHER, 2009, p. 83).

Os gregos chegaram a adotar nomes do antigo fenício para cada sinal, e em suas seqüências semitas tradicionais também – ‘*ālep, bēt, gīmel, dālet* etc. – mas com pronúncia grega – *alpha, beta, gamma, delta*. O significado de cada nome não era importante. Bastava que fossem os nomes das letras. (FISCHER, 2009, p. 112, grifos do autor).

Por outro lado, esses empréstimos deram origem a uma série de insatisfações entre alguns autores gregos, que rebateram a inserção de elementos do *alfabeto fenício* no *alfabeto grego*. Por isso os gregos tiveram que adaptar o sistema de notação semítica (*alfabeto fenício*) às particularidades de sua língua. Essa adaptação não foi feita de uma só vez, mas por várias tentativas, para que assim pudessem considerar os três principais grupos de alfabeto que compreendiam a antiga escrita alfabética grega: alfabetos arcaicos de Creta, Tera e Melos; alfabetos orientais do Egeu, Ática e da costa ocidental da Ásia Menor; e alfabetos ocidentais da Grécia ocidental e as colônias da Sicília (FISCHER, 2009, p. 115). De todo modo “os gregos atribuíam a introdução do alfabeto a Cadmo, o legendário fundador de Tebas, que teria trazido da fenícia dezesseis letras; depois, Palamedes teria acrescentado a elas quatro letras durante a guerra de Troia, e o poeta Simônides de Céos, quatro outras, mais tarde” (HIGOUNET, 2003, p. 87).

Quadro 4 – Alfabeto grego

	Fenício	grego arcaico	grego clássico	
α	𐤀	Α	Α	a
β	𐤁	Β	Β	b
γ	𐤂	Γ	Γ	g
δ	𐤃	Δ	Δ	d
ε	𐤄	Ε	Ε	e
ζ	𐤅	Ζ	Ζ	z
η	𐤆	Η	Η	h
θ	𐤇	Θ	Θ	th
ι	𐤈	Ι	Ι	i
κ	𐤉	Κ	Κ	k
λ	𐤊	Λ	Λ	l
μ	𐤋	Μ	Μ	m
ν	𐤌	Ν	Ν	n
ξ	𐤍	Ξ	Ξ	x
ο	𐤎	Ο	Ο	o
π	𐤏	Π	Π	p
ρ	𐤐	Ρ	Ρ	r
σ	𐤑	Σ	Σ	s
τ	𐤒	Τ	Τ	t
υ	𐤓	Υ	Υ	u
φ	𐤔	Φ	Φ	ph
χ	𐤕	Χ	Χ	kh
ψ	𐤖	Ψ	Ψ	ps
ω	𐤗	Ω	Ω	o

Fonte: Higounet, 2003, p. 86, adaptação nossa.

Assim, o *alfabeto grego clássico* passou a ser composto por vinte e quatro letras, entre consoantes e vogais, uma novidade que fez com que esse alfabeto se tornasse o ponto de partida de todos os alfabetos europeus modernos criados posteriormente. “Foram os gregos os primeiros a ter a ideia da notação integral e rigorosa das vogais” (HIGOUNET, 2003, p. 87), ideia reforçada por Fischer (2009, p. 111): “os gregos foram os primeiros na história a representarem sistemática e consistentemente fonemas vocálicos”, pois “a fonologia semita – sistemas de sons significativos de uma língua – era muito diferente da grega. Todas as palavras fenícias começaram com consoantes, mas muitas palavras gregas começam com vogal” (FISCHER, 2009, p. 113). Higounet (2003) esclarece:

Em grego, a notação da frase não pode dispensar as vogais como nas línguas semíticas. Com efeito, nas línguas semíticas, a posição da palavra indica a sua categoria e sua função e, portanto, sua vocalização. Em grego, são as desinências que desempenham essa função; por isso era preciso fixa-las com precisão (HIGOUNET, 2003, p. 89).

Com essa necessidade de as vogais acompanharem as consoantes na escrita das palavras, os gregos possibilitaram a reprodução da fala de forma mais aproximada em relação a outros sistemas alfabéticos, pois com esse alfabeto foi possível viabilizar o registro de todos os sons relevantes de uma língua. Assim, o

alfabeto grego se tornou um parâmetro de alfabeto completo, com vogais e consoantes, inspirando, inclusive, povos não-gregos a elaborarem os seus próprios alfabetos. Como a motivação para o alfabeto grego veio do *alfabeto fenício*, os primeiros registros se deram na direção da direita para a esquerda, ou alternando a direção a cada língua. Só posteriormente é que, invariavelmente, na direção da esquerda para a direita, em linhas sucessivas (HIGOUNET, 2003; FISCHER, 2009). O certo é que o *alfabeto grego moderno*, com mais de dois mil anos, ainda continua vivo.

Sobre o *alfabeto latino* (Figura 8), por sua vez, não restam dúvidas, na história da escrita, de que ele foi derivado do *alfabeto grego*. Inclusive, é considerado, juntamente com o alfabeto cirílico, “neto” do *alfabeto grego* (FISCHER, 2009, p. 177). De acordo com Higounet (2003, p. 105), “o alfabeto latino é, definitivamente, um alfabeto grego ocidental transformado, por uma forte influência etrusca, em um dos alfabetos itálicos”. Tanta é proximidade entre esses dois alfabetos que ao se referir ao *alfabeto latino*, automaticamente o *alfabeto grego* é citado, e vice-versa, em uma relação de semelhanças e diferenças e de influências mútuas. Apesar dessa aproximação, o *alfabeto latino* e o *alfabeto grego* apresentam algumas diferenças significativas: “as diferenças de formas entre o alfabeto grego e o alfabeto latino provêm, em todo caso, da origem oriental daquele e da origem ocidental deste” (HIGOUNET, 2003, p. 104).

Das consoantes gregas aspiradas, *j*, *y*, *q*, que não eram mais empregadas, o latim fez, [...], sinais de numeração. Por outro lado, uma variante do *c*, o *g*, apareceu no século III para notar a diferença entre essas duas guturais surda e sonora, e a obrigação de transcrever palavras gregas levou a adotar, por volta da época de Cícero, diretamente do alfabeto jônico dessa vez, os sinais *y* e *z*, que foram acrescentados ao fim do alfabeto. Na escrita, por fim, não se distinguem *i* e *u* vogais de *i* e *u* consoantes (HIGOUNET, 2003, p. 104, grifos do autor).

Por conta dessas diferenças entre o latim e o grego, houve a necessidade de adaptações para que as particularidades do latim fossem acomodadas no *alfabeto latino*. Assim, com esses ajustes, o alfabeto latino surgiu, no século I a.C., completamente constituído, com as suas vinte e três letras (HIGOUNET, 2003). Além, outras especificidades eram encontradas no *alfabeto latino*: “as vogais em latim não recebiam indicações de duração: cada A, E, I, O e V podia ser tanto curto

quanto longo, dependendo do contexto. As letras I e V também eram usadas para designar as semi-vogais /j/ (que tem o som de *y*) e /w/” (FISCHER, 2009, p. 127). Porém tanto a escrita do *alfabeto latino* quanto a escrita do *alfabeto grego* eram feitas em maiúsculas, a partir dos tipos capitulares e as unciais. Nas capitulares, eram usados traços angulares para evitar curvas, sendo o modo padrão para momentos formais, já nas unciais, eram permitidas curvas e formas arredondadas, consideradas o modo popular, do cotidiano (FISCHER, 2009).

Além dessa proximidade com o *alfabeto grego*, o *alfabeto latino*, por outro lado, também sofreu forte influências da escrita dos etruscos, tomando emprestado elementos do alfabeto etrusco, como consta em Fischer (2009, p. 127-128): “no século III a.C., o diretor de uma escola particular romana, [...], observou que o alfabeto romano precisava de um /g/, então ele pegou o C etrusco e colocou-lhe um gancho – G – para complementar o alfabeto com esse som”, realçando, assim, o contraste entre os sons surdo (C) e sonoro (G). Embora haja essa relação próxima entre o *alfabeto latino* e o etrusco, também existiram diferenças significativas entre os dois, como no uso das letras C, K e Q: os romanos empregaram as letras C, K e Q no lugar de três diferentes letras do alfabeto etrusco para /k/ - o K era usado somente nas palavras arcaicas especiais; o C, de uso sonoros, para nomes específicos; e o Q apenas como som especial em /kw/, quando /k/ vinha antes de /u/, escrevendo então QV (hoje transformado em QU-) (FISCHER, 2009, p. 127).

Figura 8 – Alfabeto latino arcaico

A(B)CDEFFBIKLMNNOPOPSTVY+

a (b) c d e f h i k l m n o p q r s t u v x

Fonte: Higounet, 2003, p. 104.

Assim, o *alfabeto latino* foi cada vez mais se consolidando e ganhando espaço entre os diferentes povos, ficando no lugar de muitos alfabetos existentes ao longo da história da escrita. Desse modo, passou a ser considerado a forma oficial empregada no ocidente, ao lado do *alfabeto grego*, empregado o oriente. O alfabeto latino, de fato, teve um importante papel na sociedade ocidental, pois, além de se tornar o instrumento de divulgação de uma das mais importantes religiões do mundo, o cristianismo, se tornou fonte de inspiração para muitos outros alfabetos do mundo, inclusive para o que usamos na atualidade, Consta em Fischer (2009, p. 133) que “o alfabeto latino, primeiro por causa do cristianismo, depois por causa da

colonização, e, em seguida, da globalização, continuou se espalhando para mais línguas do que qualquer outra escrita antes ou depois”.

Por tudo isso, o caminho percorrido pela escrita até a atualidade, uma escrita alfabética, com vogais escritas entre consoantes, da qual nos servimos até hoje, nos mostra o caráter versátil da escrita, que, a depender do contexto temporal e do ambiente, se adapta –com empréstimos, mudanças, acréscimos ou remoções de elementos – imediatamente às necessidades particulares da língua a ser escrita. Assim, para Dehaene (2012, p. 48), “o papel da escrita não se limita ao registro da realização dos fonemas. [...] não visa a reconstruir a fala tal como a pronunciamos, mas, sobretudo, a codificá-la num nível mais abstrato, a fim de que possamos facilmente recuperar as palavras e o sentido”. Essa perspectiva mais abrangente da escrita pode ser estendida aos sistemas de notação e de escrita de sinais, os quais serão apresentados a seguir, por serem instrumentos que buscam recuperar os *sinais* e o *sentido*, especialmente.

3 SISTEMAS DE NOTAÇÃO E DE ESCRITA DE SINAIS

Embora a história da escrita esteja, primordialmente, ligada ao registro de línguas orais, o igual desejo de se registrar as línguas de sinais de forma sistemática, e não apenas por meio do registro dessas línguas em vídeos ou imagens, fez com que surgissem, por parte dos estudiosos e pesquisadores (surdos/visuais e ouvintes/não surdos), diversas propostas de representação gráfica para o registro escrito dos signos linguísticos das línguas de sinais, seja a partir dos *sistemas de notação* de sinais, também chamados de *sistemas de transcrição*, seja a partir dos *sistemas de escrita* de sinais. Por conta da natureza linguística das línguas de sinais, enquanto línguas visuoespaciais e tridimensionais, o desafio era desenvolver modos sistemáticos de registro de sinais que captassem, no papel ou em sistemas de computadores, os elementos empregados na sinalização com todas as suas particularidades.

A diferença entre *sistemas de notação* e *sistemas de escrita* é, por vezes, deixada de lado no âmbito do registro escrito das línguas de sinais, e esses campos passam a ser tratados como sinônimos, todavia, de forma equivocada. O que diferencia, primordialmente, os sistemas de notação dos sistemas de escrita são a complexidade e o uso desses sistemas no registro dos sinais (MENDES, 2020). Da forma como foram projetados e como são tratados academicamente, os sistemas de notação apresentam uma complexidade maior que os sistemas de escrita, uma vez que foram pensados para viabilizar o registro dos sinais nas investigações acadêmico-científicas, em oposição aos sistemas de escrita, que, de forma, aparentemente, mais simples, foram idealizados para o emprego no dia a dia de atividades de leitura e de escrita.

Nos últimos tempos, vários *sistemas de notação* e *sistemas de escrita* diferentes foram desenvolvidos ao redor do mundo para viabilizar o registro codificado dos sinais, e, desse modo, o armazenamento das informações sinalizadas. Alguns desses sistemas foram idealizados para o registro de línguas de sinais em geral, enquanto outros, para o registro de línguas de sinais particulares. Grande parte desses sistemas foi inspirada em sistemas anteriores, sendo oriundos de mudanças ou de adaptações, tal como se deu, conforme vimos no capítulo anterior, com algumas escritas ao longo da existência humana. Houve sistemas para os quais foram criados caracteres e símbolos específicos, já outros fizeram usos das

letras do alfabeto latino e dos numerais indo-arábicos já existentes. A grande maioria desses sistemas orienta a escrita dos sinais de modo horizontal e linear em oposição há poucos que organiza a escrita de forma vertical. E, assim, cada vez mais emergem novos sistemas e/ou ferramentas de escrita e de notação dos sinais para as línguas sinalizadas.

Apesar de todas essas possibilidades de registro para as línguas de sinais, e mesmo com alguns sistemas com mais uso e notoriedade que outros, tais línguas ainda continuam sem uma forma de escrita oficialmente aceita e amplamente difundida na sociedade, principalmente por conta da “dificuldade de leitura que apresentam para pessoas não especialmente treinadas” (MCCLEARY; VIOTTI, 2007, p. 74). De todo modo, dedicaremos, aqui, para cumprir o objetivo deste capítulo – que é apresentar os sistemas de notação e de escrita de sinais – um espaço considerável destinado à apresentação panorâmica, por ordem cronológica, dos principais sistemas de notação e de escrita disponíveis na literatura especializada da área. Essa apresentação dos sistemas ocorrerá a partir dos seguintes aspectos: idealizador (surdo ou ouvinte), ano de criação, estrutura do sistema, regras gerais, base de escrita e de notação, e modo de registro. Assim, o presente capítulo se organiza em duas grandes seções, a primeira dedicada aos *sistemas de notação* de sinais, e a segunda voltada para os *sistemas de escrita* de sinais. Iniciaremos, portanto, com os *sistemas de notação*.

3.1 SISTEMAS DE NOTAÇÃO DE SINAIS

Também conhecidos como *sistemas de transcrição*, os sistemas de notação de sinais foram desenvolvidos, de modo mais complexo, para fins, primariamente, de investigações linguísticas, enquanto instrumentos que possibilitam, sistematicamente, o registro e a análise estrutural dos constituintes dos signos linguísticos sinalizados, *configuração de mão, movimento, expressões faciais e corporais*, por exemplo, e de todos os aspectos linguísticos empregados na sinalização. Assim, nesta seção, apresentaremos, de forma cronológica, os seguintes sistemas de notação de sinais: *Mimographie* (1817), *Notação de Stokoe* (1960), *HamNoSys* (1984), *Sistema de Notação em Palavras* (1988), *ASL-phabet*

(1990), *Notação de Ferreira-Brito-Langevin* (1995), *Notação de Gestemas* (1996), *SLIPA* (2000), e *ASLSJ* (2009).

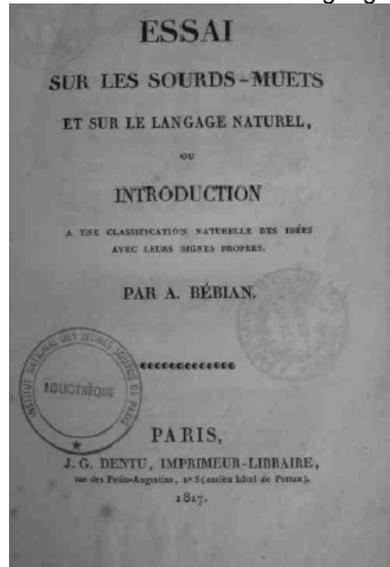
3.1.1 Mimographie

A história do registro escrito das línguas de sinais é iniciada com o *Mimographie*, pensado ainda no século XIX. Esse é o primeiro sistema de notação de sinais que se tem conhecimento ao longo das diversas propostas para a educação de surdos, sobretudo no âmbito da escrita. Ele foi idealizado por Roch Ambroise Auguste Bébien (1789-1839), professor ouvinte, conhecido por Bébien, natural de Pointe-à-Pitre, capital da colônia francesa Ilha de Guadalupe, um país caribenho, e o primeiro a evidenciar a possibilidade de escrita dos sinais a partir dos seus formatos. De acordo com Alexandre Oviedo (2009), pesquisador venezuelano que se dedica a estudar e a resgatar a linguística de Bébien, esse sistema ganhou forma a partir de duas importantes obras de Bébien: a primeira de 1817 (*Figura 9*), intitulada *Ensaio sobre os surdos-mudos e sobre a linguagem natural, ou introdução a uma classificação natural de ideias com seus próprios sinais*²⁴ (tradução nossa), esboça os primeiros passos para a criação de um sistema escrito para os signos das línguas de sinais, e a segunda de 1825 (*Figura 10*), nomeada *Mimografia, ou ensaio de escrita da mímica, própria a regularizar a linguagem dos surdos-mudos*²⁵ (tradução nossa), voltada ao detalhamento desse sistema escrito propriamente dito.

²⁴ No original: *Essai sur les sourds-muets et sur le langage naturel, ou introduction à une classification naturelle des idées avec leurs signes propres.*

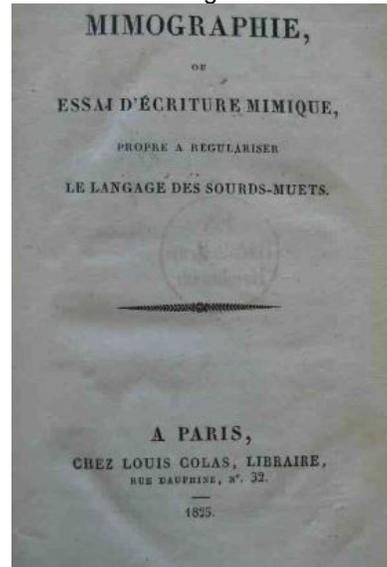
²⁵ No original: *Mimographie, ou essai d'écriture mimique, propre à régulariser le langage des sourds-muets.*

Figura 9 – Capa da obra Ensaio sobre os surdos-mudos e sobre a linguagem natural



Fonte: Oviedo, 2010, n.p.

Figura 10 – Capa da obra Mimografia



Fonte: Oviedo, 2010, n.p.

Em *Mimographie*, Bèbian descreve os princípios de seu sistema de notação de sinais, tomando as unidades estruturais menores (configuração de mão - com orientação da palma da mão, ponto de articulação, movimento, e expressão facial) da Língua de Sinais Francesa (LSF) como o ponto de partida para a sistematização de um registro escrito para língua de sinais. “*Mimographie* é um sistema de notação baseado em fonética: identifica partes formais em sinais e as rotula com caracteres gráficos para escrevê-las da mesma forma que as palavras em uma língua falada são escritas” (OVIEDO, 2009, p. 297). Ainda conforme Oviedo (2009), é um sistema que guia a escrita dos sinais de forma linear, com direcionalidade da esquerda para a direita e de cima para baixo, igualmente aos sistemas alfabéticos ocidentais.

Nesse sistema de notação, o registro dos sinais se dá por meio de uma representação, predominantemente icônica, daquilo que é materializado pelo sinalizante, pois, como coloca o próprio Bèbian (1817), referenciado em Oviedo (2009, p. 297), “cada signo é composto por um ou mais gestos. O gesto é um movimento de uma parte do corpo ou de todo o corpo. Assim, para escrever o signo, basta indicar qual parte está gesticulando e seu movimento”. Desse modo, Bèbian, usando esses elementos que formam o sinal, pensou em, aproximadamente, 190 caracteres para escrever os sinais no seu sistema, distribuídos em cinco grupos (*Quadros 5 e 6*): caracteres referentes ao *movimento*, caracteres referentes ao

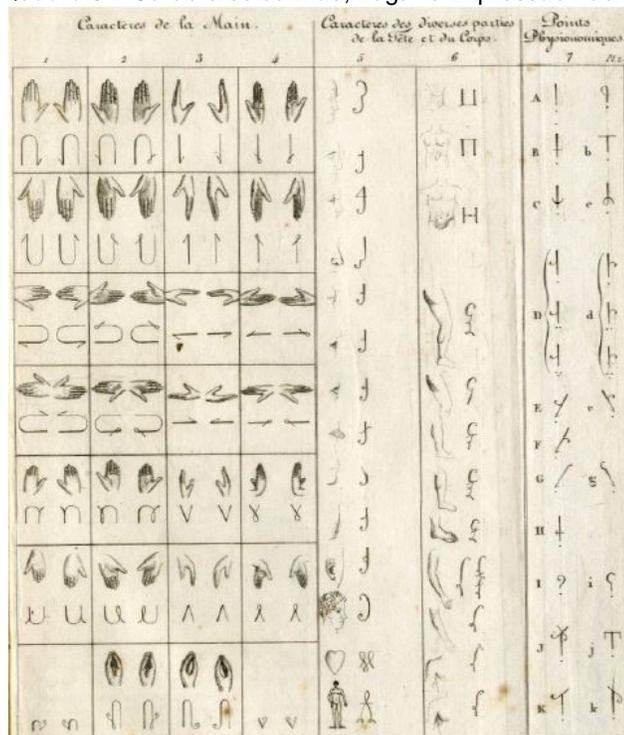
acento (que indica a velocidade, ritmo etc. do movimento), caracteres referentes à mão (forma e orientação), caracteres referentes ao lugar (cabeça e corpo), e caracteres referentes à expressão facial.

Quadro 5 – Caracteres do Movimento e Acento

Caractères indicatifs du mouvement. P. I.					
Mouvement	A Simples	B Courbes	C Circulaires	D Obliques	
De gauche à droite	⊖	⊖	⊖	⊖	De gauche à droite et en arrière
De droite à gauche	⊕	⊕	⊕	⊕	De droite à gauche et en avant
De bas en haut	⊕	⊕	⊕	⊕	De bas en haut et à droite
De haut en bas	⊖	⊖	⊖	⊖	De haut en bas et à gauche
En avant	⊕	⊕	⊕	⊕	En avant et en haut
En arrière	⊖	⊖	⊖	⊖	En arrière et en haut
					et en bas
Mouvements de contraction	⊖				Mouvements onduleux
d'extension	⊕				serpenteaux
propres (a) c d e					de progression
(b) f g h i					de tremblement
Accens modificatifs du mouvement					
Ces accens se placent sur les signes du mouvement pour indiquer si et est lent ou fort... U, léger ou foible V, Succédant Z uf, prolonge ; fort ou penible ^ ; multiple ∞.					
Accens imités des caractères du mouvement et se placent sur le Signe de l'organe, pour en indiquer:					
+ le côté droit ; + la partie Supérieure ; • la partie antérieure, - le côté gauche ; - la partie Inférieure ; ♦ la partie postérieure.					
Signes de position, empruntés aux caractères du mouvement et qui se placent particulièrement devant le signe de la main gauche, quand il faut indiquer sa position relativement à la main droite.					
⊕ plus haut	⊖ plus bas			⊕ (compose de ⊕ et de ⊖)	
⊕ plus en avant	⊖ plus en arrière			⊕ devant et plus bas	
⊕ des-cors	⊖ derrière			⊕ (compose de ⊕ et de ⊖)	
⊕ plus en avant et plus haut				⊕ devant et plus haut	
⊕ plus en avant et plus bas				⊕ (compose de ⊕ et de ⊖)	
⊕ plus en arrière et plus haut				⊕ derrière et plus bas	
⊕ plus en arrière et plus bas				⊕ (compose de ⊕ et de ⊖)	
				⊕ devant et plus haut	

Fonte: Oviedo, 2010, p. 77.

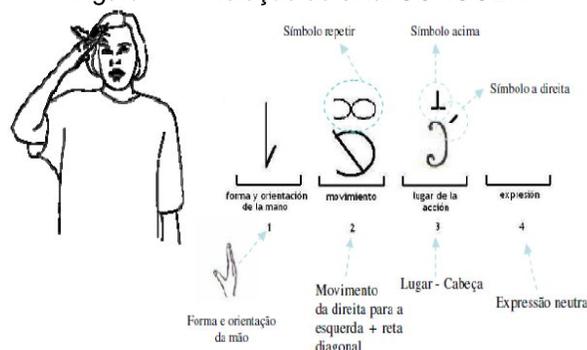
Quadro 6 – Caracteres da Mão, Lugar e Expressão Facial



Fonte: Oviedo, 2010, p. 79.

Com esses diferentes grupos e essa diversidade de caracteres, a notação dos sinais no sistema *Mimographie* não ocorre de forma casual, mas obedece a uma ordem específica. Segundo Oviedo (2009, p. 298-299), os elementos que compõem esse sistema devem ser escritos na seguinte ordem: primeiro os caracteres do órgão que articula o sinal (Mão), depois os caracteres do Movimento, seguidos dos caracteres que indicam o Lugar, e depois os caracteres da Expressão Facial. Se necessário, os caracteres referentes aos Acentos, que servem para detalhar o movimento (repetição, ritmo...) ou especificar o lugar (acima da cabeça, ao lado...), são colocados próximos ao elemento caracterizado. E, em caso de ausência de algum dos constituintes do sinal, expressão facial ou movimento, por exemplo, a obrigatoriedade do registro do caractere desaparece. A *Figura 11* mostra a notação do sinal CONOCER, feita por Oviedo (2008) e adaptada por Wanderley (2012).

Figura 11 – Notação do sinal CONOCER



Fonte: Wanderley, 2012, p. 43.

Nessa notação, vemos bem definidos os espaços – bem como a ordem de disposição dos elementos – para cada um dos cinco grupos de caracteres criados por Bébian. Na realização do sinal CONOCER, temos como componentes envolvidos a Mão (com forma e orientação específicas), o Movimento (da direita para a esquerda e com direcionalidade reto diagonal), e o Lugar de realização do sinal (cabeça). Por possuir uma Expressão Facial neutra, o caractere referente a esse elemento é dispensado nesse registro escrito, e, por isso, o espaço desse grupo fica vazio. Além, é possível identificar três caracteres referentes ao grupo do Acento (na figura, identificados por símbolo), um sobre o caractere de Movimento para indicar a ideia de repetição, e dois sobre o caractere de Lugar para ressaltar o local exato da cabeça (acima, à direita) em que o sinal é produzido.

Com isso, o sistema de notação de sinais *Mimographie* elaborado por Bébian teve um importante papel na história dos registros escritos das línguas de sinais por ser a precursora na criação da técnica de notação de sinais, muito embora não tenha perdurado nem tenha recebido a atenção merecida, como relata Oviedo (2009):

Stokoe estava ciente do trabalho de Bébian, ao qual ele se referiu em seu livro de 1960 como uma “tentativa engenhosa de conceber um sistema de escrita para a linguagem natural de sinais” (Stokoe, 1993[1960], pp. 12-13), mas não parece considerar a *mimografia* como pano de fundo imediato para o desenvolvimento do seu sistema. [...] todos os ensaios que conheço sobre a história da linguística das línguas de sinais enfatizam que os estudos anteriores à obra de Stokoe não contribuíram com nada de útil para ela²⁶ (OVIEDO, 2009, p. 295-296, tradução nossa).

²⁶ No original: Stokoe conocía el trabajo de Bébian, al cual se refirió en su libro de 1960 como un “ingenioso intento de diseñar un sistema de escritura para la lengua de señas natural” (Stokoe, 1993[1960], pp. 12-13), pero no parece considerar la *mimographie* como antecedente inmediato para

3.1.2 Notação de Stokoe

De fato, o nome do linguista, ouvinte, estadunidense William Stokoe²⁷ (1919-2000) é comumente associado ao pioneirismo dos estudos linguísticos das línguas de sinais, embora, em termos de cronologia, as suas investigações estando situadas após as de Bébian. Ainda assim, a história das pesquisas em línguas de sinais o aponta como o precursor da sistematização desses estudos, sendo, portanto, considerado o pai dos estudos linguísticos sinalizados. Para além da preocupação com questões como a constituição estrutural dos sinais e a consecutiva comprovação do caráter linguístico das línguas de sinais, Stokoe, em parceria com a sua equipe de linguistas da Universidade de Gallaudet²⁸, também se ocupou em pensar um sistema de notação para o registro escrito desses sinais, o qual ficou conhecido como *Sistema Notacional de Stokoe*.

Tomando a Língua de Sinais Americana (ASL) como base, Stokoe organizou o seu sistema de notação a partir da disposição estrutural dos sinais dessa língua, para a qual já vinha se dedicando. Em termos de estrutura linguística, Stokoe (1960), em seus estudos, identificou três elementos ²⁹ (chamados Parâmetros) formadores dos sinais, a saber, *posição*, *configuração* e *movimento*, ou, com “termos mais convenientes” (STOKOE, [1965] 2000, p. 243), *tabula*, *designator* e *signation*, respectivamente. O primeiro (*tabula*) refere-se à localização no corpo ou no espaço onde o sinal acontece; o segundo (*designator*) trata-se da configuração da(s) mão(s) na articulação do sinal; e o terceiro (*signation*) é o movimento da(s) mão(s) durante a mudança das locações e das configurações de mãos. Nas palavras de Stokoe:

Tabula, *designator* e *signation* podem ser facilmente reduzidas para *tab*, *dez* e *sig* definidos do seguinte modo: *Tab* é o aspecto do complexo visual não analisado chamado sinal, que é medido pela proximidade do corpo do sinalizante, por sua posição no espaço ou pela posição e configuração dos sinais da mão que não está se

el desarrollo de su sistema. [...] todos los ensayos que conozco sobre la historia de la lingüística de las lenguas de señas subrayan que los estudios previos a la obra de Stokoe no le aportaron a ésta nada aprovechable.

²⁷ Mas, conforme Hulst (1996), referenciado em Xavier (2006, p. 04), anterior a Stokoe, o holandês Bem Tervoort já se dedicava a observar a comunicação entre crianças surdas, percebendo a existência de um sistema linguístico diferenciado.

²⁸ Situada em Washington, nos Estados Unidos, é a única universidade do mundo pensada com o foco na formação de pessoas surdas.

²⁹ Robbin Battison (1974, 1978) acrescentou dois outros parâmetros (Orientação da Mão e Expressões Não Manuais) aos estudos de Stokoe.

movendo, diferentemente de dez e sig. Dez é a configuração de mão ou mãos que formam um sig na tab. Sig é o movimento ou mudança de configuração da dez no que seria uma tab sinalizada (STOKOE, [1965] 2000, p. 243).

Guiado por esses parâmetros, e baseado na perspectiva da pessoa que sinaliza, o sistema de notação de sinais de Stokoe se caracteriza como um sistema alfabético de base fonética, que direciona o registro dos sinais de forma horizontal e linearmente, e da esquerda para a direita, assim como a notação de Bébien, visto anteriormente. Nessa notação, as *configurações* são representadas por caracteres específicos, as letras do alfabeto latino e numerais indo-arábicos; para as *posições*, são empregados alguns símbolos que fazem referência aos locais do corpo daquele que sinaliza; e os *movimento*, diferenciados entre movimentos de contato, de direção, de velocidade, e outros, são simbolizados por meio de diacríticos e de significação sintática. Assim, o sistema notacional de Stokoe é composto por cinco partes: 1) lugar de realização do sinal, com 12 elementos; 2) Configurações de Mãos, com 10 elementos; 3) movimentos indicando ação, com 22 símbolos; 4) orientação, com 4 elementos (subscritos); e 5) sinais diacríticos, com 2 possibilidades. Abaixo, os caracteres que representam a *posição (tab)*, a *configuração (dez)* e o *movimento (sig)* presentes na realização dos sinais, o sinal IDEIA em ASL, e um exemplo de sinal escrito nesse sistema de notação.

Quadro 7 – Caracteres da Notação de Stokoe

Tab symbols	
1. \emptyset	zero, the neutral place where the hands move, in contrast with all places below
2. \square	face or whole head
3. \cap	forehead or brow, upper face
4. \triangle	mid-face, the eye and nose region
5. \cup	chin, lower face
6. \exists	cheek, temple, ear, side-face
7. Π	neck
8. $[]$	trunk, body from shoulders to hips
9. \backslash	upper arm
10. \surd	elbow, forearm
11. \square	wrist, arm in supinated position (on its back)
12. \square	wrist, arm in pronated position (face down)

Dez symbols, some also used as tab	
13. A	compact hand, fist; may be like 'a', 's', or 't' of manual alphabet
14. B	flat hand
15. S	spread hand; fingers and thumb spread like 'S' of manual numeration
16. C	curved hand; may be like 'c' or more open
17. E	contracted hand; like 'e' or more claw-like
18. F	"three-ring" hand; from spread hand, thumb and index finger touch or cross
19. G	index hand; like 'g' or sometimes like 'd'; index finger points from fist
20. H	index and second finger, side by side, extended
21. I	"pinkie" hand; little finger extended from compact hand
22. K	like G except that thumb touches middle phalanx of second finger; like 'k' and 'p' of manual alphabet
23. L	angle hand; thumb, index finger in right angle, other fingers usually bent into palm
24. 3	"cock" hand; thumb and first two fingers spread, like '3' of manual numeration
25. O	tapered hand; fingers curved and squeezed together over thumb; may be like 'o' of manual alphabet

Sig symbols		
32. \wedge	upward movement	} vertical action
33. \vee	downward movement	
34. \updownarrow	up-and-down movement	
35. \rightarrow	rightward movement	} sideways action
36. \leftarrow	leftward movement	
37. \rightleftarrows	side to side movement	
38. \uparrow	movement toward signer	} horizontal action
39. \downarrow	movement away from signer	
40. \rightleftarrows	to-and-fro movement	} rotary action
41. \square	supinating rotation (palm up)	
42. \square	pronating rotation (palm down)	
43. ω	twisting movement	} nodding or bending action
44. \square	nodding or bending action	
45. \square	opening action (final dez configuration shown in brackets)	} closing action (final dez configuration shown in brackets)
46. $\#$	closing action (final dez configuration shown in brackets)	
47. \times	wiggling action of fingers	} interaction
48. \circ	circular action	
49. \times	convergent action, approach	
50. \times	contactual action, touch	
51. \times	linking action, grasp	
52. \times	crossing action	
53. \oplus	entering action	
54. \ominus	divergent action, separate	
55. \times	interchanging action	

Fonte: Stokoe [1965] 2000, p. 245.

Figura 12 – Sinal IDEIA em ASL



Fonte: Valli e Lucas, 2000, p. 44.

Quadro 8 – Notação do sinal IDEIA

ASL sign "IDEIA":
\cap \wedge

Fonte: Marinho, 2014, p. 53.

Na notação do sinal IDEIA em ASL, temos, nessa ordem, o caractere \cap que faz referência à *posição* (tab), ou seja, ao local do corpo (testa, parte superior da

face) em que a mão se situa; o caractere | para representar a *configuração (dez)*  (mão com o dedo mínimo estendido); e o caractere ^ para simbolizar o *movimento (sig)* do sinal (para cima). Segundo Stumpf (2005, p. 48), esse “sistema criado por Stokoe não tinha o objetivo de servir para o uso comum dos surdos, mas sim de atender à uma necessidade particular dele, que era estudar as línguas de sinais [...]”. Embora o sistema de notação de sinais de Stokoe não possua como finalidade última um emprego prático na comunicação escrita dos surdos, (isto é, um uso corrente dessa escrita), mas um uso de caráter científico, essa sistematização escrita, como veremos adiante, foi inspiração para o aparecimento de muitas outras propostas de sistema de registros de sinais, as quais aprimoraram ou modificaram a criação de Stokoe. O fato é que, diferentemente do sistema de notação de sinais *Mimographie*, de Bébien, o sistema notacional de Stokoe ganhou destaque na comunidade científica, tornando-se referência, um ponto de partida, para pesquisadores da área, porém, em Oviedo (2009), consta que há mais semelhanças que diferenças entre esses dois sistemas de notação.

3.1.3 HamNoSys

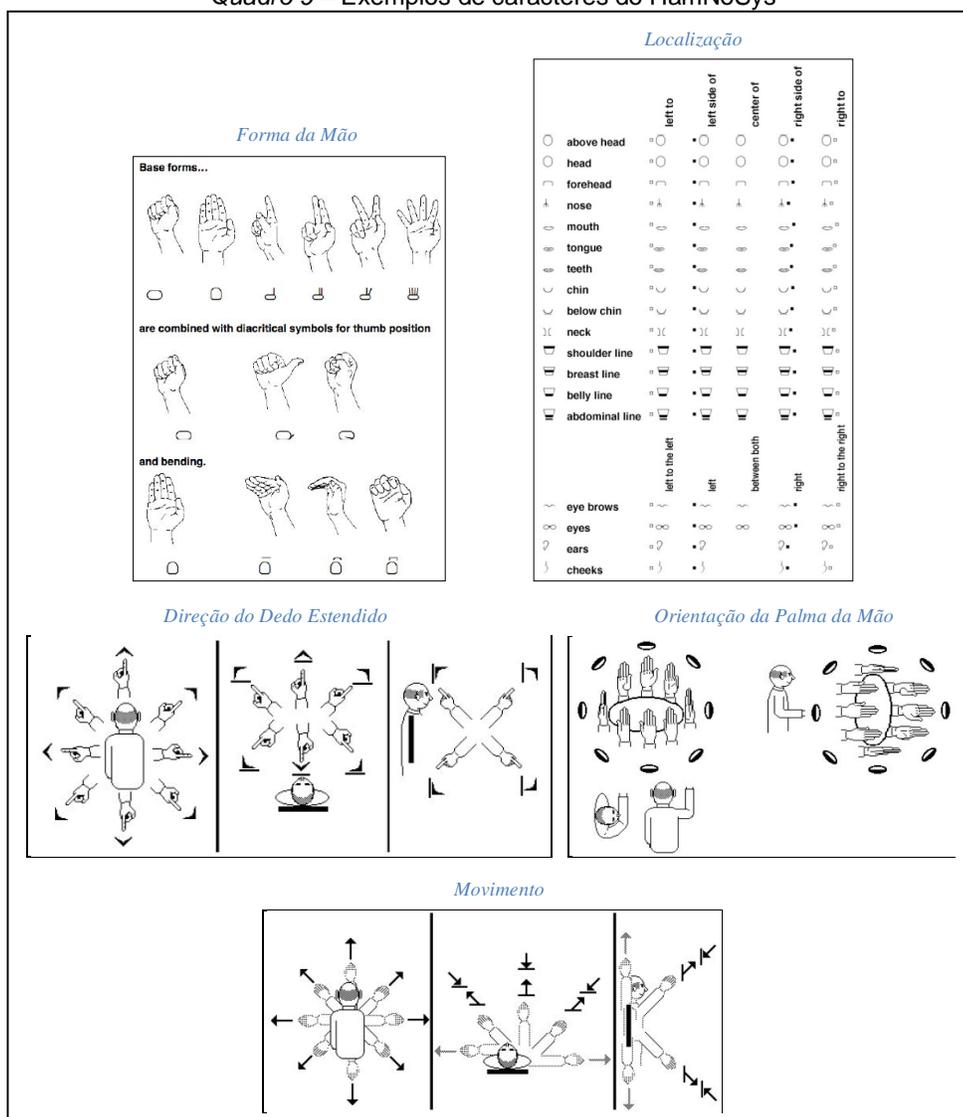
O *Hamburg Sign Language Notation System (HamNoSys)* é um dos exemplos de sistema de notação que se inspirou no sistema de Stokoe. De origem alemã, Universidade de Hamburgo, a primeira versão desse sistema foi criada em 1984, e publicada em 1987, por Prillwitz, Vollhaber e colaboradores. Esse sistema foi idealizado com base nos seguintes pilares: uso internacional: possibilidade de transcrição para todas as línguas de sinais; iconicidade: símbolos de fácil memorização; economia: transcrição de forma curta dos sinais/ enunciados; integração como ferramentas de computador: transcrição compatível com os sistemas de computadores; sintaxe formal: linguagem de notação como linguagem bem definida; e extensibilidade: atualização do sistema mediante evolução da língua (HANKE, 2004).

Tal como a Notação de Stokoe, o *HamNoSys* se configura como um sistema alfabético de transcrição fonética, organizando o registro escrito da Língua de Sinais Alemã (DGS) de forma horizontal e linearmente, da esquerda para direita. De acordo com Hanke (2004), a estrutura geral desse sistema é formada por dois elementos:

postura inicial – com descrição da *forma*, *orientação* e *localização* da mão, e das características não manuais (opcional mediante existência) – e *ação*, responsável por alterar, ao mesmo tempo (grafada entre colchetes) ou sequencialmente, a *postura inicial*. Em caso de sinais realizados com as duas mãos, os sinais chamados de bimanuais, “a notação da postura inicial é precedida por um operador de simetria que define como a descrição da mão dominante é copiada para a mão não dominante [...]” (HUNKE, 2009, p. 02). E, em caso de assimetria entre as mãos, o registro desses elementos é feito de forma individual.

Na notação *HamNoSys*, são usados caracteres diversos (cerca de 200, segundo Hunke (2004)), em grande parte icônicos, que fazem referência às formas das mãos, a locais específicos da cabeça e do corpo e aos braços. Há a presença dos números de 1 a 5, que, partindo do polegar, representam os dedos da mão. Também há o uso de setas no registro dos movimentos, e de traços e pontos empregados como diacríticos. No elemento *postura inicial*, a *forma da mão* é representada por caracteres referentes aos formatos básicos e por diacríticos (acrescidos aos formatos básicos) referentes à flexão do polegar e à curvatura dos dedos; a *orientação* se faz pelos caracteres dos seus dois componentes: direção do dedo estendido, em três perspectivas – visão do sinalizante, visão de cima e visão de lado – e orientação da palma; e a *localização* também é representada por caracteres dos seus dois componentes: a localização do plano frontal (coordenadas x e y) e a localização da coordenada z. E o elemento *ação*, simbolizado por setas, representa todos os movimentos possíveis: movimentos do caminho (altera a posição da mão), movimentos das mãos em si e movimentos não manuais. Aqui, diacríticos podem ser utilizados para marcar variações do movimento (tamanho, modo etc.) e as repetições também podem ser marcadas por números. Abaixo, um quadro (*Quadro 9*) com alguns dos caracteres empregados pelo *HamNoSys*.

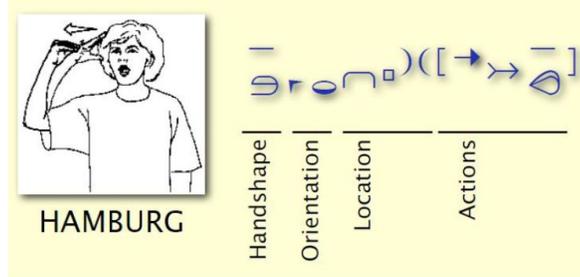
Quadro 9 – Exemplos de caracteres do HamNoSys



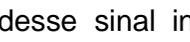
Fonte: Hunke, 2004, p. 02-04, adaptação nossa.

Com toda essa possibilidade de caracteres, dispostos entre os dois elementos (*postura inicial* e *ação*) que compõem a estrutura geral do *HamNoSys*, a notação dos sinais nesse sistema se dá a partir do registro, primeiramente, dos aspectos formadores da *postura inicial* – *forma da mão*, da *orientação* da mão, da *localização* da mão – e depois da *ação*, que pode ser grafada entre colchetes em caso de alteração concomitante da *postura inicial*. Sobre o registro dos aspectos não manuais, a notação desse elemento é bastante limitada, pois, “como a maioria dos sistemas de notação, o *HamNoSys* se concentra na descrição das atividades manuais dentro de um signo” (HUNKE, 2004, p. 05). A *Figura 13* é um exemplo de notação de sinais (sinal UNIVERSIDADE DE HAMBURGO na DGS) no *HamNoSys*.

Figura 13 – Notação do sinal UNIVERSIDADE DE HAMBURGO



Fonte: Hanke, 2007, p. 03.

Nesse exemplo de notação de sinal no *HamNoSys*, percebemos, claramente, o registro dos aspectos *forma da mão*, *orientação da mão* e *localização da mão*, compondo o elemento *postura inicial*, e o elemento *ação*, nessa ordem, que estão envolvidos na realização do sinal UNIVERSIDADE DE HAMBURGO na DGS. O registro escrito desse sinal inicia com o caractere , um formato básico, que representa a *forma da mão* , acrescido por um diacrítico, cujo, nesse caso, faz referência à curvatura dos dedos. Em seguida, temos os caracteres  para a *orientação da mão* (em seus dois componentes: *direção do dedo estendido* e da *orientação da palma*), a qual se faz com palma direita para longe do corpo. A notação do aspecto *localização da mão* é feita pelos caracteres  para simbolizar o lugar de realização do sinal, lado direito a testa, mais o caractere , que trata da distância em relação ao corpo, nesse caso, perto da parte do corpo. Por fim, o elemento *ação* é registrado entre colchetes, o que implica dizer que, nesse sinal, houve uma alteração concomitante da *postura inicial*, ou seja, o formato inicial da mão  foi substituído pelo formato , agora, transcrito pelo caractere , que, por sua vez, também está acompanhado por um diacrítico, o qual faz, igualmente, referência à curvatura dos dedos. Os caracteres   representam, respectivamente, a ação sequencial de movimento reto e a mudança no formato da mão, em que os dedos vão se sobrando.

3.1.4 Notação em Palavras

O *Sistema de Notação em Palavras* é um sistema bastante difundido no âmbito das pesquisas em línguas de sinais e utilizado por estudiosos para o registro

escrito dos dados linguísticos das línguas sinalizadas. Trata-se de um sistema que emprega palavras das línguas orais para representar os itens lexicais das línguas de sinais. Em contexto brasileiro, com ênfase na Libras, esse sistema foi encabeçado, em 1988, pela pesquisadora Tanya Amara Felipe. Conforme Felipe (1997, p. 390), “este sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e aqui no Brasil, tem este nome porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais”.

Desse modo, configura-se como uma proposta de sistema de notação de línguas de sinais disposta a partir do registro escrito dos sinais em forma de glosas, as quais, por sua vez, nas palavras dos Wilcox (2005, p. 66), no que se refere à transcrição em glosas na ASL, “são traduções simplificadas de morfemas da língua sinalizada para morfemas de uma língua oral”. Ao todo, esse sistema é composto e organizado por 11 convenções, nas quais é utilizado um conjunto de caracteres, entre letras do alfabeto latino (maiúsculas e minúsculas), numerais, elementos não alfanuméricos e estilo (itálico) e efeitos (sobrescrito, subscrito) de fonte, para o registro escrito dos sinais em Libras, de forma linear e horizontal, da esquerda para a direita. No quadro abaixo (*Quadro 10*), com pequenas adaptações, estão as 11 convenções (já acompanhadas por exemplos) que constituem o *Sistema de Notação em Palavras*.

Quadro 10 – Convenções do Sistema de Notação em Palavras

1. Os sinais da LIBRAS serão representados por itens lexicais da língua portuguesa em **letras maiúsculas**. Ex.: CASA;
2. Um sinal, que é traduzido por duas ou mais palavras em língua portuguesa, será representado pelas palavras correspondentes separadas por **hifen**. Ex.: CORTAR-COM-FACA;
3. Um sinal composto, formado por dois ou mais sinais, representado por duas ou mais palavras, mas com a idéia de uma única coisa, será separado pelo símbolo **^**. Ex.: CAVALO^LISTRA (zebra);
4. A datilologia (alfabeto manual), que é usada para expressar nome de pessoas, localidades etc. que não possuem um sinal, será representada pela palavra separada, letra por letra por **hifen**. Ex.: J-O-Â-O;
5. O sinal soletrado, ou seja, uma palavra da língua portuguesa que, por empréstimo, passou a pertencer à LIBRAS por ser expressa pelo alfabeto manual com uma incorporação de movimento próprio desta língua, será representado pela datilologia do sinal em **itálico**. Ex.: *N-U-N-C-A*;
6. O sinal representado por palavra da língua portuguesa que possui marcas de gêneros (masculino e feminino) e número (plural) será terminado com o símbolo **@** para reforçar a idéia de ausência dessas marcas e não haver confusão. Exemplos: AMIG@ (amiga(s) e amigo(s));
7. Os traços não-manuais que são feitos simultaneamente com um sinal serão representados **acima (sobrescrito)** do sinal ao qual está acrescentando alguma idéia, em relação à (ao): **a)** frase ou advérbio de modo: *interrogativa* ou *i*, *negativa* ou *neg*. Para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: **!**, **?** e **?!;** e **b)** advérbio de modo ou um intensificador. Ex.: ANDAR^{apidamente};
8. Os verbos que possuem concordância de gênero (pessoa, coisa, animal), através de classificadores, serão representados com tipo de classificador em **subscrito**. Ex.: _{pessoa}MOVER, _{veículo}MOVER;
9. Os verbos que possuem concordância de lugar ou número-pessoal, através do movimento direcionado, serão representados pela palavra correspondente com uma letra em **subscrito** que indicará: **a)** a variável para o lugar: **i** (ponto próximo à 1ª pessoa), **j** (ponto próximo à 2ª pessoa), **k** e **k'** (pontos próximos à 3ª pessoa), **e** (esquerda), e **d** (direita); e **b)** as pessoas gramaticais: **1s**, **2s**, **3s** (1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular), **1d**, **2d**, **3d** (1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual), **1p**, **2p**, **3p** (1ª, 2ª e 3ª

dos vários sistemas de registro de sinais já criados para a ASL. Com pretensões pedagógicas claras, para o seu proponente, referenciado em Supalla, Mckee e Cripps (2014, p. 02), “o *ASL-phabet* foi projetado para ajudar a estabelecer o princípio alfabético em crianças surdas que estão começando a ler e facilitar sua transição para o inglês escrito ao mesmo tempo”.

Nesse sentido, o *ASL-phabet* é um dos elementos curriculares que compõem um programa de alfabetização (Programa de Leitura) criado por Supalla em uma Escola Charter do Arizona. Conforme Supalla, Mckee e Cripps (2014, p. 03), nesse componente escolar, “é importante notar que o *ASL-phabet* não foi usado para escrever frases ou mesmo na produção de livros. O *ASL-phabet* foi usado apenas para escrever palavras individuais”. Também resultou desse sistema de notação a produção de um dicionário (de mesmo nome) de língua de sinais para crianças, o qual se organiza com base nas diretrizes do *ASL-phabet*, fornecendo orientações³⁰ de uso desse instrumento educacional, o qual, por sua vez, serve de apoio para a aplicação do referido sistema notacional.

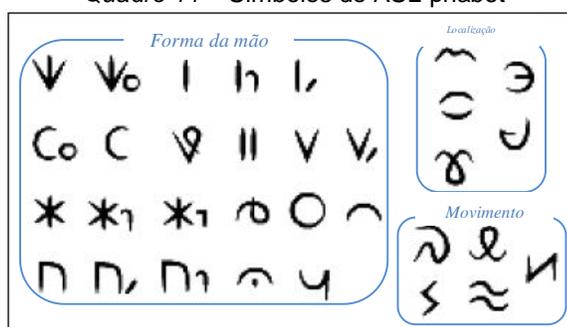
Para a criação desse sistema de notação, Supalla tomou como orientação o sistema de escrita de sinais *SignFont* (sistema que independe do inglês e da modalidade oral), de Don Newkirk, cujo será abordado na próxima seção. Também se apoiou nos parâmetros da ASL de Stokoe para a concepção dos símbolos correspondentes aos elementos *forma da mão*, *localização* e *movimento*, os quais compõem a estrutura do seu sistema de notação, não incluindo os elementos não-manuais. O *ASL-phabet* é uma série de símbolos para escrever palavras em ASL (SUPALLA; MCKEE; CRIPPS, 2014).

Com um número pequeno de símbolos, se comparado aos sistemas tratados anteriormente, o *ASL-phabet*, possui 32 símbolos, no total, distribuídos em 22

³⁰ Conforme a página da *web* dedicada ao *ASL-phabet* (<http://www.asl-phabet.com/home.html>), o dicionário é configurado na ordem *ASL-phabet*. Para encontrar uma palavra, primeiro, escolha uma ou duas formas de mão que compõem a palavra que você está procurando. Existem 22 formas de mão para escolher. Cada um é representado aqui pela forma de mão e pela letra *ASL-phabet* que o representa. Se uma palavra mudar de formato de mão no meio, escolha o formato de mão inicial. Escolha a forma de mão em sua mão ativa. Por exemplo "scratch" - escolha a forma de mão  para encontrar a letra. Se uma palavra usar a mesma forma de mão em ambas as mãos, escolha essa forma de mão duas vezes. Em segundo lugar, escolha onde no corpo esta palavra é assinada. Dividimos o corpo em 5 letras de localização. Terceiro, escolha até quatro letras de movimento para um sinal. Cada um deles representa a maneira como a mão se move ao assinar sua palavra. Clique no botão play do coelho  para fazer o coelho assinar a palavra atual. Para encontrar uma definição e uma palavra em uma frase, clique no botão de reprodução do mágico  para fazer o mágico assinar a definição da palavra. O mago assinará a palavra e então usará a palavra em uma frase.

símbolos para a *forma de mão*, 5 símbolos para a *localização* e 5 símbolos para o *movimento*. Assim, não há um símbolo para cada localização específica ou para cada tipo de movimento, por exemplo, mas símbolo representando agrupamentos de elementos com características comuns (SUPALLA; MCKEE; CRIPPS, 2014). O registro dos sinais nesse sistema também é forma linear, da esquerda para a direita, como nos sistemas anteriores, e segue a seguinte ordem: *forma da mão*, *localização* e *movimento*. No quadro a seguir, estão os símbolos do sistema de notação *ASL-phabet*, e, na próxima figura, o registro escrito do sinal CAT a partir do *ASL-phabet*.

Quadro 11 – Símbolos do ASL-phabet



Fonte: Mendes, 2020, p. 39, adaptação nossa.

Figura 14 – Notação do sinal CAT



∇_o ⊂ ∫ ∩

Fonte: Supalla, Mckee e Cripps, 2014, p. 08.

Nessa notação em *ASL-phabet*, estão registrados os três elementos formadores do sinal CAT na ASL. O primeiro elemento, *forma da mão*, envolve dois outros elementos, a forma do polegar e a forma do dedo indicador, em que um tem um formato achatado e o outro, um formato arredondado. No entanto, ambos são representados pelo mesmo símbolo, o correspondente à *forma da mão* ∇_o. O segundo elemento, *localização*, é registrado pelo símbolo ⊂, significando o lugar (bochecha, mais precisamente, na parte inferior da face) no qual esse sinal é

produzido. Em *ASL-phabet*, esse mesmo símbolo também é utilizado para representar os locais *nariz*, *boca*, *queixo* e *pescoço*, e locais como *testa*, *peito* etc. são registrado com outros símbolos. E o terceiro elemento, o *movimento*, é representando pelos símbolos \sphericalangle и, os quais se referem, nessa ordem, ao movimento vertical, movimento que compreende um grupo de quatro outros movimentos (esquerda, direita, para cima e para baixo) grafados pelo mesmo símbolo, e ao movimento repetitivo, presentes na sinalização de CAT.

3.1.6 Notação de Ferreira-Brito-Langevin

A concepção de um dicionário para as línguas de sinais também foi motivo para a criação, em 1995, e com a publicação do livro *Por uma gramática de línguas de sinais*, do sistema de notação de sinais proposto por Lucinda Ferreira Brito e Remi Langevin, ambos ouvintes, mais conhecido como *Notação de Ferreira-Brito-Langevin*. “[...] para estabelecer uma ordem para a listagem dos sinais lexicais (que pudesse substituir a ordem alfabética), seria necessário elaborar um sistema de transcrição razoavelmente sucinto e não ambíguo” (FERREIRA, 2010, p. 212). Enquanto “sistema de notação provisório” (p. 213), segundo os seus idealizadores, e tomando como base a estrutura linguística da Libras, trata-se de um sistema integralmente arquitetado a partir das propriedades geométricas da Matemática.

Classificaríamos este sistema como equivalente aos alfabetos fonéticos das línguas orais. Assim como os foneticistas buscaram fundamento da Física Acústica para os seus estudos sobre as línguas orais, nós os procuramos na Geometria, mas precisamente na Topologia, posto que estamos lidando com uma língua espaço-visual (FERREIRA, 2010, p. 213).

Nessa direção, a *Notação de Ferreira-Brito-Langevin* se organiza a partir dos parâmetros que compõem os sinais em Libras, *configuração de mão*, *ponto de articulação*, *movimento* (os mesmos apontados pelos estudos de Stokoe), *orientação* e *expressões não manuais* (fornecidos pelas investigações de Robbin Battison (1974, 1978)). Trata-se de um sistema formado por um conjunto de símbolos, entre letras maiúsculas e minúsculas, numerais, elementos não alfanuméricos, traços, setas, círculos etc., que apresenta direcionalidade horizontal, guiando o registro da

escrita da esquerda para a direita. O registro dos sinais inicia pelos símbolos referentes à mão dominante (mão direita para destros), depois com os símbolos do ponto de articulação, do movimento (com sua orientação, frequência e velocidade), da orientação palma da mão, e das expressões não manuais.

O elemento *configuração de mão*, nesse sistema, é entendido a partir da caracterização do referencial da mão dominante, que, por convenção dos autores, é a mão direita. Esse referencial é constituído por um ponto de origem (O: parte inferior da mão, ao centro e acima da linha pulso) e três eixos (OX: perpendicularmente ao braço e paralelamente ao polegar estendido, OY: dedos da mão aberta e paralela à palma e OZ: perpendicularmente à palma). Raciocínio semelhante é usado para explicar o elemento *ponto de articulação*. “[...] como a mão é um objeto completamente assimétrico, sua posição só pode ser descrita através da locação de O e pelos três eixos que o cruzam” (FERREIRA, 2010, p. 210).

Quadro 12 – Símbolos de Configuração de Mão da Notação de Ferreira-Brito-Langevin

1	2	3	4	5	6	
7	8	9	10	11	12	
13	14	15	16	17	18	19

Fonte: Ferreira, 2010, p. 220.

A *orientação* se dá pela lógica espacial dos eixos que explica a forma da mão. Nesse sentido, cada eixo (X, Y, Z) possui um conjunto de orientações, grafadas em letras minúsculas, possíveis, como: são: x (aponta para x), y (aponta para y), z (aponta para z), -x (oposta a x), x+y (situada no plano horizontal, aponta para esquerda e para frente do corpo), x-y (situada no plano horizontal, aponta para direita e para frente do corpo), entre outras.

O *ponto de articulação* se explica pela definição do *espaço de realização dos sinais*, que, por sua vez, “é uma área que contém todos os pontos dentro do raio de alcance das mãos e que se desloca junto com o enunciador” (FERREIRA, 2010, p. 213). Essa área é formada por um ponto de origem (W: corpo do enunciador) e três eixos (WX: frente do enunciador, WY: esquerda do enunciador e WZ: acima do enunciador). É, exatamente, nesse espaço definido que se encontra um número finito de pontos, os pontos de articulação. Por outro lado, em casos de sinais realizados em “pontos não relevantes” (p. 215), o *ponto de articulação* é identificado como *espaço neutro*. Além dos símbolos do *Quadro 13*, outros também são empregados na *Notação de Ferreira-Brito-Langevin* para se referir ao *ponto de articulação*, agora, para descrever as especificidades dos pontos de articulação, localizando-os de forma precisa, a saber, *d* (lado direito), *e* (lado esquerdo), *m* (medial), *in* (interna), *l* (lateral), *f* (em frente) *a* (atrás), *p* (imediatamente próximo), *med* (distância média), *dist* (distante), *k* (em contato), *ki* (contato inicial), *km* (contato medial), *kf* (contato final) e *x* (cruzamento).

Quadro 13 – Símbolos de Ponto de Articulação da Notação de Ferreira-Brito-Langevin

C	CABEÇA
Ĉ	topo da cabeça
T	testa
R	rosto
S	parte superior do rosto
I	parte inferior do rosto
p	orelha
O	olhos
N	nariz
B	boca
d	bochechas
Q	queixo
A	zona abaixo do queixo
T	TRONCO
P	pescoço
O	ombro
B	busto
E	estômago
C	cintura
B	BRAÇOS
S	braço
I	antebraço
C	cotovelo
P	pulso
M	MÃO
P	palma
C	costas da mão
L ₁	lado do indicador
L ₂	lado do dedo mínimo
D	dedos
Dp	ponta dos dedos
Dd	nós dos dedos (junção entre os dedos e a mão)
Dj	nós dos dedos (primeira junta dos dedos)
D1	dedo mínimo
D2	anular
D3	dedo médio
D4	indicador
D5	polegar
V	Interstícios entre os dedos
V1	Interstício entre o polegar e o indicador
V2	Interstício entre os dedos indicador e médio
V3	Interstício entre os dedos médio e anular
V4	Interstício entre os dedos anular e mínimo
P	PERNA
EN	ESPAÇO NEUTRO

Fonte: Ferreira, 2010, p. 216-217.

O *movimento* – F(t) na explicação matemática empregada nesse sistema – é definido, especialmente, em termos de velocidade e orientação, compreendendo o ponto O(t) e os eixos X(t), Y(t) e Z(t). A velocidade do movimento pode variar conforme a tensão, retenção, continuidade e refreamento, representados pelos símbolos m , \succ , \sim , \hookleftarrow , respectivamente. A orientação caracteriza dois tipos de movimentos específicos: *movimento translação*, quando não há mudança de posição dos eixos X, Y e Z, simbolizado por 8 números (0 a 7), os quais, por sua vez, são acompanhados por símbolos específicos, e *movimento rotação*, quando o ponto origem O permanece fixo (FERREIRA, 2010). Há ainda questões de *reduplicação* (registrada entre parênteses), *simetria* (simbolizada por S e So, se simetria ao ponto O) e *repetição* (simbolizada por =) do elemento *movimento*. Além do movimento da mão, também existem os chamados *movimentos internos* (Quadro 14), referentes, essencialmente, aos dedos, e que também são bastante significativos para a realização do sinal.

Quadro 14 – Símbolos do Movimento Interno da Notação de Ferreira-Brito-Langevin

[A \curvearrowright 5]	extensão gradual dos dedos começando pelo indicador
[As \curvearrowright 5]	extensão gradual dos dedos começando pelo dedo mínimo
[As \rightarrow 5]	abertura simultânea dos dedos
[5 \rightarrow As]	fechamento simultâneo dos dedos
[L \rightarrow bO]	pinçamento (com o indicador e o polegar)
[5] + mov]	movimento de tamborilar com os dedos curvos
[5 + mov]	movimento de tamborilar com os dedos estendidos
[54 \curvearrowright G]	fechamento gradual de todos os dedos, exceto indicador
[5 \curvearrowright A]	fechamento gradual de todos os dedos, exceto polegar
[B \rightarrow B]	flexão da mão, com os dedos estendidos
[V \rightarrow V]	dobramento e extensão repetidos do indicador e dedo médio nas juntas do meio
[V + mov]	movimento de tamborilar com os dedos
[V.mov]	movimento de tesoura
[As \rightarrow A]	extensão do polegar
[As \rightarrow L]	polegar e indicador estendidos simultaneamente
[B \rightarrow V]	fechamento súbito de todos os dedos exceto indicador e médio, que flexionam-se
[As \rightarrow 3]	extensão simultânea do polegar, indicador e médio
[As \rightarrow 54]	extensão simultânea de todos os dedos, exceto o polegar
[As \rightarrow 5]	extensão simultânea de todos os dedos
[A \rightarrow L]	extensão do indicador
[A \rightarrow 3]	extensão simultânea do indicador e do médio
[A \rightarrow 5]	extensão simultânea de todos os dedos, com o polegar já estendido
[G \rightarrow X]	flexão repetida do indicador
[As \rightarrow V]	extensão do indicador e do médio
[As \rightarrow I]	extensão do mínimo
[B \rightarrow A]	flexão de todos os dedos juntos, exceto polegar
[5 \rightarrow Ô]	aproximação do polegar aos demais dedos
[5 \rightarrow As]	fechamento dos dedos em punho cerrado
[5 \rightarrow]	balançar do dedo médio enquanto se flexiona
[I \rightarrow 5]	triscar do dedo médio contra o polegar ('lâncar bola de gude')
[O \rightarrow 5]	abertura de todos os dedos simultaneamente
[bO \rightarrow Ax]	triscar do indicador contra o polegar
[A \curvearrowright 5]	abertura de todos os dedos, um a um

Fonte: Ferreira, 2010, p. 225-226.

Já as *expressões não manuais*, são consideradas apenas as de viés lexical³¹, tendo em vista a finalidade (criação de dicionário) desse sistema. E, conforme Baker (1983), referenciado em Ferreira (2010, p. 240), as *expressões não manuais* possuem duas finalidades: marcar as formas sintáticas e atuar como elemento lexical. Na *Notação de Ferreira-Brito-Langevin*, as *expressões não manuais* estão distribuídas em 4 grupos (*Rosto, Cabeça, Rosto e Cabeça e Tronco*), tais como a organização elencada por Baker (1983). No quadro abaixo (*Quadro 15*), constam os símbolos empregados para cada uma das *expressões não manuais* nesse sistema. E a figura seguinte (*Figura 15*) – sinal CARRO – é um exemplo de registro na *Notação de Ferreira-Brito-Langevin*.

Quadro 15 – Símbolos de Expressão Não Manual da Notação de Ferreira-Brito-Langevin

Rosto	
<i>Parte Superior</i>	
~~~~	sobrancelhas franzidas
δ	olhos arregalados
∠	lança de olhos
^	sobrancelhas levantadas
<i>Parte Inferior</i>	
db	bochechas infladas
bd	bochechas contraídas
=	lábios contraídos e projetados e sobrancelhas franzidas
lb	correr da língua contra a parte inferior interna da bochecha
b	apenas a bochecha direita inflada
~	contração do lábio superior
x	franzir do nariz
<i>Cabeça</i>	
+	balançamento para frente e para trás (sim)
-	balançamento para os lados (não)
/	<i>inclinação para frente</i>
	<i>inclinação para o lado</i>
h	<i>inclinação para trás</i>
<i>Rosto e Cabeça</i>	
wh	cabeça projetada a frente, olhos levemente cerrados, sobrancelhas franzidas (ex.: o que?, quando?, como?, quando?, por que?)
wô	cabeça projetada para trás, e olhos arregalados (ex.: quem?)
<i>Tronco</i>	
—	<i>para frente</i>
—	<i>para trás</i>
^so	<i>balançamento alternado de ombros</i>
^s	<i>balançamento simultâneo de ombros</i>
^	<i>balançamento de um único ombro</i>

Fonte: Ferreira, 2010, p. 240-241.

³¹ Além das *expressões não manuais* com funções lexicais, que são as que funcionam como uma referência específica ou como uma referência pronominal, uma partícula negativa, um advérbio, um modificador ou uma marca de aspecto, há as *expressões não manuais* com funções sintáticas, as quais, por sua vez, marcam as sentenças do tipo sim-não, qu-, perguntas retóricas, condicionais, relativas ou com topicalizações (FERREIRA, 2010, p. 240).

Figura 15 – Notação do sinal CARRO



[As] Tf med(Y,Z)(xy,y-x)  $\curvearrowright$  (2)  $\sim$  So

Fonte: Ferreira, 2010, p. 231.

Com base no dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 662), o sinal CARRO, em Libras, é realizado a partir das seguintes orientações paramétricas: mãos em S horizontal, palma a palma, e com movimentos alternados para cima e para baixo em arcos. Assim, na *Notação de Ferreira-Brito-Langevin* para esse sinal, o símbolo [As] faz referência ao elemento *configuração de mão*, a configuração de mão  do grupo 2; *Tfmed* corresponde ao *ponto de articulação* e suas especificidades, isto é, *T*: tronco, *f*: em frente, *med*: distância média; (Y,Z) e (xy, y-x) referem-se à orientação da palma da mão em relação aos eixos da mão no espaço de sinalização;  $\curvearrowright$  (2)  $\sim$  So estão relacionados ao elemento *movimento* e sua caracterização, em que  $\curvearrowright$  é o símbolo do *movimento translação* da mão, representando um quarto de volta no plano xy, (2) significa a quantidade de repetição do movimento no tempo (2x),  $\sim$  representa a variação da velocidade do movimento (contínuo), e So, a simetria do movimento em relação ao ponto O.

### 3.1.7 Notação de Gestemas

Igualmente originada a partir da *Notação de Stokoe*, assim como alguns dos sistemas de registro de sinais já apresentados até aqui, a *Notação de François Xavier Nève*, também conhecida como *Notação de Gestemas*, criada por François-Xavier Nève (ouvinte), em 1996, na Universidade de Liège, Bélgica, é uma proposta que viabiliza um sistema de notação de sinais pelo viés da informática, ampliando as contribuições de Stokoe. No âmbito terminológico, Nève criou o termo *gestema*, nomenclatura equivalente a fonema, para intitular as unidades mínimas das línguas de sinais em oposição ao nome *quirema*, terminologia de origem grega formada pelos morfemas *quéri* (mão) e *ema* (unidade mínima) anteriormente pensada por

Stokoe. Sobre essas questões terminológicas para o primeiro nível de análise das línguas de sinais, com o foco na Libras, conferir Cardoso (2020).

Tomando como base a LSF, no registro da *Notação de Gestemas* são utilizados os caracteres do *Código Padrão Americano para o Intercâmbio de Informação*, os caracteres ASCII (*American Standard Code for Information Interchange*), isto é, um código que uniformiza o conjunto de caracteres, entre letras, números, acentos, sinais, códigos de controle etc., usados nos computadores. Assim, trata-se de um sistema de notação que se utiliza de letras do alfabeto latino, números e caracteres não alfanuméricos, e, diferentemente de todos os sistemas de notação de sinais mostrados até aqui, os quais apresentam uma disposição horizontal, orienta o registro de sinais de forma não linear e vertical (em colunas), de cima para baixo.

De acordo com Nève (1996), essa sistematização em colunas pode ocorrer de duas formas específicas, a depender do número de mãos usadas na realização do sinal: o registro do sinal é feito em apenas uma coluna, quando se tratar de um sinal monomaneiro, ou seja, sinal realizado com uma mão (a mão dominante), ou em duas colunas, caso seja um sinal bimanual, isto é, um sinal produzido com as suas mãos. Esse sistema se organiza a partir dos elementos *configuração* (CO), *localização* (LO), *orientação* (ORI) e *ação* (ACT), os quais compõem a estrutura do sinal na visão de Nève (1996), e a notação dos sinais no seu sistema acontece obedecendo a seguinte ordem: CO - LO - ORI - ACT. O quadro abaixo (*Quadro 16*) mostra alguns exemplos de caracteres referentes ao elemento CO, e o seguinte (*Quadro 17*) traz um exemplo de sinal registrado nesse sistema de notação.

Quadro 16 – Exemplos de caracteres de configuração de mão

1-2-3-4-5-20		Como em datilologia	
A-B-C-D-E-F-G-I-L-M-N-O			
P-Q-R-S-T-U-V-W-X-Y-Z			
	Bico de pardal		Asas de águia
	Cabeça de elefante		Garra de urso
	Pinça		Colher
	Chave		Plano
	Prego		Colina
	Pistola		Cabrito
	Cornos		Percevejo
	Lhama		Bico de pato
	Duplo colchete		Guela de crocodilo

Fonte: Stumpf, 2005, p. 49.

Quadro 17 – Notação de Gestemas

<i>danser</i>
2v β ^L 0 0 >T v 23xD 23xD

signifie que le signe 'danser' se décompose ainsi :

CO = main dominante en forme de 2, soit 'poing fermé, index et majeur tendus écartés', index et majeur dirigés vers le bas ; autre main en forme de moufle, soit 'tendue, index, majeur, annulaire et auriculaire tendus joints, pouce écarté à plat', index, majeur, annulaire et auriculaire dirigés vers l'avant

LO = devant la poitrine

ORI = paume de la main dominante orientée vers le côté (droit pour la main droite, gauche pour la main gauche), puis vers soi ; paume de l'autre main orientée vers le bas

ACT = index et majeur de la main dominante touchent le dos de l'autre main, deux fois

Fonte: Nève, 1996, p. 54.

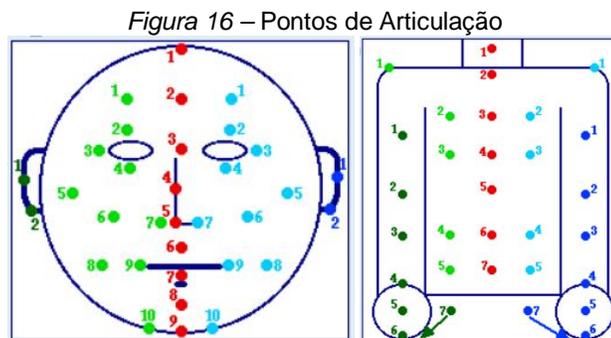
Essa disposição em colunas já dá indícios de que se trata da notação de um sinal bimanual, cujo é produzido com as duas mãos. Nela, os elementos são registrados seguindo a ordem CO - LO - ORI - ACT. Assim, o sinal DANÇAR na LSF, com base na notação de Nève (1996), é registrado a partir dos seguintes elementos: CO (mão dominante em forma de 2, ou seja, punho fechado, dedos indicador e médio esticados, dedos indicador e médio apontados para baixo; e a outra mão em forma de luva estendida, dedos indicador, médio, anelar e mínimo apontado para frente); LO (em frente ao peito); ORI (palma da mão dominante voltada para o lado

(direita para a direita, esquerda para a esquerda), depois para si mesmo; palma da outra mão voltada para baixo); e ACT (dedos indicador e médio da mão dominante tocam as costas da outra mão, duas vezes).

### 3.1.8 SLIPA

Idealizado por David Peterson (ouvinte), nos anos 2000, com base nos estudos de David M. Perlmuter, o sistema de notação *Sign Language IPA* ou, simplesmente, *SLIPA (Sign Language International Phonetic Alphabet)* foi projetado, por sua vez, para funcionar como o Alfabeto Fonético Internacional (IPA) para as línguas de sinais em analogia ao IPA das línguas orais, enquanto instrumento de fácil manipulação e acessível a todas as línguas de sinais, pois, segundo Peterson (2003, n.p), “embora vários sistemas de transcrição tenham sido tentados no passado (e ainda estejam em uso hoje), eles não são fáceis de usar, pois exigem que o usuário aprenda uma nova ortografia que depende de programas ou fontes externas para ser usado”. Ele, criticamente, acrescenta: “projetei o SLIPA como um IPA. Como tal, é principalmente destinado à transcrição. Eu não acho que o SLIPA seja uma boa ortografia ou romanização para uma língua de sinais” (PETERSON, 2003, n.p).

Igualmente ao sistema de notação anterior, *Notação de Gestemas*, o *SLIPA* também se orienta pelos caracteres disponíveis no ASCII. Assim, esse sistema de registro é composto por letras do alfabeto latino, numerais, algarismos arábicos, diacríticos e outros caracteres disponíveis no código empregado nos computadores, e direciona a notação dos sinais de modo linear, horizontalmente, da esquerda para a direita. Ele se estrutura a partir dos elementos principais que constituem os sinais, tratados assim, e nessa ordem: (P) *place* ou *ponto de articulação (Figura 16)*, (M) *movement* ou *movimento* e (HS) *handshape* ou *configuração de mão*. E, aqui, os elementos *orientação da mão* e *expressões não manuais* são secundários, os quais são marcados por diacríticos no registro escrito.



Fonte: Peterson, 2003, n.p.

A figura acima, composta por dois diagramas (um simbolizando o rosto e o outro, o tronco), representa, de acordo com Peterson (2003), o conjunto viável de pontos do corpo linguisticamente relevante na realização dos sinais. Esses pontos são divididos em centrais, pontos vermelhos (representado por apenas uma letra minúscula), e não centrais, pontos azuis e verdes (representado por duas letras), os quais, por sua vez, são agrupados, tomando um sinalizador destro, nos lados direito e esquerdo, os quais são diferenciados com uma sublinha na escrita. Nos pontos da extremidade (rosto: 1 e 2, tronco: 1 a 7), cores escuras, representados três letras, além dos lados direito e esquerdo, há a indicação dos lados anterior e posterior. Aqui, os números são usados somente para viabilizar a referência do ponto de articulação, e os pontos azuis (claros e escuros) e verdes (claros e escuros), pontos não centrais, são espelhados, por isso os mesmos números. Os pontos abaixo da cintura, bem como o, conhecido, *espaço neutro*, não são contemplados nesse sistema. E também são empregados diacríticos (no total de 32) para indicar toques da mão no ponto de articulação. A seguir, um quadro (*Quadro 18*) com os caracteres relacionados a todos esses *pontos de articulação*.

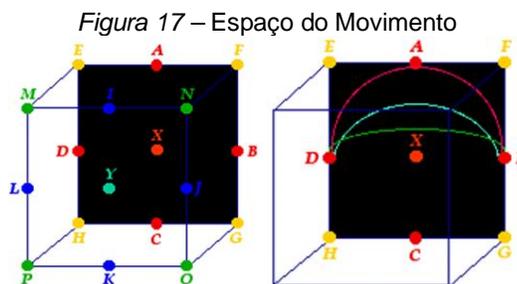
**Quadro 18 – Caracteres do Ponto de Articulação**

<b>PONTOS CENTRAIS (vermelho)</b>	
<b>Rosto:</b>	<b>1.</b> <i>h</i> (topo da testa), <b>2.</b> <i>k</i> (centro da clavícula), <b>3.</b> <i>x</i> (meio dos olhos), <b>4.</b> <i>r</i> (ponto do nariz entre a sobrancelha e a ponta), <b>5.</b> <i>n</i> (ponta do nariz), <b>6.</b> <i>u</i> (lábio superior (ou entre o nariz e o lábio superior)), <b>7.</b> <i>l</i> (lábio inferior), <b>8.</b> <i>d</i> (covinha entre o lábio inferior e o queixo), <b>9.</b> <i>c</i> (parte inferior do queixo); <b>Tronco:</b> <b>1.</b> <i>t</i> (garganta), <b>2.</b> <i>f</i> (meio da testa), <b>3.</b> <i>m</i> (meio do peito), <b>4.</b> <i>s</i> (parte inferior do tórax), <b>5.</b> <i>p</i> (plexo solar), <b>6.</b> <i>b</i> (umbigo), <b>7.</b> <i>i</i> (abaixo do umbigo).
<b>PONTOS NÃO CENTRAIS (azul e verde - cor clara)</b>	
<b>Rosto:</b>	<b>1.</b> <i>sf</i> e <i>sf</i> (lado da testa), <b>2.</b> <i>br</i> e <i>br</i> (sobrancelha (olho)), <b>3.</b> <i>sy</i> e <i>sy</i> (lado do olho), <b>4.</b> <i>eye</i> e <i>ey</i> (logo abaixo do olho), <b>5.</b> <i>tm</i> e <i>tm</i> (logo abaixo da têmpora ao lado da cabeça), <b>6.</b> <i>che</i> e <i>ch</i> (bochecha (no nível da parte inferior do nariz)), <b>7.</b> <i>nl</i> e <i>nl</i> (ao lado da narina), <b>8.</b> <i>dm</i> e <i>dm</i> (covinha da bochecha), <b>9.</b> <i>mt</i> e <i>mt</i> (canto da boca), <b>10.</b> <i>sc</i> e <i>sc</i> (lado do queixo); <b>Tronco:</b> <b>1.</b> <i>sh</i> e <i>sh</i> (ombro), <b>2.</b> <i>pc</i> e <i>pc</i> (músculo peitoral), <b>3.</b> <i>np</i> e <i>np</i> (sob o músculo peitoral), <b>4.</b> <i>sb</i> e <i>sb</i> (lado do umbigo), <b>5.</b> <i>bl</i> e <i>bl</i> (área do cinto).
<b>PONTOS NÃO CENTRAIS (azul e verde - cor escura)</b>	
<b>Rosto:</b>	<b>1.</b> <i>ear</i> , <i>ear</i> , <i>ear</i> e <i>ear</i> (frente ou verso da orelha, perto do meio), <b>2.</b> <i>rlb</i> , <i>rlb</i> , <i>rlb</i> e <i>rlb</i> (frente ou verso do lóbulo da orelha); <b>Tronco:</b> <b>1.</b> <i>bcp</i> , <i>bcp</i> , <i>bcp</i> e <i>bcp</i> (bíceps ou tríceps), <b>2.</b> <i>lbw</i> , <i>lbw</i> , <i>lbw</i> e <i>lbw</i>

(articulação do cotovelo), 3. *frm*, *f_{rm}*, *f_{rm}* e *f_{rm}* (antebraço), 4. *wrs*, *w_{rs}*, *wrs* e *w_{rs}* (pulso), 5. *plm*, *p_{lm}*, *plm* e *p_{lm}* (palma ou dorso da mão), 6. *knl*, *k_{nl}*, *knl* e *k_{nl}* (nós dos dedos, ou a parte de baixo dos nós dos dedos), 7. *fng*, *f_{ng}*, *fng* e *f_{ng}* (lado inferior ou superior de um ou mais dedos).

Fonte: Peterson, 2003, n.p, adaptação nossa.

No *SLIPA*, o elemento M é definido a partir do espaço chamado *espaço do movimento* (ing. *movement space*), que é o lugar em frente ao corpo cujo ajuda a entender a mudança do *ponto de articulação* na execução do sinal. Essa área, esquematizada em formato cúbico, é marcada por pontos, representados, por sua vez, por letras maiúsculas, e possui dois planos (X: mais próximo do corpo e Y: mais distante do corpo), os quais guiam a movimentação de um ponto para outro, e os movimentos se dão de forma linear ou em curvas de três tipos (DAB/rosa: arco largo tocando os pontos D, A e B; DB/azul: arco de tamanho médio tocando os pontos D e B e passando entre os pontos A e X; e DXB/verde (arco estreito tocando os pontos D e B, quase tocando o ponto X enquanto passa entre os pontos A e X) (PETERSON, 2003). O registro escrito do percurso oposto desses movimentos é feito com um sublinhado (DCB, DB, DXB), e notação de outras informações (velocidade, tipo de trajetória e eventual mudança de configuração de mão) são realizadas por letras sobrescritas, funcionando como diacríticos (no total de 13). A seguir, a ilustração do *espaço do movimento*, com pontos, planos e percursos em curvas demarcados.



Fonte: Peterson, 2003, n.p.

Quanto ao elemento HS, isto é, a *configuração de mão*, o criador do *SLIPA* se baseou no alfabeto manual da ALS para estabelecer os caracteres (no total de 54) de representação desse elemento. No registro escrito, essas configurações são marcadas entre colchetes e, em caso de mudança de configuração durante a execução do sinal, as duas configurações são registradas entre o caractere cerquilha. Também são acrescentados diacríticos às notações das configurações de

mãos para representar a *orientação da palma da mão*, como ressaltado anteriormente, além dos diacríticos (no total de 35 e organizados em seis grupos: sobrancelhas, lábios, língua, pálpebras, olhos e cabeça) referentes às *expressões não manuais*. O quadro abaixo (*Quadro 19*) mostra a notação do sinal NORTH em ASL pelo *SLIPA*.

Quadro 19 – Notação do sinal NORTH

<p>ASL sign "NORTH":</p> <p><b>m[N]XA</b></p>
-----------------------------------------------

Fonte: Peterson, 2003, n.p.

Diferentemente de todos os sistemas de notação de sinais apresentados nesta seção, os quais iniciam o registro do sinal com a notação da configuração de mão, no *SLIPA*, o primeiro elemento a ser escrito é o *ponto de articulação*, como é verificado no registro acima. Nele, o caractere *m* faz referência ao ponto *meio do peito*, um ponto situado no tronco entre os pontos centrais; o caractere **[N]**, grafado entre colchetes, representa a forma da mão (mão em N) na realização do sinal; e os caracteres **XA** estão relacionados ao plano X e ao ponto A, perfazendo o movimento linear de X para A. Como o sinal é executado com a mão dominante (mão direita para destros), não há necessidade do efeito sublinhado sob os caracteres. Também não há a presença de diacríticos para marcar orientação e expressões não manuais, uma vez que tais não constituem esse sinal.

### 3.1.9 ASLSJ

Já o sistema de notação *ASL Sign Jotting* – Anotação de Sinais em Língua de Sinais Americana – ou, apenas, *ASLSJ*, como é tratado por seu autor, é um sistema de registro de sinais de caráter mais reservado, tendo em vista que ele é fruto do anseio particular do programador de computadores estadunidense Thomas Stone³², enquanto aluno ouvinte da ASL, que, em 2009, criou esse sistema para viabilizar o registro dos sinais durante seu o aprendizado da ASL a partir do estudo de vídeos.

³² Na plataforma *Blogspot*, Stone criou um blog dedicado ao sistema de notação de sinais *ASLSJ*.

Para Stone (2009, n.p) o ASLSJ é “(...) minha forma de escrita da Língua de Sinais Americana - que foi feita apenas por mim, para mim, e sem o envolvimento de nenhum surdo real. Não que eu não quisesse ajuda. É apenas do jeito que acabou”. Sobre esse sistema de notação, o idealizador do sistema *SLIPA*, mostrado anteriormente, assinala:

Acho que este é um ótimo sistema para ASL – talvez melhor como ortografia do que *SignWriting*. Seu objetivo é transcrever ASL não *qualquer* linguagem de sinais, então algo maior é necessário para nossos propósitos, mas para o que ele pretende fazer, acho esse sistema fantástico (PETERSON, 2003, n.p).

Com esse viés mais particular, trata-se de um sistema que também está em conformidade com as diretrizes do código ASCII, igualmente se aproximando do sistema *SLIPA*, ou seja, faz uso de um conjunto simplificado de caracteres padrão, entre letras do alfabeto latino e numerais, usado pelas máquinas de computadores, e que direciona o registro dos sinais de forma linear, da esquerda para a direita, na qual a escrita dos componentes dos sinais se dá em ordens específicas, e, a depender da ordem em que aparecem, os caracteres podem assumir significados distintos na escrita. Sobre essa ordem Stone (2009, n.p) ressalta: “o ASLSJ divide as palavras da ASL em um padrão sequencial para a escrita. Essas sílabas estão em dois grupos separados por um hífen. Antes do hífen é o posicionamento inicial da mão. Depois do hífen é o movimento e possivelmente o posicionamento da mão de destino”. O quadro abaixo (*Quadro 20*) mostra o conjunto limitado dos caracteres utilizado no sistema de notação *ASLSJ*, e o *Quadro 21*, o seguinte, exhibe um exemplo, sinal *TIME* em ASL, de registro nesse sistema.

*Quadro 20 – Caracteres do ASLSJ*

3	4	6	7	8	9										
A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L	M			
N	O	P	Q	R	S	T	U	V	W	X	Y	Z			

Fonte: Stone, 2009, n.p.

*Quadro 21 – Notação do sinal TIME*

ASL sign "TIME":
<b>DbvSvtv</b>

Fonte: Peterson, 2003, n.p.

O sinal TIME em ASL é bem representativo, indicando o que seria uma pessoa tocando um relógio com o dedo indicador. Nessa notação do sinal TIME, o caractere *Db* faz referência à mão direita, a qual está no formato de G (ou de 1) (o dedo indicador é estendido para cima, com todos os outros dedos curvados em direção à palma da mão direita) e dobrada no pulso; o *v* está relacionado à orientação da palma dessa mão, voltada para baixo; o caractere *S* refere-se à mão esquerda, mão no formato de S (um punho fechado com o polegar enrolado na frente dos dedos fechados); o *v* seguinte significa, igualmente, a orientação da palma dessa mão (mão esquerda), também voltada para baixo; e o caractere *tv*, ao fim, representa o toque da mão direita sobre a mão esquerda.

Com esse sistema de notação, finalizamos a presente seção. A seguir, apresentaremos um quadro-síntese com todos os *sistemas de notação* de sinais abordados neste estudo, acrescidos do nome do(s) idealizador(es) e do ano de criação de cada um desses sistemas. Após, destacaremos alguns pontos significativos sobre tais sistemas, como: a natureza do criador, isto é, se o sistema foi idealizado por um surdo ou por um ouvinte; a caracterização quanto à base do registro escrito, ou seja, se os sistemas se caracterizam enquanto *escrita sintética*, *escrita analítica* ou *escrita fonética*; e o modo de registro dos caracteres e símbolos desses sistemas, isto é, como estão dispostos no que diz respeito à orientação (horizontal, vertical) e à direcionalidade (da esquerda para a direita, de cima para baixo).

A seguir, um quadro-síntese com os sistemas de notação de sinais apresentados nesta seção.

Quadro 22 – Síntese dos sistemas de notação de sinais

OR.	SISTEMA DE NOTAÇÃO DE SINAIS	AUTOR (ES)	ANO
01	<i>Mimographie</i>	Roch Ambroise Auguste Bèbian	1817
02	<i>Sistema Notacional de Stokoe</i>	William Stokoe	1960
03	<i>HamNoSys</i>	Prillwitz, Vollhaber e colaboradores	1984
04	<i>Sistema de Notação em Palavras</i>	Tanya Amara Felipe	1988
05	<i>ASL-phabet</i>	Samuel James Supalla	1990
06	<i>Notação de Ferreira-Brito-Langevin</i>	Lucinda Ferreira Brito e Remi Langevin	1995

07	<i>Notação de Gestemas</i>	François-Xavier Nève	1996
08	<i>SLIPA</i>	David Peterson	2000
09	<i>ASLSJ</i>	Thomas Stone	2009

Fonte: elaboração própria (2022).

Dentre os 9 (nove) *sistemas de notação* de sinais apresentados aqui, apenas 1 (um) sistema, o *ASL-phabet* (1990), foi idealizado por um surdo, o linguista Samuel James Supalla. A expressiva maioria desses sistemas foi pensado por pesquisadores/estudiosos/professores ouvintes, contabilizando o total de 8 (oito) sistemas, a saber, *Mimographie* (1817), de Roch Ambroise Auguste Bébien, *Notação de Stokoe* (1960), de William Stokoe, *HamNoSys* (1984), de Prillwitz, Vollhaber e colaboradores, *Sistema de Notação em Palavras* (1988), de Tanya Amara Felipe, *Notação de Ferreira-Brito-Langevin* (1995), de Lucinda Ferreira Brito e Remi Langevin, *Notação de Gestemas* (1996), de François-Xavier Nève, *SLIPA* (2000), de David Peterson, e *ASLSJ* (2009), de Thomas Stone.

No que diz respeito à classificação do sistema de escrita (*escrita sintética, escrita analítica, escrita fonética*), já abordada no segundo capítulo deste estudo, todos os *sistemas de notação* de sinais mostrados aqui se caracterizam como sistemas de registro de base fonética. Não há algum sistema que se relacione à *escrita sintética* ou à *escrita analítica*. Quanto ao modo de registro dos caracteres e símbolos nesses sistemas, isto é, quanto à orientação (horizontal, vertical) e à direcionalidade (da esquerda para a direita, de cima para baixo), a grande maioria desses sistemas, no total de 8 (oito), guia o registro dos sinais de modo horizontal, dispondo seus os caracteres e símbolos linearmente, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Somente o sistema de notação *Notação de Gestemas* (1996), do professor ouvinte François-Xavier Nève, orienta o registro escrito de modo vertical (em colunas), com direcionalidade dos elementos de cima para baixo de forma não linear.

Agora, passaremos aos *sistemas de escrita* de sinais.

### 3.2 SISTEMAS DE ESCRITA DE SINAIS

Os *sistemas de escrita* de sinais, por sua vez, foram desenvolvidos, de modo mais simplificado, para fins de uso cotidiano, enquanto instrumentos que

possibilitam, sistematicamente, a realização de tarefas como ler e escrever palavras, textos e discursos, bem como a comunicação de forma geral. Com pretensões distintas das pretensões dos sistemas de notação (já apresentados na seção anterior), esses sistemas de escrita de sinais também partem dos elementos – *configuração de mão, movimento, expressões faciais e corporais*, por exemplo – que constituem a estrutura linguística dos signos sinalizados. Assim, nesta seção, abordaremos, também de forma cronológica, os seguintes sistemas de escrita de sinais: *SignWriting* (1974), *SignFont* (1987), *D’Sign* (1990), *ASL Orthography* (1997), *SMYLE* (1997), *EliS* (1997), *Visagrafia* (2001), *Si5s* (2003), *SEL* (2009), *SignScript* (2010), *ASLwrite* (2011), *Symbol Font for ASL* (2013), e *VisoGrafia* (2016).

### 3.2.1 SignWriting

O *SignWriting* é um dos sistemas de escrita de sinais, o mais conhecido e divulgado na história do registro escrito das línguas de sinais, usado para codificar não só a Libras, mas as línguas sinais de um modo geral. Ele foi idealizado por Valerie Sutton (1951 -) – ex-bailarina ouvinte estadunidense e especialista em sistemas de escrita do movimento – em colaboração com o pesquisador surdo Adam Frost e o programador ouvinte Stephen E. Slenvinski Jr., em 1974, na Universidade de Copenhague, na Dinamarca, a partir da concepção de outro sistema, o *DanceWriting*, um sistema de notação empregado para o registro dos movimentos de coreografias do *ballet* e de outras danças. Segundo Sutton (2000, p. 03), “o *SignWriting* tem características gráficas e esquemáticas analógicas que o configuram como um sistema transparente e fácil de aprender e manipular, coisa que não acontece em geral com as notações formalísticas inventadas pelos lingüistas”. Ela acrescenta:

Por isso ele se mostra como um forte candidato a cumprir o papel que os outros sistemas de representação não conseguem cumprir com facilidade: Servir de base para um sistema de escrita de línguas de sinais. Isto é, um sistema que as pessoas possam utilizar para escrever “nas” línguas de sinais, e não apenas “sobre” elas (SUTTON, 2000, p. 04).

Aqui, no Brasil, o sistema *SignWriting* chegou em 1996, pouco mais de duas décadas após a sua criação, a partir do Grupo de Pesquisa em Informática Aplicada à Educação de Surdos (GIES) da Faculdade de Informática (FACIN) da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio Grande do Sul, coordenado pelos pesquisadores ouvintes Dr. Antônio Carlos da Rocha Costa e Dra. Márcia de Borba Campos, em colaboração com a pesquisadora surda Dra. Marianne Rossi Stumpf. Embora disseminado mundialmente, esse sistema de escrita de sinais ainda não é amplamente difundido e empregado no registro escrito da Libras no país, assim como também ainda não é usado de forma regular nas escolas, conforme assegura Quadros (2017).

A escola bilíngue Escola Estadual de Educação Especial Dr. Reinaldo Fernando Cóser, situada em Santa Maria, Rio Grande do Sul, é um exemplo das poucas escolas que promove o ensino do *SignWriting*. O Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), no Rio de Janeiro, é outra instituição que apoia o uso desse sistema de escrita. O *SignWriting* também se faz presente no currículo dos cursos de Letras Libras³³ a partir da criação e divulgação desses cursos nas universidades brasileiras. Ainda, esse sistema é objeto de investigação de pesquisadores, como a professora Dra. Marianne Stumpf, que diz:

[...] o sistema pode representar língua de sinais de um modo gráfico esquemático que funciona como um sistema de escrita alfabético, em que as unidades gráficas fundamentais representam unidades gestuais fundamentais, suas propriedades e relações. O *SignWriting* pode registrar qualquer língua de sinais do mundo sem passar pela tradução da língua falada. Cada língua de sinais vai adaptá-lo a sua própria ortografia. Para escrever em *SignWriting* é preciso saber uma língua de sinais (STUMPF, 2005, p. 51-52).

Em linhas gerais, o sistema de Sutton também é estruturado a partir dos parâmetros que formam a composição linguística dos sinais: *configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação, expressão não manual*. Assim, nesse sistema de escrita de sinais, as configurações de mãos e suas direções, os movimentos das mãos e do corpo e as expressões faciais e corporais das línguas de sinais são representados por meio de símbolos visuais diversos, os quais, refletem a

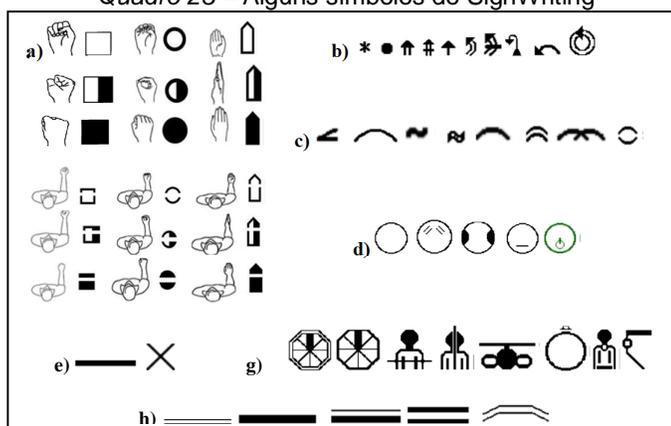
---

³³ A UFSC foi a pioneira a oferecer os cursos de Licenciatura e de Bacharelado em Letras Libras, no ano 2006, inicialmente na modalidade a distância. O livro *Libras: ontem, hoje e amanhã* (2014), organizado pela professora Dra. Ronice Quadros, evidencia a história desses cursos de Libras no Brasil.

dimensão visuoespacial dessas línguas. De acordo com Sutton (2000, p. 07), os sinais, no sistema *SignWriting*, podem ser escritos de três formas, a saber, *Escrita com o corpo inteiro*, em que é utilizado o corpo inteiro; *Escrita de sinais padrão*, na qual são empregados figuras com símbolos; e *Escrita simplificada* (ou escrita à mão), que é um modo mais simples da escrita padrão, podendo excluir alguns símbolos.

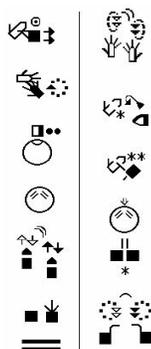
Totalizando, aproximadamente, 900 símbolos, dispostos verticalmente, esse sistema se organiza com base nas seguintes categorias: a) *mãos*: 261 símbolos divididos em 10 grupos para formas e orientações das mãos a partir das básicas: punho fechado, punho aberto e a mão plana; b) *movimento*: 91 símbolos divididos em 10 grupos, entre símbolos de contato, movimentos dos dedos, setas (retas e curvas) e círculos nos planos de frente, de cima e de diagonal; c) *dinâmica*: 8 símbolos para realçar o movimento ou a expressão; d) *cabeças e faces*: 128 símbolos organizados em 5 grupos para posição e movimentos da cabeça, sobrancelhas, olhos, boca, língua, pescoço etc.; e) *corpo*: 68 símbolos dividido em 2 grupos para o tronco, braços e dedos; f) *localização detalhada*: 8 símbolos básicos para a localização dos sinais no corpo ou no espaço neutro; e g) *pontuação*: 5 símbolos para a escrita de sentenças e textos. A seguir, um quadro contendo alguns dos símbolos utilizados no sistema *SignWriting*, e, em seguida, um exemplo de escrita nesse sistema.

Quadro 23 – Alguns símbolos do SignWriting



Fonte: Sutton, 2000, adaptação nossa.

Figura 18 – Escrita no sistema SignWriting



Fonte: Stumpf, 2005, p. 01.

O exemplo acima é o título, escrito em *SignWriting*, da tese de Stumpf (2005), o qual, traduzindo, significa “Aprendizagem de escrita de língua de sinais pelo sistema *SignWriting*: língua de sinais no papel e no computador” (STUMPF, 2005, p. 01, tradução nossa). Aqui, podemos averiguar diversos aspectos envolvidos no registro de sinais nesse sistema, como: a orientação da escrita no modo vertical, de cima para baixo; o uso de símbolos que representam: a formas e a orientação da mão (■: mão em S e palma para a esquerda/destros); a localização (○ que faz referência à testa); o movimento da mão (↻: movimento circular para cima) e dos dedos (●●: articulação média fecha) etc. De maneira mais detalhada, temos, no terceiro sinal da segunda coluna – ✎** : PAPEL –: a mão direita em L: -■ (com palma para baixo, por isso preta, e vista do plano de cima, por isso o pequeno espaço entre os dedos polegar e indicador e o punho) tocando a mão esquerda, com os quatro dedos unidos e o polegar para o lado: ✎ (com palma para cima, por isso branca e também vista do plano de cima, por isso o pequeno espaço no símbolo). O toque da mão esquerda sobre a mão direita é representado pelos asteriscos, símbolos que significa *contato* no sistema *SignWriting*.

### 3.2.2 SignFont

*SignFont*, por sua vez, é o sistema de escrita de sinais desenvolvido, em 1987, pelo linguista Don Newkirk, em colaboração com o seu grupo de pesquisa de San Diego, na Califórnia. Ao contrário do sistema anterior, o *SignWriting*, que pode ser estendido a qualquer língua de sinais, esse sistema foi projetado, especialmente,

para o registro escrito dos sinais da ASL. Nesse sentido, em certa medida, também se orienta pelos parâmetros básicos – *configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão não manual* – que constituem os sinais dessa língua, entretanto concebe o *ponto de articulação*, isto é, a área na qual a mão, em algum formato, toca o corpo, como o aspecto elementar a ser retratado na escrita dos sinais. De forma particular, o *SignFont* foi pensado para escrever os sinais em nível de frases e de textos (CRIPPS; SUPALLA, 2018). Ainda, desse estudo resultou a obra *Manual do SignFont* (ing. *Sign Font Handbook*).

O *SignFont* é um dos primeiros sistemas de escrita de sinais com uma versão, fonte, disponibilizada para os sistemas de computadores. Nessa perspectiva, para Sacks (2010, p. 92), “o uso de computadores permite dar à imensa série de sinais, suas modulações e muitas de suas “entonações”, uma forma escrita mais adequada do que antes se julgava possível. O sistema SignFont procura indicar toda a expressividade da própria língua de sinais [...]”. Com um pequeno conjunto de símbolos, aproximadamente 272 símbolos, esse sistema direciona a escrita dos sinais de forma linear, horizontalmente, e da esquerda para a direita. Aqui, alguns dos símbolos que compõem esse sistema são icônicos, fazendo referência, principalmente, às partes do corpo.

Nesse sistema, os símbolos estão agrupados por diferentes tamanhos e a funcionalidade de cada símbolo depende desse agrupamento. Majoritariamente, os símbolos maiores fazem referência aos constituintes propriamente ditos do sinal, ou seja, às *configurações de mãos, ao ponto de articulação, ao movimento* ou às *marcas não manuais*, já os símbolos menores, tratados como diacrítico, são mais empregados para fazer alusão a alguma especificidade dos elementos representados pelos símbolos maiores. E, como o *SignFont* é um sistema que não se aplica a todas as línguas de sinais, o modo de registro dos sinais também é particular, fazendo distinção entre mão dominante (mão direita para destros) e mão não dominante (mão esquerda para destros). Assim, a escrita dos sinais se dá a partir do registro dos seus constituintes na seguinte ordem: *configuração de mão, ponto de articulação, configuração da mão não dominante, ponto de articulação não dominante e movimentos*. O quadro (Quadro 24) abaixo expõe os símbolos utilizados para a escrita de sinais no sistema *SignFont*. Após, um exemplo (Figura 19) de sinal (sinal GIVE) escrito nesse sistema.

Quadro 24 – Símbolos do SignFont



Fonte: Goyal, 2015, p. 77.

Figura 19 – Sinal GIVE



Fonte: Cripps e Supalla, 2018, p. 11.

O sinal GIVE, assim como o sinal DAR, em uma das suas variações em Libras, com base no dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 884), é realizado com as mãos com pontas dos dedos unidas e palmas para cima, e com movimento para frente. Desse modo, na escrita desse sinal, estão envolvidos os seguintes símbolos: ○ para a configuração de mão da mão dominante, o qual é acompanhado por 7 (diacrítico); σ para a configuração de mão da mão não dominante; ☺ para o ponto de articulação (espaço); † para o movimento (simétrico). Assim, nessa escrita, há o registro dos constituintes (*configuração de mão – mão dominante e mão não dominante –, ponto de articulação, movimento*) do sinal de modo linear, horizontalmente, e da esquerda para a direita.

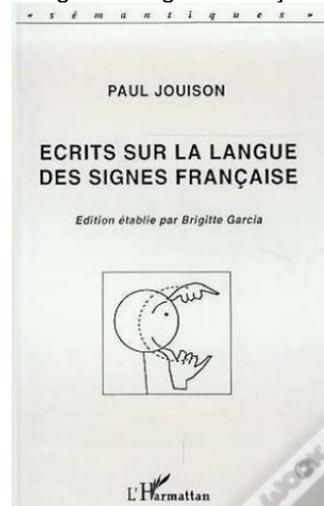
### 3.2.3 D'Sign

O sistema de escrita de sinais *D'Sign* foi criado pelo educador ouvinte Paul Jouison (1948-1991) em 1990. Pouco se tem conhecimento sobre as particularidades desse sistema de escrita, visto que o seu proponente faleceu pouco tempo depois da sua criação e antes de elucidar os pontos estruturais dessa proposta de escrita para o registro de línguas de sinais. Hoje, o entendimento que há sobre esse sistema parte dos estudos da pesquisadora Brigitte Garcia (2000), que, em sua tese, intitulada *Contribuição para a história dos primórdios da pesquisa*

*linguística em Língua de Sinais Francesa (LSF): As obras de Paul Jouison (Contribution à l'histoire dès débuts de la recherche linguistique sur la Langue des Signes Française: Les travaux de Paul Jouison)*, resgata os estudos de Paul Jouison, incluindo a idealização do sistema de escrita *D'Sign*.

O *D'Sign* não foi desenvolvido para ser apenas mais um sistema de escrita, uma ferramenta simples, ou um instrumento qualquer de escrita, ao contrário, foi pensado para ser a “escrita da LSF”, sendo considerado, assim, um sistema de escrita bastante elaborado e que intentava ser uma escrita legítima, de acordo com Garcia (2000). Tanto foi significativo que Garcia, ainda em 1995, ao editar e publicar a obra *Escritos sobre a Língua de Sinais Francesa (Ecrits sur la Langue de Signes Française)*, concedeu a autoria a Jouison, que, por sua vez, em suas investigações, se interessava por gravações de longas sequências de conversas espontâneas sinalizadas a fim de identificar os reais elementos formadores dos sinais da LSF, distanciando-se, em certa medida, dos estudos paramétricos acordados Stokoe nos anos 60, os quais se baseavam especialmente na descrição das formas visuais dos sinais.

Figura 20 – Capa da obra *Ecrits sur la Langue de Signes Française*



Fonte: Mendes, 2020, p. 38.

Nessa direção, um pouco afastado dos elementos convencionais que constituem as línguas de sinais – os parâmetros *onfiguração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressão não manual* –, o sistema de escrita *D'Sign* classifica as unidades que compõem os sinais, relacionando-as aos seus

respectivos símbolos, nos seguintes grupos: escolha dos dedos, escolha dos braços, imagens, eixos de rotação, deslocamentos, zonas do corpo e do espaço (GARCIA, 2000). Em contrapartida, assim como outros sistemas de escrita de sinais, o *D'Sign* segue a orientação empregada no rescrito escrito das línguas orais, ou seja, orienta a escrita de sinais de forma linear e horizontalmente, da esquerda para a direita. Também se utiliza de algumas letras do alfabeto latino, embora possua um alfabeto particular. Abaixo, um exemplo de escrita de sinais pelo sistema *D'Sign*.

*Figura 21 – Exemplo de escrita no D'Sing*

m< 3pãvùeã-Èùovz- vè çpãvφύovz- j m<  
 Içqø'qφjxl Iφ>gvdòúus vè çpãvφύovz- j vè  
 φã'pqu'Ézj>ð-Ûvz3 vè 3UuE-λ n>ð'lgpL ùn>  
 3UuE-v-φααz' n vè I0uãvø>-jv Èzφjυφαιè-  
 λL-φααz-πvèèz-φmjv m< vè φæ'φxue  
 -ðn>λL-Isφυqemjv m< vè φã'3φ>3oos-nφxαφυL  
 m< (φã'3)φ>3oos-φ'n>v φã'φυè-qv Isφυqemjv  
 m< vè 4ãxφ'pαè-vLλ z4ãxφ'pαè-vLλ-φmjv  
 ð'ÉpEos Èzφjυφαιè-λL-φααzè φmjév  
 çpãvφύovzè Iφqøùom'' çpãv-xmLφ-è (mλ  
 φ-ð''pυφè-Écμjα-βv-μùs) vφ φ-φ''pυφè-Écμj  
 α-βv-μùs vφ φjjs nñ>ð'p> ãe'φxgãs φ-  
 φ''pυφè-Écμjα'φ'ùsφααz nçφe'φxgãsz-ñcφαsz  
 -ncxãsz φ-ð''pυφè- -Écμjg-è çpãvφύovz  
 n<é-3φE-v-ouu-nøè' n>-3φuuqφ-osøxã Içvø'çμjφ  
 -mqãLV-n>vL

Fonte: Stumpf, 2005, p. 51.

### 3.2.4 ASL Orthography

Com o mesmo intuito do sistema de notação *ASLSJ*, retratado na seção anterior (*Sistemas de Notação de Sinais*), cujo foi resultado do anseio particular do seu criador, o *ASL Orthography* também é um sistema, mas de escrita de sinais, elaborado a partir do interesse particular do, igualmente, estudante de ASL e programador de computador Travis Low (ouvinte), que, em 1997, desenvolveu esse sistema para auxiliar o registro de sinais no seu aprendizado da ASL. Infelizmente, as informações e os detalhes sobre esse sistema são escassos, sobretudo porque se trata de um sistema com ideias documentadas de forma incompleta, conforme consta em Mendes (2020). De todo modo, como alguns dos sistemas de notação de sinais mostrados anteriormente, o *ASL Orthography* é um sistema criado com base nos caracteres ASCII, ou seja, guia-se pelo código padrão americano para o intercâmbio de informação, o qual utiliza um código para uniformizar o conjunto de

caracteres, entre letras, números, acentos, sinais, códigos de controle etc., para ser empregados nos sistemas de computadores. O quadro abaixo (*Quadro 25*) mostra alguns caracteres utilizados no sistema *ASL Orthography*.

Quadro 25 – Alguns caracteres do ASL Orthography

1	3	4	5	8					
A	B	C	D	E	F	G	I	K	L
M	N	O	R	S	T	U	V	W	X
ì	:	,	'	^	v	<	>		
~	@	=							
-	c	o	s	z	x	*	%		
.	+		/	\	y	)			

Fonte: Mendes, 2020, p. 45, adaptação nossa.

Nesse sistema, as letras, em particular, são usadas apenas em maiúsculo e, juntamente com os números, fazem referência às configurações de mãos, podendo ser combinadas entre si para formarem outras configurações, como é o caso da combinação entre as configurações de mãos em I, L e Y para formar a configuração de mão , que, por sua vez, corresponde ao sinal I-LOVE-YOU, no registro escrito nesse sistema. Aqui, a orientação da escrita se dá de forma horizontal, linearmente, da esquerda para a direita, com duas possibilidades de ordens para o registro dos caracteres correspondentes aos elementos considerados importantes para a composição dos sinais nessa proposta sistemática, a saber, para a mão dominante, tipo de localização (cabeça/corpo), orientação, configuração de mão, qualidade, e localização, e, para a mão não dominante, tipo de localização, localização, orientação, qualidade e movimento (MENDES, 2020). Não foram encontrados exemplos de sinais escritos nesse sistema.

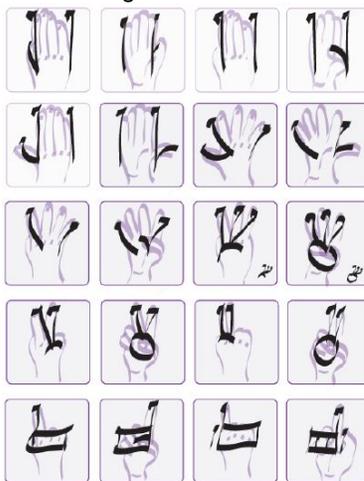
### 3.2.5 SMYLE

O *Signographie Manuscrite YaelLE* (Signografia Manuscrita YaelLE) ou, simplesmente, *SMYLE*, como é identificado, é outro exemplo de sistema de escrita de sinais com informações escassas. Trata-se de um sistema desenvolvido, em 1997, por um grupo de trabalho internacional, sediado na França e liderado por Maryline Pierrat-Frappé, ou Yaelle (ouvinte), como é mais conhecida, para facilitar o

aprendizado de línguas de sinais. Embora idealizado com base na LFS, esse método francês de escrita de sinais, conforme os seus proponentes, foi projetado para ser aplicado também a outras línguas de sinais, como a ASL, por exemplo. E, com pretensões educacionais claras, na função de viabilizar o aprendizado de línguas de sinais, esse sistema de escrita possibilita, entre outros pontos, anotar os sinais diretamente na língua de sinais sem a necessidade de traduzir para a língua oral do país.

De modo análogo aos sistemas de escrita ideográficos empregados nas civilizações antigas, como a egípcia e a maia, e ainda utilizados nas culturas chinesa e japonesa, o *SMYLE* faz uso de símbolos ideográficos para escrever os sinais. Como visto no capítulo 2, a escrita ideográfica é a escrita de ideias, em que um símbolo, ou um conjunto deles, representa uma ideia, podendo significar a ideia de uma frase inteira, por exemplo. Assim, o *SMYLE* emprega um conjunto de símbolos gráficos, os quais formam o *signograma* desse sistema, para compor a sua escrita *signográfica*. A *Figura 22* mostra alguns desses símbolos ideográficos do sistema de escrita *SMYLE*, e a *Figura 23* traz exemplos de sinais escritos nesse sistema.

Figura 22 – Alguns símbolos do SMYLE



Fonte: Pierrat-Frappé, 2012, n.p.

Figura 23 – Exemplos de escrita no SMYLE



Fonte: Pierrat-Frappé, 2012, n.p.

Como se trata de um sistema de escrita de natureza ideográfica, os sinais da *Figura 23*, *sorriso*, *língua de sinais*, *escrever*, *poder*, são simbolizados por ideogramas que representam a ideia completa desses sinais. Nesse sistema, a escrita se dá pela perspectiva do receptor, com traços para as configurações de mão, linhas retas e curvas para os movimentos, círculos para a altura, e figuras geométricas para as expressões faciais, e apresenta direcionalidade horizontal, no nível do registro textual, em que os sinais são escritos de modo linear, da esquerda para a direita, e vertical, no nível do registro do sinal de forma isolada, em que os elementos que constituem os sinais são escritos agrupados (PIERRAT-FRAPPÉ, 2012).

### 3.2.6 ELiS

*ELiS*, termo que significa, exatamente, *Escrita das Línguas de Sinais*, é outro sistema de escrita pensado para o registro formal das línguas de sinais, em especial, para o registro escrito da Libras. Ele foi concebido, previamente, no final dos anos 90, mais precisamente, em 1997, advindo das investigações de Mestrado da pesquisadora brasileira Mariângela Estelita³⁴, a qual, durante os seus estudos no Doutorado, em 2008, aperfeiçoou esse sistema de escrita desenvolvido para as línguas de sinais.

De acordo com Barros (2008), *ELiS* é um sistema de escrita de base alfabética e linear organizado a partir dos Parâmetros propostos pelos estudos de Stokoe (1965). Escrita Alfabética porque, conforme a autora, em referência a Higounet (2003), esse sistema faz uso de um símbolo para cada elemento, em oposição à *escrita silábica* – ambas as subcategorias da *escrita fonética* –, em que as consoantes e as vogais de uma sílaba são representadas por um único símbolo. E linear porque os *visografemas* (representação gráfica dos *visemas*³⁵ e equivalente às letras) obedecem a uma sequencialidade no registro, característica essa que, segundo Barros (2008, p. 36), “tem causado polêmica principalmente entre

---

³⁴ Mariângela Estelita Barros, ouvinte, professora Dra. da Universidade Federal de Goiás.

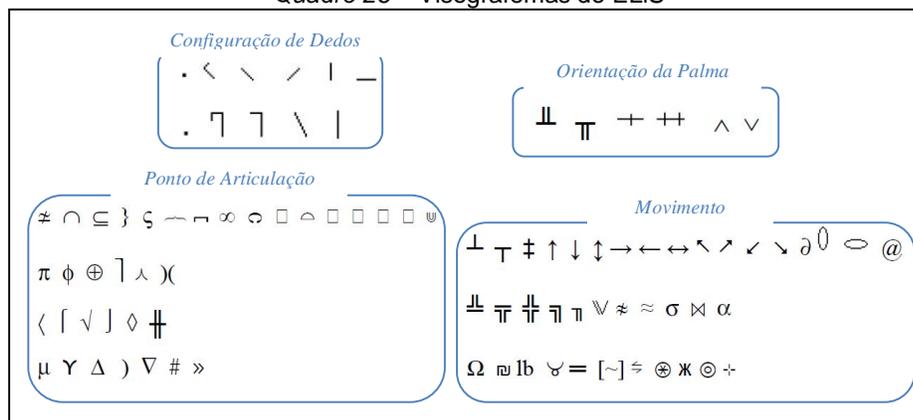
³⁵ Barros (2008) propõe o termo *Visema* – em oposição a *Quirema*, pensado por Stokoe (1965) – para nomear os elementos mínimos das línguas de sinais, estabelecendo, portanto, uma analogia ao termo das línguas orais *Fonema*.

conhecedores do sistema de escrita *Sign Writing* (Sutton, 1981), que usa uma apresentação *em pilha*'.

E, por mais que parta dos estudos de Stokoe, o *ELiS* estabelece algumas diferenças, como: o acréscimo do parâmetro *orientação da palma da mão*; a alteração na ordem de registro dos elementos que compõem sinais (*configuração de mão/CM* (na versão mais atualizada, *configuração de dedos/CD*), *orientação da palma/OP*, *ponto de articulação/PA* e *movimento/Mov* em oposição à ordem *ponto de articulação*, *configuração de mão* e *movimento*, de Stokoe); a criação de diacríticos para orientação do eixo pulso-palma, lateralidade do ponto de articulação (direita ou esquerda), de duplicidade do movimento; entre outras (BARROS, 2008). Nessa direção, a autora propõe a criação de um conjunto de símbolos relacionados aos parâmetros das línguas de sinais a fim de representar graficamente cada *visema* dessas línguas. "No sistema de escrita *ELiS*, os símbolos do alfabeto representam os *visemas* elementares das línguas sinalizadas em vez de representarem os sons elementares das línguas orais" (BARROS, 2008, p. 14).

Ao todo, esse sistema é composto por 90 visografemas, divididos em 4 grupos e em seus respectivos subgrupos: 1) 10 visografemas da CD (5 do polegar, 4 dos demais dedos e 1 em comum); 2) 6 visografemas da OP; 3) 35 visografemas do PA (16 da cabeça, 6 do tronco, 6 dos membros e 7 da mão); e 4) 39 visografemas do Mov (17 dos movimentos externos da mão, 11 dos movimentos internos da mão e 11 dos movimentos realizados sem as mãos), e guia a escrita de sinais da esquerda para a direita. Em caso de sinais monomanuais, somente a mão direita é representada e, em caso de sinais bimanuais (são inseridos diacríticos nos simétricos e nos quase simétricos), as duas mãos são representadas a partir dos elementos que as compõem (BARROS, 2008). O quadro abaixo (*Quadro 26*) mostra os símbolos empregados no sistema de escrita de sinais *ELiS*, e a próxima figura (*Figura 24*) é um exemplo de texto, acompanhado pela tradução palavra a palavra, escrito nesse mesmo sistema.

Quadro 26 – Visografemas do ELiS



Fonte: Barros, 2008, p. 34-35, adaptação nossa.

Figura 24 – Exemplo de escrita no sistema ELiS

//<T⁺Φ↓ I\I⁺Δ↑ⁱ -IvΦ→ -I.vΦTⁱ \.\⁺ω²τ→ //...IITΦ0

.Il.^v-IvΛΔμTⁱ- .Il.vΩ⊥ //<IIT²τⁱ <T^vΦτ //I.⁺ω←→ -I.⁺ωθ~Ωⁱ

//-IIT⁺τⁱλ= //I⁺μμT⊥ \.\⁺ω²τ→ //.)⁺ )²→-

I\I ...I .III. 36

//<T⁺Φ↓ (lugar) I\I⁺Δ↑ⁱ (flor) -IvΦ→ (espaço) -I.vΦTⁱ (tem)

\.\⁺ω²τ→ (gato) //...IITΦ0 (brincar) .Il.^v-IvΛΔμTⁱ- (pular) .Il.vΩ⊥

(ver) //<IIT²τⁱ (borboleta) <T^vΦτ (pegar) //I.⁺ω←→ (mas) -I.⁺ωθ~Ωⁱ

(não-conseguir) //-IIT⁺τⁱλ= (borboleta voar) //I⁺μμT⊥ (fugir) \.\⁺ω²τ→

(gato) //.)⁺ )²→- (puxa!)

I\I ...I .III. (FIM)

Fonte: Barros, 2008, p. 119, adaptação nossa.

Nesse exemplo, percebemos claramente a direcionalidade da escrita de sinais no sistema *ELiS*: horizontalmente, da esquerda para a direita. Também verificamos a presença de diacríticos localizados acima e à direita do elemento a ser especificado, como é o caso o diacrítico sobre o *movimento* (Tⁱ: movimento para trás) do sinal TEM que significa repetição de movimento. Detalhadamente, por exemplo, na escrita do sinal BRINCAR – formado, de acordo com o dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 573), pelas mãos em Y, com palmas para trás e próximas e com movimentos em pequenos círculos verticais para frente

³⁶ “Em um jardim, um gato estava brincando e pulando quando viu uma borboleta. Foi para pega-la, mas não conseguiu. A borboleta saiu voando, fugiu. O gato falou: – Puxa! FIM” (BARROS, 2008, p. 119).

(sentido horário) alternadamente –, temos o símbolo // (empregado como diacrítico) iniciando a escrita desse sinal para indicar que se trata de um sinal bimanual simétrico. Em seguida, vemos o registro do elemento Configuração de Dedos, em que se verificam os símbolos –, ... e | para marcar, respectivamente a forma do polegar (estendido perpendicularmente ao lado da palma), a forma dos demais dedos - dedos indicador, médio e anelar (dedos dobrados em todas as suas articulações), e a forma dos demais dedos - dedo mínimo (dedos com todas as articulações estendidas). A Orientação da Palma é representada pelo símbolo  $\pi$ , que significa palma para trás, o Ponto de Articulação é retratado pelo símbolo  $\phi$ , o qual revela o local de realização desse sinal, no tronco, mais especificamente, no tórax, e o Movimento é representado pelo símbolo 0 para sinalizar o movimento circular vertical desse sinal.

### 3.2.7 Visagrafía

De forma análoga ao sistema de escrita de sinais *SMYLE*, já evidenciado anteriormente, o *Visagrafía* também se caracteriza como um sistema de registro de sinais que se baseia na escrita com ideogramas. Ele foi idealizado, com o intuito de conceber um dicionário, pela empresa social IdeAI (*Instituto de Audiología Integral*//Instituto de Audiologia Integral), da cidade de Pereira, na Colômbia, em 2001, por Jaime Hernández Gutiérrez e pelos surdos José Fernando Duque Gallego, Edgar Eduardo Medina Vivas e Jorge Enrique Castro Cardona, para viabilizar a comunicação escrita em Língua de Sinais Colombiana (LSC). De acordo com Colorado e Ruíz (2010, p. 34), o *Visagrafía* “é um sistema de símbolos escritos cuja finalidade é permitir que a pessoa não ouvinte escreva de maneira apropriada à língua de sinais, [...] é uma forma de comunicação entre surdos e um meio para a preservação da memória dentro da comunidade sinalizante”.

Com um pequeno conjunto de símbolos para a representação dos sinais na escrita, o *Visagrafía* é constituído por 15 grafemas básicos, os quais, funcionando como o elemento principal para a composição dos ideogramas nesse sistema de escrita, representam as partes do corpo e indicam os movimentos durante a realização dos sinais. Os grafemas referentes aos movimentos podem ser

acompanhados por um traço transversal para indicar o fim da extremidade desse grafema, e, em caso de repetição de movimento, esse traço é duplicado. Há ainda os grafemas derivados, que são combinações entre grafemas corporais. Nessa escrita, também são empregados sinais de pontuação e caracteres especiais dos sistemas de computadores (além de palavras escritas no alfabeto latino), especialmente para representar os planos horizontal, frontal e sagital (dividi o corpo em lados direito e esquerdo) na descrição dos movimentos, e, para efeito de organização, cada grafema é identificado com um código representado por uma letra do alfabeto e um nome para identificação (COLORADO; RUÍZ, 2010). Em nível de registro de texto, esse sistema guia a escrita dos sinais de modo linear, e horizontalmente, da esquerda para a direita, e, em nível de registro de sinal, a escrita se dá de modo vertical, em que os constituintes dos sinais aparecem agrupados.

Quadro 27 – Grafemas do Visagrafia

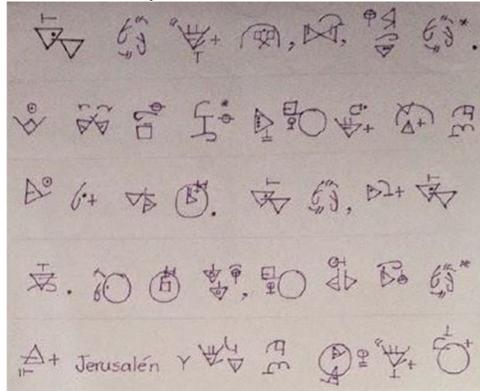
Grafemas básicos					
Código	Nombre	Grafema	Código	Nombre	Grafema
a	Cara		i	Línea	
b	Hombros		J	Curva	
c	Mano		k	Círculo	
d	Palma		l	Punto	
e	Bastón		m	Equis	
f	Puño		n	Cruz	
g	Luna		o	Asterisco	
h	Dedo				

Grafemas corporais		Grafemas para movimientos		Grafemas derivados	
GRAFEMA	GRAFEMA			Grafema Básico	Grafema Derivado
 CARA	 BASTON	 círculo	 curva		
 HOMBROS	 PUÑO	 línea			
 MANO	 LUNA	 asterisco	 cruz		
 PALMA	 DEDO	 equis	 punto		

Fonte: Colorado e Ruíz, 2010, p. 35-39, adaptação nossa.

Figura 25 – Exemplo de escrita no sistema Visagrafia



Fonte: Mendes, 2020, p. 44.

A *Figura 25* mostra um exemplo de texto escrito – cuja a significação ainda não foi compreendida por nós – a partir do sistema de escrita *Visagrafia*. Como também se trata de um sistema de registro de sinais que se baseia na escrita ideográfica, cada ideograma representa a ideia completa dos sinais. Nesse exemplo, é possível perceber claramente as duas perspectivas de registro dos sinais desse sistema: se olharmos para o texto como um todo, verificaremos que os sinais estão escritos de modo linear, e horizontalmente, da esquerda para a direita, mas se observarmos apenas os sinais de forma isolada, encontraremos a escrita dos constituintes dos sinais no modo vertical e em agrupamento. Nesse exemplo, também são verificados sinais de pontuação, bem como a escrita de palavras com o uso do alfabeto latino.

### 3.2.8 Si5s

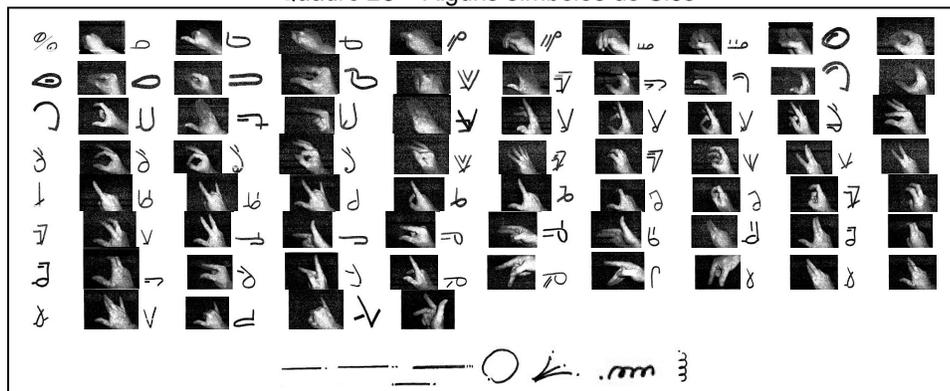
Inspirado no sistema *SignWriting*, cujo foi apresentado no início desta seção, o *Si5s* é outro sistema de escrita de sinais pensado especialmente para o registro escrito da ASL. Ele foi desenvolvido, em 2003, pelo linguista surdo Robert Arnold, o qual o aperfeiçoou, em 2007, durante os seus estudos de Mestrado na Universidade Gallaudet, resultando no trabalho dissertativo intitulado *Uma proposta de sistema escrito para a ASL*. Tal sistema somente foi divulgado oficialmente à comunidade mundial no ano de 2010 no evento *Deaf Nation World Expo* (Exposição Mundial da Nação Surda) em Las Vegas, Nevada. Arnold também produziu, em parceria com Elsie Ritchie e Susanne Stecker, o manual *The Oficial American Sign Language*

*Writing Textbook* (O Livro Didático Oficial de Escrita da Língua de Sinais Americana) para viabilizar o aprendizado prático desse sistema de escrita, pois, para ele, “escrever ASL não é instruir como assinar uma palavra, mas transmitir a semântica” (ARNOLD, 2007, p. 22).

O Si5s se organiza a partir dos elementos que compõem a estrutura linguística dos sinais da ASL. Vinculado à *configuração de mão*, esse sistema possui um alfabeto próprio, chamado *digibet* (digibeto). Para Arnold, (2007, p. 20), “o digibet é um símbolo de uma forma de mão, e é de certa forma uma contrapartida do ‘alfabeto’ da linguagem oral”. Ao todo, são 67 símbolos para os diversos formatos das mãos, havendo a possibilidade de representação para a mão dominante dos sinalizantes destros e canhotos. O registro do movimento é feito a partir de linhas e pontos (o número de ponto define a quantidade de movimento) para movimentos padrões, e espirais e pontos para movimentos livres, ambos situados após o registro do *digibet*.

Nesse sistema, o *ponto de articulação* é representado por caracteres, os quais podem aparecer duplicados em sinais locativos. E os diacríticos são usados para marcar a *orientação da mão* e podem ser adicionados ao *digibet* ou ao *movimento*. O Si5s também possui símbolos para os *elementos não manuais*. Registrado pela perspectiva do sinalizador, é um sistema que direciona a escrita dos sinais de modo horizontal, da esquerda para a direita, e que foi pensando, inicialmente, para registrar os sinais à mão, mas que possui uma fonte de editor de textos para o uso em sistemas de computadores. A seguir, alguns dos símbolos empregado no sistema de escrita de sinais Si5s e um exemplo de escrita nesse sistema.

Quadro 28 – Alguns símbolos do Si5s



Fonte: Arnold, 2007, p. 36-46.

Figura 26 – Escrita do sinal GIVE



Fonte: Cripps e Supalla, 2018, p. 11.

Nessa escrita, podemos verificar a direcionalidade no registro dos elementos que compõe o sinal GIVE, escritos horizontalmente e da esquerda para a direita. Tal como o sinal DAR, em uma das suas variações em Libras, com base no dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 884), o sinal GIVE é realizado com as mãos com pontas dos dedos unidas e palmas para cima, e com movimento para frente. Assim, na sua escrita por esse sistema, o símbolo } faz referência ao peito do sinalizador, enquanto ponto de partida da sinalização; o símbolo <☉ representa a forma da mão, mão fechada com pontas dos dedos unidas; e o símbolo —., com linha e ponto, refere-se a um movimento padrão, representando o movimento da mão em forma de arco, e o número de movimento, apenas um movimento.

### 3.2.9 SEL

Já o sistema de escrita *SEL*, que significa, precisamente, *Sistema de Escrita para Libras*, foi elaborado, principalmente, como o próprio nome sugere, para o registro escrito da língua de sinais do Brasil. Esse sistema é o resultado de um projeto de pesquisa desenvolvido pela linguista ouvinte Adriana Lessa-de-Oliveira na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em 2009, e já se encontra na sua última versão (2017) após sofrer mudanças para a sua melhoria. Embora direcionado à escrita da Libras, esse sistema, conforme a sua proponente, pode ser empregado, com adaptações necessárias, para o registro de outras línguas de sinais, pois, segundo Lessa-de-Oliveira (2012), o *SEL* se mostra capaz de representar linearmente a estrutura tridimensional das línguas de sinais. De acordo com Lessa-de-Oliveira (2012), a pretensão era criar um sistema alfabético mais econômico e eficiente que os sistemas logográficos (ou ideográficos) que promovesse a inclusão das pessoas surdas no mundo letrado.

Partindo dos estudos paramétricos de Stokoe, os sinais, nesse sistema de escrita, são constituídos (e registrados) por meio de três elementos, denominados macrossegmentos (*mão (M)*, *locação (L)* e *movimento (Mov.)*) ou, simplesmente, *MLMov*, os quais, por sua vez, são formados pela combinação dos parâmetros *configuração de mão*, *movimento*, *ponto de articulação*, *orientação*, *expressão não manual*, *eixo de posição da mão*, *plano de realização do movimento*, *movimento de dedo*, e *ponto de toque* – os quatro últimos acrescentados por Lessa-de-Oliveira (2012). Especificamente, o macrosseguimento *mão* é composto pelos parâmetros *configuração de mão*, *eixo* e *orientação da palma*. Aqui, os caracteres para a *configuração de mão*, no total de 52, entre minúsculos e maiúsculos, fazem referência ao desenho da forma da mão na intenção de viabilizar a compreensão desse sistema; e os caracteres referentes ao *eixo* (3 eixos: superior, anterior, lateral), que se refere à posição inicial da mão no momento da sinalização, e à *orientação* (4 orientações: para cima, para baixo, para trás, para frente) são inseridos após o caractere de *configuração de mão*. Em caso de eixo invertido, é inserido um diacrítico sobre o caractere referente ao *eixo*.

Quadro 29 – Caracteres do macrosseguimento Mão

Configuração de Mão					
Configurações de mão	Configurações de mão		Configurações de mão	Configurações de mão	
	minúsculas	maiúsculas		minúsculas	maiúsculas
a			ipilon		
bê			zé		
bê espreado			cinco		
cê			seis		
cê espreado			concha		
cê encolhido			mão espalmada		
dê			ele espalmado		
dê encolhido			mão espreada		
e			argola		
efe			argola indicadora		
gequê			argola média		
hagakapê			legal		
ijota			garra		
ijota estendido			garra encolhida		
ele			gancho		
eme			pinça		
uene			pinça dupla		
uele			pinça espreada		
o			pegador		
erre			figa		
esse			pêra		
tê			anular dobrado		
vê			namoro		
vê-efe			chifre		
dábilo			avião		
xis			desabrochar		

Eixo e Orientação da palma				
Eixo superior:				
para frente	para trás	para dentro	para fora	
MLV	MLW	MLA	MLB	MLC
Eixo anterior:				
para cima	para baixo	para dentro	para fora	
MLP	MLQ	MLR	MLS	MLE
Eixo lateral:				
para cima	para baixo	para trás	para frente	
MLU	MLV	MLW	MLX	MLY

Fonte: Lessa-de-Oliveira, 2012, p.168-169, adaptação nossa.

Para o macrossegmento *locação*, que é o local envolvido na produção do sinal, foram criados com 27 caracteres, na forma minúscula. Se o sinal se realizar no espaço em frente ao corpo, chamado, pela literatura, de *espaço neutro*, há ausência de caractere referente a esse macrossegmento. O macrossegmento *movimento* é dividido em movimento de mão – composto, por sua vez, em *tipo*, *orientação* e *plano* – e movimento de dedo, representado por 5 caracteres referentes a cada um dos dedos, que podem ser escritos agrupados ou individualmente. A esses caracteres, são acrescidos diacríticos, no total de 11, para indicar o tipo de movimento dos dedos. Também são usados diacríticos, no total de 11, para marcar o ponto de toque, que pode ser na mão ou nos dedos (8) e no corpo (3) e, no total de 20, para sinalizar, caso necessário, as expressões faciais.

Quadro 30 – Caracteres dos macrossegmentos Locação e Movimento e Diacríticos

### Locação

cabeça	rosto	olho	sobran-celha	barriga	testa	cabelo	braço inteiro	coto-velo
o	u	o	o	o	u	o	l	l
boca	buço	dente	nariz	orelha	língua	virilha	pulso	ante-braço
u	o	o	o	o	u	u	o	o
boche-cha	queixo	pescoço	meia	tórax	ombro	costas	perna	braço
o	o	o	o	o	o	o	o	o

### Movimento de Mão no plano

	transversal				sagital				frontal			
	para frente	para trás	para cima	para baixo	para direita	para esquerda						
semicircular	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
curvo	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
angular	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
angular duplo	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
sinuoso	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
zigzague diagonal	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o
retilíneo	o	o								o	o	o
retilíneo breve	o	o								o	o	o
retilíneo brevíssimo	o	o								o	o	o
circular	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o	o

Formas manuscritas (básicas): o u l l o

### Movimento de Dedo



### Diacrítico de Movimento de Dedo

abrir gradativamente	abrir	abrir e fechar	abrir duas vezes	fechar duas vezes	zigzague
o	o	o	o	o	o
fechar gradativamente	fechar	esfregar	movimento tesoura	dobrar dedo	
o	o	o	o	o	

### Movimento de Mão sem plano

batida	giro de pulso	tremura	inversão de palma
o	o	o	o

### Diacrítico de Ponto de toque

palma da mão	dorso da mão	pontas dos dedos	lado do dedo mínimo	lado do dedo polegar	entre os dedos
o	o	o	o	o	o
em volta dos dedos	parte inferior da mão (pulsão)	à esquerda (de partes do corpo)	à direita (de partes do corpo)	parte superior (em partes do corpo)	
o	o	o	o	o	

### Diacrítico de Expressões Faciais

alegre/ feliz	triste/ desanimado	com medo/ horrorizado/ assustado	surpreso/ boquiaberta	enojado/ insatisfeito/ com desprezo
o	o	o	o	o
irônico	zangado	azedo	olhos fechados	abrindo olhos
o	o	o	o	o
bochechas infladas	uma bochecha inflada	bochechas comprimidas	dentadas	mexendo lábios
o	o	o	o	o
soprando	sugando	zigzague de queixo	negação ²⁴	palavras interrogativas
o	o	o	o	o

Fonte: Lessa-de-Oliveira, 2012, p.170-171, adaptação nossa.

Como visto, o *SEL* se utiliza de um número considerável de caracteres – entre letras maiúsculas e minúsculas – e de diacríticos para a escrita de sinais de forma manual e computadorizada. Ele se caracteriza como um sistema de escrita de base alfabética, direcionando o registro dos sinais de modo linear e horizontalmente, da esquerda para a direita, a partir do registro dos elementos *MLMov*, nessa ordem. A figura (*Figura 27*) a seguir exibe um exemplo de registro de sinal nesse sistema de escrita. Nela, está escrito o sinal ENTENDER – que, em Libras, é realizado, de acordo com o dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 1083), pela mão vertical aberta, com palma para a esquerda e pontas dos dedos tocando o lado direito da testa, como movimento de balançar a mão ligeiramente para frente e para trás –, em que o caractere  $\lrcorner$  representa o parâmetro *configuração de mão* (ele espalmado) e o caractere  $\text{?}$ , acompanhado por um diacrítico de ponto de toque (pontas dos dedos), simboliza os parâmetros *eixo* (eixo superior) e *orientação da palma* (para dentro), os quais, juntos, compõem o macrossegmento *mão*; o caractere  $\text{Q}$ , também acrescido de um diacrítico de ponto de toque (à direita (de partes do corpo)), representa o macrossegmento *locação* (testa); e o  $\text{3}$  se refere ao macrossegmento *movimento*, mais especificamente, o movimento da mão (giro de pulso).

*Figura 27* – Escrita do sinal ENTENDER



ENTENDER

Fonte: Lessa-de-Oliveira, 2012, p. 173.

### 3.2.10 SignScript

Inspirado pelo sistema de notação de sinais desenvolvido pelo linguista surdo Supalla, o *ASL-phabet*, o qual já foi apresentado na seção anterior, que trata dos sistemas de notação, o professor surdo Donald Grushkin criou, em 2010, um sistema de escrita simplificado, denominado *SignScript*, para o viabilizar o registro escrito dos sinais da ASL, pois, de acordo com Grushkin (2017, p. 514), “com um sistema escrito para língua de sinais, os sinais poderiam ser ensinados, com uma lista de recursos do vocabulário fornecida a partir do qual os alunos poderiam

estudar para reforçar sua aprendizagem”. Sobre esse sistema de escrita, ele esclarece:

Com base no trabalho de Supalla, desenvolvi um conjunto único de símbolos que representam formato de mão, orientação, localização, movimento e morfemas não manuais ser disposta horizontalmente em uma maneira semelhante à do inglês e outras ortografias, que tenho chamado SignScript (GRUSHKIN, 2017, p. 518).

Tal como Supalla na criação do *ASL-phabet*, Grushkin igualmente se apoiou nos parâmetros de Stokoe pensados para a ASL para a concepção dos símbolos correspondentes aos elementos *forma da mão*, *localização*, *orientação*, *movimento* e *expressão não manual*, os quais compõem a estrutura do seu sistema de escrita, incluindo, diferentemente de Supalla, os *elementos não-manuais*. Com um conjunto de número limitado de caracteres para a escrita da ASL, o *SignScript* se caracteriza como um sistema de escrita de base alfabética, que guia o registro dos sinais de modo linear e horizontal, da esquerda para a direita, por meio da sequência de registro dos elementos *forma da mão*, *orientação*, *localização*, *movimento* e *elementos não manuais*, caso necessário. Ao todo, são 130 símbolos no sistema de escrita *SignScript*, sendo 46 símbolos para as *formas da mão*, 4 símbolos para as *orientações da palma*, 12 símbolos para as *localizações*, 39 símbolos para os *movimentos* e 29 símbolos para os *elementos não manuais*. A seguir, alguns exemplos de símbolos do *SingScript* e um exemplo de sinal registrado nesse sistema de escrita.

Quadro 31 – Exemplos de símbolos do SingScript



Fonte: Goyal, 2015, p. 78.

Figura 28 – Sinal escrito no SingScript



COFFEE

Fonte: Grushkin, 2017, p. 518.

Diferentemente do sinal CAFÉ, que é realizado com a mão esquerda aberta, palma para cima, e a mão direita horizontal aberta, palma para a esquerda, com os dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, acima da palma esquerda, e com movimento da mão direita em direção à boca, duas vezes (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 504-505), o sinal COFFEE, em ASL, é realizado com as duas em S³⁷, uma sobre a outra, palmas para trás, com um movimento circular da mão direita sobre a mão esquerda (mão de apoio), sem expressão não manual. Assim, no registro desse sinal pelo sistema de escrita *SingScript*, temos, conforme a ordem de registro dos elementos que foram o sinal (*forma da mão, orientação, localização, movimento e elementos não manuais*), o emprego dos seguintes símbolos: □ para a configuração de mão da mão não dominante, mão de apoio; ✓□ para a configuração de mão da mão dominante; ∅ para a orientação; ✕ para a localização (mãos); e ↻ para o movimento da mão dominante sobre a mão não dominante.

### 3.2.11 ASLwrite

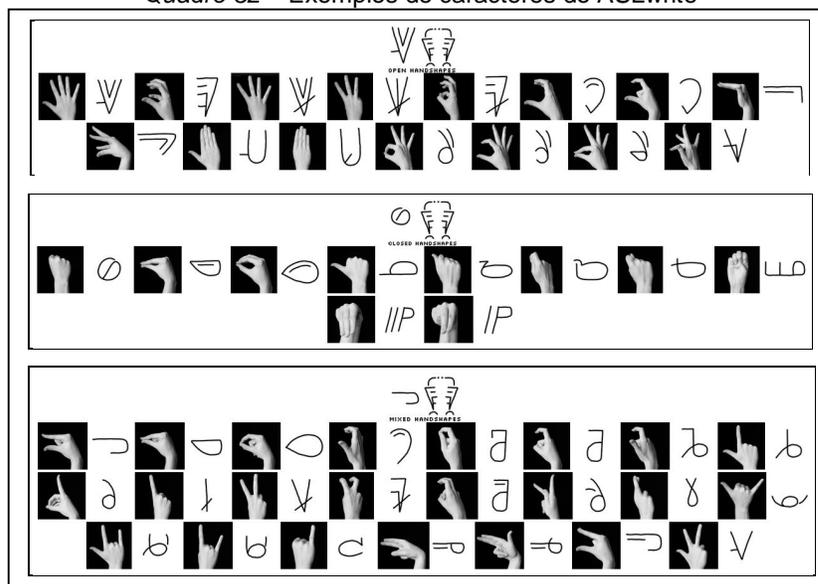
O sistema de escrita de sinais *ASLwrite* é uma variação do sistema de escrita criado pelo linguista surdo Arnold, o *Si5s*, o qual já foi abordado anteriormente. Ele foi desenvolvido, em 2011, pela escritora e ilustradora surda Adrean Clark em parceria com Julia Dameron, também surda, e se baseava na perspectiva alfabética do *Si5s*, mas que, por conta de divergências quanto à forma de registro dos sinais, tornou-se um sistema de escrita independente do sistema de escrita de sinais de Arnold. Nas palavras de Clark (2015, n.p): “Houve um desentendimento entre mim e Robert Arnold sobre o livro *Como escrever a Língua de Sinais Americana*, que acabou se tornando mais do que apenas superficial com o tempo. Essa experiência difícil cristalizou minha filosofia em relação ao ASL escrito”. De todo modo, muito das

³⁷ As configurações de mão da letra S no alfabeto americano (ASL) e no alfabeto brasileiro (Libras) coincidem.

explicações pensadas para o sistema *Si5s* foram estendidas, ampliadas ou alteradas para constituir a sistematização do *ASLwrite*.

Para as idealizadoras, o *ASLwrite* é um sistema somaquerográfico, o que significa dizer que, graficamente, representa o corpo (grego σῶμα: corpo) e mãos (grego χεῖρ: mão). Tal como o *Si5s*, o *ASLwrite* possui um alfabeto, igualmente chamado de *digibet* (digibeto), e também faz uso de alguns caracteres logográficos advindos do *Si5s*. De acordo como Clark (2015), o sistema *ASLwrite* possui, ao todo, 105 caracteres, distribuídos em 67 caracteres para a *forma da mão*, 12 caracteres para a *localização*, 5 caracteres para o *movimento*, 16 caracteres para *marcas não manuais*, e 5 caracteres para *marcas diacríticas*. Esse sistema foi desenvolvido para o registro escrito da ASL, mas, conforme as suas idealizadoras, pode ser utilizado, com adequações necessárias, para a escrita dos sinais de outras línguas sinalizadas. O *ASLwrite* guia a escrita dos sinais de modo linear, da esquerda para a direita e de cima para baixo, a partir do registro dos elementos na seguinte ordem: forma da mão, localização, orientação, movimento, e marcas não manuais, quando existentes.

Quadro 32 – Exemplos de caracteres do ASLwrite



Fonte: Clark, 2015, n.p.

Figura 29 – Sinal escrito no ASLwrite



Fonte: Grushkin, 2017, p. 518.

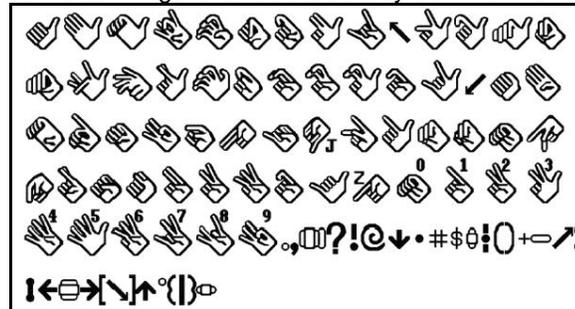
Na mesma direção do exemplo anterior, o sinal COFFEE, em ASL, é realizado com as duas em S, uma sobre a outra, palmas para trás, com um movimento circular da mão direita sobre a mão esquerda, sem expressão não manual, diferentemente do sinal CAFÉ, em Libras, que é realizado com a mão esquerda aberta, palma para cima, e a mão direita horizontal aberta, palma para a esquerda, com os dedos indicador e polegar unidos pelas pontas, acima da palma esquerda, e com movimento da mão direita em direção à boca, duas vezes (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 504-505). Assim, no registro desse sinal pelo sistema de escrita *ASLwrite*, temos o emprego dos seguintes caracteres: ☞ para a configuração de mão da mão não dominante; ☹ para a configuração de mão da mão dominante; ☞ para a orientação da mão dominante; ☹ para a orientação da mão não dominante; e ☹ para o movimento da mão dominante sobre a mão não dominante.

### 3.2.12 Symbol Font for ASL

Como o próprio nome sugere, o *Symbol Font for ASL* é uma fonte de símbolos desenvolvida, em 2013, para possibilitar o registro escrito dos sinais da ASL por meio, especialmente, de sistemas de computadores, a partir de teclados comuns. De acordo com Mendes (2020, p. 52), guiado por Aslfont (2013), o *Symbol Font for ASL* “é um projeto focado em um dos maiores obstáculos: o problema de como obter a ASL escrita online”. Esse sistema se organiza com base nos elementos gerais que constituem a estrutura linguística dos sinais da ASL: *configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação da palma e expressões não manuais*. Ao todo, o *Symbol Font for ASL* é formado por 95 caracteres mais diacríticos, e orienta a escrita dos sinais de modo linear e horizontalmente, da esquerda para a direita, a partir da seguinte ordem de registro dos elementos que formam sinais: expressões faciais (caso necessário), ponto de

articulação, tipo de contato (caso necessário), orientação da palma, configuração de mão e movimento. Abaixo, os caracteres do *Symbol Font for ASL*.

Quadro 33 – Alguns caracteres do Symbol Font for ASL



Fonte: Mendes, 2020, p. 53.

### 3.2.13 VisoGrafia

Da combinação entre os sistemas de escrita *SignWriting* e *EliS*, ambos já apresentados anteriormente, é que surge o sistema de escrita de sinais denominado *VisoGrafia*. Ele foi elaborado, em 2016, pelo professor pesquisador ouvinte Claudio Benassi, sendo fruto de suas inquietações diante do ensino de Escrita de Língua de Sinais (ELS) no curso de Licenciatura em Letras Libras da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Nas palavras de Benassi (2018, p. 73): “[...] empreendi uma pesquisa no intuito de fundir o SW e a ELiS, simplificando assim o sistema de escrita ao assimilar os aspectos mais visuais e simples do SW e, [...], diminuindo o número de caracteres assumindo a característica alfabética [...] e linear da ELiS”, pois, para ele, um sistema de escrita de língua de sinais precisa ser ao mesmo tempo visual e possuir poucos caracteres.

Assim, o alfabeto (ou visograma) do *VisoGrafia* foi criado a partir de adaptações dos visogramas do sistema *ELiS* e dos símbolos do sistema *SignWriting*. No total, o sistema *VisoGrafia* é formado por 38 visogramas, considerados fundamentais, e 55 diacríticos, dispensáveis, a depender do contexto (BENASSI, 2018). Aqui, o registro dos visogramas que representam os elementos que constituem o sinal se dá na seguinte ordem: *locação, orientação da palma, configuração de dedos* (como no *ELiS*), *movimento* e *expressões faciais e corporais*. Esse sistema direciona a escrita (escrita *visogramada*) dos sinais de modo linear, e horizontalmente, da esquerda para a direita, como no sistema *ELiS*, com espaço

entre os registros, muito embora, no registro dos sinais de forma isolada, os seus constituintes apareçam agrupados, e verticalmente, como acontece no sistema *SignWriting*. Abaixo, um quadro (*Quadro 34*) com os visografemas e diacríticos do *VisoGrafia* e em seguida, uma figura (*Figura 30*) com um exemplo de registro de sinais nesse sistema de escrita.

**Quadro 34 – Visografemas e diacríticos do VisoGrafia**

Grupo	Subgrupo	Visografema	Representação	
Configuração de dedo	Polegar	•	Polegar fechado	
		◁	Polegar curvo	
			Polegar estendido (móvel);   verticalmente; — horizontalmente; \ "3D" e / paralelo a palma.	
	Demais dedos	•	Demais dedos fechados.	
		⌋	Demais dedos curvos.	
		⌋	Demais dedos semi-curvos.	
			Demais dedos estendidos (móvel);   verticalmente; \ "3D".	
	Orientação da palma	Não se aplica	■	Palma da mão para frente.
			□	Palma da mão para trás.
	Locação	Cabeça	○	Cabeça (admite conjunto de diacríticos para a escrita dos pontos de articulação dessa região).
⏊			Móvel - ⏊ Pescoço.	
Tronco		—	Linha dos ombros. Utilizada para delimitar o tronco. Abaixo dela as regiões do tórax e do abdômen são escritas dentro de um quadrado imaginário.	
		L	Braço.	
		⏊	Móvel - ⏊ Pernas.	
		□	Palma da mão.	
Membros		■	Dorso da mão.	
		↑	Para frente.	
Movimento		De braço	↓	Para trás.
			↕	Para frente e para trás.
	↑		Móvel: ↑ - para cima; ↓ - para baixo; → - para direita; ← - para esquerda; ↗ - para cima a direita; ↖ - para cima a esquerda; ↘ - para baixo a direita; ↙ - para baixo a esquerda.	
	↕		Móvel: ↕ - para cima e para baixo; ↔ - para esquerda e para a direita	
	↷		Móvel: ↷ - para baixo; ↶ - para cima; ↸ - para esquerda; ↹ - para direita.	
	De dedos	D	Flexão ou extensão de braço.	
		⊙	Circular vertical.	
		⊙	Circular horizontal.	
		⊙	Circular frontal.	
		✋	Fechar os dedos.	
De punho	✋	Abriu e fechar os dedos.		
	⏊	Flexão/extensão de dedos na primeira articulação.		
	⏊	Flexão/extensão de dedos na segunda articulação.		
	↷	Separar/unir lateralmente os dedos.		
	↷	Tamborilar os dedos.		
Do antebraço	↷	Friccionar os dedos.		
	L	Dobrar o punho - móvel: L - para cima; L - para baixo; L - para cima e para baixo.		
Do antebraço	L	Mover o punho lateralmente.		
	L	Girar o punho.		
Do antebraço	L	Girar o antebraço.		

Grupo	Subgrupo	Diacrítico	Representação				
Configuração de dedo	Não se aplica	—	Junção de dedos lateralmente (é usado para outras funções o que não o torna um diacrítico diferente; portanto, deve ser contato apenas uma vez).				
		•	Fechar dedo pela ponta.				
		•	Orientação da ponta do dedo para frente.				
		•	Orientação da ponta do dedo para trás.				
		◡	Cabelo.				
		⌋	Móvel: ⌋ - alto da cabeça; ⌋ - lateral da cabeça; ⌋ - bochecha; ⌋ - embaixo do queixo.				
		⌋	Testa.				
		⌋	Móvel: ⌋ - orelha; ⌋ - maça do rosto.				
		⌋	Móvel: ⌋ - sobrançelha; ⌋ - nariz; ⌋ - boca;				
		•	Olho.				
Locação	Cabeça	•	Buço.				
		⌋	Dente.				
		⌋	Queixo.				
		⌋	Atrás da cabeça/tronco/corpo.				
		—	Móvel: — - ombro; / - axila.				
		Membros	Membros	1, 2, 3, 4, 5	Número do dedo que realiza o contato. Ordem: 1 - polegar; 2 - indicador; 3 - médio; 4 - anular e 5 - mínimo. Utilizado também para movimento, conta-se apenas uma vez.		
				□	Palma da mão (somente deve ser utilizado se o ponto de articulação não ficar legível na escrita do sinal).		
				■	Dorso da mão (somente deve ser utilizado se o ponto de articulação não ficar legível na escrita do sinal).		
				Contato	Não se aplica	*	Tocar
						+	Pegar
<, >	Tocar entre os dedos						
:	Repetição de movimento de forma igual.						
**	Repetição de movimento de forma alternada (aplicável somente em sinais bimanuais).						
Movimento	Não se aplica					1, 2, 3, 4, 5	Número do dedo que realiza o movimento. Ordem: 1 - polegar; 2 - indicador; 3 - médio; 4 - anular e 5 - mínimo.
						↔↔↔	Repetição de sinal (aplicável em contexto em que se exija a repetição exaustiva).
		⏊	Indica utilização de morfismo na leitura (espécie de elisão entre os sinais).				
		↷	Língua na bochecha.				
		↷	Língua para fora.				
		↷	Corrente de ar.				
		⏊	Vibração de lábios.				
		↷/↷	Movimento lateral/vertical do queixo.				
		↷ < >	Móvel: ↷ < > - sugar as bochechas; < > - inflar as bochechas.				
		⊙	Abriu a boca.				
⊙	Contrair os lábios.						
⊙	Tencionar os lábios.						
⊙	Cerrar os dentes.						
↷/↷	Direção do olhar (móbil em qualquer direção).						
↷	Arregalar os olhos.						
↷	Abriu o(s) olho(s).						
↷	Fechar o(s) olho(s).						
+	Piscar o(s) olho(s).						
↷	Levantar as sobrançelas.						
↷	Abaixar as sobrançelas de forma amena.						
↷	Franzir o cenho.						
↷	Abaixar as sobrançelas de forma agressiva.						
⊙	Afirmção (com a cabeça).						
⊙	Negação (com a cabeça).						
⊙	Movimento do tronco.						

Fonte: Benassi, 2018, p. 76-77.

Figura 30 – Exemplo de escrita no sistema VisoGrafia



Nesse exemplo, enfatizamos a direcionalidade do registro escrito no sistema *VisoGrafia*. De modo amplo, em nível de sentença (e de texto), os sinais com os seus visogramas estão dispostos de forma horizontal, um após o outro. De modo estrito, em nível de sinal, os visogramas dos sinais são escritos de forma vertical, agrupados, como se verifica, por exemplo, com o sinal GOSTAR – formado, de acordo com o dicionário de Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 1350), pela mão aberta tocando o peito e se movendo em círculos –, que é escrito a partir do agrupamento dos seguintes visogramas: —, que indica a *locação* (tronco, na linha dos ombros); , que representa a *orientação da palma* (palma da mão para trás) e a *configuração de dedos* (polegar e dedos estendidos), acrescidos por diacrítico de contato (tocar); , que simboliza o *movimento* (circular horizontal); e  que representa a *expressão facial*, simbolizadas por 2 diacríticos (1: abaixar a sobrancelha de forma agressiva; 2 tencionar os lábios).

Com esse sistema de escrita, finalizamos a presente seção. A seguir, apresentaremos um quadro-síntese com todos os *sistemas de escrita* de sinais abordados neste estudo, igualmente acrescidos do nome do(s) idealizador(es) e do ano de criação de cada um desses sistemas. Após, também destacaremos alguns pontos significativos sobre tais sistemas, os mesmo pontos destacados na seção anterior, a saber: a natureza do criador, isto é, se o sistema foi idealizado por um surdo ou por um ouvinte; a caracterização quanto à base do registro escrito, ou seja, se os sistemas se caracterizam enquanto *escrita sintética*, *escrita analítica* ou *escrita fonética*; e o modo de escrita dos caracteres e símbolos desses sistemas, isto é, como estão dispostos no que diz respeito à orientação (horizontal, vertical) e à direcionalidade (da esquerda para a direita, de cima para baixo).

A seguir, um quadro-síntese com os sistemas de escrita de sinais apresentados nesta seção.

Quadro 35 – Síntese dos sistemas de escrita de sinais

OR.	SISTEMA DE ESCRITA DE SINAIS	AUTOR (ES)	ANO
01	<i>SignWriting</i>	Valerie Sutton	1974
02	<i>SignFont</i>	Don Newkirk	1987
03	<i>D'Sign</i>	Paul Jouison	1990
04	<i>ASL Orthography</i>	Travis Low	1997
05	<i>SMYLE</i>	Maryline Pierrat-Frappé	1997
06	<i>EliS</i>	Mariângela Estelita	1997
07	<i>Visagrafia</i>	Jaime Hernández Gutiérrez e colaboradores	2001
08	<i>Si5s</i>	Robert Arnold	2003
09	<i>SEL</i>	Adriana Lessa-de-Oliveira	2009
10	<i>SignScript</i>	Donald Grushkin	2010
11	<i>ASLwrite</i>	Julia Dameron e Adrean Clark	2011
12	<i>Symbol Font for ASL</i>	Autoria desconhecida	2013
13	<i>VisoGrafia</i>	Claudio Benassi	2016

Fonte: elaboração própria (2022).

Dentre os 13 (treze) *sistemas de escrita* de sinais abordados aqui, 3 (três) desses sistemas foram idealizados por surdos, são eles: *Si5s* (2003), de Robert Arnold, *SignScript* (2010), de Donald Grushkin, e *ASLwrite* (2011), de Julia Dameron e Adrean Clark. O sistema *Visagrafia* (2001), de Jaime Hernández Gutiérrez e colaboradores, surgiu a partir da parceria entre pesquisadores surdos e ouvintes. Com exceção do sistema *Symbol Font for ASL* (2013), do qual não se conhece a autoria, os demais sistemas de escrita foram pensados por pesquisadores/estudiosos/professores ouvintes, contabilizando o total de 8 (oito) sistemas, a saber, *SignWriting* (1974), de Valerie Sutton, *SignFont* (1987), de Don Newkirk, *D'Sign* (1990), de Paul Jouison, *ASL Orthography* (1997), de Travis Low, *SMYLE* (1997), de Maryline Pierrat-Frappé, *EliS* (1997), de Mariângela Estelita, *SEL* (2009), de Adriana Lessa-de-Oliveira, e *VisoGrafia* (2016), de Claudio Benassi.

No que diz respeito à classificação do sistema de escrita (*escrita sintética, escrita analítica, escrita fonética*), abordada no segundo capítulo deste estudo, 8 (oito) dos *sistemas de escrita* de sinais mostrados aqui se caracterizam como sistemas de base fonética. São eles: *SignWriting* (1974), *SignFont* (1987), *D'Sign* (1990), *ASL Orthography* (1997), *EliS* (1997), *SEL* (2009), *SignScript* (2010), e *VisoGrafia* (2016). Outros 3 (três) sistemas, *SMYLE* (1997), *Visagrafia* (2001), e *Symbol Font for ASL* (2013) caracterizam-se como sistemas de base ideográfica

(*escrita sintética*). E os sistemas *Si5s* (2003) e *ASLwrite* (2011) configuram-se como sistemas de base mista, uma vez que apresentam aspectos fonéticos e ideográficos. Não há algum sistema que se relacione à *escrita analítica*.

Quanto ao modo de registro dos caracteres e símbolos nesses sistemas, isto é, quanto à orientação (horizontal, vertical) e à direcionalidade (da esquerda para a direita, de cima para baixo), mais da metade desses sistemas, no total de 9 (nove) – *SignFont* (1987), *D’Sign* (1990), *ASL Orthography* (1997), *EliS* (1997), *Si5s* (2003), *SEL* (2009), *SignScript* (2010), *ASLwrite* (2011), e *Symbol Font for ASL* (2013) –, direcionam a escrita dos sinais de modo horizontal, dispondo seus os caracteres e símbolos linearmente, da esquerda para a direita e de cima para baixo. De modo particular, os sistemas *Visagrafia* (2001) e *VisoGrafia* (2016) guiam a escrita de sinais tanto de modo horizontal (da esquerda para a direita, de cima para baixo), em nível de registro de texto, quanto de modo vertical (em agrupamentos), em nível de registro de sinais de forma isolada. Apenas os sistemas *SignWriting* (1974) e *SMYLE* (1997) orienta a escrita dos sinais de modo vertical (em colunas), com direcionalidade dos elementos de cima para baixo de forma não linear.

#### 4 REFLEXÕES SOBRE A ESCRITA PRODUZIDA PELO ESTUDANTE SURDO

No capítulo anterior, vimos diversas formas de representação gráfica, entre *sistemas de notação* de sinais e *sistemas de escrita* de sinais, desenvolvidas por vários pesquisadores e estudiosos, entre surdos e ouvintes, para viabilizar o registro escrito dos signos linguísticos das mais variadas línguas de sinais, como um meio de garantir o armazenamento das informações sinalizadas para além dos registros em vídeos e/ou em imagens, fotos e ilustrações, que, por sua vez, não captam todas as especificidades dessas línguas. No âmbito da língua de sinais majoritária no Brasil, a Libras, uma vez que há outras, como vimos na introdução deste estudo, encontramos, por exemplo, os *sistemas de notação* *Notação em Palavras*, de Felipe (1988), e *Notação de Ferreira Brito-Langevin*, de Brito e Langevin (1995), e os *sistemas de escrita* *SignWriting*, de Sutton (1974), *EliS*, de Barros (1997), *SEL*, de Lessa-de-Oliveira (2009), e *VisoGrafia*, de Benassi (2016), enquanto propostas para a comunicação escrita nessa língua.

Embora existam todos esses sistemas de escrita e de notação voltados para o registro escrito da Libras, cada um com os seus fundamentos e especificidades, ainda não há, como dito anteriormente, uma forma de escrita amplamente difundida e oficialmente, regulamentada por lei, aceita na sociedade, e que seja usada de modo regular na educação escolar. Nesse sentido, entendemos que a Libras ainda continua sem uma forma de escrita que direcione e assegure o registro escrito dos surdos no país, de modo a considerar as especificidades dessa língua refletidas na produção escrita desses sujeitos. Na prática, o que encontramos são textos escritos por estudantes surdos carregados de manifestações linguístico-estruturais da Libras sendo tratados como inapropriados, em que não se reconhece e não se valoriza essa forma de escrita.

Assim entendido, trazemos, neste capítulo, algumas reflexões sobre a escrita produzida por estudantes surdos, com o objetivo de levantar os aspectos gerais a respeito dessa escrita e de evidenciar as particularidades linguístico-estruturais da Libras refletidas no registro escrito feito por esses estudantes. Nesse sentido, o presente capítulo está organizado em duas seções, a primeira, de nome *Aspectos Gerais*, que evidencia o modo como são percebidos os textos produzidos por estudantes surdos e as considerações dos aparatos legais sobre a forma particular de escrita desses estudantes, e a segunda, intitulada *Aspectos Linguístico-*

*Estruturais*, que ressalta as especificidades linguístico-estruturais da Libras refletidas no registro escrito feito por estudantes surdos, como a não existência de desinências morfológicas para os gêneros feminino e masculino e para o número plural, bem como a não existência de desinências morfológicas para indicar o tempo dos verbos, a não existência dos verbos copulativos *ser* e *estar*, uso do recurso datilológico, entre outras.

#### 4.1 ASPECTOS GERAIS

Ao acessar textos escritos produzidos por estudantes surdos, muitas pessoas, provavelmente, estranhariam a forma de escrever dessas pessoas e, possivelmente, considerariam tal produção inadequada ou cheia de desvios. Isso acontece porque grande parte da sociedade desconhece as especificidades linguístico-estruturais das línguas de sinais, que, por sua vez, podem aparecer refletidas nas produções escritas dos estudantes surdos. Ao escrever, muitos estudantes surdos, naturalmente, imprimem em seus registros características estruturais da sua língua natural – no Brasil, majoritariamente a Libras –, como veremos na segunda seção deste capítulo, características essas que, em certa dimensão, diferem da estrutura do Português, o que faz com que, por conseguinte, os textos escritos por estudantes surdos não sejam plenamente aceitos na sociedade.

É comum encontrarmos contextos que desqualificam as produções escritas dos estudantes surdos. Às vezes eles aparecem, de forma atenuada, com o simples emprego do recurso gráfico *aspas*, em que se faz referência à escrita do surdo, colocando o termo *escrita* entre aspas, a “escrita” do surdo, como se ela não se configurasse uma escrita de fato, mas uma suposta escrita. Outras vezes, esse demérito se mostra em forma de adjetivação do termo *escrita*, como, por exemplo, ao se usar *escrita atípica*³⁸, verificado em Silva (1999). Geralmente, essas adjetivações implicam um sentido inferior, no qual essa escrita passa a ser vista como anormal, errada e fora do padrão.

Há ainda aqueles que, ao ler um texto específico, logo categorizam como sendo o texto de um estudante surdo com a justificativa, equivocada, a propósito, de

---

³⁸ No texto original, a palavra *atípica* está colocada entre aspas, certamente como forma de amenizar os possíveis efeitos contrários que o uso dessa palavra possa suscitar.

que os surdos não sabem conjugar verbos, por exemplo. O ponto é que, em todas essas situações, o olhar está direcionado para o Português, na sua modalidade escrita tradicional, a qual é tomada como parâmetro para a escrita produzida pelos estudantes surdos, além de se desconsiderar as questões de *interlíngua*, abordadas mais à frente. Com isso, os textos escritos passam a ser mais um objeto de exclusão desses sujeitos na sociedade.

Também é preciso considerar as várias barreiras enfrentadas pelos estudantes surdos para ter acesso pleno, tal como os estudantes ouvintes tem, às práticas significativas de escrita (e de leitura) durante o seu período de formação escolar. Essa situação é complexa e com muitas motivações, como a carência de um sistema educacional apto a receber esses estudantes surdos, e que disponham de profissionais capacitados e que saibam atuar com esse público, além de profissionais intérpretes como apoio, em caso de necessidade, pois, por vezes, os estudantes surdos não passam de meros expectadores nos espaços escolares, apenas existindo em termos quantitativo a constar nos índices escolares.

Assim, em casos como esses, as práticas de escrita (e de leitura), para os estudantes surdos, se limitam às atividades de cópia da matéria, sem incentivo à devida reflexão sobre o ato de escrever (e de ler). Em outros casos, esses estudantes também não encontram suporte para o aprimoramento dessas práticas em suas famílias, as quais já esperam essa postura da escola, o que agrava mais ainda a situação. Por isso, quando estão diante de atividades diárias de escrita (e de leitura), esses estudantes não dispõem, obviamente, das ferramentas necessárias para a realização dessas atividades, evidenciando, assim, a falta de acessibilidade vivenciada por esses estudantes diante a escrita (e da leitura).

De todo modo, a escrita produzida pelos estudantes surdos vem gerando grandes discussões no âmbito da educação da pessoa surda, sendo o motivo de muita preocupação para aqueles que, na busca das melhores estratégias de ensino e aprendizagem, atuam no campo educacional da surdez e/ou da inclusão. Tomando o Português como regra, grande parte desse processo de ensino da escrita ao surdo está ligada à ideia de erro e de correção desse erro, na perspectiva, fracassada, de ensinar o surdo a escrever tal como o ouvinte, ou o mais próximo possível. Assim, se esquece que, por conta de aspectos linguístico-estruturais inerentes às línguas de sinais, como que veremos adiante, “a escrita do surdo não vai se aproximar da escrita ouvinte” (PERLIN, 2010, p. 510).

Essa temática também vem provocando inquietações entre os estudiosos e pesquisadores da área das línguas de sinais, especialmente entre aqueles que se interessam por questões relacionadas ao registro escrito dos estudantes surdos, mesmo entre os que, optando por direções específicas, se propõem a elaborar a sistematização de uma forma de escrita a ser empregada pelos surdos usuários das línguas de sinais, como os vários sistemas mostrados no capítulo anterior. A produção escrita dos estudantes surdos igualmente é objeto de análise de investigações que, por outro lado, buscam, em sua grande maioria, somente evidenciar as dificuldades dos estudantes surdos diante dos textos escritos, ou, de um modo que desconsidere as particularidades de cada idioma, apenas ressaltar as diferenças linguístico-estruturais, pelo viés comparatista ou de confronto, entre a Libras e o Português, por exemplo.

Como já sabemos, as línguas orais e as línguas de sinais, aqui, o Português e a Libras, embora compreendidas como línguas naturais, apresentam peculiaridades nas suas formas de produção e de percepção. Isso se dá, primordialmente, por conta da modalidade na qual cada língua está disposta. Majoritariamente, a primeira é oral-auditiva, ou seja, faz uso do aparelho fonador e do canal auditivo, e a segunda é visuoespacial, isto é, utiliza o canal visual, o espaço, as mãos, entre outros elementos, na realização e compreensão linguística. De modo considerável, as particularidades resultantes dessa modalidade das línguas sinalizadas aparecerão impressas na produção escrita empregada pelos estudantes surdos usuários da Libras. “[...] a escrita peculiar dos surdos deve ser compreendida como um desdobramento do modo particular de expressão dessas pessoas, que se dá por meio de uma língua de natureza gesto-visual” (NASCIMENTO, 2008, p. 29).

Reconhecendo a singularidade linguístico-estrutural da Libras, em seus aspectos visuoespaciais, e já ciente da influência dessa língua sobre a produção escrita dos estudantes surdos, o Decreto nº. 5.626/2005, que regulamenta a *Lei da Libras* (Lei nº. 10.436/2002), também fala, embora não os especifique, sobre mecanismos de avaliação a serem adotados na correção das provas escritas: “adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa” (BRASIL, 2005), valorizando, assim, o modo particular de escrita dos estudantes surdos.

Nessa mesma direção, o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE), órgão vinculado ao antigo Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH) da Presidência da República, atual Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDH), fazendo valer o princípio da acessibilidade à pessoa surda ou com deficiência auditiva em concursos públicos, em igualdade de condições com os demais candidatos, expediu a Recomendação nº. 001, de 15 de julho de 2010, que trata sobre a avaliação das provas discursivas e das redações produzidas por surdos em concursos públicos e em seleções diversas, recomendando que os critérios de avaliação devem “valorizar o aspecto semântico (CONTEÚDO) em detrimento do aspecto estrutural (FORMA), fazendo-se a distinção entre “conhecimento” e “desempenho lingüístico”” (BRASIL, 2010).

Posteriormente, a *Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência*, Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015, também conhecida como *Estatuto da Pessoa com Deficiência*, igualmente assegura um olhar diferenciado para a avaliação dos textos escritos produzidos por pessoas surdas, quando diz, no Inciso VI do Artigo 30, que trata das medidas adotadas nos processos seletivos para ingresso e permanência nos cursos oferecidos pelas instituições de ensino superior e de educação profissional e tecnológica, públicas e privadas: “adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL, 2015). No caso das produções escritas por surdos, os aspectos semânticos devem ser, primeiramente, valorizados, conforme vimos acima. Ainda, essa lei, no Inciso IV do Artigo 28 do Capítulo IV, que trata do Direito à Educação, diz: “Oferta de educação bilíngue, em Libras como primeira língua e na modalidade escrita da língua portuguesa como segunda língua, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas” (BRASIL, 2015).

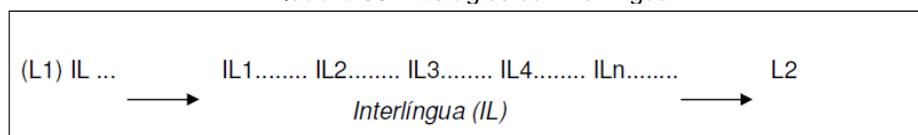
Por sua vez, a Resolução nº. 02/2001 do Conselho Nacional de Educação (CNE)/ Câmara de Educação Básica (CEB), que institui as *Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica*, orienta que, desde que não ocasione prejuízos no aprendizado do Português, o acesso aos conteúdos curriculares por meio da Libras deve ser garantido à pessoa surda, como consta no Parágrafo 2º do Artigo 12: “Deve ser assegurada [...] a acessibilidade aos conteúdos curriculares, mediante a utilização de linguagens e códigos aplicáveis, como o sistema Braille e a

*língua de sinais*, sem prejuízo do aprendizado da língua portuguesa [...]” (BRASIL, 2001, grifo nosso).

Todas essas evidências legais deixam claro que, para além das questões de estrutura gramatical da modalidade escrita, o objetivo primário dos textos escritos dos estudantes surdos – nos moldes do Português, uma língua oral-auditiva que se materializa linearmente e que funciona como segunda língua para o surdo, em oposição a Libras, a sua primeira língua, uma língua, majoritariamente, visuoespacial e que se realiza, em grande parte, simultaneamente, – é a transmissão de ideias. Com isso, não se penaliza a sistematização natural da Libras espelhada no texto escrito, e se reconhecem as singularidades linguísticas dessa língua manifestadas na estrutura escrita do Português, fazendo com que os textos escritos produzidos por estudantes surdos não sejam vistos no sentido negativo, de inferiorização.

As particularidades linguístico-estruturais da Libras impressas nos textos escritos produzidos por estudantes surdos são, pelas teorias de aquisição da linguagem, especificamente as teorias de aquisição e/ou aprendizagem de segunda língua no contexto de *bilinguismo*, o reflexo de uma etapa natural do processo de aprendizagem de L2, chamada *interlíngua*, em que o aprendiz, nas tentativas de desenvolver a L2, emprega elementos linguístico-estruturais tanto da L1 quanto da L2. De acordo com Selinker (1972), referenciado em Brasil (2004a, p. 103), *interlíngua* consiste, portanto, em “gramáticas mentais provisórias que o aprendiz vai construindo no percurso de seu desenvolvimento até atingir a competência em L2”, ou seja, é um modo linguístico intermediário entre duas línguas, como ilustra o esquema abaixo, referenciado em Dias Júnior (2010, p. 56), mas pensado por Gargallo (1999) a partir da *Teoria da Interlíngua* idealizada, em 1972, pelo linguista americano Larry Selinker.

Quadro 36 – Estágios da Interlíngua



Fonte: Dias Júnior, 2010, p. 56.

A composição acima é uma adaptação do esquema pensado por Gargallo (1999), feita por Dias Júnior (2010). Nela, vemos, claramente, o percurso de como

acontece a etapa de *interlíngua* no processo de aprendizagem da L2. Da L1, enquanto ponto de partida, até a L2, enquanto ponto de chegada, o aprendiz experienciará vários estágios da IL (*interlíngua*) – no esquema, representados por IL1 (*interlíngua 1*), IL2 (*interlíngua 2*), IL3 (*interlíngua 3*), IL4 (*interlíngua 4*) e ILn (*interlíngua n*), que significa que poderá haver mais estágios de *interlíngua* – até a consolidação da L2. Assim, *interlíngua* se comporta como uma etapa de transição desenvolvida cognitivamente pelo aprendiz durante o processo de assimilação de uma L2.

Além desses estágios, na própria etapa de *interlíngua* como um todo, estão envolvidos outros cinco processos cognitivos, conforme Selinker (1994), citado em Brochado (2003, p. 60-61), a saber, i. transferência de linguagem, ligada à interferência de L1: L1 usada como paradigma para a estruturação da L2; ii. super generalização das regras da língua-alvo: aplicação de uma regra da L2 em todas as circunstâncias, desconsiderando as exceções; iii. transferência de treinamento: regras entram no sistema do aprendiz como respostas a instruções); iv. estratégias de aprendizagem de L2: percepção e investimento nas melhores estratégias para o aprendizado da L2; e v. estratégias de comunicação em L2: uso de estratégias alternativas, ainda que incorretas, quando faltam os conhecimentos linguísticos necessários. Todos esses processos são formas desenvolvidas cognitivamente pelo aprendiz para internalizar e consolidar o sistema linguístico da L2.

No caso da aprendizagem do Português, no modo escrito, e como segunda língua, pelos estudantes surdos, o esforço é maior, uma vez que se trata de uma língua organizada em uma modalidade distinta da modalidade na qual se organiza a Libras, como já vimos. Aqui, temos o que os autores caracterizam como *bilinguismo bimodal* (STUMPF *et al.*, 2020; CRUZ; QUADROS, 2018, QUADROS, 2017; NEVES; QUADROS, 2016), contexto em que há o desenvolvimento de duas línguas de modalidades diferentes: uma de modalidade visuoespacial, a Libras, concebida como a L1 para os surdos, e uma de modalidade oral-auditiva, o Português escrito, sendo a L2 para esses sujeitos.

Diferentemente da ideia geral do termo *bilinguismo*, o qual faz referência “à **aquisição**, pelos sujeitos, de duas ou mais **línguas naturais**, em situação de complementaridade” (FERNANDES, S., 2003, p. 73, grifos do autor), o desenvolvimento do Português escrito, pela educação bilíngue de surdos, se configura, por outro lado, como uma *aprendizagem* de segunda língua e não como

uma *aquisição* de segunda língua, uma vez que o Português não se configura, do ponto de vista fisiológico, como uma língua natural para os surdos. Entre o processo de *aquisição* de línguas e o processo de *aprendizagem* de línguas, como sabemos, há diferenças. De acordo com Krashen (1984), referenciado em S. Fernandes (2003, p. 74), o primeiro acontece de forma natural e, por isso, dispensa práticas formais de instrução escolar, enquanto que o segundo não se dá naturalmente, necessitando, portanto, de estratégias formais e sistemáticas de ensino por parte de instituições escolares e/ou equivalentes.

Nessa direção, a Libras, de fato, se mostra como a língua natural dos surdos, a L1, tendo em vista que, em contextos ideais, é adquirida (e não aprendida) de modo natural e a partir do contato com os semelhantes, enquanto que o Português, na versão escrita, se mostra como a L2, o qual é aprendido (e não adquirido) por meio de instruções e treinos escolares. No entanto, mesmo a Libras sendo uma língua natural para os surdos, há situações em que não é oportunizado aos surdos o acesso precoce a sua língua natural, especialmente no que diz respeito aos surdos que nascem em famílias de ouvintes – o que representa a maioria dos casos –, que precisam “aprender” a sua própria língua natural, muitas vezes, tardiamente, pois a língua adotada no ambiente materno/familiar³⁹ é o Português, que, por sua vez, por questões fisiológicas, não pode ser aprendida espontaneamente pelas pessoas surdas.

Por tudo isso, entendemos que as manifestações linguístico-estruturais da Libras, as quais, por vezes, estão presentes nos textos escritos produzidos por estudantes surdos, podem ser consideradas, por sua vez, uma tentativa de escrita da estrutura do Português, um sistema linguístico próprio criado por esses aprendizes surdos, que, pela *Teoria da Interlíngua*, “se refere ao sistema diferente de uma segunda língua do aprendiz, um sistema que tem a posição estruturalmente intermediária entre as línguas nativa e língua alvo” (BROCHADO, 2003, p. 56). Desse modo, tais textos não devem ser tratados como cheios de desvios e inadequações, e muito menos pela perspectiva do erro, que com a essa teoria, ganhou um novo tratamento de viés positivo, mas, sim, como construções de

---

³⁹ A língua materna/familiar nem sempre coincidirá com a língua natural dos surdos (FERNANDES, S., 2003). Em contexto brasileiro, nos casos em que os surdos são filhos de pais ouvintes, pode ser que essas línguas não coincidam, mas essas línguas coincidirão nos casos em que os surdos possuem pais surdos. Já, em se tratando de filhos e pais ouvintes, a língua materna e a língua natural coincidirão.

hipóteses sobre a organização gramatical naturais dos estágios de interlíngua, na tentativa de aproximação da língua-alvo, o Português.

#### 4.2 ASPECTOS LINGUÍSTICO-ESTRUTURAIIS

Ao contrário do que a maioria das pessoas pensam sobre os textos produzidos pelos estudantes surdos serem inadequados ou cheios de erros, essas escritas, muitas vezes, revelam as particularidades linguístico-estruturais das línguas de sinais, pois essas pessoas imprimem nas suas produções escritas aquilo que, estruturalmente falando, existe e faz sentido na sua língua natural. Isso faz com que os seus textos fiquem carregados de significação para além da estrutura linguística da língua oral, o que, por conseguinte, desmistifica a ideia de que a pessoa surda é incapaz de produzir textos escritos. A questão é que não se deve olhar para os textos escritos produzidos por estudantes surdos com o mesmo olhar empregado para os textos escritos produzidos por estudantes ouvinte, na intenção de encontrar os mesmos elementos linguísticos, em uma equivalência estrutural entre as línguas de sinais e as línguas orais – línguas com modalidades e estruturas diferentes – uma vez que essas línguas servem a sujeitos com contextos histórico-culturais particulares.

O modo diferente de escrever dos estudantes surdos encontra motivações linguísticas claras para se apresentar como tal, conforme veremos a partir de agora. Os registros escritos dos estudantes surdos relevam, em contexto brasileiro, marcas linguísticas próprias do sistema estrutural da Libras que diferem, por sua vez, da estrutura do Português. Dentre os aspectos linguístico-estruturais da Libras naturalmente manifestados nos textos escritos produzidos por estudantes surdos, evidenciaremos os seguintes: uso do recurso datilológico, a não existência de desinências morfológicas para os gêneros feminino e masculino e para o número plural, bem como a não existência de desinências morfológicas para indicar o tempo dos verbos, a não existência dos verbos copulativos *ser* e *estar*, a não existência de artigos, conectivos (preposições e conjunções), entre outros.

Esses aspectos serão identificados e analisados a partir de uma amostra de 37 (trinta e sete) redações escritas por estudantes surdos advinda de seleções do vestibular do curso de Letras Libras da UFPE e da UFPI. Aqui, é importante ressaltar

que algumas das marcações presentes nas redações são resultados do processo avaliativo feito pela entidade responsável pelo processo seletivo. Tais redações foram escritas com base nos seguintes temas: *A importância da Libras para a inclusão social das pessoas surdas* ou *A importância do curso de Letras Libras para a comunidade surda do Brasil* (UFPE/2021), *Inclusão escolar: entre o ideal e o real* (UFPI/2015), *Cotas para deficientes em instituições de ensino federais: o que muda com a sanção da lei?* (UFPI/2017) e *Cotas para pessoas com deficiências nas universidades: entre o que diz a lei e a realidade enfrentada por estudantes com deficiência nas instituições de ensino* (UFPI/2018). Não conseguimos ter acesso ao tema de redação do ano 2022/UFPE.

#### 4.2.1 Datilologia

Dentre os diversos recursos, entre localização espacial, movimentos, expressões faciais e corporais etc., empregados na sinalização, a datilologia (ou soletração manual) é um artifício bastante utilizado pelos sinalizantes para auxiliar na comunicação de mensagens aos seus interlocutores. A datilologia diz respeito, *grosso modo*, à soletração dos nomes dos sinais a partir das letras que compõem o alfabeto manual da Libras, o qual, por sua vez, faz referência ao alfabeto (maiúsculo) do Português. Porém, com base em Quadros e Karnopp (2004, p. 88), a “soletração manual não é uma representação direta do português, é uma representação manual da ortografia do português, envolvendo uma seqüência de configurações de mão que tem correspondência com a seqüência de letras escritas do português”. Sendo assim, a soletração manual se configura como uma forma de empréstimo linguístico diante da representação escrita do Português.

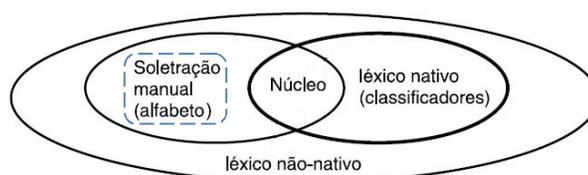
Nessa direção, o alfabeto manual, por sua vez, igualmente conhecido como alfabeto datilológico ou alfabeto digital, na função de viabilizar a soletração manual, é apenas um código de representação das letras alfabéticas (maiúsculas) das línguas orais, e, por isso, não constitui um sistema linguístico em si mesmo (GESSER, 2009), contrariando, assim, a crença⁴⁰ de que saber o alfabeto manual de

---

⁴⁰ Para saber mais sobre essa e outras crenças, como *A língua de sinais é universal?*, *A língua dos surdos é mímica?*, consultar a obra *Libras? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*, de Gesser (2009).

uma língua de sinais significa saber a língua de sinais propriamente dita. Essa mesma ideia foi, anteriormente, abordada por Stokoe (1960) ao dizer que o alfabeto digital não é a língua de sinais em si, e que a datilologia é uma codificação manual da palavra escrita, que, por seu turno, é produzida por meio das regras de representação dos fonemas da língua oral e não pelas regras que constituem um sinal nativo. Dessa forma, o alfabeto manual e a atividade datilológica se mostram como recursos externos à natureza do sistema linguístico das línguas de sinais, conforme é retratado na figura a seguir.

*Figura 31 – Léxico da Libras*



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 88, adaptação nossa.

Essa figura mostra a composição do léxico da Libras apresentada por Quadros e Karnopp (2004) com base na proposta de Brentari e Padden (2001). Nela, verificamos, conforme o nosso interesse neste estudo, que a datilologia, materializada a partir do alfabeto manual, – destacada pela marcação tracejada – faz parte do léxico não nativo, o qual contém a atividade de soletração manual dos sinais, situando-se, assim, na “periferia” do léxico da Libras. De todo modo, o alfabeto manual empregado na datilologia, enquanto elemento não nativo ao sistema linguístico da Libras e inadequado para sustentar a comunicação sinalizada, tem a sua função na interação entre os usuários das línguas de sinais, e é um recurso bastante utilizado, ainda que em situações específicas, como veremos mais adiante. A figura abaixo ilustra uma representação do alfabeto manual da Libras.

Figura 32 – Alfabeto manual da Libras



Fonte: Rosa e Bento, 2015, p. 08.

Nessa representação, vemos a relação direta (em certo ponto, icônica) entre as configurações de mãos⁴¹ correspondentes às letras do alfabeto manual da Libras e as letras maiúsculas que compõem o alfabeto do Português. Como dito acima, o alfabeto manual é mais um recurso empregado na comunicação sinalizada, um artifício que auxilia a sinalização, porém não sustenta a conversação na Libras. Imagine, por exemplo, a sinalização da sentença *Libras é a língua da comunidade surda brasileira* apenas por meio da datilologia. Seria da seguinte forma: L-I-B-R-A-S-É-A-L-Í-N-G-U-A-D-A-C-O-M-U-N-I-D-A-D-E-S-U-R-D-A-B-R-A-S-I-L-E-I-R-A ⁴² . Como percebido, esse modo exigiria um tempo considerável se comparado ao emprego dos próprios sinais dos termos que compõem a sentença. Além, a sinalização seria cansativa tanto para a pessoa que sinaliza quanto para o seu interlocutor. E, portanto, nesse contexto, a soletração manual inviabilizaria a comunicação.

De acordo com Ferreira (2010, p. 22), “através da “datilologia” ou soletração digital, este alfabeto é utilizado para traduzir nomes próprios ou palavras para as quais não se encontram equivalentes prontos em LIBRAS ou para exemplificar o significado de um sinal a um ouvinte”. Sendo assim, o uso da soletração manual se dá apenas em situações específicas, como “para soletrar nomes próprios de pessoas e lugares, siglas, e algum vocabulário não existente na língua que ainda

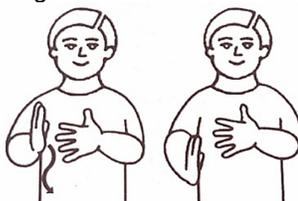
⁴¹ São as diversas maneiras como as mãos ficam dispostas no ato da realização do sinal, conforme Ferreira (2010, p. 36).

⁴² Exemplo elaborado com base nas reflexões de Gesser (2009, p. 29).

não tenha sinal” (GESSER, 2009, p. 29). Em outras palavras, é empregada especialmente quando existe a necessidade de se preencher um espaço lexical deixado pela não existência de um sinal específico na comunicação em língua de sinais.

Isso se constata, por exemplo, no início das conversações sinalizadas, quando um interlocutor que não possui sinal pessoal⁴³ se apresenta com o nome próprio utilizando a datilologia por meio do alfabeto manual. Também é comum, em alguns casos, fazer uso da soletração manual para especificar o sinal realizado, ou para reforçar a significação do sinal, a fim de não gerar dúvidas ao interlocutor. De todo modo, os sinalizantes “soletram palavras do português em uma variedade de contextos, para introduzir uma palavra técnica que não tem sinal equivalente” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 88). Mas, como vimos, o alfabeto manual e a datilologia não são a Libras e tampouco substituem essa língua. As figuras seguintes ilustram esses pontos.

Figura 33 – Sinal LIBRAS



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1571.

Figura 34 – Datilologia do sinal LIBRAS



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1571, adaptação nossa.

Essas figuras mostram duas possibilidades de representação da palavra *Libras*. A primeira, na *Figura 33*, diz respeito à sinalização, propriamente dita, do sinal LIBRAS, o qual é feito com a mão esquerda horizontal aberta, palma para trás, e dedos abertos, e com a mão direita aberta vertical, palma para a esquerda, e dedos abertos também, localizada próxima das pontas dos dedos esquerdos, e com movimento sinuoso para baixo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1571); e a segunda, na *Figura 34*, trata da soletração manual desse mesmo sinal,

⁴³ O sinal pessoal diz respeito ao nome próprio no âmbito da comunidade surda.

por meio da sequência das letras do alfabeto manual da Libras que forma a palavra *Libras*. Tendo em vista que o uso da datilologia acontece em contextos específicos, como visto anteriormente, a soletração da palavra *Libras* – nesse caso, há um sinal próprio convencionado para essa palavra – se faz necessária quando usada para ajudar a especificar o sinal realizado ou para reforçar a sua significação na comunicação, do contrário, esse recurso pode, e deve, ser dispensado, sendo viável a realização do próprio sinal, pois “*soletrar não é um meio com um fim em si mesmo*” (GESSER, 2009, p. 30, grifos do autor).

Além da soletração manual, feita a partir do alfabeto manual, há outro recurso denominado *soletração rítmica*. Embora próximos, o segundo derivado do primeiro (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 89), eles não devem ser tratados como sinônimos ou confundidos, pois soletrar um sinal não é o mesmo que um sinal soletrado. Conforme Gesser (2009, 30-31), ao utilizarem o alfabeto manual para realizar a datilologia de sinais específicos, os usuários das línguas de sinais, em certos casos, “reapropriam” alguns elementos linguísticos a fim de assumirem formas e movimentos próprios, aproximando-se, assim, do funcionamento linguístico das línguas de sinais. São esses movimentos e formas particulares que dão à soletração manual de um sinal um ritmo diferenciado, por isso a soletração passa a ser uma soletração rítmica.

Pela soletração rítmica, o sinal AZUL, por exemplo, é realizado a partir da “soletração apenas da primeira e da última letra, com um movimento característico entre elas, o que torna este item lexical um sinal bem específico da LIBRAS” (FERREIRA, 2010, p. 22). O sinal AZUL, enquanto item lexical, é feito, com base em Capovilla, Raphael e Maurício (2015, p. 466), por meio da mão em A, palma para frente, descrevendo a letra Z no ar e finalizado com a L. Aqui, se verifica uma aproximação entre os autores, pois o *movimento característico*, apontado por Ferreira (2010), corresponderia ao momento de *descrição da letra Z no ar*, mostrado por Capovilla, Raphael e Maurício (2015), o que reforça a ideia de que, nesse caso, a soletração rítmica corresponde ao próprio item lexical. Já pela soletração manual, a datilologia desse mesmo sinal se daria a partir da realização manual da sequência de todas as letras do alfabeto que formam a palavra *azul*, sem movimentos característicos. As figuras abaixo ilustram melhor a relação entre soletração rítmica e soletração manual.

Figura 35 – Soletração rítmica do sinal NUNCA



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 89.

Figura 36 – Soletração manual do sinal NUNCA



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1811, adaptação nossa.

As figuras acima se referem à representação do sinal NUNCA, um caso clássico de soletração rítmica. Na primeira, *Figura 35*, há a soletração rítmica do sinal, a qual se dá a partir da soletração das letras *N*, *U* e *N*, em sequência e com ritmo acelerado. Na segunda, *Figura 36*, há a soletração manual (datilologia) desse sinal, cuja acontece por meio da soletração da sequência das letras do alfabeto em Libras que formam a palavra *nunca*, esta dando origem àquela. Como percebido, na soletração rítmica, além do movimento próprio, com um ritmo todo especial, há a supressão de algumas letras para contribuir com a fluidez característica do sinal soletrado, diferentemente da soletração manual, em que há a soletração completa da palavra e uma movimentação natural própria do ritmo da datilologia comum. Vale ressaltar, ainda, que o sinal NUNCA propriamente dito é realizado a partir da própria soletração rápida das letras *N*, *U*, *N*, *C* e *A*⁴⁴ (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1811), aproximando-se, assim, das especificidades da soletração rítmica.

Diante disso, a prática de soletração manual, enquanto um artifício resultante de empréstimo linguístico – tendo em vista que a atividade datilológica em Libras consiste na soletração manual da sequência de letras maiúsculas que compõem as palavras em Português, a partir do alfabeto digital da Libras –, aparece, de algum modo, impressa nas produções escritas elaboradas por estudantes surdos. De acordo com Schleper (2003, p. 27), “tantas crianças, ao escrever, soletram com os dedos, observam suas próprias mãos e escrevem o que veem. O processo

⁴⁴ Na prática, atualmente, por questões de menor esforço, o sinal NUNCA é feito apenas com a seguinte sequência de letras: NUNUNUN.

cinestésico e visual é fundamental”. Nesse sentido, é possível encontrar textos (ou somente palavras e expressões) escritos produzidos por estudantes surdos completamente em letra maiúscula.

Nesse caso, esse aspecto não significa, por exemplo, uma simples marca de estilo do autor, como pode ocorrer em textos produzidos por ouvintes que empregam uma caligrafia diferenciada, mas uma referência direta ao recurso da soletração manual tão empregado nas línguas de sinais. Essa particularidade refletida nos textos escritos dos estudantes surdos ganha reforço com a primeira convenção do *Sistema de Notação em Palavras*, já abordada na primeira seção do terceiro capítulo, que diz que “os sinais da LIBRAS serão representados por itens lexicais da língua portuguesa em *letras maiúsculas* [...]” (FELIPE, 1997, p. 390, grifos do autor). Assim, é natural que alguns estudantes surdos, em suas produções textuais, escrevam as palavras usando o recurso tipográfico *caixa alta*, como relevam as duas produções textuais a seguir.

Figura 37 – Redação 1

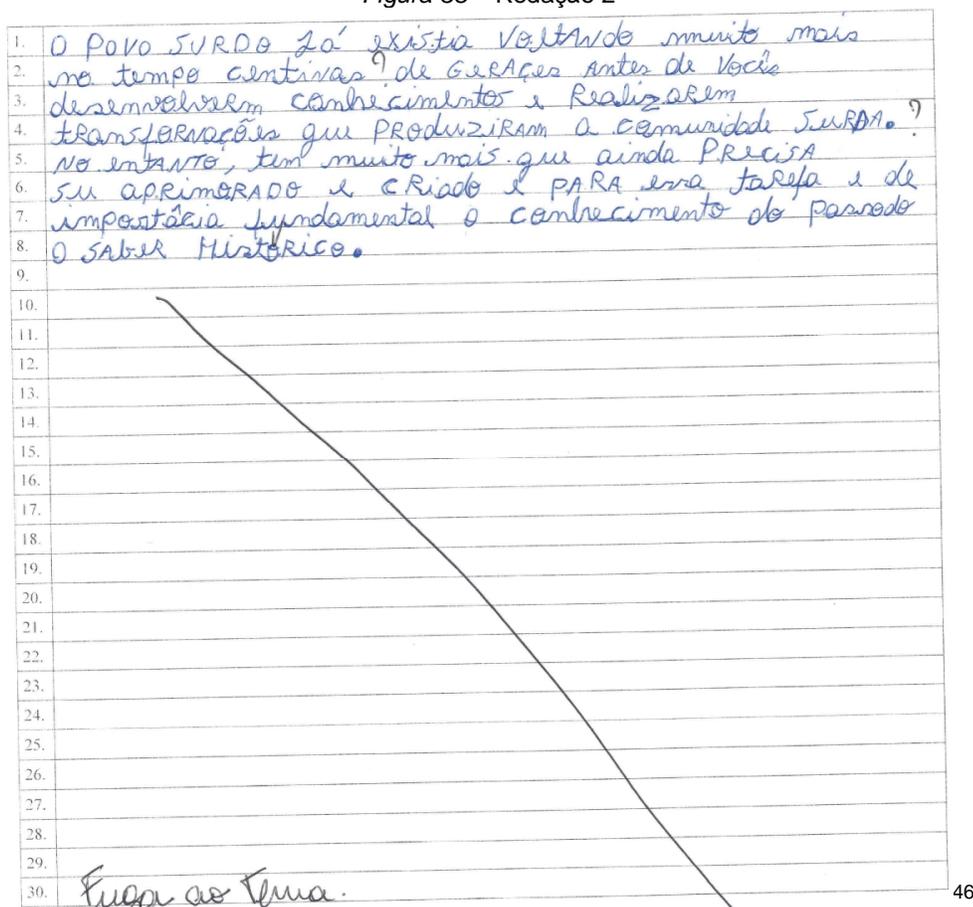
TÍTULO: <u>O</u> EDUCAÇÃO DIREITO DE COTAS	
01	O EDUCAÇÃO TEM COTAS E DIREITO DEFICIÊNCIA
02	OU PESSOAL IGNAMENTE, E O SURDO PRECISAR PEDIR O
03	DIREITO DEFICIÊNCIA OU NEGRO, PARDO, INDIO PARA FACULDA-
04	DE OU TECNICO EM CURSO, É IMPORTANTE OS RESPEITOS
05	COM COTAS, POR QUE ATENÇÃO E DEFICIÊNCIA, OS NEGRO, PARDO
06	E INDIOS, TAMBEM O NEGRO TEM DESEJAR A SONIA É TRABAL-
07	HAR DE POLICITA, TEM DIREITO PODER ENTRE TRABALHAR
08	DE POLICITA EM BRASILIA, 50% VAGA O DIREITO DE COTAS
09	OBRIGATORIA DE LEI. A ALGUÉM O PAIS NÃO LIBERDADE
10	DE LEI É OS NEGROS TEMOS LIMITE AINDA QUE DIFICIL
11	COMO NÃO VAI CURSO, FACULDADE, ETC. POR CAUSA CADA O
12	POLITICA E KUIA, POR QUE NÃO TEM LEI. NOS DIREITOS
13	PARA DEFICIENCIA, O NEGRO, PARDO, BAIXA RENDA E INDIOS
14	TODO O IGUAL DE BRASILEIRO E DESENVOLVER, COMPREENDIDO
15	COM PESSOAL.
16	
17	
18	
19	
20	
21	
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

45

Fonte: Vestibular Letras Libras 2017/UFPI.

⁴⁵ Tema: Cotas para deficientes em instituições de ensino federais: o que muda com a sanção da lei?

Figura 38 – Redação 2



Fonte: Vestibular Letras Libras 2021/UFPE.

Como percebido, há, nos dois exemplos acima, o emprego de letras maiúsculas na escrita das palavras das produções textuais; no primeiro, isso acontece em todo o texto e no segundo, somente em algumas palavras. Por mais que possa se configurar uma marca de estilo da caligrafia do autor, como na *Figura 37*, em que há uma redação escrita toda em letra maiúscula, ou um desvio ortográfico dentro das convenções de escrita do Português, com o uso indevido das letras maiúsculas entre as letras minúsculas, como aparece na redação da *Figura 38*, a presença dessas letras em caixa alta são compreendidas, aqui, como uma influência do recurso soletração manual, que, como vimos, possui ligação com as letras do alfabeto que formam as palavras em Português. Entretanto, essa relação se dá, claramente, a partir de estratégias visuais e não sonoras, o que permite, por exemplo, a associação visual do formato da mão em A (Configuração de Mão) da Libras à letra A do alfabeto do Português.

⁴⁶ Tema da redação: A importância do curso de Letras Libras para a comunidade surda do Brasil.

Assim, o que está na base da escrita desses textos são os aspectos visuais oriundos da língua de sinais e representados pela soletração manual das letras do alfabeto em Libras, e não os aspectos fonéticos (sons) das palavras do Português que formam esses textos. Ao escrever, nos moldes do Português, muitos surdos registram a representação visual da forma datilológica de soletrar as palavras. Por isso a escrita dos estudantes surdos reflete, diretamente, o processamento visual, e todas as particularidades da sua língua, em vez do auditivo. O fato é que, mesmo se tratando de um recurso característico da forma sinalizada, no sentido de oralidade em oposição à forma escrita, e não sendo suficiente para sustentar plenamente a comunicação em sinais, o recurso datilológico se faz presente, com maior ou menor recorrência, nos textos escritos por estudantes surdos.

#### 4.2.2 Desinência de gênero e número

Em Libras, no campo da Morfologia, o qual, de modo geral, se preocupa com a formação e a classificação das palavras (e, neste caso, dos sinais), não há marcação morfológica de gênero, ou seja, não existem desinências nominais morfológicas que categorizam um sinal como sendo feminino ou masculino, diferentemente do Português, que possui, em sua estrutura morfológica, morfemas para indicar a flexão das palavras quanto aos gêneros masculino e feminino, como ocorre, por exemplo, com as palavras *aluno* e *aluna*, as quais possuem desinências próprias – o e a – para representar o gênero e, assim, ser possível classificá-las como palavras masculina e feminina, respectivamente. Assim, como o gênero é marcado em Libras?

A inexistência de desinências nominais morfológicas para gênero na Libras, por outro lado, não significa que os sinais não possam, quando necessário, ser identificados como sendo femininos ou masculinos. Há outros modos, para além da marcação com morfemas, de realizar a identificação do gênero dos sinais. E essa marcação de gênero se dá, em alguns casos, e quando relevante, de um modo bastante particular. Como em Libras os nomes não apresentam flexão de gênero, essa indicação “é feita pospondo-se o sinal HOMEM/MULHER, indistintamente para pessoas e animais, ou a indicação é obtida através de sinais diferentes para um e

para outro sexo” (FERREIRA, 2010, p. 42). Vejamos, a partir da análise dos sinais representados nas figuras a seguir, como isso acontece na prática.



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1768 e 1392, adaptação nossa.

Conforme Ferreira (2010), a primeira possibilidade de marcação do gênero na Libras é por meio do uso dos sinais *HOMEM* e *MULHER* – que podem se referir tanto a pessoas quanto a animais – após o sinal do qual se queira marcar o gênero. A figura acima representa o sinal *NAMORADO*, que, por sua vez, e nesse caso, é formado pelos sinais *NAMORAR*, o qual é realizado com as mãos verticais abertas, palma a palma, com o dedo médio flexionado balançando várias vezes (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1768) e *HOMEM*, que é feito com a mão em C, palma para cima, com os dedos tocando cada lado do queixo e com movimento da mão ligeiramente para baixo, unindo as pontas dos dedos (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1392). Ela mostra o sinal *HOMEM* sendo realizado logo após o sinal *NAMORAR* para indicar, exatamente, o gênero, nesse caso, o masculino, do sinal realizado.

O mesmo acontece com o sinal *NAMORADA*, o qual também é realizado a partir do sinal *NAMORAR*, com as mesmas orientações de realização: mãos verticais abertas, palma a palma, com o dedo médio flexionado balançando várias vezes (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1768), acrescido do sinal *MULHER*, que é realizado, por seu turno, com mão horizontal fechada, palma para a esquerda e polegar estendido, passando o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1756), para marcar, agora, o gênero feminino do sinal executado, como exibe a figura abaixo.

Figura 40 – Sinal NAMORADA



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1768 e 1756, adaptação nossa.

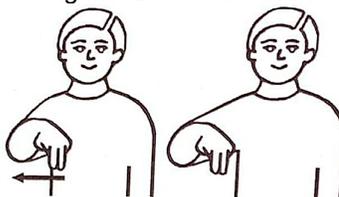
A outra possibilidade de indicação do gênero na Libras é feita, de acordo com Ferreira (2010), a partir do emprego de sinais diferentes, e específicos, para cada um dos gêneros, sem a necessidade de acrescentar outros sinais, como os sinais *HOMEM* e *MULHER*, para representar os gêneros masculino e feminino. Sobre essa marcação de gênero, temos, por exemplo, os sinais *GENRO* e *NORA*. O primeiro é realizado com a mão em *G*, palma para frente, em movimento para a direita (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1335), e o segundo é feito com a mão em *N*, em movimento para a direita (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1794). Como visto, eles são realizados por meio de sinais específicos, que, desse modo, já marcam diretamente o gênero do nome sinalizado, não carecendo, portanto, de sinais para indicar essa categoria, como mostram as figuras abaixo.

Figura 41 – Sinal GENRO



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1335.

Figura 42 – Sinal NORA

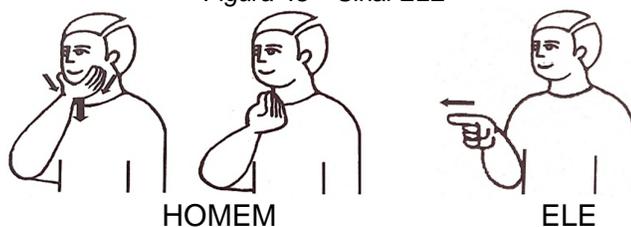


Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1794.

Nessa mesma direção, quanto ao aspecto da não marcação do gênero masculino e feminino na Libras, Berenz (1996), em estudo ao sistema pronominal dessa língua, referenciado em Quadros (2017, p 45), afirma que “o sistema não

apresenta marcação de gênero, embora os pronomes de terceira pessoa possam ser precedidos dos sinais *HOMEM* e *MULHER*, quando for relevante”. Do modo análogo à colocação Ferreira (2010), é possível acrescentar os sinais *HOMEM* e *MULHER* aos pronomes de terceira pessoa do discurso para, assim, marcar o gênero na sinalização, diferentemente do Português que possui desinências morfológicas próprias para categorizar e diferenciar os pronomes *ele* e *ela*. No entanto, o que difere entre esses dois autores é a posição em que os sinais *HOMEM* e *MULHER* deverão ser realizados. Para Ferreira (2010), como vimos, esses sinais devem aparecer, no geral, posposto aos nomes/verbos, enquanto que para Berenz (1996), eles são colocados antes dos pronomes, como revelam as figuras, adaptadas, a seguir.

Figura 43 – Sinal ELE



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1392 e 1039, adaptação nossa.

Figura 44 – Sinal ELA



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1756 e 1039, adaptação nossa.

Essas figuras mostram a representação dos sinais, com a marcação de gênero explícita, para os pronomes de terceira pessoa *ELE* e *ELA* em Libras. Na *Figura 43*, temos o sinal *ELE*, que, nesse caso, é realizado a partir do sinal *HOMEM*, o qual é feito com mão em *C*, palma para cima, com os dedos tocando cada lado do queixo e com movimento da mão ligeiramente para baixo, unindo as pontas dos dedos (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1392), seguindo pelo sinal *ELE*, cujo é feito com mão em *1* horizontal, palma para a esquerda, apontando a pessoa indicada, esteja ela presente ou ausente (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1039). Na *Figura 44*, temos o sinal *ELA*, que, também nesse

caso, é realizado a partir do sinal MULHER, o qual é produzido com a mão horizontal fechada, palma para a esquerda e polegar estendido, passando o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1756), acrescido do sinal ELA, com realização igual ao sinal ELE (mão em 1 horizontal, palma para a esquerda, apontando a pessoa indicada, esteja ela presente ou ausente (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1039)). Aqui, vemos os sinais HOMEM e MULHER, claramente, antepostos aos sinais referentes aos pronomes ELE e ELA, nessa ordem, como forma de evidenciar, e melhor caracterizar, nesses casos, o gênero dos termos sinalizados.

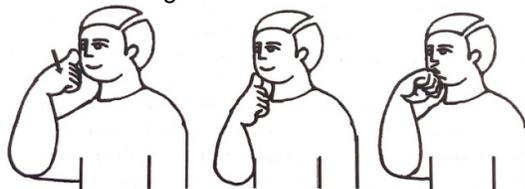
Ainda sobre a localização dos sinais HOMEM e MULHER, que, como visto, podem ser posicionados antes ou depois na sinalização para indicar o gênero, Ferreiro (2010) também faz referência à variação linguística empregada no estado do Rio de Janeiro, a qual, tal como Berenz (1996), posiciona os sinais HOMEM e MULHER no início da sinalização para formar, especificamente, os sinais PAI, que é feito com a mão em C, palma para cima, com os dedos tocando cada lado do queixo e com movimento da mão ligeiramente para baixo, unindo as pontas dos dedos – o que corresponde ao sinal HOMEM – e beijando, em seguida, o dorso da mão fechada com palma para baixo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1868), e MÃE, que é realizado com mão horizontal fechada, palma para a esquerda e polegar estendido, passando o lado do polegar sobre a bochecha, em direção ao queixo – o que corresponde ao sinal MULHER – e beijando, em seguida, o dorso da mão fechada com palma para baixo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1621-1622). Esse uso dos sinais HOMEM e MULHER antepostos na sinalização também se verifica, conforme o dicionário referenciado, em outros estados, como Minas Gerais, Paraná, Ceará, Bahia etc. As duas figuras abaixo representam os sinais PAI e MÃE, com os sinais HOMEM e MULHER realizados primeiro.

Figura 45 – Sinal PAI



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1868.

Figura 46 – Sinal MÃE



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1621-1622.

Por mais que o uso dos sinais HOMEM e MULHER, antes ou após dos pronomes, nomes e verbos, seja uma estratégia bastante recorrente para a marcação do gênero na Libras, o emprego desses elementos, em casos específicos, é dispensado. O uso desses sinais somente se faz pertinente quando, na interação, for necessária a identificação do gênero do termo sinalizado, ou seja, quando for relevante, como diz Berenz (1996), para a comunicação, de modo a acrescentar uma informação – o gênero – realmente necessária, do contrário, esses sinais podem ser descartados.

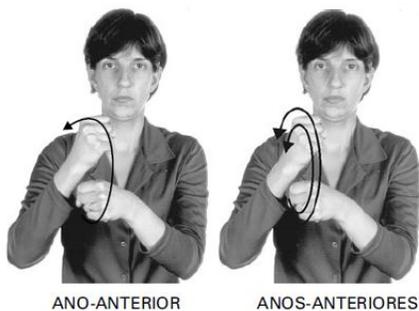
Nos casos em que não há evidência da marcação de gênero por meio dos sinais HOMEM e MULHER, isto é, nas situações em que esses sinais podem ser dispensados, a identificação da marca de gênero se dá a partir do contexto de sinalização. Para explicar esse ponto, retomamos os exemplos das *Figuras 45 e 46*, os quais exibem, respectivamente, os sinais NAMORADO (formado pelos sinais NAMORAR e HOMEM) e NAMORADA (formado pelos sinais NAMORAR e MULHER). Nos contextos de sinalização em que esteja presente a pessoa de quem se fala (nesse caso, o namorado ou a namorada) ou em que seja possível recuperar esse referente pessoal, não há necessidade do emprego dos sinais HOMEM e MULHER para indicar o gênero. Desse modo, basta realizar o sinal NAMORAR, sem acréscimo dos sinais HOMEM e MULHER, e, assim, o gênero estará, contextualmente, marcado, pois o referente pessoal se faz presente ou é possível ser recuperado no ato comunicativo.

Por outro lado, quando a pessoa de quem se fala não estiver presente ou quando não é possível recuperar esse referente pessoal na comunicação, faz-se necessário o acréscimo dos sinais HOMEM e MULHER aos sinais NAMORAR a fim de significar, nessa ordem, NAMORADO e NAMORADA. Do contrário, pode ocasionar conflitos na comunicação, e o gênero do referente pessoal não condizer com a realidade, o que se verifica, por exemplo, na seguinte situação hipotética: uma mulher – em que o seu namorado ou a sua namorada não se faça presente, ou

em que não seja possível recuperar esse gênero – realiza o sinal NAMORAR sem a marcação do gênero a partir dos sinais HOMEM e MULHER. Nesse caso, pode haver problemas quanto ao gênero do referente pessoal, uma vez que não é possível saber se a mulher em questão faz referência ao namorado ou à namorada dela. Em caso como esses, o emprego dos sinais HOMEM e MULHER para indicar o gênero se faz necessário a fim de evitar possíveis equívocos na comunicação.

Da mesma forma que não há, nos moldes do Português, marcação morfológica para os gêneros masculino e feminino na Libras, também não há marcação morfológica de número (plural), ou seja, não existem desinências nominais morfológicas que categorizam um sinal como estando no plural, diferentemente do Português, que possui, em sua estrutura morfológica, morfemas para indicar a flexão das palavras quanto ao número plural, como ocorre, por exemplo, com as palavras *alunos*, *professores*, *escolas*, as quais possuem desinências próprias – *s* – para representar o número e, assim, ser possível classificá-las como palavras no plural. Por outro lado, em Libras, o plural é marcado de modos particulares, como ressaltam Quadros e Karnopp (2004, p. 119): “há várias formas de [...] substantivos na língua de sinais brasileira apresentarem flexão de número. A mais básica é a distinção entre o singular e o plural, que é marcada através da repetição do sinal”. A figura abaixo explicita esse modo de marcação do número plural na Libras.

Figura 47 – Flexão de número na Libras



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004, p. 119.

Na *Figura 47*, temos duas sinalizações representando, respectivamente, as formas singular e plural do sinal ANO-ANTERIOR, ou ANO-PASSADO, o qual é realizado com as mãos em A, na horizontal e com palmas para trás, sendo a mão direita sobre a mão esquerda, com movimento da mão direita em um círculo vertical

para trás (sentido anti-horário) ao redor da mão esquerda e finalizando com a mão direita novamente sobre a mão esquerda (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 210). Aqui, é possível perceber que a única diferença entre as duas sinalizações, isto é, entre a forma do singular e a forma do plural, está no movimento de repetição do sinal. Na primeira, há apenas uma seta indicando que o movimento em círculo para trás deve ser realizado apenas uma vez, enquanto que, na segunda, há duas setas, o que significa que esse mesmo movimento em círculo para trás deve ser executado duas vezes, marcando, assim, a repetição do próprio sinal. Sobre esses modos de realizar o plural na Libras, Ferreira (2010) reforça e amplia:

A LIBRAS manifesta o número através dos valores singular, dual e plural. Nos substantivos, a ideia do valor dual é expressa pela repetição do sinal e pela anteposição ou posposição do número DOIS, ou por um movimento semicircular orientado para os dois referentes. A pluralidade é obtida pela repetição do sinal três ou mais vezes, pela anteposição ou posposição de sinais indicativos dos números, ou através do movimento semicircular que deverá abranger as pessoas ou os objetos em questão. Muitas vezes, a ideia de plural é expressa pospondo-se o sinal MUITO (FERREIRA, 2010, p. 42).

Todos esses detalhes referentes à inexistência de desinências nominais morfológicas para gênero e para número na Libras refletem diretamente no processo de produção escrita realizado pelos estudantes surdos. Como na Libras não existem morfemas para os gêneros masculino e feminino, e para o número (plural), conforme visto anteriormente, na representação escrita, “o sinal, representado por palavra da língua portuguesa que possui estas marcas, está terminado com o símbolo @ para reforçar a idéia de ausência e não haver confusão” (FELIPE, 1997, p. 390), como consta na sexta convenção do *Sistema de Notação em Palavras* já mencionada na primeira seção do terceiro capítulo deste estudo. Essa estratégia é igualmente mencionada por Oliveira (2020, p. 52): “o uso do sinal gráfico @ ocorrerá no final das palavras sempre que for necessário indicar a possibilidade de flexão de gênero do sinal transcrito (MENIN@, por exemplo), já que em libras não há o morfema de gênero”. Assim, no registro escrito dessa particularidade da Libras, teremos, entre outros exemplos, AMIG@ para amiga(s) ou amigo(s), TOD@ para toda(s) ou todo(s), EL@ para ela(s) ou ele(s).

Nesse sentido, ainda com base nos exemplos das *Figuras 39 e 40*, os quais mostram os sinais NAMORADO (formado pelos sinais NAMORAR e HOMEM) e

NAMORADA (formado pelos sinais NAMORAR e MULHER), respectivamente, o registro escrito para tais sinais se dá por meio de uma única forma: NAMORAD@, o qual corresponde a namorado, namorados, namorada e namoradas. Assim, na produção escrita dos estudantes surdos, é possível que seja encontrado, em alguns casos, uso do símbolo @ para indicar a não existência das desinências morfológicas para gêneros (namorado e namorada) e para número (namorados e namoradas), diferentemente do registro escrito dessa mesma palavra em Português, em que aparecem, morfológicamente explícitas, as desinências o e a, referentes aos gêneros masculino e feminino, nessa ordem, e s, referente ao número plural. Essa possibilidade não foi encontrada na nossa pequena amostra de redações, mas pode ser vista, nas sentenças das *Figuras 57 (EU BONIT@/BONIT@ EU)* e *58 (HOJE VOCÊ BONIT@/BONIT@ VOCÊ HOJE)*, da subseção 4.2.4, a qual trata do tema *verbos copulativos*.

#### 4.2.3 Desinência de tempo verbal

Como vimos, a flexão e classificação nominal dos sinais quanto ao gênero (feminino e masculino) e quanto ao número (plural) em Libras acontece de um modo um tanto particular se levando em conta a forma como essa flexão e classificação ocorre em Português. O fato é que cada língua possui um sistema de flexão próprio de acordo com a sua natureza e possibilidade de realização linguística. A não existência de desinências morfológicas que marcam a flexão também se faz presente na caracterização dos verbos em Libras, ou seja, essa língua não dispõe de um conjunto de morfemas para indicar a flexão verbal, tal como é possível encontrar no Português, que tem desinências verbais morfológicas para marcar a pessoa, o número, o tempo e o modo dos verbos e, assim, estabelecer a concordância, como se verifica, por exemplo, com o verbo *amar* em sua primeira pessoa do plural no tempo presente do modo indicativo: *amamos*.

O fato de não haver desinências morfológicas explícitas para indicar a flexão verbal não significa dizer que os verbos em Libras não apresentam, por outro lado, uma concordância. Ao contrário, essa concordância acontece, mas em outros formatos. Dentre os grupos organizados para a categorização dos verbos em Libras encontrados em Quadros e Karnopp (2004) e em Quadros, Pizzio e Rezende (2009)

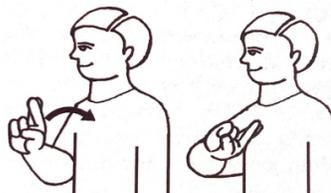
está o grupo dos *verbos com concordância*⁴⁷, que, como o próprio nome sugere, são os verbos que se flexionam e geram concordância entre os elementos do discurso que se realizam na sinalização. São exemplos de *verbos com concordância* os verbos DAR, DIZER, PERGUNTAR, RESPONDER, entre outros, nos quais se verifica uma concordância entre os envolvidos nas ações, como revelam as figuras a seguir.

Figura 48 – Sinal RESPONDER (Dar resposta)



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 2160-2161.

Figura 49 – Sinal RESPONDER (Receber resposta)



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 2161.

As figuras acima mostram as representações para o sinal RESPONDER, a primeira no sentido de *dar resposta* e a segunda no sentido de *receber resposta*. A *Figura 48* ilustra o sinal RESPONDER, o qual é realizado com a mão em R, palma para a esquerda, com as pontas dos dedos tocando o queixo e com movimento da mão para frente, apontando os dedos para frente (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 2160-2161). E a *Figura 49* trata do mesmo sinal RESPONDER, mas, como dito, no sentido de *receber a resposta*, que, por sua vez, é feito com a mão em R, palma para a esquerda, e em frente ao peito, com movimento da mão para trás, tocando a ponta dos dedos no peito (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 2161). Nessas representações, é possível perceber, de forma

⁴⁷ Na categorização de Quadros e Karnopp (2004) e Quadros, Pizzio e Rezende (2009), além dos *verbos com concordância*, há os *verbos simples*, os quais não se flexionam e não admitem afixos locativos (ex.: APRENDER, SABER, GOSTAR etc.), os *verbos espaciais*, que denotam movimento e posição no espaço e, por essa razão, admitem afixos locativos, que identificam locais no espaço neutro da sinalização (ex.: VIAJAR, IR, CHEGAR etc.), e os *verbos manuais* (ou *verbos classificadores*), os quais fazem uso de classificadores e incorporam uma ação (ex.: COLOCAR-BOLO-NO-FORNO, SENTAR-NO-MURO etc.).

clara, a mudança na direção do movimento para marcar a concordância entre a pessoa que responde e a pessoa que recebe a resposta. Na primeira, a pessoa que dar a resposta, o emissor, movimenta a mão *para frente*, em direção ao seu interlocutor, para dizer, por exemplo, *eu o respondo*, e, na segunda, a pessoa que recebe a resposta, o receptor, faz um movimento contrário, ou seja, movimenta a mão *para trás* na intenção de dizer, nesse caso, *ele me responde*.

Essa mudança na direção do movimento foi evidenciada pelas autoras referenciadas anteriormente. Além dela, outro aspecto é levado em consideração para indicar a relação de concordância: a direção da orientação da palma da mão. Antes, esses dois aspectos já se encontravam nas bases dos estudos de Meir (2002, p. 425), que delineou os *Princípios da Morfologia de Concordância das Línguas de Sinais*: a. a direção da trajetória do movimento de concordância do verbo vai da fonte para o alvo [concordância temática]; b. a direção da palma da(s) mão(s) é sempre em direção ao objeto do verbo (o alvo ou a fonte que não seja o sujeito) [concordância sintática]. Assim, a fonte e o alvo da ação, isto é, quem emite e quem recebe a mensagem, são definidos pela direção do movimento associada à orientação da palma da mão. A seguir, mais duas figuras para ilustrar esses dois aspectos no âmbito dos *verbos com concordância* na Libras.

Figura 50 – Sinal AJUDAR (Dar ajuda)



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 313.

Figura 51 – Sinal AJUDAR (Receber ajuda)



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 314.

Análogas às figuras anteriores, essas figuras mostram as representações para o sinal AJUDAR, a primeira no sentido de *dar ajuda* e a segunda no sentido de *receber ajuda*. A Figura 50 representa o sinal AJUDAR, o qual é feito com a mão

esquerda aberta, palma para baixo, com os dedos para a direita, e com a mão direita vertical aberta, palma para frente, tocando a base da palma na lateral do indicador esquerdo, e com movimento para frente (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 313). E a *Figura 51* também se refere ao sinal AJUDAR, mas, como dito, no sentido de *receber a ajuda*, que é realizado com a mão esquerda aberta, palma para baixo, com os dedos para a direita, e com a mão direita vertical aberta, palma para trás, tocando a base da palma no dedo mínimo esquerdo, e com movimento para trás em direção ao corpo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 314).

Nessas representações, é possível identificar os dois aspectos apontados pelos autores: a direção da trajetória do movimento e a direção da palma da mão. Nas *Figuras 50 e 51*, que tratam do sinal AJUDAR, seja no sentido de *dar ajuda* seja no sentido de *receber ajuda*, temos: i) a trajetória do movimento partindo ponto de quem ajuda (fonte) em direção ao ponto de quem é ajudado (alvo) – na *Figura 50*, o emissor, aquele que dar a ajuda, enquanto fonte da ação, movimenta a mão *para frente*, em direção ao seu interlocutor, que é aquele que recebe a ajudar, enquanto alvo da ação, e na *Figura 51*, ao contrário, o receptor, enquanto alvo da ação, aquele que recebe a ajuda do seu emissor, que, por sua vez, atua como fonte da ação, movimenta a mão *para trás* em direção ao corpo –; ii) a direção da palma da mão indicando quem é o objeto do verbo – nas *Figuras 50 e 51*, o objeto se localiza para onde a palma da mão está direcionada, ou seja, para o alvo da ação, aquele que, nesse caso, recebe a ajuda da fonte, que é quem ajuda. Aqui, o que difere é que, em relação ao sinalizador, a orientação da mão, na *Figura 50*, é *palma para frente*, e, na *Figura 51*, é *palma para trás*.

Assim, as relações semânticas e as relações sintáticas em torno dos *verbos de concordância* da Libras, como os analisados acima, são garantidas, respectivamente, pela direcionalidade do movimento e pela orientação da palma da mão desses verbos. Tais relações ocorrem de forma vinculada, uma vez que, nesses casos, o direcionamento do movimento e a orientação da palma da mão acontecem ao mesmo tempo. Nessa estreita relação entre a Semântica e a Sintaxe, conforme o modelo chomskyano, a estrutura sintática é, igualmente, interpretada por uma forma lógica/semântica (juntamente com a forma fonética), a qual se responsabiliza por constituir o sentido dessa estrutura.

Nessa mesma direção, Perini (2019) aponta que os constituintes de uma sentença se dão por meio de fatos da forma (sintaxe) e de fatos do significado

(semântica), dos quais, por sua vez, partem as funções sintáticas e os papéis semânticos, respectivamente, da teoria sintática. Desse modo, são as relações semânticas que viabilizam compreender, no caso dos exemplos apresentados, quem deu a resposta e quem recebeu a resposta, ou, ainda, quem deu a ajuda e quem recebeu a ajuda, ou, nos termos da teoria sintática, quem é o Agente e quem é o Paciente da ação. E são as relações sintáticas que possibilitam entender a posição/ordem dos termos nas frases, isto é, entender, nos termos da teoria sintática, quem é o sujeito (Caso Nominativo) e quem é o objeto (Caso Acusativo) da estrutura sintática.

Embora o sistema linguístico da Libras não admita a existência de desinências verbais, como os morfemas encontrados nos verbos do Português, os aspectos *direção do movimento*, da fonte para o alvo (agente-paciente), e *orientação da palma da mão*, em direção ao objeto da sentença, evidenciam as flexões do verbo, marcando, assim, as suas concordâncias. No registro escrito, de acordo com a nona convenção do *Sistema de Notação em Palavra*, já mencionada na primeira seção do terceiro capítulo deste estudo, os verbos com movimento direcionado que possuem concordância serão representados entre letras e números subscritos para indicar “as pessoas gramaticais: 1s, 2s, 3s (1ª, 2ª e 3ª pessoas do singular), 1d, 2d, 3d (1ª, 2ª e 3ª pessoas do dual⁴⁸), 1p, 2p, 3p (1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural)” (FELIPE, 1997, p. 391). Na prática, na escrita do dia a dia dos estudantes surdos, esse recurso não tem se manifestado, exceto para fins acadêmico e de pesquisa.

Mesmo com toda essa discussão em volta da concordância dos verbos em Libras, não há, por outro lado, marcas morfológicas de tempo referentes ao presente, ao passado e ao futuro para as formas desses verbos, diferentemente como acontece, por exemplo, com as formas verbais da primeira pessoa do verbo *estudar* – no presente, no passado e no futuro – em Português: *estudo*, *estudei* e *estudarei*, respectivamente. É essa marcação do tempo nos verbos que indica a situação temporal da ação realizada pelos elementos que interagem na comunicação. Uma vez que não há essas desinências verbais temporais em Libras, “[...] é como se os verbos ficassem na frase quase sempre no infinitivo” (FELIPE;

---

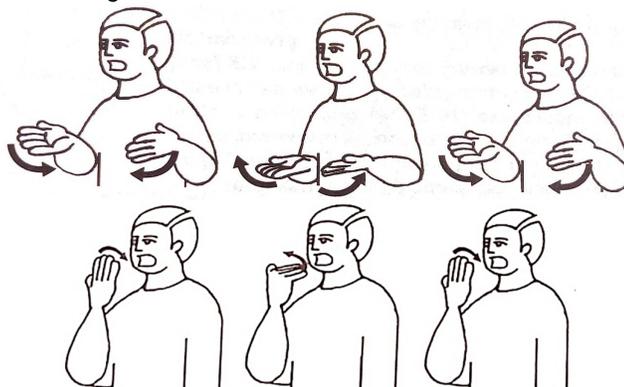
⁴⁸ No sistema pronominal da Libras, há outras possibilidades para o pronome pessoal *nós*: *dual*, *trial* etc. De acordo com Oliveira (2020, p. 57), “existe a possibilidade de sinalizar a ideia de ‘nós dois’, fazendo-se o mesmo sinal com o indicador e o médio estendido. Também se pode dizer ‘nós três’, ‘nós quarto’ com o indicador, ‘nós grupos’, e o médio e o anelar estendido”.

MONTEIRO, 2006, p. 155), tal como as formas verbais infinitivas *cantar*, *comer* e *dormir* do Português.

Essa não existência de marcas temporais nos verbos por meio das desinências morfológicas não interfere, no ato da sinalização, na identificação do tempo verbal dos verbos em Libras, que, por sua vez, se dá de um modo particular. De acordo com Felipe (1998, p. 98), o tempo dos verbos “pode ser expresso por flexão, como em português”, como já vimos, mas, também, “sintaticamente através de advérbios, como na LIBRAS”. Essa marcação temporal dos verbos em Libras por meio de advérbios ocorre, conforme Felipe e Monteiro (2006), com o emprego dos advérbios de tempo, a partir de sinais, como HOJE, AGORA, ONTEM, ANTEONTEM, PASSADO, AMANHÃ, DEPOIS, FUTURO etc., que acompanham o verbo e definem o tempo da ação na estrutura sintática sinalizada.

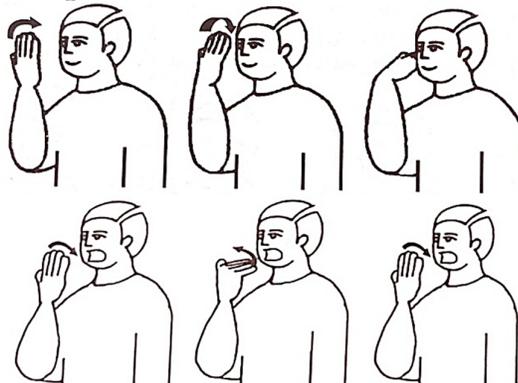
Assim, tomando o sinal COMER – que é realizado com mão vertical aberta, palma para trás, localizada diante da boca, e com flexão dos dedos duas vezes (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 770) – como exemplo para a marcação temporal por meio dos advérbios de tempo, entendemos que a mesma forma verbal (*comer*), no infinitivo do Português, é utilizada nos tempos verbais *presente*, *passado* e *futuro*, com o acréscimo, por exemplo, dos sinais HOJE, ONTEM e AMANHÃ para indicar, respectivamente, os tempos *presente*, *passado* e *futuro* do verbo COMER em Libras. Nesse sentido, temos HOJE COMER, ONTEM COMER e AMANHÃ COMER, marcando, nessa ordem o *presente*, o *passado* e o *futuro* da ação comer, os quais também poderiam ser representados por PRESENTE COMER, PASSADO COMER, FUTURO COMER, como exibem as figuras abaixo.

Figura 52 – Sinais PRESENTE e COMER



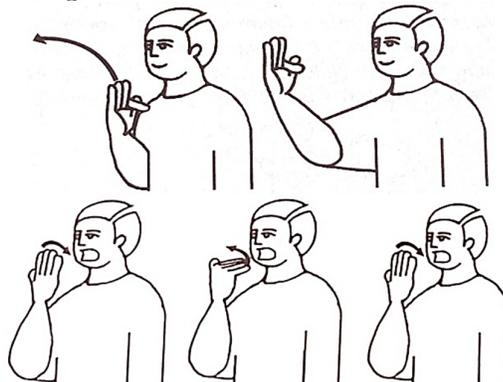
Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 2039 e 770.

Figura 53 – Sinais PASSADO e COMER



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1906 e 770.

Figura 54 – Sinais FUTURO e COMER



Fonte: Capovilla, Raphael e Maurício, 2015, p. 1319 e 770.

Essas figuras ilustram o emprego dos advérbios de tempo para estabelecer a marcação temporal do verbo COMER em Libras. Nas três figuras, aparece o sinal COMER, feito conforme as orientações anteriores, complementado pelo: i) sinal PRESENTE⁴⁹, o qual é feito com as mãos horizontais abertas, palma a palma, cada uma ao lado do corpo, com movimento de virar rapidamente, e duas vezes, as palmas para cima (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 2039), representando o tempo presente do verbo *comer*, *como*, na Figura 52; ii) sinal PASSADO, que é realizado com a mão vertical aberta ao lado da cabeça, palma para trás, dobrando a palma para baixo (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1906), mostrando o tempo passado do verbo *comer*, *comi*, por exemplo, na Figura 53; iii) sinal FUTURO, que é feito com a mão em F diante do ombro direito,

⁴⁹ Pelo dicionário referenciado, o sinal PRESENTE apresenta as mesmas instruções de realização dos sinais AGORA (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 306) e HOJE (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1391).

palma para esquerda, com movimento de arco para frente, no sentido horário (cf. CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURÍCIO, 2015, p. 1319), ilustrando o tempo futuro do verbo *comer*, *comerei*, por exemplo, na *Figura 54*.

Nessa mesma direção, porém em uma perspectiva mais visuoespacial, Ferreira (2010, p. 48) diz que “o tempo é expresso através de locativos temporais manifestando entre si relações espaciais”, as quais ocorrem partir de um locutor que sinaliza no espaço. Assim, conforme a autora, o tempo *presente*, marcado pelos sinais HOJE e AGORA, é representado pelo plano vertical imediatamente em frente ao corpo do locutor. Já os tempos verbais *passado* e *futuro* são caracterizados de forma mais específicas, diferente do mostrado anteriormente. Além do *passado* mais geral (ONTEM), que é indicado por um movimento sobre o ombro até atingir o espaço imediatamente anterior ao ouvido, há ainda o *passado distante* (HÁ MUITO TEMPO), que é obtido por um movimento amplo que se estende além das costas. Do mesmo modo, o tempo *futuro* pode ser entendido de modos: o *futuro próximo* (AMANHÃ), que é indicado por um movimento curto que se direciona para a frente do locutor, e o *futuro distante* (DAQUI A MUITO TEMPO), que é denotado por um movimento amplo que se afasta mais ainda do corpo do locutor para a frente.

Além desses advérbios analisados, outros sinais referentes a advérbios de tempo que remetam à ideia de presente, passado e futuro também podem ser usados para indicar a marcação do tempo nos verbos em Libras. Entretanto há um ponto importante a ser acrescentado: “quando não há, na frase, um advérbio de tempo específico, geralmente a frase, no presente, não é marcada, ou seja, não há nenhuma especificação temporal” (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 155). Isso significa dizer que um verbo, sem o acréscimo de algum advérbio de tempo que indique o *presente*, o *passado* ou o *futuro*, pode ser identificado como estando no tempo *presente*. Nesse caso, de acordo com Oliveira (2020, p. 54), “o falante da libras entende que a sentença está no tempo presente quando não aparece advérbio”. A exemplo do verbo *comer*, visto acima, caso esse verbo não estivesse acompanhado pelo sinal PRESENTE, como na *Figura 52*, já seria suficiente para indicar que a ação acontece no presente, marcando, assim, o tempo *presente* desse verbo, e, portanto, não sendo obrigatório o emprego de advérbios como *hoje*, *agora* e *presente*.

Embora haja toda essa discussão em torno da flexão e da concordância dos verbos em Libras, especialmente dos *verbos com concordância*, os quais, na

sinalização, apresentam modos específicos para estabelecer a flexão e concordância, como, por exemplo, a partir da *direção da trajetória do movimento* e da *direção da palma da mão*, conforme ressaltado anteriormente, é possível aparecer nas produções escritas dos estudantes surdos o registro dos verbos na forma infinitiva, sem a presença de desinências morfológicas para marcar a flexão e concordância desses verbos, assim como apontou Felipe e Monteiro (2006) e como reforça Oliveira (2020, p. 52): “os verbos serão registrados no infinitivo para tentar capturar a ideia de que, em libras, não temos morfema de tempo”. Por vezes, a escrita dos verbos acontece do mesmo modo como ocorre a indicação do tempo dos verbos em Libras, que, como vimos, acontece de forma diferenciada – e para além da morfologia verbal do Português –, por meio dos advérbios de tempo. As redações a seguir ilustram essas questões.

Figura 55 – Redação 3

1.	Por que a família <u>evitar</u> o surdo para construir
2.	surdo <u>podem</u> aprender exercício educação
3.	para ajudar <u>conhecimento</u> da família <u>parém</u>
4.	surdo <u>podem</u> mudar pensamento a vida
5.	conhecimento Responsável para educação,
6.	Talvez <u>parém</u> acante mãe e pai tem prece- rito e surdo sentimento sem <u>exte</u> <u>comunit</u>
7.	iação pelo pai e mãe família para que o surdo
8.	podem <u>conheça</u> o futuro <u>proceder</u> , inteligente
9.	Salvador, surdo fazer o melhor para família
10.	comportamento <u>Respeito</u> , no <u>conheça</u> <u>conhecimento</u>
11.	Escola e alunos para que surdo aprender
12.	comunicação alunos para <u>construir</u> <u>conheça</u>
13.	memória <u>aprender</u> , surdo <u>person</u> <u>deficiente</u>
14.	auditiva <u>podem</u> <u>exte</u> o <u>sondo</u> seu futuro.
15.	Surdo <u>construir</u> <u>oportunities</u> <u>podem</u> <u>profissio-</u>
16.	nal <u>gra</u> <u>sen</u> , <u>professora</u> , <u>medicina</u> , <u>Educação</u> <u>profissio-</u>
17.	Surdo <u>construir</u> o <u>melhor</u> <u>exercício</u> .
18.	para que <u>person</u> de <u>deficiências</u> <u>libras</u> de surdo
19.	<u>person</u> <u>aprender</u> <u>língua</u> de <u>libras</u> , <u>para</u> <u>que</u>
20.	surdos <u>tem</u> <u>cultura</u> <u>língua</u> <u>deficiências</u> ,
21.	<u>comunicação</u> <u>dentro</u> <u>alunos</u> , <u>um</u> <u>exemplo</u> .
22.	<u>professora</u> <u>chega</u> <u>falar</u> <u>língua</u> , <u>oi</u> , <u>ou</u> <u>Bom</u> <u>tarde</u>
23.	<u>Bom</u> <u>noite</u> e <u>Bom</u> <u>dia</u> .
24.	
25.	
26.	
27.	
28.	
29.	
30.	

50

Fonte: Vestibular Letras Libras 2022/UFPE.

Nessa redação, é possível encontrar vários exemplos de verbos (destacados somente alguns) utilizados na forma infinitiva sem a presença dos morfemas, que, pelas normas gramaticais do Português, caracterizariam a flexão desses verbos, e que, provavelmente, seriam tratados como desvio à norma. Mesmo que, nos moldes do Português, alguns desses verbos necessitem de certas marcas morfológicas para indicar a flexão verbal, a ocorrência dos verbos no infinitivo nesses textos ilustram, de modo especial, a particularidade linguístico-estrutural da Libras quanto a não existência de desinências que marcam situação temporal da ação realizada, reiterando, assim, a ideia de que cada língua possui um sistema de flexão de acordo com a natureza e as possibilidades de realização linguística.

⁵⁰ Não conseguimos ter acesso ao tema de redação da seleção do vestibular Letras Libras 2022 da UFPE.

Ainda, observamos que os verbos nessa redação não estão acompanhados por algum advérbio de tempo específico – que, como vimos, é o responsável por marcar o tempo dos verbos em Libras – para mostrar se ação acontece, por exemplo, no presente, no passado ou no futuro. Sendo assim, isso revela que tais verbos, sem especificação temporal, se encontram no tempo presente, como, por exemplo, os verbos *poder*, *ter*, *fazer*, entre outros. Já na redação 4, além de outros verbos também no infinitivo, encontramos um advérbio de tempo (PASSADO) marcando o tempo *passado* da ação do verbo *ser*, mesmo que esse verbo seja inexistente na construção, que, como veremos a seguir, é outra especificidade da Libras.

Figura 56 – Redação 4

13	Os governo federal, ajudar construir e escolar, estudar
14	surdos aprender libras preciso.
15	Sim, eu <u>passado</u> criança surda lingua de sinais não
16	tem depois aprende libras muito gosto sempre.
17	Nós pessoas mundo surdos, crianças lingua brasi-
18	leira de sinais tem não, o e governo ajudar, que
19	surdos de libras não tem.

51

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

#### 4.2.4 Cópula

Outra particularidade linguístico-estrutural da Libras, igualmente referente a verbos, diz respeito a não marcação sentencial dos *verbos de cópula* (ou *verbos copulativos*) – especificamente os verbos *ser* e *estar* –, também conhecidos, pela Gramática Tradicional (GT), como *verbos de ligação*. De acordo com Felipe (1998, p. 127), em Libras, “os verbos copulativos “ser” e “estar”, em geral, não são usados, ficando, na estrutura de superfície, apenas o sujeito e o predicativo”. Os verbos de cópula, na gramática do Português, são aqueles que não predicam, ou seja, não selecionam complementos, eles “servem apenas como elemento de ligação entre sujeito e predicado, estabelecendo relações aspectuais de permanência, transitoriedade, mudança de estado, continuidade de estado e aparência de estado” (CUNHA; CINTRA, 2017, p. 146-147).

⁵¹ Tema: Inclusão escolar: entre o ideal e o real.

É essa ausência de predicação dos verbos copulativos que faz com que tais verbos, “na prática, quase não sejam considerados verbos e, sim, meros elementos de... ligação” (BAGNO, 2012, p. 614, adaptação nossa), como se verifica, por exemplo, na sentença *Maria é feliz*, em que vemos o verbo *ser* apenas com o papel de ligar o predicativo ao sujeito. Sendo assim, a função de predicar passa a ser, portanto, de responsabilidade do predicativo que, por sua vez, seleciona o argumento, dando-lhe atributos na construção sentencial. Na sentença citada, o predicativo *feliz* seleciona o seu complemento *Maria*, caracterizando-o. Para Bagno (2012, p. 614) esse “esvaziamento dos verbos de ligação se comprova, por exemplo, no fato de não existirem verbos copulativos na maioria das línguas do mundo”. Sibaldo (2009, p. 39) também apontou essa questão ao dizer que há “a opcionalidade no que se refere à ausência *versus* presença da cópula em frases copulares de algumas línguas naturais”.

No caso das línguas, com a não existência de verbos copulativos, na maioria das vezes, “a ligação entre os nomes e seus predicativos se faz por simples justaposição”, como acontece com a língua Náuatle, língua falada no México (BAGNO, 2012, p. 614). Ao que tudo indica, a Libras está, de fato, inclusa no grupo das línguas que dispensam esses verbos, como constatou Felipe (1998) e como reforça a pesquisa realizada por Oliveira (2020), intitulada *A categoria sintática predicativo na língua brasileira de sinais - um estudo descritivo*: “na testagem que realizamos, constatamos que os verbos *ser* e *estar* não são sinalizados na libras. Nas sentenças, aparecem apenas o sujeito e o predicativo. Verificamos que a libras é uma das línguas naturais em que esses verbos não aparecem nas sentenças” (p. 51). A língua russa é outro exemplo, no entanto, o verbo copulativo, no presente, é substituído, na escrita, por um travessão (–), como consta em Bagno (2012, p. 614): Víktor i Léna – glúpy (Vítor e Lena [são] estúpidos).

Os verbos copulativos *ser* e *estar* diferenciam-se, especialmente, quanto a questões semânticas. “De modo geral, podemos dizer que *ser* indica ‘permanência; essência inerente; qualidade atemporal; imobilidade’, enquanto *estar* exprime ‘circunstância passageira; transitoriedade; qualidade temporária; movimento” (BAGNO, 2012, p. 610, grifo do autor). Essa diferença aparece manifestada, por exemplo, no uso da expressão *Eu estou coordenador(a)* – e não *Eu sou coordenador(a)* – comumente empregada por professores ao assumirem a coordenação escolar. A opção pelo verbo *estar*, no lugar do verbo *ser*, evidencia e

fortalece essa ideia transitória igualmente presente na função de coordenação. Segundo Raposo (2013), nessa mesma linha de raciocínio, o verbo *ser* é empregado em predicados que indicam características permanentes e o verbo *estar* é empregado em predicados que indicam características passageiras. Assim, o predicativo confere ao sujeito, no primeiro caso, um atributo passageiro e, no segundo caso, um atributo permanente.

Como em Libras os verbos de cópula *ser* e *estar* não são sinalizados, conforme dito anteriormente, a semântica desses verbos em sentenças sinalizadas se mostra, em um primeiro momento, indiferente. Retomando o exemplo *Maria é feliz*, temos a sinalização correspondente em Libras *MARIA FELIZ*, que, por sua vez, tanto pode significar em Português, a depender do contexto, *Maria é feliz* quanto *Maria está feliz*. Com isso, a identificação dos aspectos referentes a característica mais permanentes ou mais passageira, que, em Português, ocorre pela realização dos verbos *ser* e *estar*, respectivamente, se dá a partir do contexto de sinalização. A própria ligação entre o predicativo e o sujeito, sinalizados justapostos na sentença, igualmente se dá pelo contexto de sinalização, como aponta Oliveira (2020, p. 56): “a ideia é percebida pelo contexto”. As figuras a seguir ilustram melhor essas questões.

Figura 57 – EU BONIT@/BONIT@ EU



Fonte: Oliveira, 2020, p. 53.

A figura acima mostra a sinalização de duas construções sintáticas em Libras. Ambas correspondem às sentenças em Português *Eu sou bonito(a)* ou *Eu estou bonito(a)*, a depender do contexto de sinalização, marcando, assim, as diferenças semânticas (atemporalidade e temporalidade) dos verbos *ser* e *estar*. Dentro das

possibilidades de ordem⁵² dos elementos na sentença em Libras, a primeira sinalização corresponde à *EU BONIT@*, com sujeito e predicativo, e a segunda sinalização, à *BONIT@ EU*, com predicativo e sujeito. Nelas, em contexto de sentenças com verbos copulares, vemos que os verbos *ser* e *estar* não são, naturalmente, sinalizados, mas a relação entre o predicativo e o sujeito é mantida pelo contexto e, neste caso, acontece por meio da “direção para a qual aponta⁵³ o dedo indicador, que se dirige para o referente” (OLIVEIRA, 2020, 54). Assim, o dedo indicar está em direção ao sinalizante, que corresponde ao sujeito *eu*, a quem o predicativo *bonito(a)* está se referindo e caracterizando. A seguir, outro exemplo dessa construção sintática.

Figura 58 – HOJE VOCÊ BONIT@/BONIT@ VOCÊ HOJE



Fonte: Oliveira, 2020, p. 54.

Tal como a *Figura 57*, a *Figura 58* mostra duas sentenças sinalizadas, as quais ambas correspondentes à estrutura sintática em Português *Hoje você está bonito(a)*, mas que também pode corresponder à estrutura *Hoje você é bonito(a)*, a depender do contexto de sinalização, como vimos. Aqui, também há duas possibilidades quanto à ordem dos elementos na sentença em Libras, a saber, *HOJE VOCÊ BONIT@* e *BONIT@ VOCÊ HOJE*. Do mesmo modo, os verbos *estar* e *ser*, enquanto cópulas, também não são, de forma natural, realizados na sinalização.

⁵² As possibilidades de ordem das sentenças da Libras serão abordadas mais adiante.

⁵³ A *apontação*, enquanto recurso linguístico, é bastante utilizada nas línguas de sinais. Os *pronomes pessoais*, os *pronomes demonstrativos* e alguns *advérbios de lugar* em Libras são realizados por meio da apontação. De acordo com Felipe e Monteiro (2006, p. 419), há a utilização da apontação de maneira consciente e não simplesmente um apontar para algo na passagem do apontar não-linguístico para o apontar linguístico.

Entretanto a ligação entre o predicativo e o sujeito se realiza em meio ao contexto de sinalização e se dá com a apontação do dedo indicador para o referente, que, neste exemplo, corresponde à pessoa com a qual o sinalizante interage. Assim, o dedo indicador aponta em direção ao interlocutor, correspondente ao sujeito *você*, a quem o predicativo *bonito(a)* está se referindo e caracterizando. “O olhar e o corpo também vão se dirigir para o referente” (OLIVEIRA, 2020, p. 57), igualmente funcionando como elementos para assegurar a relação entre o predicativo e o sujeito das sentenças sinalizadas.

Além desses dois verbos, a GT considera os verbos *permanecer*, *ficar*, *parecer*, *continuar*, *andar* etc. como parte do grupo dos verbos copulativos. Oliveira (2001, p. 81), por sua vez, diz que “o verbo *ser* é o único ao qual [...] podemos com propriedade atribuir a designação de verbo de cópula, advindo esta possibilidade do facto de *ser* o único verbo que respeita todas as características⁵⁴ que [...] devem pertencer a um verbo dito de ligação”. O fato é que, na Libras, os verbos *ser* e *estar* não são sinalizados e, segundo Oliveira (2020, p. 45), tais verbos “aparentemente, não têm sinais em libras”. No léxico da Libras, existe um sinal para o item verbal *É* (Figura 59), que é realizado pela mão em 1 (número um), com palma para frente e balanço da mão pelo pulso para baixo, duas vezes (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 1039)⁵⁵, entretanto esse sinal não é empregado, de modo gramatical, nas sentenças copulares, as quais, nos moldes do Português, necessitam de um verbo de ligação, mas como locução interjectiva de aprovação e estímulo nas sentenças⁵⁶. Situação semelhante acontece com o item lexical *ESTAR* (Figura 60) em Libras, que é feito com as mãos em *A* invertido, com palmas para trás e polegares se tocando pelas pontas, na altura do estômago, e como movimento das mãos para os lados opostos

⁵⁴ a) não impõem restrições de selecção semântica ao seu sujeito estrutural; b) não impõem restrições de selecção categorial ao elemento "predicativo"; c) seleccionam como complemento uma Oração Pequena; d) aparecem configuracionalmente posicionados como uma espécie de "elo" entre um sujeito e um "predicativo" de sujeito; e) permitem, sob certas condições, a troca de posição dos sintagmas com que surgem combinados, sem que isso afecte a interpretação da proposição; f) apresentam um conteúdo semântico vazio que, até certo ponto, se concretiza pelo contexto frásico em que surgem realizados; g) são um elemento verbal que apenas carrega as marcas flexionais de tempo, modo, aspecto e concordância; h) não se integram nas classes aspectuais dos eventos, nem denotam, pelo seu significado, qualquer tipo de transição de classe aspectual (OLIVEIRA, 2001, p. 81).

⁵⁵ Na versão de 2015 do *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*, de Capovilla, Raphael e Maurício, não há sinal para esse vocábulo.

⁵⁶ Contrariamente, em contexto mais recentes, já é possível perceber a realização do sinal *É* em contexto copulativo, certamente por influência da estrutura do Português.

e para baixo, apontando os polegares para baixo (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 1195). Sobre ele, Capovilla *et al.* (2019, p. 1195, grifo nosso) assinalam:

Obs.: Cuidado. Tal sinal é próprio da era da *Comunicação Total*⁵⁷, correspondendo a um resquício do *Português Sinalizado*⁵⁸, e não pertence, assim, à Língua de Sinais Brasileira propriamente dita. Nessa língua, a mensagem “Ontem ele estava cansado” é sinalizada como “Ele cansado ontem”. A mensagem “Nós estamos bem” é sinalizado como “Nós bem”.

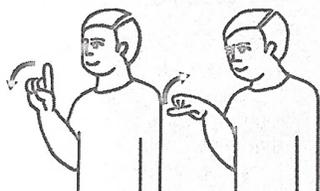
O item lexical *estar*, por outro lado, é naturalmente sinalizado quando se trata de construções que possuem elementos locativos, como em *Maria está em casa* – que em Libras poder ser realizado da seguinte forma: *CASA MARIA ESTÁ* –, havendo, portanto, uma diferença na manifestação desse item lexical em sentenças copulares e em sentenças com locativos. Quantos aos demais verbos copulares apontados pela GT, eles possuem um sinal correspondente em Libras e são normalmente empregados nas realizações das sentenças sinalizadas em contexto de atributo de predicativo. “Entendemos que isso ocorre porque os outros verbos cópula expressam o aspecto indicado pela semântica dos estados” (OLIVEIRA, 2020, p. 51). Nesse sentido, o sinal equivalente ao item lexical *continuar*, que é realizado pela mão em V na horizontal, com palma para a esquerda e com movimento da mão para frente e balanço para cima e para baixo (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 770), por exemplo, exprime semânticas para além da simples função dos verbos copulativos, que, no geral, é a de ligar elementos. As figuras abaixo representam os sinais referentes aos itens lexicais *É* e *ESTAR* em Libras.

---

⁵⁷ A *Comunicação Total* é uma das três abordagens educacionais, juntamente com o *Oralismo* e o *Bilinguismo*, existentes para nortear o ensino de surdos ao longo da história da educação dos surdos no Brasil e no mundo. Nessa abordagem, com foco na oralização dos surdos, era utilizado todo tipo de estratégia para viabilizar a comunicação e o ensino. Para maiores aprofundamentos sobre tais abordagens, conferir Lacerda (1989).

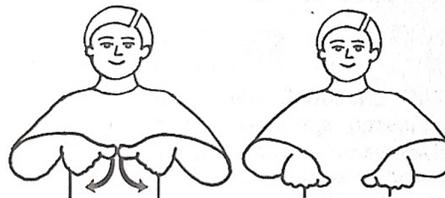
⁵⁸ Tendo em vista que a Libras e o Português possuem suas especificidades linguísticas, o *Português Sinalizado* diz respeito à sinalização com base na estrutura linguística do Português.

Figura 59 – Sinal É



Fonte: Capovilla et al., 2019, p. 1039.

Figura 60 – Sinal ESTAR



Fonte: Capovilla et al., 2019, p. 1195.

Como vimos, os verbos *ser* e *estar* em construções copulativas, em que o predicativo seleciona o seu complemento dando-lhe atributos, não são marcados na sinalização das sentenças em Libras. Em contrapartida, essa não existência não significa que não exista uma relação entre os elementos da sentença, e muito mesmo um prejuízo no entendimento daquilo que foi sinalizado, os quais, por sua vez, se dão, conforme foi dito, pelo contexto da sinalização, com o auxílio do direcionamento do dedo indicador, do olhar e do corpo para estabelecer a relação entre o predicativo e o nome e possibilitar a significação da sentença, diferentemente do Português, que já materializa tais verbos em suas construções. Assim, não é de se estranhar a possibilidade da não existência dos verbos copulares *ser* e *estar* nas sentenças dos textos escritos produzidos por estudantes surdos, as quais, nos moldes do Português, necessitariam desses verbos de ligação. Tal ocorrência apresenta motivações linguísticas claras e se sustenta com base nas especificidades linguístico-estruturais da Libras. Vamos à análise dessa particularidade em trechos de algumas redações⁵⁹.

Figura 61 – Redação 5

10	<u>Eu surdo</u> , enem estudante usempre
11	lom Universidade futuro muito trabalho
12	lá usim muito social <u>ocê ela surdo</u> , já
13	surdo enem.

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

⁵⁹ Tema: Inclusão escolar: entre o ideal e o real.

Figura 62 – Redação 6

10	Em Brasileira
11	Tem possível que tentar continua
12	Escola inclusão lei bom precisar porque deficiência
13	respeitos poro importante va futuro vida bem
14	felicidade maravilha orgulhos deficiência professor
15	continua quem escola inclusão assistir aprender
16	bem importante melhor vida Responsabilidade pais
17	grupos poro conscientia luta continua lutar bom
18	Esforço claro, firme é precisar entender claro

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

Figura 63 – Redação 7

01	Escolar inclusão ruim
02	junto alunos
03	Surdos e Ouvir, tem professor dizer
04	ouvir facil porque tem não interprete
05	Surdos dificuldade precisa importante
06	quero Surdos proprio Bilinguismo precisa
07	importante Surdos professor Libras ensinar
08	criança claro sinal sopa, macaco, rato,
08	banana, uva, coisas...

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

Nos três recortes acima, encontramos exemplos de construções sintáticas copulativas, mas que não apresentam em sua estrutura os verbos copulares, isto é, os verbos de ligação. Assim os sujeitos e os predicativos aparecem justapostos como em: *eu surdo/você ela surdo, eu brasileira, escolar inclusão ruim*. Como essas construções são o reflexo da prática de sinalização, a relação entre os constituintes da sentença acontece por meio do contexto de sinalização, a partir de recursos como a apontação e a direção do olhar, os quais se encarregam de estabelecer o sentido dessas construções.

#### 4.2.5 Artigos

A não existência de artigos diante dos nomes é outra especificidade linguístico-estrutural da Libras. Já é um consenso entre os pesquisadores a ideia de que “as línguas de sinais não têm artigo [...]” (FERNANDES, E., 2003, p. 42). De acordo com Bagno (2013, p. 175, grifo do autor), “na língua latina não existiam

**artigos** [...]. Os artigos resultam da gramaticalização dos *demonstrativos* latinos”. Artigo, pela gramática do Português, com base em Castilho (2010, p. 489), “é um marcador pré-nominal, átono, associado necessariamente a substantivo, com o qual constitui um vocábulo fonético”. Esse próprio conceito de artigo, de ordem mais tradicional e vinculado às línguas sonoras, já não se aplica às línguas visuais. Nesse ponto, portanto, tratam-se de línguas com estruturas gramaticais distintas.

Tradicionalmente, o Português possui artigos definidos (*o, a, os, as*) e artigos indefinidos⁶⁰ (*um, uns, uma, umas*), os quais se flexionam em gênero masculino (*o, os, um, uns*) e feminino (*a, as, uma, umas*) e em número singular (*o, a, um, uma*) e plural (*os, as, uns, umas*). A diferença entre esses dois tipos de artigos está na atribuição de significados mais específicos, com os artigos definidos, ou mais gerais, com os artigos indefinidos, aos nomes. Nesse sentido, os artigos definidos são empregados quando se quer especificar/definir um indivíduo ou um grupo de indivíduos, como em: *o homem, a mulher, os homens, as mulheres*, diferentemente dos artigos indefinidos, que são empregados de forma que não seja possível especificar/definir o indivíduo ou o grupo de indivíduos, como em: *um homem, uma mulher, uns homens, umas mulheres*. Segundo Bagno (2012, p. 782), a função primordial do artigo na língua é identificatória/classificatória.

Diferentemente do Português, o qual, como vimos, apresenta, em sua estrutura, os artigos *o, a, os, as, um, uma, uns, umas*, a Libras não dispõe desses elementos que definem ou indefinem os nomes. “Aliás, na Libras, não se usa artigo em situação alguma” (SOUSA, 2009, p. 224). Mas, Almeida-Silva (2019) defende que, em contextos específicos, em que a língua sinalizada é usada por surdos bilíngues, há uma tendência ao emprego dos artigos: “minha hipótese é de que a libras possui itens (numeral um, marcação não manual não específica etc.) funcionando como artigos na gramática da língua e que os surdos bilíngues, devido ao contato frequente com o português, teriam artigos na sua gramática, mas não os surdos monolíngues, com baixo contato com o português” (p. 10). Com isso, já percebemos uma mudança de perspectiva quanto à ideia da não existência de artigos na Libras, ainda que em contexto marcado.

---

⁶⁰ Para Castilho (2010), os artigos indefinidos são, na verdade, quantificadores indefinidos, desconstruindo, assim, essa separação entre artigos definidos e indefinidos feita pela tradição gramatical.

De todo modo, em uma perspectiva geral, a não existência de artigos na Libras, por vezes, pode aparecer refletida nos textos escritos produzidos por estudantes surdos, o que vai apontar para uma escrita diferenciada. De acordo com Viana (2001), referenciado em Brasil (2004b, p. 131), é possível encontrar artigos no início de sentenças ou parágrafos, enquanto no restante do texto estão ausentes, além de formas do artigo no masculino para todo nome cujo gênero é desconhecido, ou para todo nome terminado em -o. Essa ausência de artigos na maior parte do texto escrito produzidos por estudantes surdos faz com que tal texto seja tratado como uma escrita com desvios ou inadequada. A redação 8 é um exemplo de texto em que, quase por completo, não encontramos artigos, tanto os definidos quanto os indefinidos, com exceção do artigo *a* na contração com a preposição *de*, presente no título (*Lei da cotas*).

Figura 64 – Redação 8

TÍTULO: Lei da Cotas e Deficiência Brasileira via Educação

01	Principal cotas para que, lei de cotas educação deficiente.
02	mas difícil muito comunique universidades brasileiras
03	mas lutar manifestação direito públicos precisa conhecer.
04	metade lei de cotas, falta informações brasileira.
05	Sociedades quem saber todos informações precisa é
06	pública deficiência juntos família entender precisa jornal
07	também TV notícias e internet.
08	importante precisa que conhecimentos precisa todos
09	próprio cotas lei, principal educação produção mais melhor
10	sociedades vida muitos sociedades preocupado brasileira, para
11	importante muitos estudar vai formar depois conseguir
12	trabalho professor surdos conhecer lei cotas
13	motiva principal lei de cotas, conhecer universidades
14	é superior federal próprio português treinar estudar
15	aprender surdos precisa também públicos deficiente
16	união e negros, parados.
17	Aprovada lei de cotas, precisa todos repetir
18	brasileira educação pública.
19	novas qualidades liderar lei da cotas, certo seria
20	marcar notícias brasileiras, governo federal
21	causar preocupação importante educação criança
22	surdos, pouco acessibilidade brasileira e ainda lei cotas
23	bilingues, escola para surdos precisa direito
24	inclusão população criança até ensino superior, depois
25	importante vai sucesso melhorar superior universidade.
26	
27	
28	
29	
30	

61

Fonte: Vestibular Letras Libras 2017/UFPI.

#### 4.2.6 Conectivos

Como sabemos, os conectivos (preposições⁶², conjunções etc.), também chamados de conectores ou articuladores do discurso, são elementos de grande

⁶¹ Tema: Cotas para deficientes em instituições de ensino federais: o que muda com a sanção da lei?

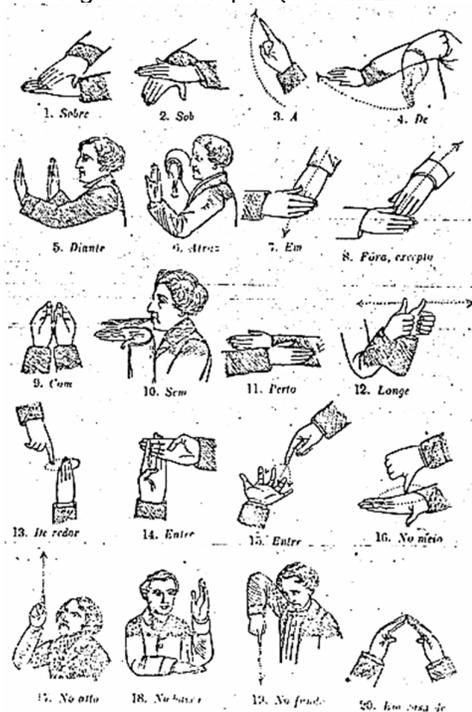
importância para o funcionamento das línguas orais, uma vez que são responsáveis, nos modos falado e escrito, tanto pela função sintática conectora, a qual garante a coesão, quanto pela função semântica, no campo da coerência – com as relações de localização, instrumento, acompanhamento, entre outras – das ideias faladas ou escritas em enunciados, frases, orações ou outras construções textuais. De acordo com Carvalho (2001), referenciado em Bagno (2012, p. 882), “as preposições compartilham com as conjunções o traço semântico relacional, a diferença estando no tipo de relação e na natureza do complemento”.

No que diz respeito às línguas de sinais, E. Fernandes (2003, p. 42) é categórica ao dizer: “[...] as classes das preposições e conjunções inexistem”. Com essa perspectiva, por exemplo, aquela lista fechada de preposições apresentada pela tradição gramatical que conhecemos, *a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás*, bem como o grupo das conjunções, como as *aditivas, adversativas, explicativas, causais, condicionais*, entre outras, não se aplicaria às línguas de sinais. No entanto, essa ideia parece ser muito conservadora, se considerado, por exemplo, que na Libras há o emprego de algumas preposições (*até, sobre*) e conjunções (*mas, porque, se*). Quanto à preposição *sobre*, Felipe (1998, p. 119) diz ser usada raramente na Libras. As figuras abaixo revelam que esses conectivos fazem parte da Libras desde o século XIX.

---

⁶² No lugar de *preposições*, a literatura linguística atual opta pelo *aposições*, dividindo-as em *pré-* e *pós-*, para que, assim, possa abranger as línguas que usam as preposições antes e depois dos nomes ou verbos (BAGNO, 2012).

Figura 65 – Preposições da Libras



Fonte: Gama, 1875, p. 34.

Figura 66 – Conjunções da Libras



Fonte: Gama, 1875, p. 36.

Essas figuras retratam parte de um glossário de sinais desenhados, de preposições e conjunções, denominado *Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos*, que foi produzido em 1875 por Flausino Gama, primeiro pesquisador surdo brasileiro, mostrando, assim, que o registro desses elementos na Libras não é uma novidade. Na atualidade, algumas alterações quanto ao emprego desses sinais referentes aos conectivos gramaticais da Libras já são percebidas, como: o não uso de preposições, como *a* e *de*; a mudança de sinais para alguns conectivos, como *até*, *porque*, *ou*; a exclusão de conectivos, entre outras. Todas essas mudanças apenas refletem o processo natural de transformação ao qual as línguas naturais, como as línguas de sinais, estão sujeitas.

Sobre as preposições, Oliveira (2020, p. 50) faz esta colocação a partir da sentença *João está em casa [...]*: “[...] não aparece “em” ficando a frase em língua de sinais “João está casa [...]”. Ela ainda nos diz: “porém, na libras, parece não haver preposição” (OLIVEIRA, 2020, p. 19). Essa constatação surge com base no paralelo entre o Português e a Libras quanto às seguintes estruturas sintáticas, respectivamente: a. *Eu irei para casa*; b. *Eu ir casa*. No Português, o verbo *ir* naturalmente requer preposições (*a*, *para* etc.), e essas preposições requerem seus complementos, o que não acontece do mesmo modo em Libras. Assim, na

construção *Eu irei para casa*, o verbo seleciona a preposição *para*⁶³, e essa seleciona *casa* como complemento, diferentemente da construção *EU IR CASA*, a qual não há exigência de preposição por parte do verbo, como ilustra a figura a seguir.

Figura 67 – Sentença em Libras sem preposição



Como percebido, nessa construção sintática, não há a sinalização da preposição *para*, que, por sua vez, está subentendida no aspecto locativo do verbo *ir*. Desse modo, as relações sintáticas, e também semânticas, acontecem a partir do verbo *ir*, que, na Libras, como vimos na nota de rodapé n. 41 deste estudo, é considerado um verbo espacial (muito embora a autora tenha apresentando esse verbo como sendo direcional/de concordância), já que denota movimento e posição no espaço, admitindo afixos locativos. Assim, há a sinalização do verbo IR estabelecida pela sua movimentação do espaço A (de origem) para o espaço B (de destino), e a sinalização de CASA marcada em um local estabelecido no espaço, um pouco mais para o lado do corpo do sinalizado. Vale relembrar que a questão do verbo no infinitivo realizado no exemplo já foi abordada anteriormente, quando falamos da não existência de desinências para os tempos verbais em Libras. O dicionário de Capovilla *et al.* (2019), por sua vez, apresenta um sinal para a preposição *para* (Figura 68), no sentido de *em direção a*, o qual é realizado com a mão em P, com ponta do dedo médio tocando o lado direito da testa girando a palma para frente (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 2091), porém ressalta: “difícilmente usado na Língua de Sinais Brasileira” (p. 2091).

⁶³ No dia a dia, os falantes do Português empregam a preposição *para* no lugar da preposição *a*, solicitada pela regência do verbo *ir*, no sentido de deslocamento.

Figura 68 – Sinal PREPOSIÇÃO PARA



Fonte: Capovilla *et al.*, 2019, p. 2091.

Monteiro (2015) diz que sua pesquisa não é insuficiente para afirmar que a categoria gramatical das preposições compõe a gramática da Libras. De modo específico, Monteiro (2015, p. 224) apresenta algumas considerações sobre a preposição *para*: i. “não parece estar passando por um processo de gramaticalização”; ii. “parece ser opcional em contextos diversos”; iii. “mais plausível parece ser a hipótese de que um item lexical semanticamente pleno começou a ser usado com uma função relacional devido ao alto nível de interferência do Português na vida dos surdos”. Assim, ela elenca alguns contrastes entre o sinal PARA da Libras e a preposição *para* do Português, como revela o quadro a seguir.

Quadro 37 – Preposições: diferenças entre a Libras e o Português

Libras	Português
Preposição PARA não parece ser uma palavra gramatical e tem conteúdo semântico claro.	Preposições envolvem tanto palavras gramaticais quanto palavras com conteúdo semântico claro.
Contextos sintáticos da preposição PARA são altamente limitados, inclusive a itens lexicais específicos.	Contextos sintáticos das preposições parecem altamente produtivos e ilimitados.
Processo de gramaticalização da preposição PARA é improvável.	Há um contínuo processo de gramaticalização de palavras de conteúdo em preposições gramaticais.
Uso do sinal PARA parece ser opcional em contextos diversos.	Uso gramatical de preposições é obrigatório.

Fonte: Monteiro, 2015, p. 223.

Como no exemplo de Oliveira (2020), *EU IR CASA*, citado mais acima, a não necessidade de realização de um sinal referente à preposição *para* nas sentenças sinalizadas em Libras é justificada pela existência de um mecanismo espacial – sinalização do verbo no trajeto/movimento de um ponto no espaço para outro –, que se responsabiliza pela função de destino que essa preposição pode assumir no Português. Com isso, tudo indica que Libras, de fato, não possui preposição.

Entretanto, o certo é que parece não haver um consenso sobre a existência ou não de conectivos (preposições, conjunções etc.) em Libras, mas diferentes perspectivas sobre o tema. Mesmo assim, é possível encontrar produções textuais escritas por estudantes surdos sem a marcação de alguns desses elementos conectores, como mostram os recortes de redações⁶⁴ abaixo, os quais apresentam as construções *Gosto trabalhar* (redação 9) e *O problema brasil* (redação 10) sem o uso da preposição *de* entre os elementos que constituem essas sentenças.

Figura 69 – Redação 9

14	Respeitando ambiente motivação esforço
15	contexto oportunidade gosto facilidade como
16	problema interprete e instrutor sofreu mais
17	difícil público pobre surdo porque não gosto
18	trabalhar cada indivíduo profissional instrutor
19	Brasil vontade sonho futuro bilingue ensinar
20	criança fazendo história a família comunicação
21	LIBRAS.

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

Figura 70 – Redação 10

01	O problema Brasil que difícil muito
02	em mundo surdo não tem estudar para pessoa
03	estão viver criança. Alguns surdos pessoas mu-
04	lta reclamar manifestação principal estudo
05	hoje em dia não conseguir mais difícil para muito
06	preciso nos.

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

#### 4.2.7 Ordem da sentença

A localização das palavras em posições compreensíveis nas frases faz com que possamos entender claramente a ideia transmitida pelas estruturas sintáticas das línguas naturais. Isso significa, por exemplo, que, diante de construções, como: a. *O menino comprou um livro* e b. *Livro um comprou menino* o, podemos dizer, a partir da ordem em que essas palavras aparecem posicionadas na frase e do conhecimento internalizado que temos sobre o Português, que a sentença a é

⁶⁴ Tema: Inclusão escolar: entre o ideal e o real.

considerada gramatical e que a sentença *b* não é, pois essa não está disposta em uma ordem inteligível, diferentemente daquela. Sendo assim, a importância da ordem das palavras nas sentenças é evidente, porém ela não é fixa, pode, em certa medida, variar a depender do contexto de produção das sentenças nas línguas naturais.

A ordem das palavras nas sentenças estabelece as relações gramaticais entre os constituintes (PERINI, 2019). Essa questão pode ser verificada na prática a partir de dois exemplos, um do Português e outro do Inglês. No Português, nas sentenças *João gosta de Maria* e *Maria gosta de João*, a posição dos termos *João* e *Maria* é fundamental para definir a função sintática desses termos em cada uma das sentenças, isto é, pela ordem, é possível saber quem é o sujeito e quem é o objeto: na primeira, *João* é o sujeito e *Maria* é o objeto, e, na segunda, essas funções são invertidas. A ordem desses termos também interfere significativamente na função semântica das sentenças, uma vez que nos permite compreender quem é que gosta de quem em cada sentença, ou seja, quem é o agente e quem é o paciente: na primeira, *João* é quem gosta de *Maria* e na segunda, é *Maria* quem gosta de *João*.

A ordem dos termos nas sentenças também influencia nas construções sintáticas do Inglês. Como sabemos, a transformação gramatical de uma sentença afirmativa em uma sentença interrogativa é feita necessariamente a partir da inversão dos termos na sentença. Por essa mudança de ordem, conseguimos perceber que a construção *Is she happy?*, por exemplo, trata-se de uma sentença interrogativa. É evidente que a presença do sinal de pontuação, no caso de ser uma sentença escrita, e da entonação do locutor, no caso de ser uma sentença falada, auxiliam nessa percepção, mas ela acontece, especialmente, por conta da troca dos termos na sentença em relação à ordem na sua forma afirmativa: *She is happy*. Na forma falada pode, inclusive, não haver entonação, ainda assim, perceberemos que se trata de uma interrogativa devido essa troca de termos na sentença.

Canonicamente, a ordem das palavras nas frases do Português é Sujeito-Verbo-Objeto (SVO): *Maria comprou o carro*, no entanto isso não impede que elas sejam dispostas em outras ordens, igualmente inteligíveis, como em Objeto-Verbo-Sujeito (OVS): *O carro foi comprado por Maria*, em Objeto-Sujeito-Verbo (OSV): *O carro, Maria comprou*, ou em Sujeito-Objeto-Verbo (SOV): *Maria, o carro comprou*, pois, conforme Greenberg (1966), referenciado em Quadros e Karnopp (2004), há seis possibilidades de combinações entre sujeito (S), objeto (O) e verbo (V), ainda

que umas sejam mais usadas que outras. Todas essas possibilidades não canônicas ocorrem diante de contextos específicos e marcados, como é o caso das sentenças com tópico, diferentemente da ordem canônica, que, por sua vez, ocorrem em construções simples e não marcadas.

Igualmente ao Português, a ordem básica ou canônica das sentenças na Libras é a SVO (QUADROS; KARNOPP, 2004; QUADROS, 1999, 2000; FERREIRA, 2010; FELIPE, 1989). Sobre isso, Pizzio (2009, p. 182) diz: “[...] assim como na ASL, parece ter uma ordenação mais básica que as outras: SVO”. E, do mesmo modo que no Português, pode haver outras possibilidades de ordens, igualmente inteligíveis, derivadas da ordem canônica. Quadros (1999) mostra que as ordens OSV e SOV também são possíveis na Libras, enquanto que as ordens Verbo-Sujeito-Objeto (VSO), Objeto-Verbo-Sujeito (OVS) e Verbo-Objeto-Sujeito (VOS) não são, ainda que em contextos marcados. Mas, Quadros e Karnopp (2004), em atualização da pesquisa de Quadros (1999), relevam que a ordem VOS é, sim, uma ordem possível na Libras em contextos específicos como nos casos de foco contrastivo. O quadro a seguir resume todas essas possibilidades.

Quadro 38 – Ordens das sentenças na Libras

Ordem das palavras	Sim	Não	Com restrição
SVO	X		
OSV			X
SOV			X
VOS			X
OVS		X	
VSO		X	

Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende, 2009, p. 34.

Como vimos, a ordem SVO é uma disposição possível para as construções sintáticas da Libras, inclusive considerada a ordem básica, diferentemente das ordens OVS e VSO, que não são possíveis de serem realizadas. Já as ordenações OSV, SOV e VOS são igualmente possíveis, mas em contextos específicos e com restrições. Essas restrições estão relacionadas a diferentes mecanismos gramaticais, como construções topicalizadas, construções com foco, presença de aspectos não manuais, presença de verbos com concordância ou verbos manuais

etc. (QUADROS; KARNOPP, 2004). O fenômeno *topicalização*⁶⁵, de modo especial, é um dos grandes responsáveis pela variedade de ordens das sentenças na Libras. Nas línguas de sinais, “esse mecanismo está associado à marcação não-manual com a elevação das sobrancelhas” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 146) (*Figura 71*), como também pode estar acompanhado por outras expressões não manuais, a depender do tipo de construção sintática sinalizada (negativa, interrogativa, focalizada) (QUADROS; KARNOPP, 2004).

*Figura 71 – Marcação de tópico*



Fonte: Quadros e Karnopp, 2004 p. 133.

De modo particular, a topicalização, marcada pela expressão não manual de elevação das sobrancelhas, vem se mostrando um processo sintático bastante produtivo e presente na Libras. Na prática, a grande maioria das sentenças empregadas na Libras são sentenças topicalizadas, ou seja, são sentenças organizadas em ordens não canônicas. Se o mesmo exemplo citado anteriormente (*Maria comprou o carro*) fosse realizado em Libras, certamente seria sinalizado primeiramente nas ordens OSV (CARRO MARIA COMPRAR) ou SOV (MARIA CARRO COMPRAR) e, em último caso, a ordem canônica SVO (MARIA COMPRAR CARRO), o que nos leva a repensar a ordem básica da Libras. Essa preferência pelas sentenças topicalizadas também podem aparecer refletidas nos escritos produzidos por estudantes surdos no lugar da ordem canônica, bem como a inversão de elementos na sentença, como podem ser vistos nos trechos das redações⁶⁶ abaixo.

---

⁶⁵ Processo de descolamento de um constituinte para o início da frase (tópico), sendo o restante o comentário.

⁶⁶ Temas: Inclusão escolar: entre o ideal e o real (2015) e Cotas para deficientes em instituições de ensino federais: o que muda com a sanção da lei? (2017).

Figura 72 – Redação 11

03 saber ler, não saber palavras, não saber  
 04 falar, meninos fácil, libras tentar ensinar  
 05 desenvolvimento interprete, quarenta e sur-  
 06 dos problemas social adultos fonologia,  
 07 oralizados / responsabilidade no país.

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

Figura 73 – Redação 12

04 lei: não respeito, meninos muitos sabe não boa país  
 05 pessoa mas respeito para saber precisa importante  
 06 lei qualquer pode deixar / tem que respeito continue  
 07 país lutar tentar sempre possível porque esperar  
 08 fonte pessoa com deficiência, não pode pure lutar  
 09 importante sem vida precisa ideia.

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

Figura 74 – Redação 13

20 INTELIGENTE. POUQUENTAR ESTUDAR SURDO FLUENTE E  
 21 INFLUENTE MUITO GOSTO APRENDE DE LIBRAS QUEM RES-  
 22 PONVEL MENTAL TRABALHAR CONCURSO TER DURO  
 23 DIFICULDADE SOCIAL PORQUE CANSADO PROCURAR QUE  
 24 ENCONTRAR AQUI ENTENDE DETALHA DE ACORDO COM  
 25 SOCIAL

Fonte: Vestibular Letras Libras 2017/UFPI.

Figura 75 – Redação 14

07 O importante é estudo aumentamento bom  
 08 Brasil principal surdo precisa muito estudar si-  
 09 cado também melhor libras aprender para  
 10 alguns estudos vidas muito importante muito  
 11 mais gosto libras bom

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

#### 4.2.8 Pontuação

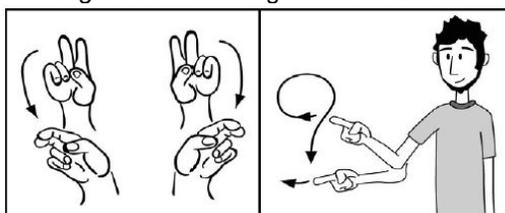
Os símbolos de pontuação que marcam informações gramaticais a partir das entonações no Português são representados, na Libras, pelas expressões faciais e corporais do sinalizador. Assim, percebemos, por exemplo, que uma determinada frase está nas formas afirmativa, negativa, interrogativa, exclamativa ou imperativa pelas marcações não manuais (faciais e corporais) de afirmação (expressão facial é neutra (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 126) ou com movimento da cabeça para cima

e para baixo), interrogação (sobrancelhas franzidas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 126)), exclamação (Sobrancelhas levantadas e um ligeiro movimento da cabeça inclinando-se para cima e para baixo (FELIPE; MONTEIRO, 2006, p. 127)) etc. empregadas na sinalização. E, tal como o recurso da datilologia (ou soletração manual), abordado anteriormente, o uso desses sinais de pontuação pelas línguas de sinais de um modo geral é considerado um empréstimo linguístico das línguas orais, como ressalta Gesser (2009):

[...] os usuários de língua de sinais fazem, em algumas situações, empréstimos da grafia da língua oral, recorrendo à datilologia para realizar *sinais de pontuação* (tais como, vírgulas, ponto final, ponto de interrogação, sinais matemáticos etc.) que na maioria das vezes são desenhados no ar (GESSER, 2009, p. 30 grifo nosso).

Nesse caso, fazer a soletração manual dos sinais de pontuação significa executar o próprio formato do símbolo gráfico e não a soletração, de fato, da sequência das letras que formam os nomes desses símbolos. Assim, os sinalizantes usam sinais que representam a forma dos sinais gráficos, desenhando no ar, por exemplo, o formato dos símbolos referentes ao ponto final (.), à vírgula (,), aos dois pontos (:), à exclamação (!), à interrogação (?), às aspas (“ ”), entre outros. A figura abaixo ilustra a realização de alguns desses símbolos gráficos, como as aspas, a qual é executada com as mãos em V, palmas para frente, e curvando os dedos duas vezes (cf. CAPOVILLA *et al.*, 2019, p. 284), e o ponto de interrogação, que é realizado a partir da mão com o dedo indicador estendido e desenhando a forma símbolo de interrogação.

Figura 76 – Sinais gráficos na Libras



Fonte: Quadros, Pizzio e Rezende, 2009, p. 36.

O uso desses símbolos gráficos do Português também pode ser visto na sétima convenção do *Sistema de Notação em Palavras*, já mencionada na primeira

seção do terceiro capítulo deste estudo, que diz: “para simplificação, serão utilizados, para a representação de frases nas formas exclamativas e interrogativas, os sinais de pontuação utilizados na escrita das línguas orais-auditivas, ou seja: !, ? e ?!” (FELIPE, 1997, p. 390). Embora os sinais desses símbolos gráficos representem a própria forma empregada nos textos escritos em Português, é possível perceber uma certa ausência desses símbolos gráficos nos textos escritos produzidos por estudantes surdos, como relevam as redações a seguir.

Figura 77 – Redação 15

TÍTULO: <u>INCLUSÃO</u>	
01	<del>inclusão escolar</del>
02	<del>Brasil sociedade de exclusão característica</del>
03	<del>participação ativa comunidade surda</del>
04	Problema qualquer confusão CERADO inclusão
05	mais importante não ensinar porque sofrer
06	inclusão que explicar cultura surdo conteúdo
07	possível desenvolvimento divisão pública conselho
08	motivação ajudar sociedade Brasil para pobre
09	sempre faz praticar surdo opinião sala escola
10	inclusão não comunicar dificuldade proposta lei
11	respeitando pessoa todo bilingue esforço conseguir
12	estudar ético ensinar criança surdo importante
13	característica aprender melhor língua sociedade
14	respeitando ambiente motivação esforço
15	conteúdo oportunidade gosto facilidade como
16	problema interpretar + instrutor sofrer mais
17	difícil público pobre surdo por que não gosto
18	trabalhar cada indivíduo profissional instrutor
19	surdo vontade sonho futuro bilingue ensinar
20	criança falando história a família comunicação
21	LIBRAS.
22	
23	
24	
25	
26	
27	
28	
29	
30	

67

Fonte: Vestibular Letras Libras 2015/UFPI.

⁶⁷ Tema: Inclusão escolar: entre o ideal e o real.

Figura 78 – Redação 16

TÍTULO: <u>SERVIÇO DE SOCIAL</u>	
01	PESSOA CERTO RESPEITANDO DEFICIENTE QUE SERIO
02	CONSELHO INCLUSÃO POSSIVEL PARA FUTURO SERVIÇO
03	SOCIAL, MAIS IMPORTANTE PODO AJUDAR QUAL
04	ASPECTOS NEGRO E BRANCO PRECISAR ESCOLA PÚBLICAS
05	CULTURA SURDO FAZER EDUCAÇÃO SUA OPINIÃO
06	RESOLVER PROBLEMA NÃO FÁCIL UNIÃO FAMILIA
07	DE ACORDO COM DEFICIENTE VARIAS CERTEZM INTERAÇÃO
08	MAS TER ALGUNS PESSOA CONFUSÃO.
09	NÃO SABER SE TER PRECIENCIA PODO MOTIVACÃO SOCIAL
10	A FAMILIA FICAR AQUI ESCOLA FALA CORAJEM MAIS
11	IMPORTANTE PARTICIPAR INTERAÇÃO ESCOLA.
12	FEDERACÃO PORQUE APRENDER CALMO COMEÇAR FLUENTE
13	DELIBERAR
14	PORQUE COMUNICAÇÃO SURDO SENTIMENTO VISUAL
15	MANOJA ETICA EVITAR PALAVRÃO PODO NÃO GOSTO
16	SERIO PROBLEMA PESSOA SEMPRE ASSIM VONTADE
17	UM CADA PODO AJUDA FALA SERVIÇO DE NOVO ESFORÇO
18	ESTUDANTE VENCER VESTIBULAR PARTICULAR ESPECIAL
19	QUEM INCLUSÃO AQUI.
20	INTALIGENTE PODO TENTAR ESTUDAR SURDO FLUENTE E
21	INFLUENTE MUITO GOSTO APRENDE DELIBERAR QUEM RES-
22	PONVEL MENTAL TRABALHAR CONCURSO TER DUVO
23	DIFICULDADE SOCIAL PORQUE CANSADO PROCURAR QUE
24	ENCONTRE AQUI ENTENDE DETALHA DE ACORDO COM
25	SOCIAL
26	
27	
28	
29	
30	

68

Fonte: Vestibular Letras Libras 2017/UFPI.

Dentre todas essas particularidades linguístico-estruturais da Libras refletidas, naturalmente, nos textos escritos produzidos por estudantes surdos apresentadas aqui, a que mais se mostrou recorrente na nossa amostra de redações foi a não existência de desinências morfológicas para a marcação do tempo verbal na escrita dos verbos. Em todas as redações analisada, foram identificados vários momentos em que essa particularidade da Libras aparece de forma recorrente. Por outro lado, mesmo não havendo, em alguns contextos, as marcações do gênero masculino e feminino e do número plural em Libras, expressas nos textos escritos pela inexistência de desinências nominais morfológicas de gênero, não foi possível

⁶⁸ Cotas para deficientes em instituições de ensino federais: o que muda com a sanção da lei?

encontrar essa particularidade na nossa amostra de redações analisada. Desse modo, acreditamos que a ausência da manifestação de algumas particularidades da Libras nos textos escritos analisados se deve ao maior contato dos autores com a modalidade escrita padrão do Português, uma vez que línguas em contato ocasionam esse tipo de influência. O certo é que cada língua apresenta um sistema organizacional com especificidades de acordo com a sua natureza e possibilidade de realização linguística.

## 5 ESCRITA ALTERNATIVA: ENTRE A LIBRAS E O PORTUGUÊS

Pelo capítulo anterior, vimos que os textos escritos produzidos por estudantes surdos apresentam formas linguísticas específicas que, em muitos casos, se distanciam dos padrões exigidos no registro formal do Português. Por isso, é possível que encontremos elementos linguístico-estruturais da Libras, como a inexistência de desinências morfológicas para gênero e para tempos verbais, a não existência do verbo *ser* nas sentenças copulares, entre outros, nas produções escritas desses estudantes surdos. Se concebidas apenas pelo viés do Português, tais construções textuais seriam consideradas cheias de desvios, no entanto, como visto, todas essas ocorrências possuem motivações linguísticas para se mostrarem dessa forma. Elas são, muitas vezes, os reflexos da organização estrutural da Libras que se distancia da organização estrutural do Português.

Acreditando na existência de um *Modo Surdo de Escrever*, o qual faz parte do *Modo Surdo de Ser*, que, por sua vez, se baseia no conceito *Ser Surdo* (PERLIN; MIRANDA, 2003), delinearemos, neste capítulo, as bases de uma proposta⁶⁹ de escrita para o registro escrito produzido pelos estudantes surdos, com a pretensão de ser uma terceira possibilidade, como uma *Escrita Alternativa*, situada entre o sistema linguístico-estrutural da Libras, com a sua própria organização e os seus fenômenos, e o sistema de escrita do Português. Essa terceira via, no âmbito do *bilinguismo bimodal* (HOFFMEISTER, 2016) e das questões de *interlíngua* (SELINKER, 1972), se comporta como variante do registro escrito do Português, uma vez que toma como base a modalidade escrita do Português, mas reflete o *Modo Surdo de Escrever*. Portanto, aqui, levamos em conta o arranjo linguístico-estrutural peculiar da Libras no que diz respeito aos níveis de organização gramatical dessa língua, especialmente quanto ao nível morfossintático, nas classes gramaticais (substantivo, adjetivo, verbo, pronomes, artigos etc.).

Por outro lado, é importante deixar claro que essa proposta não foi pensada para substituir o aprendizado do Português escrito em sua forma padrão. Longe dessa pretensão. Ao contrário, continuamos acreditando que, pela perspectiva da educação bilíngue, tão necessária aos estudantes surdos, é indispensável o ensino e a aprendizagem da modalidade escrita do Português, enquanto idioma oficial da

---

⁶⁹ Essa proposta foi, previamente, publicada no volume 1 do número 32 da revista *Eutomia* (2022).

nação brasileira ao qual os surdos estão expostos por necessidade comunicativa, como segunda língua, vinculado ao ensino a à aprendizagem da Libras, como primeira língua, uma língua reconhecida por lei como a forma de comunicação e expressão de comunidades de pessoas surdas (de forma majoritária) do Brasil. A proposta também não foi pensada para substituir os sistemas de escrita de sinais, como os apresentados na segunda seção do terceiro capítulo, especialmente, o *SignWriting*, voltados para o registro escrito das línguas de sinais.

Aqui, a pretensão é outra: delinear uma proposta que considere as manifestações linguístico-estruturais da Libras que, por vezes, aparecem impressas nos textos escritos produzidos por estudantes surdos, ou seja, uma proposta que valorize o modo particular de escrita dos estudantes surdos, conforme vimos no capítulo anterior, como uma forma de: i) reconhecer a singularidade linguística manifestada no aspecto formal do Português, presente no Decreto nº. 5.626/2005; ii) valorizar o aspecto semântico (CONTEÚDO) em detrimento do aspecto estrutural (FORMA), orientado pela Recomendação nº. 001/2010; e iii) considerar a singularidade linguística da pessoa com deficiência no domínio da modalidade escrita do Português, presente na Lei nº. 13.146/2015 (*Estatuto da Pessoa com Deficiência*).

Assim, acreditamos que essa proposta também possa servir de guia para aquelas pessoas responsáveis por avaliar as provas escritas produzidas por estudantes surdos, a fim de que as manifestações linguístico-estruturais da Libras expressas nos textos escritos não sejam tratadas como inapropriadas, mas sim como especificidades dessa própria língua de sinais impressas nas produções escritas. Também acreditamos que tal proposta possa ser, inclusive, adotada como parâmetro para a avaliação das provas escritas nos processos seletivos e/ou concursos, dos quais os candidatos surdos possam participar. Como se trata de uma variante da comunicação escrita em Português – Língua Portuguesa Escrita (LPE) –, inseriremos, quando necessário, paralelos entre a Libras e o Português na proposta *Língua Portuguesa Escrita, variante Libras (LPEBR)*, a qual conta as dimensões morfológica, sintática, semântica, pragmática, signos ortográficos, compêndio da simbologia sugerida, e aplicação das diretrizes apontadas. Vamos à proposta.

- LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA, VARIANTE LIBRAS (LPEBR) -	
<b>Dimensão morfológica</b>	
A Morfologia “é o estudo da estrutura interna das palavras, ou seja, da combinação entre os elementos que formam as palavras e o estudo das diversas formas que apresentam tais palavras quanto à categoria de número, gênero, tempo e pessoa” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 19).	
Português	Libras
Formação das palavras	
a) lexemas, base ou raiz das palavras; b) morfemas: i. flexivos nominais: gênero universal (masculino) ou feminino; número universal (singular) e plural; ii. flexivos verbais: número, pessoa, tempo, modo, conjugação, voz e aspecto; iii. derivativos ou afixos: prefixos, sufixos e vogais e consoantes de ligação; iv. nexivos: preposições e conjunções; v. independentes: interjeições.	a) Formação de palavras através dos cinco parâmetros (Configuração de Mão, Ponto de Articulação, Movimento, Orientação, Expressões Não Manuais) que formam as unidades constitutivas da língua de sinais (FERREIRA, 2010; QUADROS; KARNOPP, 2004); b) Formação por composição (FELIPE, 2006); c) Motivos icônicos e classificadores ⁷⁰ (FELIPE, 2002; FERREIRA-BRITO, 1989); d) Empréstimo do Português (QUADROS; KARNOPP, 2004).
CONVENÇÃO ESCRITA (LPEBR)	
<b>Substantivos</b>	
- Os usuários da LPEBR empregariam substantivos, mas estariam dispensados das marcas de flexão (masculino, feminino, singular, plural) e derivação (afixos em geral).	
Ex.: pessoa, criança, cachorro.	
<b>Adjetivos</b>	
- Os usuários da LPEBR empregariam adjetivos, mas estariam dispensados da flexão (masculino, feminino, singular, plural) e derivação (afixos em geral).	

⁷⁰ De maneira geral, classificadores, nas línguas de sinais, são definidos “como sendo certas configurações de mãos que funcionam como morfemas que marcam certas características de um objeto nas línguas de sinais” (FELIPE, 2002, p. 42).

<p>- No que diz respeito ao grau dos adjetivos, usariam os seguintes advérbios de intensidade ou símbolos:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>i. Mais ou + (comparativos de superioridade)</li> <li>ii. Menos ou – (comparativo de inferioridade)</li> <li>iii. Igual ou = (comparativo de igualdade);</li> <li>iv. Muito mais ou ++ (Superlativo).</li> </ul>
<b>Artigos</b>
<p>- Seriam dispensados.</p> <p style="padding-left: 40px;">Artigos: ø (inexistentes).</p> <p>NOTA 1. Textos escritos por estudantes surdos revelam uma grande tendência para o não uso dos artigos; por isso, propomos a sua eliminação na variante LPEBR.</p>
<b>Numerais</b>
<p>- Os usuários da LPEBR empregariam numerais, mas os cardinais (um, dois, três...), mediante letras ou algarismos.</p> <p style="padding-left: 40px;">Numerais cardinais (um, dois...) e ordinais (primeiro, segundo...).</p> <p>NOTA 2. Quando necessário, a LPEBR prescindiria dos multiplicativos (duplo, triplo...) e dos fracionários (um terço, um quarto...).</p>
<b>Pronomes</b>
<p>- Os usuários da LPEBR empregariam somente:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>i. os pessoais de caso reto (eu, você, ele, ela, nós, vocês, eles, elas), antes ou depois dos verbos (quando necessários).</li> </ul> <p>NOTA 3. Para o pronome pessoal <i>nós</i>, é possível: <i>dual</i>: nós dois, <i>trial</i>: nós três, <i>outros</i>: nós quatro, nós grupo);</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>ii. os possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e exclamativos, em número reduzido e sem exigência de flexão (quando necessários).</li> </ul>
<b>Verbos</b>
<p>- Pessoa e número: os usuários da LPEBR empregariam verbos sem flexão (sempre no infinitivo), precedidos ou sucedidos de pronomes de caso reto.</p> <p style="padding-left: 40px;">Ex.: eu/nós fazer, tu/você/vocês fazer, ele/eles fazer...</p> <p>- Tempos do modo indicativo (formas simples): os usuários da LPEBR empregariam infinitivos sem marcas quando se referissem ao tempo presente; infinitivos com</p>

anotações quando se referissem ao tempo passado (pas) e ao tempo futuro (fut).

Ex.: fazer = Presente (faço)

fazer (pas) = Pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito (fiz, fazia, fizera)

fazer (fut) = Futuro e futuro do pretérito (farei, faria)

- Tempos do modo subjuntivo (formas simples): os usuários da LPEBR empregariam infinitivos, acrescidos de marcas de dúvida (dúv) e desejo (des):

Ex.: fazer (dúv) = Presente, pretérito imperfeito e futuro (talvez faça, fizesse, fizer)

fazer (des) = Presente, pretérito imperfeito e futuro (oxalá faça, fizesse, fizer)

- Formas nominais: os usuários da LPEBR empregariam:

i. Infinitivo: Ex.: fazer;

ii. Particípio: infinitivo com a marca (compl) para indicar que ação verbal está completa, acabada. Ex.: fazer (compl) = feito; dizer (compl) = dito; comprar (compl) = comprado; vender (compl) = vendido.

iii. Gerúndio: infinitivo com a marca (inst) para indicar que a ação verbal é instantânea, momentânea, pontual. Ex.: fazer (inst) = fazendo; comer (inst) = comendo; subir (inst) = subindo.

- Voz: o registro da voz passiva estaria dispensado para os usuários da LPEBR.

- Conjugação: os usuários da LPEBR empregariam as três conjugações (-ar, -er, -ir e o verbo pôr e seus compostos) sempre em infinitivo, com as orientações já citadas.

- Aspecto: os usuários da LPEBR empregariam dois infinitivos subsequentes, para indicar progressão temporal = querer fazer, ter feito, procurar saber.

### **Advérbios**

- Os usuários da LPEBR empregariam um número reduzido de formas de:

i. Advérbios nominais:

a. lugar (longe, perto, dentro, acima, abaixo);

b. tempo (depois/logo, cedo, tarde, brevemente);

c. modo (bem, mal);

d. intensidade (muito, pouco, bastante);

e. dúvida (talvez);

f. afirmação (sim);

g. negação: (não).

ii. Advérbios pronominais (demonstrativos, relativos, indefinidos, interrogativos e exclamativos): aqui, ali, hoje, amanhã, ontem, quando, onde, como...

### **Preposições**

- (a), (ante), após, até, com, (contra), (de), (desde), (em), entre, para, (per), (perante), (por), (sem), sob, sobre, (trás). Os usuários da LPEBR não empregariam as preposições entre parênteses, nem as suas contrações (no, na, nos nas, do, da, dos das...), e empregariam as demais quando necessárias. Seria recomendado o uso das preposições essenciais puras.

### **Conjunções**

- Os usuários da LPEBR unicamente empregariam:

i. a aditiva e;

ii. a disjuntiva ou;

iii. a adversativa mas;

iv. o símbolo = em lugar das explicativas (pois), conclusivas (logo), comparativas (como), conformativas (conforme), e proporcionais (à medida que);

v. o símbolo → em lugar das causais (porque), finais (para), condicionais ou implicativas (se...então);

vi. o símbolo ↔ em lugar das coimplicativas (se e somente se);

vii. os advérbios de tempo, já citados, em lugar das temporais (quando);

viii. as concessivas (embora) seriam substituídas pelas adversativas;

ix. as integrantes (que, se) seriam dispensadas.

NOTA 4. Ficaria a critério do usuário o emprego de símbolos (+, v, =, →, ↔) ou de palavras (e, ou, porém, quer dizer, por quê).

### **Interjeições**

- Mesmo uso para Língua Portuguesa Escrita (LPE) e Língua Portuguesa Escrita, Variante Libras (LPEBR).

### **Dimensão sintática**

A Sintaxe “é o estudo da estrutura da frase, ou seja, da combinação das unidades significativas da frase. A sintaxe trata das funções, das formas e das partes do discurso. É a parte da lingüística que estuda a estrutura interna das sentenças e a relação interna entre as suas partes” (QUADROS; KARNOPP, 2004,

p. 20).	
Português	Libras
A LP e a LPBR coincidem na sintaxe. As diferenças estribam nos diacríticos e marcas distintivas apontados nas dimensões significante, ortográfica e morfológica. Eis as principais coordenadas sintáticas que as caracterizam:	
<b>CONVENÇÃO ESCRITA (LPEBR)</b>	
<p>- Ordem sintática oracional: os usuários da LPEBR empregariam a ordem oracional direta (sujeito, verbo, complementos) ou o recurso tópico/comentário. Ex.: eu comprar frutas; precisar comprar laranja; frutas eu comprar; laranja precisar comprar.</p> <p>- Ordem sintática pronominal: os usuários da LPEBR unicamente empregariam pronomes de caso reto, situados antes ou depois do verbo. Ex.: eu como; como eu.</p> <p>- Paradigma da oração portuguesa. Os usuários da LPEBR empregariam o infinitivo, como já foi indicado; orações poderiam ser substituídas por frases. Ex.: Meu nome é Pedro = meu nome Pedro/eu Pedro.</p> <p>- Períodos: os usuários da LPEBR simplificariam os períodos, sendo-lhes facultado transformá-los em enunciados assindéticos, podendo usar os símbolos sugeridos. Ex.: Não fui trabalhar ontem porque estava doente = doença → eu trabalhar (pas) nao.</p>	
<b>Dimensão semântica/ Dimensão pragmática</b>	
<p>A Semântica “é a parte da lingüística que estuda a natureza do significado individual das palavras e do agrupamento das palavras nas sentenças, que pode apresentar variações regionais e sociais nos diferentes dialetos de uma língua” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 21-22).</p> <p>A Pragmática “é o estudo da linguagem em uso (contexto) e dos princípios de comunicação. [...]. A pragmática envolve as relações entre a linguagem e o contexto” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 22).</p>	
<b>CONVENÇÃO ESCRITA (LPEBR)</b>	
<p>- Semântica lógica:</p> <p>Ideias, conceitos, juízos e raciocínios, que compõem o cálculo de predicados, e o vínculo entre os enunciados, próprio do cálculo sentencial (+ ¬ = → ↔) são</p>	

intuitivamente usados pelas pessoas privadas de audição;

Uma das características, aliás, de quem não ouve é a rapidez mental para induzir, deduzir e inferir causas e efeitos, o que lhes permite agir em consequência, graças a sua capacidade de detectar e diagnosticar adequadamente.

- Semântica linguística:

Os usuários da LPEBR manteriam a coesão lexical (com as limitações de concordância apontadas em morfologia), mas seriam dispensados da coesão referencial (anafórica e catafórica) e elíptica, sendo-lhes permitido o emprego de repetições e redundâncias;

A coesão conectiva seria exercida mediante partículas ou símbolos, como sugerido no apartado das conjunções.

- Os usuários da LPEBR seriam dispensados das exigências convencionais de gênero literário, estilo, registro e focalização;

- A Pragmática é uma área especialmente interessante na LPEBR, pois muitos dêiticos empregados nas línguas orais podem ser adaptados e enriquecidos pelos usuários das línguas de sinais.

### Signos ortográficos

#### CONVENÇÃO ESCRITA (LPEBR)

- Os usuários da LPEBR estariam dispensados da acentuação gráfica, cê-cedilha, maiúsculas, til e ponto e vírgula; só empregariam ponto (.), vírgula (,), dois pontos (:), interrogação (?) e exclamação (!), para fins de simplificação ortográfica e tendo em vista que muitos desses signos ortográficos não se mostram produtivos para as línguas de sinais.

NOTA 5. Ficaria a critério do usuário o emprego (predominante) da letra maiúscula (CAIXA ALTA) nos textos.

#### Compêndio da simbologia sugerida

↯ **ou menos** (comparativo de inferioridade). Ex.: Joao ↯ paciente irma ou Joao menos paciente irma.

! Exclamação.

↔ (coimplicação: se e somente se). Ex.: passar ano ↔ fazer prova; compra supermercado ↔ pagar;

→ (causa/efeito): doença → ficar casa; estudar → fazer prova → passar de ano; fome → cozinhar → comer → lavar prato.

. Ponto.

? Interrogação.

**+ ou mais** (comparativos de superioridade). Ex.: Andre + simpatico Roberto ou Andre mais simpático Roberto.

**+/-** ou mais ou menos. Ex.: Como voce esta? Eu +/-

**++** ou muito mais (superlativo). Ex.: Roberto ++ simpatico Andre ou Roberto muito mais simpático Andre.

**= ou igual** (comparativo de igualdade). Ex.: bolo chocolate bom = bolo laranja ou bolo chocolate bom igual bolo laranja.

**Infinitivo** (uso universal): tempo presente do indicativo. Ex.: trabalhar ele muito = ele trabalha muito.

**Infinitivo (pas)** (tempos passados do indicativo: pretérito perfeito, imperfeito e mais-que-perfeito). Ex.: estudar (pas) UFPE = estudei na UFPE.

**Infinitivo (fut)** (tempos futuro e futuro do pretérito do indicativo). Ex.: fazer (fut) bolo = farei/faria bolo.

**Infinitivo (des)** (presente, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo). Ex.: calor (des) = tomara que faça calor/se fizesse calor/quando fizer calor.

**Infinitivo (dúv)** (presente, pretérito imperfeito e futuro do subjuntivo). Ex.: calor (duv) = talvez faça/se fizesse/quando fizer calor.

**Infinitivo (compl)** (participio: ação completa, acabada). Ex.: fazer (compl): feito.

**Infinitivo (inst)** (gerúndio: ação instantânea, em andamento). Ex.: ver (inst) TV = estou vendo TV.

**Infinitivo + infinitivo** (perífrases). Ex.: quero fazer um curso = querer fazer; gostaria de viajar = gostar viajar.

### Aplicação das diretrizes apontadas

Contraste entre a Língua Portuguesa Escrita (LPE) e a Língua Portuguesa Escrita, variante Libras (LPEBR)

### Notícia 1

Veiculada por Notícias em níveis (<https://www.noticiasemniveis.com>), dia 11-05-2021

### LPE

As pessoas no Brasil têm problemas com dinheiro. O ano passado foi muito difícil para elas. Muitas pessoas perderam seus empregos por causa do coronavírus. Elas não podem pagar aluguel. Elas não têm onde morar.

Relatórios dizem que cerca de 66.000 pessoas estão desabrigadas. Sem-teto significa que elas não têm casa. O número é maior do que em 2019. Essas pessoas vivem em barracas ou abrigos.

Famílias pedem dinheiro em ruas movimentadas. Elas pedem ajuda a outras pessoas. Igrejas e instituições de caridade as ajudam. Dão-lhes comida.

O governo também ajuda. Infelizmente, a ajuda terminará este mês. Especialistas temem que a situação piore. Parece que os preços das coisas vão subir. Mais pessoas terão problemas para pagar aluguel e comprar comida.

### LPEBR

PROBLEMA DINHEIRO, PESSOA BRASIL TER. ANO PASSADO MUITO DIFICIL  
ELA. MUITA PESSOA PERDER (PAS) EMPREGO → CORONAVIRUS. ELA  
PAGAR ALUGUEL NAO PODER. ELA ONDE MORAR NAO TER.

RELATORIO DIZER MAIS OU MENOS 66 MIL PESSOA DESABRIGADA. NAO  
TER TETO SIGNIFICAR ELA CASA NAO TER. NUMERO MAIS ANO 2019.  
PESSOA VIVER BARRACA OU ABRIGO.

RUA MOVIMENTADA FAMILIA PEDIR DINHEIRO. ELA PEDIR AJUDAR OUTRA  
PESSOA. IGREJA E INSTITUICOES CARIDADE AJUDAR. DAR COMIDA.

GOVERNO TAMBEM AJUDAR. INFELIZMENTE MES AGORA AJUDA TERMINAR  
(FUT). ESPECIALISTA TEMER PIORAR SITUACAO. PRECO COISA PARECER  
SUBIR. PAGAR ALUGUEL E COMPRAR COMIDA MAIS PESSOA TER (FUT)  
PROBLEMA.

### Notícia 2

Veiculada por Notícias em níveis (<https://www.noticiasemniveis.com>), dia 16-07-  
2019

### LPE

Sessenta por cento da Floresta Amazônica está no Brasil. Os cientistas dizem que ela é muito importante para o planeta. No entanto, as pessoas estão cortando as

árvores lá. Este ano, em maio e junho, elas cortaram mais árvores em maio e junho do que no ano passado.

As pessoas cortaram 34% mais árvores em maio do que em maio passado e 88,4% mais árvores em junho do que em junho passado. Um cientista da organização Imazon diz que o presidente brasileiro está piorando a situação.

O presidente defendeu o desenvolvimento da Amazônia e também disse que queria a mineração em reservas protegidas. Ele não se importa se as pessoas que vivem lá querem as minas ou não.

### **LPEBR**

60% FLORESTA AMAZONICA ESTAR BRASIL. CIENTISTA DIZER ELA MUITO IMPORTANTE PLANETA. MAS PESSOA CORTAR ARVORE LA. ANO AGORA, MAIO E JUNHO, CORTAR (PAS) MAIS ARVORE MAIO E JUNHO ANO PASSADO.

PESSOA CORTAR (PAS) 34% MAIS ARVORE MAIO ANO PASSADO E 88,4% MAIS ARVORE JUNHO ANO PASSADO. CIENTISTA ORGANIZACAO IMAZON DIZER PRESIDENTE PIORAR SITUACAO.

PRESIDENTE DEFENDER (PAS) DESENVOLVIMENTO AMAZONIA TAMBEM DIZER (PAS) QUERER (PAS) MINERACAO RESERVA PROTEGIDA. PRESIDENTE NAO PREOCUPAR PESSOA VIVER AMAZONIA QUERER MINA OU NAO.

### **Notícia 3**

Veiculada por Notícias em níveis (<https://www.noticiasemniveis.com>), dia 01-06-2016

### **LPE**

No Brasil chove muito. Chove tanto que chega a causar um deslizamento de terra. O deslizamento de terra cobriu oito pessoas e duas casas. Quatro pessoas morreram.

Uma pessoa que morreu é uma avó, mas sua neta não morreu. A avó colocou o braço sobre a neta. Isso a protegeu do deslizamento de terra.

As pessoas não podem voltar para suas casas. Os deslizamentos de terra podem acontecer novamente.

Deslizamentos de terra e deslizamentos acontecem cada vez mais no Brasil. Isso ocorre porque há muitas enchentes, ventos e tempestades.

### LPEBR

BRASIL CHOVER MUITO. CHOVER MUITO → CAUSAR DESLIZAMENTO TERRA. DESLIZAMENTO TERRA COBRIR (PAS) 8 PESSOA E 2 CASA. 4 PESSOA MORRE (PAS).

1 PESSOA MORRER (PAS) AVO, MAS NETO NAO MORRER (PAS). AVO COLOCAR (PAS) BRAÇO SOBRE NETA. ISSO PROTEGER (PAS) DESLIZAMENTO TERRA.

PESSOA NAO PODER VOLTAR CASA. DESLIZAMENTO TERRA PODER ACONTECER NOVAMENTE.

DESLIZAMENTO TERRA E DESLIZAMETO ACONTECER MUITO BRASIL. ISSO OCORRER → TER ENCHENTE, VENTO, TEMPESTADE.

### Notícia 4

Veiculada por Terra ([www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)), dia 24/02/2018

**LPE. As Forças Armadas e as polícias Civil e Militar do Rio de Janeiro fizeram nessa sexta-feira (23) ações em três comunidades na zona oeste da cidade: Vila Kennedy, Vila Aliança e Coreia. As três localidades são dominadas por grupos de traficantes e registram tiroteios quase diários.**

LPEBR. Traficante dominar (pas) 3 comunidade Rio. Tiro +/- todo dia. Militar e policia fazer (pas) acao sexta 23 fevereiro.

**LPE. Nas ações, os militares usaram blindados e atuaram no terreno com 3.200 homens das Forças Armadas, mais integrantes das polícias Civil e Militar. Foram destruídas barricadas montadas por traficantes. De acordo com a Secretaria de Estado de Segurança (Seseg), 27 pessoas foram encaminhadas para delegacia, sendo um menor de idade. Houve apreensão de duas pistolas, um fuzil falso, carregadores de armas, munições, 12 carros, 13 motos, oito radiotransmissores, além de grande quantidade de drogas.**

LPEBR. 3.200 militar + policia usar (pas) blindado e atuar (pas). Secretaria dizer: acao → destruir (pas) barricada traficante. 26 adultos e 1 menor ir (pas) delegacia. Militar pegar (pas) 2 pistola 1 fuzil falso + carregador de arma + munição + 12 carro

+ 13 moto + 8 radio, ++ droga.

**LPE. Um dos objetivos era prender um homem suspeito pela morte de um integrante do Exército, que teve sua arma encontrada na Vila Kennedy.**

LPEBR. Objetivo: prender suspeito morte militar. Suspeito ter (pas) arma em Vila Kennedy.

**LPE. Durante a ação, agentes das Forças Armadas cadastraram e tiraram fotos de pessoas durante abordagens. De acordo com o Comando Militar do Leste (CML), " o processo chamado "sarqueamento" (consulta ao Sistema de Arquivo da Polinter) é um procedimento policial para averiguação da existência de mandado judicial contra pessoas sob suspeição. O uso da plataforma digital móvel (smartphones, por exemplo) dá celeridade e abrevia qualquer incômodo aos cidadãos. Não há ilegalidade nesse procedimento".**

LPEBR. Militar tirar (pas) foto → descobrir suspeito → rapida busca → incomodar cidadão. Ser legal.

**LPE. O defensor público do estado, André Castro, considera que esse tipo de ação não tem respaldo na Constituição. "Não se pode, sem uma ordem judicial, ou sem fundada suspeita, abordar o cidadão e exigir que ele seja identificado, fotografado. É um procedimento que atenta contra a liberdade individual", disse Castro, durante evento da Defensoria Pública.**

LPEBR. Andre Castro, advogado povo, achar foto → ser direito e ofender liberdade pessoa. Andre Castro dizer: poder tirar foto nao. Precisar ordem juiz.

#### **Notícia 5**

Veiculada por Terra ([www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)), dia 25/02/2018

**LPE. A partir de hoje (25), as ligações locais e interurbanas de telefones fixos para móveis ficarão mais baratas. Segundo a Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), a redução das chamadas locais vai variar entre 10,58% e 12,75% e a das tarifas interurbanas, entre 3,98% e 7,41%.**

LPEBR. Anatel dizer: ligação telefone fixo → celular ficar (fut) + barato. Ligacao cidade aqui variar (fut) de -10,58% a -12,75% e ligacao cidade longe variar (fut) de -3,98% a -7,41%.

**LPE. A queda vai ocorrer devido à redução das tarifas de interconexão, que é o valor cobrado de uma empresa pelo uso da rede de outra operadora para a**

**realização de serviços. O cálculo das tarifas é feito pela Anatel. De acordo com a agência, as tarifas de interconexão foram usadas inicialmente para subsidiar a instalação de redes das operadoras móveis.**

LPEBR. Acordo empresas telefone → preço + barato.

**LPE. A redução das tarifas vale para as ligações originadas nas redes das concessionárias de telefonia fixa - Oi, Telefônica, CTBC, Embratel e Sercomtel - destinadas às operadoras móveis. O preço médio das ligações locais de telefone fixo para móvel vai passar de R\$ 0,18 para R\$ 0,12, sem imposto.**

LPEBR. + barato R\$0,6 só ligação telefone fixo → telefone celular. Não haver imposto.

**LPE. Para as ligações interurbanas feitas de fixo para móvel com DDD iniciando com o mesmo dígito, por exemplo, DDDs 61 (Brasília) para 62 (Goiânia), o preço médio cairá de R\$ 0,55 para R\$ 0,39. Enquanto o preço médio das demais ligações interurbanas de fixo para celular, vai ser reduzido de R\$ 0,62 para R\$ 0,45.**

LPEBR. + barato R\$0,16 telefone fixo → celular cidade -longe. + barato R\$0,17 telefone fixo → celular cidade +longe

**LPE. Desde 2014, a tarifa de interconexão vem caindo e novas reduções devem acontecer até 2019. A lista com a redução de cada concessionária está disponível no site da Anatel.**

LPEBR. Anatel dizer telefone fixo → celular 2014 caro. Telefone fixo → celular 2015 + barato. Telefone fixo → celular 2016 + barato. Telefone fixo → celular 2017 + barato. Telefone fixo → celular 2018 + barato. Telefone fixo → celular 2019 + barato.

#### **Notícia 6**

Veiculada por Terra ([www.terra.com.br](http://www.terra.com.br)), dia 25/02/2018

**LPE. O que você faria se ganhasse a prêmio da Mega-Sena da virada?**

LPEBR. Você ganhar (dúv) loteria → você fazer (fut)?

**LPE. Pagaria todas as minhas contas e as da minha família. As que já chegaram e as que ainda vão chegar.**

LPEBR. Eu pagar (fut) contas eu e família.

**LPE. Continuaria trabalhando por um mês para disfarçar e depois mudaria**

**para Fiji.**

LPEBR. Eu continuar (fut) trabalhar (inst) 1 mês → disfarçar. Depois mudar (fut) Fiji.

**LPE. Compraria uma vaga em um programa turístico espacial.**

LPEBR. Eu comprar (fut) vaga turismo espaço.

**LPE. Compraria carros, casas, apartamentos, joias, roupas e colocaria o que sobrasse na poupança.**

LPEBR. Eu comprar (fut) carro, casa, apartamento, joia, roupa e colocar (fut) sobra poupança.

**LPE. Mudaria para Beverly Hills, viraria patricinha/mauricinho e faria amizade com o elenco da série 90120.**

LPEBR. Eu mudar (fut) Beverly Hills, virar (fut) riquinho e fazer (fut) amizade artista.

**LPE. Aplicaria o dinheiro em um plano de previdência para resgatar só quando for me aposentar.**

LPEBR. Eu aplicar (fut) dinheiro previdencia e tirar (fut) quando aposentar (fut).

**LPE. Pagaria um “mensalão” para que todos os políticos corruptos não precisem mais roubar dos cofres públicos.**

LPEBR. Eu pagar (fut) propina político ladrao → não roubar governo.

**LPE. Doaria tudo para uma instituição de caridade que ajudasse pessoas pobres.**

LPEBR. Eu doar (fut) dinheiro todo → instituicao caridade ajudar (fut) pobre.

Considerando a possibilidade do emprego de símbolos (+, v, =, →, ↔) ou de palavras (e, ou, porém, quer dizer, por quê), e a opcionalidade quanto ao uso da letra maiúscula (CAIXA ALTA), ambas traçadas ao longo das diretrizes da proposta LPEBR, os exemplos de notícias apresentados acima, na *Aplicação das diretrizes apontadas*, refletem esses caminhos da proposta. Assim, nos moldes da proposta LPEBR, as *notícias 1, 2 e 3* foram escritas completamente em letra maiúscula e com uso restrito de símbolo, diferentemente das *notícias 4, 5 e 6*, que foram escritas com opção pelo uso da simbologia sugerida e da letra minúscula.

Como percebido, o contraste entre a LPE e a LPEBR se deu, nas *notícias 1, 2 e 3*, em texto completo, e, nas *notícias 4, 5 e 6*, em parágrafo por parágrafo, sendo em negrito os parágrafos referentes a LPE. De modo especial, a *notícia 1*, na versão LPE, a título de ilustração, contém alguns realces nas cores azul e verde, os quais indicam, respectivamente, os elementos a serem desconsiderados na versão

LPEBR, entre artigos, pronomes, preposições, alguns verbos, e outros, e os verbos a ficarem sempre no infinitivo na versão LPEBR, conforme as diretrizes da proposta, além do efeito ~~tachado~~ para indicar a ausência de desinências morfológicas em algumas palavras, e do elemento sublinhado *por causa* para evidenciar a sua substituição pelo símbolo →.

Por tudo isso, entendemos que a proposta LPEBR, enquanto um sistema híbrido situado entre o Português e a Libras, parece ser uma boa alternativa para viabilizar a produção de textos escritos (e, conseqüentemente, a leitura) por parte dos estudantes surdos, uma vez que se mostra como um código mais perto das características da Libras. Nesse sentido, acreditamos que tal proposta, além de possibilitar um registro mais próximo da Libras, possa também servir, entre outras aplicabilidades, para auxiliar os estudantes surdos a desenvolverem habilidades de escrita (e de leitura) no Português, ao permitir, por exemplo, a comparação entre as duas versões escritas (LPE e LPEBR), tornando, assim, o processo de aprendizagem da escrita do Português menos desgastante.

Nessa mesma direção, a proposta LPEBR pode, igualmente, auxiliar na orientação e na formação dos professores do campo da surdez e/ou da inclusão, para que, adotando tal proposta como parâmetro, sejam capazes de avaliar, da melhor forma, os textos produzidos pelos estudantes surdos, levando em conta as especificidades da Libras impressas nas produções escritas desses estudantes e não apenas as questões de ordem gramático-estrutural do Português. A LPEBR também pode servir de suporte aos professores que não dispõem de conhecimentos sobre a Libras, e que, por algum motivo, estão com a tarefa de avaliar os textos produzidos por estudantes surdos, pois, cada vez mais, os estudantes surdos estão interessados em ingressar em cursos além do Letras Libras, e nem sempre (ou quase nunca) esses professores estão preparados para avaliar as produções escritas desses estudantes.

Aqui, no entanto, é importante ressaltar que a presente proposta ainda se encontra no âmbito da teorização, ou seja, ainda não foi colocada em prática, para, de fato, verificarmos a sua viabilidade diante da produção escrita de estudantes surdos. Pretendemos, futuramente, desenvolver uma pesquisa de campo a fim de verificar os resultados da aplicação efetiva dessa proposta sugerida. Assim, tal proposta está aberta para debate e melhorias necessárias.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de Bruno, 18 anos, apresentado na epígrafe deste trabalho, releva o quanto pode ser desafiador, para os estudantes surdos, o processo de escrita de uma língua oral-auditiva. “O que sinto mais dificuldade é com as preposições e com o verbo ser. O uso do de, da, do é muito difícil para mim [...]. Temos as frases para escrever e precisamos usar essas preposições [...]. É difícil! [...] (GOMES, 2015, p. 179). Nessa direção, com este trabalho, trouxemos para reflexão a *comunicação escrita dos estudantes surdos*, em que os textos escritos produzidos por esses estudantes nem sempre são vistos com bons olhos e, por vezes, são tratados como produções inadequadas e cheias de desvios. Aqui, no entanto, entendemos que tais textos, muito além do modo como são considerados, refletem as particularidades linguístico-estruturais da Libras, as quais diferem, em certa medida, das especificidades do Português.

Se por um lado os textos escritos produzidos por estudantes surdos possam ser, para algumas pessoas, considerados cheios de desvios e sem sentido, por outro lado, eles revelam as particularidades linguístico-estruturais da Libras. Como vimos, por trás daquela *escrita atípica*, a tal de “escrita do surdo”, incompreensível por muitos, encontramos a verdadeira e natural representação dos elementos que existem e fazem sentido na constituição da Libras, pois ela é a manifestação da natureza linguística dessa língua de sinais. Assim, para muito além da identificação dos desvios, é preciso enxergar a riqueza linguística que esses textos expressam, textos carregados de significação que ultrapassam a estrutura linguística da língua oral portuguesa, por isso não devemos olhar para os textos escritos por estudantes surdos do mesmo modo que olhamos para os textos escrito produzidos por estudantes ouvintes.

Como se trata de um estudo que discute a língua no seu modo escrito, e situado entre dois sistemas linguísticos de modalidades distintas (Português: oral-auditiva e Libras: visuoespacial), foi necessária fazer a retomada de alguns pontos relacionados à história do registro escrito desenvolvida a partir das línguas orais, bem como a apresentação das propostas de representação gráfica para o registro escrito dos signos linguísticos das línguas de sinais, seja por meio dos *sistemas de notação* ou dos *sistemas de escrita*, idealizadas para o registro gráfico dessas línguas de sinais.

O resultado deste estudo foi o delineamento das bases de uma proposta de *Escrita Alternativa* pensada para orientar o registro escrito dos estudantes surdos. Assim, apoiados nas particularidades linguístico-estruturais da Libras, como o uso do recurso datilológico, a não existência de desinências morfológicas para os gêneros feminino e masculino e para o número plural, a não existência de desinências morfológicas para indicar o tempo dos verbos, a não existência dos verbos copulativos *ser* e *estar*, entre outras, propusemo-nos a elaborar a proposta de comunicação escrita *Língua Portuguesa escrita, variante Libras (LPEBR)*, que, no âmbito do *bilinguismo bimodal* e das questões de *interlíngua* (SELINKER, 1972), situada entre o sistema linguístico-estrutural da Libras, com a sua própria organização e os seus fenômenos, e o sistema de escrita do Português, reflete o *Modo Surdo de Escrever*, decorrente do *Modo Surdo de Ser* em meio ao *Ser Surdo*. Posteriormente, pretendemos desenvolver uma pesquisa de campo a fim de verificar os resultados da aplicação efetiva dessa proposta sugerida.

Esclarecemos, ainda, que a proposta de escrita aqui delineada, como a própria ideia do termo *proposta* sugere, é somente uma proposta e não uma lei. Nesse sentido, ela não tem a pretensão de ser a proposta ideal, nem a melhor, para nortear os estudantes surdos na produção de seus textos escritos, como também não tem o objetivo de ser eterna, ao contrário, pode ser refutada, melhorada e/ou até substituída, uma vez que é momentânea. Por outro lado, acreditamos que essa proposta, e este estudo como um todo, possam, de alguma forma, auxiliar tanto na construção de textos escritos por parte dos estudantes surdos quanto na avaliação desses textos por parte dos professores/avaliadores, podendo, inclusive, servir de base para a elaboração dos tão mencionados critérios de avaliação dos quais falam os instrumentos legais *Decreto nº. 5.626/2005*, *Recomendação nº. 001/2010*, e *LBI/2015*: “adoção de critérios de avaliação das provas escritas, discursivas ou de redação que considerem a singularidade linguística da pessoa com deficiência, no domínio da modalidade escrita da língua portuguesa” (BRASIL, 2015).

Cientes da relevância da educação bilíngue para a comunidade surda, em que os estudantes surdos tem acesso tanto a Libras, enquanto língua de instrução, quanto ao Português na sua forma escrita, reiteramos o nosso posicionamento no que se refere à importância do aprendizado da modalidade escrita do Português por parte dos estudantes surdos, uma vez eles convivem e possuem necessidades comunicativas do cotidiano em uma sociedade em que o idioma oficial é o

Português. Assim, a nossa proposta não foi idealizada para substituir essa modalidade padrão. Ela também não foi projetada para substituir os sistemas de escrita de sinais, como o *SignWriting*, o *ELiS*, o *SEL*, o *VisoGrafia*, entre outros, concebidos para o registro escrito das línguas de sinais, neste caso, da Libras.

Todas as particularidades da Libras refletidas nos textos escritos dos estudantes surdos não significam, por outro lado, que as pessoas surdas sejam incapazes de produzir textos escritos de acordo com as regras gramaticais do Português. Não é isso! É importante desmistificar essa ideia e deixar claro que há, sim, surdos que produzem textos escritos conforme tais regras. E não estamos nos referindo aos surdos oralizados, em que a oralização não é, necessariamente, a garantia para a qualidade da produção escrita, estamos falando, especialmente, dos surdos bilíngues, isto é, daqueles que fazem uso da Libras como L1 e da modalidade escrita do Português como L2, e com graus de escolaridade mais avançados. Vale lembrar que os textos escritos analisados neste estudo foram de estudantes surdos com Ensino Médio completo, aspirantes à educação superior, os quais ainda se encontram em processo de formação escolar, muitas vezes falho, e cuja condição bilíngue não foi possível de ser mensurada.

Desapontados, ressaltamos, ainda, que o maior desafio para a realização desta pesquisa se concentrou nas barreiras erguidas pelos departamentos detentores dos materiais de pesquisa – redações de candidatos surdos submetidas às seleções de vestibular dos cursos de Letras Libras da UFPE e da UFPI – para disponibilizar esses materiais solicitados. Vale lembrar, que, na prática, a UFPE disponibilizou somente os textos das duas últimas seleções (2021 e 2022), e a UFPI disponibilizou apenas os textos das seleções de 2015, 2017 e 2018, e textos da seleção de 2016, os quais não foram aproveitados nesta pesquisa, pois não faziam parte da seleção para o ingresso ao curso de Letras Libras, mas ao curso de Licenciatura em Educação no Campo. O que percebemos é que não há uma atenção devida para com o arquivamento desse material por parte das instituições citadas. Toda essa situação torna processo de pesquisa, que já é desafiador por natureza, desestimulante e maçante para os pesquisadores.

Ainda assim, esperamos que esta produção possa contribuir significativamente para uma mudança de perspectiva da sociedade, especialmente por parte dos professores, em relação aos textos escritos produzidos por estudantes surdos. Para que, em algum momento de suas vidas, ao se deparem com textos

escritos produzidos por estudantes surdos, possam entender que em tais textos, muitas vezes, estão impressas as manifestações linguístico-estruturais da Libras e que, por isso, não devem ser enxergados como cheios de erros, mas sim como recheados de especificidades linguísticas dessa língua de sinais, que podem aparecer espelhadas na comunicação escrita, reconhecendo e valorizando, assim, essa forma de escrita um tanto particular.

De um modo geral, a temática discutida neste trabalho está direcionada aos linguistas, aos estudiosos das línguas sinalizadas e oralizadas, aos surdos e usuários ouvintes das línguas de sinais e a todos que, de alguma forma, se interessam em compreender os pormenores linguísticos das línguas de sinais, em particular, da Libras, impressos nos textos escritos produzidos por estudante surdos. Assim, dá aos interessados nesse tema a oportunidade de compreender as particularidades linguístico-estruturais da Libras, por vezes, refletidas na comunicação dos textos escritos e, assim, de entender o porquê dessa escrita particular. Este estudo também servirá como instrumento de pesquisa para que trabalhos posteriores, preocupados com o mesmo assunto, possam redirecionar as discussões a fim de aprimorar as reflexões sobre as manifestações linguístico-estruturais da Libras presentes nas produções escritas dos estudantes surdos, que ainda se mostram não finalizadas aqui. Portanto, está aberto para debate.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA-SILVA, Anderson. **A (in) definitude no sintagma nominal em libras:** uma investigação na interface sintaxe-semântica. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

ARNOLD, Robert. **A proposal for a written system of American Sign Language.** 2007. Dissertation (Master in Arts) – Gallaudet University, Washington/DC, 2007.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico.** 56. ed. Revisada e ampliada. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **Gramática pedagógica do português brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

BARROS, Mariângela Estelita. **ELiS - Escrita das Línguas de Sinais:** proposta teórica e verificação prática. 2008. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

BATTISON, Robbin. **Lexical borrowing in american sign language.** Silver Spring, MD: Linstok, 1978.

BATTISON, Robbin. Phonological deletion in American Sign Language. **Sign Language Studies**, v.5, p.1-19, 1974. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/sls.1974.0005>. Acesso em: 14 fev. 2022.

BENASSI, Claudio Alves. Visografia: uma nova proposta de escrita da língua de sinais. **Traços de linguagem**, Mato Grosso, v. 2, n. 2, p. 71-82, jul./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/tracos/article/view/2842>. Acesso em: 06 abr. 2022.

BRASIL. Lei nº. 14.191, de 3 de agosto de 2021. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 3 ago. 2021. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm). Acesso em: 19 ago. 2021.

BRASIL. Projeto de Lei nº. 4909/2020. Altera a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação, para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. **Gabinete do Senador Flávio Arns.** Senado Federal. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/145112>. Acesso em: 14 maio 2021.

BRASIL. Lei nº. 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 6 jul. 2015. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 10 mar. 2021.

BRASIL. Recomendação nº. 001, de 15 de julho de 2010. Recomendação para garantir a aplicação do princípio da acessibilidade à pessoa surda ou com deficiência auditiva em concursos públicos, em igualdade de condições com os demais candidatos. **Presidência da República**. Secretaria de direitos humanos. Conselho nacional dos direitos da pessoa com deficiência, Brasília, 15 jul. 2010.

BRASIL. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão: dificuldades de comunicação e sinalização: surdez**. 4. ed. Elaborado por Daisy Maria Collet de Araujo Lima (Secretaria de Estado da Educação do Distrito Federal) *et al.* Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRASIL. Decreto nº. 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 dez. 2005. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm). Acesso em: 22 fev. 2021.

BRASIL. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. 1 v. Elaborado por Heloísa Maria Moreira Lima Salles (Universidade de Brasília) *et al.* Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2004a.

BRASIL. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. 2 v. Elaborado por Heloísa Maria Moreira Lima Salles (Universidade de Brasília) *et al.* Brasília: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2004b.

BRASIL. Lei nº. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 abr. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm). Acesso em: 22 fev. 2021.

BROCHADO, Sônia Maria Dechandt. **A apropriação da escrita por crianças surdas usuárias da língua de sinais brasileira**. 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição oral & tradição escrita**. Tradução de Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAPOVILLA, Fernando César *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos**. Vol. 1 (sinais de A a D). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOVILLA, Fernando César *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos**. Vol. 2 (sinais de E a O). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOVILLA, Fernando César *et al.* **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: A Libras em suas Mãos**. Vol. 3 (sinais de P a Z). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2019.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. (org.). **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. Vol. I: (sinais de A a H). 3. ed. (ver. e ampl.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CAPOVILLA, Fernando César; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURÍCIO, Aline Cristina L. (org.). **Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. Vol. II: (sinais de I a Z). 3. ed. (ver. e ampl.). São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 2015.

CARDOSO, Silvana Alves. **A dimensão significativa da Libras**: observações terminológicas. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CLARK, Adrean. Why did ASL write split from si5s? *In: Quora*. 17 de 07 de 2015. Disponível em: <https://www.quora.com/Why-did-ASL-write-split-from-si5s>. Acesso em: 05 abr. 2022.

COLORADO, Lina María Mejía; RUÍZ, Sandra Milena Suárez. **Prototipo de una aplicación web para la enseñanza y el aprendizaje de la visagrafía (escritura de la lengua de señas) a personas no oyentes y oyentes**. Caso de estudio. 2010. Monografía (Graduação em engenharia de sistemas e computação), Facultad de Ingeniería Eléctrica, Electrónica, Física y Ciencias de la Computación, Universidad Tecnológica de Pereira. Pereira, Colômbia, 2010.

CRIPPS, Jody; SUPALLA, Samuel. Current Status of American Sign Language in Print. **The Power of ASL - A Newsletter of the Society for American Sign Language**. Issue 12, 2018. p. 09-11. Disponível em: <http://societyforasl.org/node/42>. Acesso em: 21 mar. 2022.

CRUZ, Carina Rebello Cruz; QUADROS, Ronice Müller de. Bilinguismo Bimodal. *In: ORTIZ-PREUSS, Elena; FINGER, Ingrid. A dinâmica do processamento bilíngue*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 337-367.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

DEHAENE, Stanislas. **Os neurônios da leitura**: como a ciência explica a nossa capacidade de ler. Tradução de Leonor Sliar-Cabral. Porto Alegre: Penso, 2012.

DIAS JÚNIOR, Jurandir Ferreira. **Ensino da língua portuguesa para surdos**: contornos de práticas bilíngues. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2010.

DUARTE, Anderson Simão; BENASSI, Claudio Alves; PADILHA, Simone de Jesus. Sujeitos ouvinte e visual: da oralidade a visualidade. **Revista Diálogos**, Mato Grosso, v. 3, n. 2, p. 79-93, jul./dez., 2015. Disponível em: <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/3371/2368>. Acesso em: 30 mar. 2022.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. Os processos de formação de palavra na Libras. **ETD-Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 200-217, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/803>. Acesso em 20 fev. 2023.

FELIPE, Tanya Amara. Sistema de flexão verbal na Libras: os classificadores enquanto marcadores de flexão de gênero. *In*: **Anais do 1º Congresso Internacional do INES/7º Seminário Nacional do INES – Surdez e Pós-Modernidade: Novos rumos para a educação brasileira**. Rio de Janeiro: INES, 2002. p. 37-58.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. **A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Pós-Graduação da Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. Introdução à Gramática da Libras. *In*: BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Deficiência Auditiva**. Série Atualidades Pedagógicas, nº. 4. Organizado por Giuseppe Rinaldi *et al.* Brasília: SEESP, 1997. p. 387-412.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. A Estrutura Frasal na LSCB. *In*: **Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL**. Recife, 1989. p. 663-672.

FELIPE, Tanya Amara. **O Signo gestual-visual e sua estrutura frasal na língua dos sinais dos centros urbanos do Brasil**. 1988. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1988.

FELIPE, Tanya Amara de Souza; MONTEIRO, Myrna Salerno (org.). **Libras em contexto**: curso básico: livro do professor. 6. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2006.

FERNANDES, Eulália. **Linguagem e surdez**. Porto Alegre, RS: Artmed, 2003.

FERNANDES, Sueli de Fátima. **Educação bilíngue para surdos: identidades, diferenças, contradições e mistérios.** 2003. Tese (Doutorado em Letras) – Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

FERREIRA, Lucinda. **Por uma gramática de línguas de sinais.** [reimpr.]. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. Classificadores em LSCB. *In: Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL.* Recife, 1989. p. 640-654.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FISCHER, Steve Roger. **História da escrita.** Tradução de Mirna Pinsky. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

GAMA, Flausino José da. **Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos.** Rio de Janeiro: Typographia Universal de E. & H. Laemmert, 1875.

GARCIA, Brigitte. **Contribution à l’histoire dès débuts de la recherche linguistique sur la Langue des Signes Française:** les travaux de Paul Jouison. 2000. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Ciência Humana e Social, Université Paris V, Paris, 2000.

GARCIA, Brigitte. **Ecrits sur la langue des signes française.** Paris: Editora L’Harmattan, 1995.

GESSER, Audrei. **LIBRAS? Que língua é esse?** Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GOMES, Marise Porto. “Aí, eu olho, escrevo e aprendo”: narrativas de estudantes surdos sobre aprendizagem e ensino da Língua Portuguesa (escrita) no Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. *In: TIAGO, Ribeiro; SILVA, Aline Gomes da. Leitura e escrita na educação de surdos: das políticas às práticas pedagógicas (org.).* Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015. p. 163-190.

GOYAL, Lalit. Review and Comparison of Writing Notations of Sign Language. **An International Journal of Engineering Sciences.** June 2015, p. 70-80. Disponível em: <http://www.ijoes.vidyapublications.com>. Acesso em: 17 mar. 2022.

GRUSHKIN, Donald. Writing signed languages: What for? What form? *In: American Annals of the Deaf,* Washington/DC, v. 161, n. 5. Gallaudet University Press, 2017, p. 509-527. Disponível em: [https://slla.lab.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/1793/2017/06/Grushkin_2017.pdf](https://slla.lab.uconn.edu/wp-content/uploads/sites/1793/2017/06/Grushkin_2017.pdf). Acesso em: 20 mar. 2022.

HANKE, Thomas. **HamNoSys – Hamburg Notation System for Sign Languages.** Hamburgo. 2007, 64 p. Disponível em <[http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/tl_files/inhalt_pdf/HamNoSys_06en.pdf](http://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/tl_files/inhalt_pdf/HamNoSys_06en.pdf)>. Acesso em: 07 mar. 2022.

HANKE, Thomas. **HamNoSys – representing sign language data in language resources and language processing contexts**. Hamburgo: Universidade de Hamburgo, 2004. Disponível em: [https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/files/inhalt_pdf/HankeLRECSLP2004_05.pdf](https://www.sign-lang.uni-hamburg.de/dgs-korpus/files/inhalt_pdf/HankeLRECSLP2004_05.pdf). Acesso em: 07 mar. 2022.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editoria, 2003.

IBGE. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Total de pessoas com deficiência auditiva**. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/?loc=0&ind=4643&cat=-1,-2,-3,128>. Acesso em: 18 nov. 2022.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. **Cadernos Cedex**, Campinas, n. 46, 15 p., 1989. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/wWScZsyPfR68rsh4FkNNKyr/?lang=pt>. Acesso em: 22 nov. 2021.

LEITE, Tarcísio. **Leitura e Produção de Texto**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

LESSA-DE-OLIVEIRA, Adriana Stella Cardoso. Libras escrita: o desafio de representar uma língua tridimensional por um sistema de escrita linear. **ReVEL**, v. 10, n. 19, p. 150-184, 2012. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/4566006ab74ecff8dc54d92e9649eb86.pdf>. Acesso em: 30 mar. 2022.

MARINHO, Margot Latt. **Língua de Sinais Brasileira**: proposta de análise articulatória com base no banco de dados LSB-DF. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

MCCLEARY, Leland; VIOTTI, Evani. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). *In*: LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira (org.). **Bilinguismo dos surdos**: Questões linguísticas e educacionais. Goiás: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.

MEIR, Irit. A cross-modality perspective on verb agreement. **Natural Language & Linguistic Theory**, Netherlands, v. 20, 2002, p. 413-450. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1023/A:1015041113514>. Acesso em: 05 out. 2022.

MENDES, Josenilson da Silva. **Tradução comentada da I Epístola de João para a Libras pelo sistema Sutton SignWriting**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2020.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **Língua Brasileira de Sinais**: A Interferência do português na análise gramatical em Libras: o caso das preposições. 2015.

Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

NASCIMENTO, Gláucia Renata Pereira do. **Aspectos da organização de textos escritos por universitários surdos**. 2008. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

NÈVE, François Xavier. **Essai de grammaire de la langue des signes française**. Genève: Droz S.A., 1996. Disponível em: [https://www.google.com.br/books/edition/Essai_de_grammaire_de_la_langue_des_si_gn/ye4OfQobKQAC?hl=pt-BR&gbpv=1](https://www.google.com.br/books/edition/Essai_de_grammaire_de_la_langue_des_si_gn/ye4OfQobKQAC?hl=pt-BR&gbpv=1). Acesso em: 14 mar. 2022.

NEVES, Bruna Crescêncio; QUADROS, Ronice Müller de. Aquisição bilíngue bimodal: uma análise da competência narrativa de crianças bilíngues bimodais. *In*: CAVALCANTE, Marianne *et al.* **Questões em Aquisição da Linguagem e Psicolinguística: Fonologia e Prosódia, Língua de Sinais, Sintaxe e Processamento**, vol. I. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora, 2016. p. 289-323.

OLIVEIRA, Lindilene Maria de. **A categoria sintática predicativo na Língua Brasileira de Sinais: um estudo descritivo**. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

OLIVEIRA, Maria do Carmo Pereira. **As frases copulativas com Ser: natureza e estrutura**. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva) – Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 2001.

OVIEDO, Alejandro. Una reseña histórica de la Mimographie (Auguste Bébien, 1825). **Revista Lengua de Señas e Interpretación**. Montevideo, n. 1, 2010, p. 73-89. Disponível <http://www.tuilsu.edu.uy/biblioteca/espanol/lsi2010.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2022.

OVIEDO, Alejandro. Vuelta a un hito histórico de la lingüística de las lenguas de señas: la *mimographie* de Bébien en el sistema de transcripción de Stokoe. **Revista Lenguaje**, nº 37 (2). Universidad del Valle, 2009, p. 293-313. Disponível em: <https://revistalenguaje.univalle.edu.co/index.php/lenguaje/article/view/4898>. Acesso em: 28 fev. 2022.

PÊGO, Carolina Ferreira. **Sinais Não-Manuais Gramaticais da LSB nos traços morfológicos e lexicais: um estudo do morfema-boca**. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

PERINI, Mário Alberto. **Sintaxe**. São Paulo: Parábola, 2019.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. Identidades Surdas. *In*: SKLIAR, Carlos (org.). **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 51-73.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Revista Ponto de Vista**, Florianópolis, nº. 5, p. 217-226, 2003. Disponível

em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/article/view/1282>. Acesso em: 09 ago. 2022

PETERSON, David. **SLIPA**: an IPA for Signed Languages. 2003. Disponível em: <http://dedalvs.conlang.org/slipa.html>. Acesso em: 14 mar. 2022.

PIERRAT-FRAPPÉ, Maryline. **Signographie Manuscrite YaelLE**. 2012. Disponível em: <http://www.signographie.fr/spip.php>. Acesso em: 25 mar. 2022.

PIZZIO, Aline Lemos. A aquisição da ordem das palavras na Língua de Sinais Brasileira: um estudo de caso. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 169-206.

QUADROS, Ronice Müller de. A estrutura da frase da língua brasileira de sinais. *In*: **II Congresso Nacional da Abralín**, 1999. Florianópolis. Anais do II Congresso Nacional da Abralín, Florianópolis: UFSC, 2000.

QUADROS, Ronice Müller de. **Libras**. Coleção Linguística para o ensino superior - 5. São Paulo: Parábola, 2019.

QUADROS, Ronice Müller de. **Língua de herança**: língua brasileira de sinais. Porto Alegre: Penso, 2017.

QUADROS, Ronice Müller de (org.). **Letras Libras**: ontem, hoje e amanhã. Florianópolis: Editora da UFSC. 2014.

QUADROS, Ronice Müller de. Efeitos de modalidade de línguas: as línguas de sinais. **ETD- Educação Temática Digital**, Campinas, v. 7, n. 2, p. 168-178, 2006. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/801/816>. Acesso em: 07 jul. 2021.

QUADROS, Ronice Müller de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. 1999. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais I**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais II**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; PIZZIO, Aline Lemos; REZENDE, Patrícia Luiza Ferreira. **Língua Brasileira de Sinais V**. Licenciatura e Bacharelado em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Centro de Comunicação e Expressão. Florianópolis: Editora da UFSC, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de; SILVA, Diná Souza da. As comunidades surdas brasileiras. *In*: ZAMBRANO, Romana Castro; PEDROSA, Cleide Emília Faye (org.). **Comunidades surdas na América Latina: Língua - Cultura - Educação - Identidade**. Florianópolis: Editora Bookess, 2017. p. 135-152.

ROSA, Emiliana Faria; BENTO, Nanci Araújo. **Libras - Língua Brasileira de Sinais**. Especialização em Língua Brasileira de Sinais, modalidade a distância. Piauí: FUESPI, 2015.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2012.

SIBALDO, Marcelo. Amorim. **A sintaxe das small clauses livres do português brasileiro**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.

SCHLEPER, David R. Fingerspelling ain't easy (But I use it every day). **Odyssey Publication**, Washington/DC, v. 5, Fall, 2003, p. 24-28. Disponível em: <https://storage.googleapis.com/gal-media/documents/clerc/odyssey-2003-v5i1-full.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SILVA, Anderson Almeida da; SOUSA, Roger Silva. Avaliação da capacidade expressiva e de compreensão da Libras: um estudo comparativo entre a aquisição de linguagem em comunidades surdas urbanas e desligadas. *In*: STUMPF, M. R.; QUADROS, R. M. **Estudos de Língua de Sinais**. SELS – Série Estudos de Língua de Sinais, v. 4. Florianópolis: Insular, 2018. p. 37-59.

SILVA, Marília da Piedade Marinho. **A construção de sentido na escrita do sujeito surdo**. 1999. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

SKLIAR, Carlos. **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 8. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

SOUSA, Aline Nunes. A aquisição da ordem das palavras na Língua de Sinais Brasileira: um estudo de caso. *In*: QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Marianne Rossi (org.). **Estudos Surdos IV**. Petrópolis: Arara Azul, 2009. p. 207-240.

STOKOE, William Clarence. **Sign language structure**. Reedição. Silver Spring, Maryland: Linstok Press, 1960.

STOKOE, William Clarence *et al.* Introduction to A Dictionary of American Sign Language. 1965. In: VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). **Linguistics of American Sign Language**. Washington/DC: Gallaudet Press, 2000. p. 243-258.

STONE, Thomas. ASLSJ. In: **ASLSJ: American Sign Language - Sign Jotting**. 8 de março de 2009. Disponível em: <http://aslsj.blogspot.com/2009/>. Acesso em: 15 mar. 2022.

STUMPF, Marianne Rossi. **Aprendizagem da Escrita de Sinais pelo sistema SignWriting**: Língua de Sinais no papel e no computador. 2005. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

STUMPF, Marianne Rossi *et al.* **Aquisição Língua de Sinais**. Vídeo-book. Editora Arara Azul, 2020. Disponível em: <https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/detalhes/114>. Acesso em: 02 maio 2023.

SUPALLA, Samuel; MCKEE, Cecile; CRIPPS, Jody. An Overview on the ASL-phabet. **Gloss Institute's Monograph Series**, v. 1, n. 1, 2014, p. 1-18. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/275354118>. Acesso em: 09 mar. 2022.

SUTTON, Valerie. **Lições sobre o SignWriting**: um Sistema de escrita para a língua de sinais. Traduzido e adaptado do inglês/ASL para o Português/Libras por Marianne Stumpf (Título original: **Lessons in Signwriting**: Textbook, Workbook, second edition, Copyright, La Jolla CA – USA: Center for Sutton Movement Writing, Inc. by The deaf Action Committee for SignWriting, (DAC), 1995, 1997, 1998, 1999). Apoio: Projeto SignNet/CNPq/ProTeM – UCPel/PUCRS/ULBRA, 2000. Disponível em: <https://escritadesinais.wordpress.com/2010/08/24/manual-de-signwriting-em-portugues/>. Acesso em: 21 mar. 2022.

VALLI, Clayton; LUCAS, Ceil (org.). **Linguistics of American Sign Language**. Washington/DC: Gallaudet Press, 2000.

VICIANO, Vicente Masip; CARDOSO, Silvana Alves. A comunicação escrita em Libras. **Revista Eutomia**, Recife, v. 1, n. 32, p. 164-185, 2022.

WANDERLEY, Débora Campos. **Aspectos da leitura e escrita de sinais**: estudos de caso com alunos surdos da educação básica e de universitários surdos e ouvintes. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

WILCOX, Sherman; WILCOX, Phyllis Perrin. **Aprender a ver**: o ensino da língua de sinais americana como segunda língua. Arara Azul, 2005.

WOODWARD, James. **Signs of change**: historical variation in american sign of deafness. Washington/DC: Gallaudet University Press, 1996.

WRIGLEY, Owen. **The politics of deafness**. Washington/DC: Gallaudet University Press, 1996.

XAVIER, André Nogueira. **Descrição Fonético-Fonológica dos Sinais da Língua de Sinais Brasileira (Libras)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.